

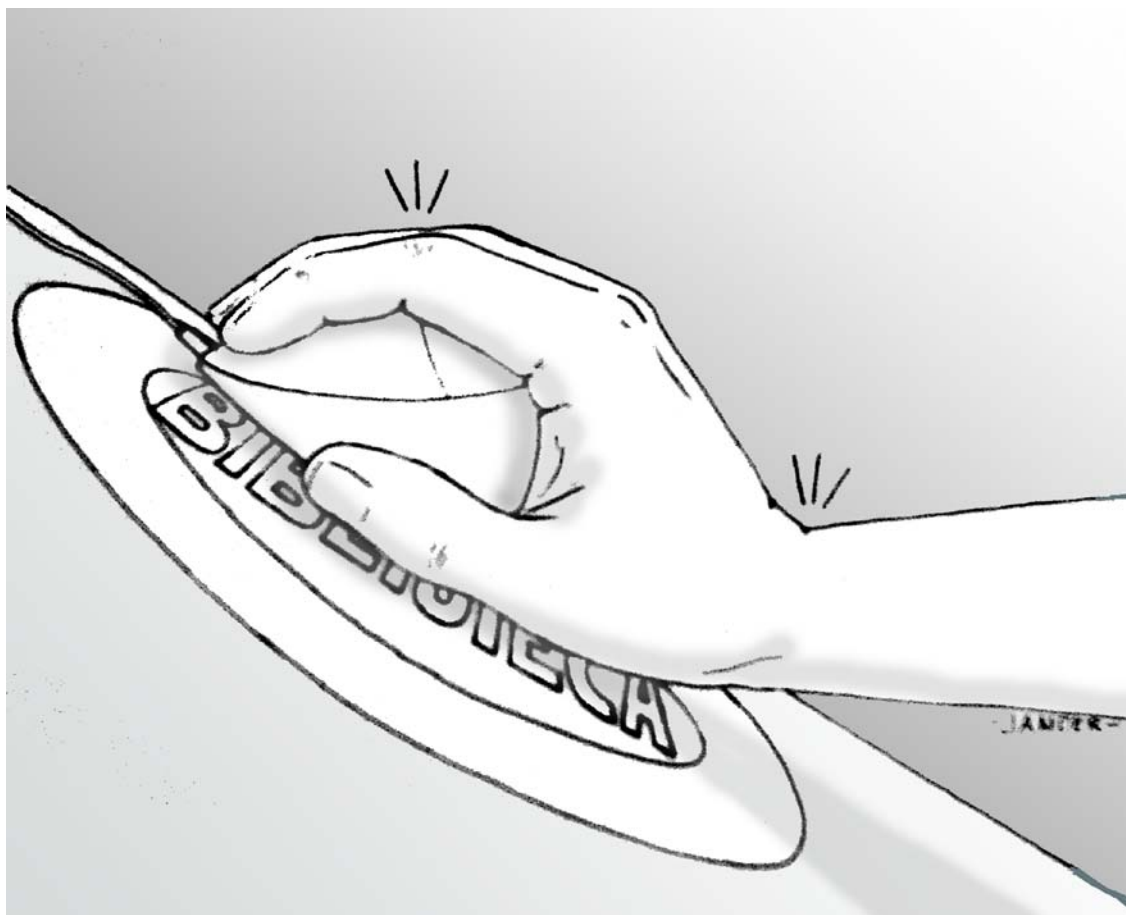
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Liliane P. Santa Helena

**INFLUÊNCIA DO TRABALHO NA SAÚDE FÍSICA E PSÍQUICA DOS  
BIBLIOTECÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE DA UFRGS**

PORTO ALEGRE  
2009

Liliane P. Santa Helena



### **INFLUÊNCIA DO TRABALHO NA SAÚDE FÍSICA E PSÍQUICA DOS BIBLIOTECÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE DA UFRGS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para aprovação na Atividade de Ensino TCC do Curso de Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Me. Jussara Pereira Santos/CRB-10/9 (DCI/UFRGS).

PORTO ALEGRE  
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso “Influência do Trabalho na Saúde Física e Psíquica dos Bibliotecários da Área da Saúde da UFRGS” elaborada por Liliane P. Santa Helena, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharelado em Biblioteconomia.

Comissão Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Jussara Pereira Santos

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Helen Beatriz Frota Rozados

---

Me. Rosa Maria Apel Mesquita

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à professora Jussara Pereira Santos, pela orientação, incentivo e dedicação, e sobretudo, por “abraçar” seus orientandos. Minhas “visitas ao quinto andar” não foram apenas de crescimento acadêmico, mas também, de crescimento pessoal.

Meus agradecimentos à Prof<sup>a</sup> Helen Beatriz Frota Rozados e à bibliotecária do Instituto de Física, Rosa Maria Apel Mesquita pela disposição em aceitar participar da Comissão Examinadora deste trabalho.

Quero agradecer também a todos os bibliotecários que fizeram parte da pesquisa apresentada neste TCC. Grata pela recepção, sorrisos e boa vontade. Em especial, agradeço às bibliotecárias do Instituto de Psicologia, do qual fui bolsista. Obrigada pelo apoio e pelo interesse na minha pessoa. Também, minha gratidão aos funcionários e bolsistas, pois como já foi dito muitas vezes na Biblioteca, “ganho pouco, mas me divirto muito!”.

Agradeço aos meus colegas de aula que tornaram a minha caminhada mais alegre, em especial, à “metade da minha dupla”, Lidi!!!

Minha gratidão à família que Deus me deu, especialmente aos meus pais, que colocaram minha educação em primeiro lugar (obrigada porque sei que fizeram tudo o que podiam por mim).

Ao meu noivo, meu Lindo, agradeço porque minha vida ficou mais bonita, mais artística e mais poética com a sua companhia, sempre me incentivando e me fazendo ver o quanto eu poderia realizar.

Sobretudo, agradeço ao meu Deus, que me deu forças para estudar, para trabalhar e colocou todas essas pessoas maravilhosas ao meu lado. A Ti, todo o meu louvor!

## RESUMO

O ambiente físico e a organização do trabalho têm influência na saúde física e psíquica dos trabalhadores e, igualmente, na saúde dos bibliotecários. O trabalho promove o desenvolvimento da identidade do indivíduo e de sua satisfação. Este estudo propõe-se a conhecer os fatores físicos e psíquicos que interferem no trabalho desses profissionais, verificar se existem indícios de sofrimento psíquico ou físico entre eles e compreender de que modo são gerados. O sofrimento pode ser gerado por todo o tipo de exercício laboral, servindo de alerta ao trabalhador. As abordagens para a análise da saúde dos indivíduos, para este trabalho, possuem cunho interdisciplinar nas áreas de Psicologia e Ergonomia. A realização de uma pesquisa exploratória, de caráter quantitativo e qualitativo, mediante a utilização de um questionário e de uma entrevista constitui-se na metodologia utilizada neste estudo. A amostra da pesquisa foi composta por quinze bibliotecários da área da Saúde das bibliotecas setoriais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Evidencia-se a satisfação dos bibliotecários quanto às atividades realizadas e uma insatisfação maior quanto a higienização das bibliotecas, sua área disponível e adaptabilidade dos mobiliários e equipamentos. Constata-se que existe um bom relacionamento entre a maioria dos entrevistados e seus colegas de trabalho. Verifica-se que existem indícios de sofrimento físico e psíquico entre os entrevistados, como por exemplo, dores nas costas, nos músculos do pescoço e/ou ombros, dores nos punhos e mãos, crises respiratórias, problemas digestivos, frustração com o trabalho, desesperança e/ou sentimento de impotência, e sensação de raramente realizar muitas coisas importantes no trabalho. Os indícios são gerados por diversos fatores, interligados ou não, relacionados ao ambiente físico da biblioteca e à organização do trabalho. Recomenda-se que mais pesquisas, voltadas para o bem-estar dos bibliotecários, sejam realizadas por profissionais especializados em saúde dos trabalhadores.

Palavras-chave: Saúde. Bibliotecário. Doenças Ocupacionais. Bibliotecas Universitárias.

## ABSTRACT

The physical environment and organization of work have an influence on physical and mental health workers and also the health of librarians. The work promotes the development of the identity of the individual and their satisfaction. This study aims to understand the physical and psychological factors involved in the work of these professionals, see if there are signs of physical or psychological distress among them and understand how they are generated. The suffering can be generated by all types of exercise work, serving as a warning to the employee. The approaches to the analysis of the health of individuals, for this work, have an interdisciplinary nature in the areas of Psychology and Ergonomics. The completion of a survey of quantitative and qualitative nature, using a questionnaire and an interview is in the methodology used in this study. The research sample was composed of fifteen librarians in health libraries sector of the Federal University of Rio Grande do Sul. There is the satisfaction of librarians on activities and a greater dissatisfaction about the hygiene of libraries, and the area available adaptability of furniture and equipment. It was found that a good relationship between the majority of respondents and their co-workers. It was found that there are signs of mental and physical suffering among the interviewees, such as back pain in the muscles of the neck and/or shoulders, pain in wrists and hands, respiratory crises, digestive problems, frustration with work, despair and/or sense of powerlessness, and feeling are often held many important things at work. The indications are generated by several factors, connected or not, related to the physical environment of the library and the organization of work. It is recommended that more research, dedicated to the welfare of librarians, are conducted by professionals specializing in the health of workers.

Keywords: Health. Librarian. Occupational Diseases. University Libraries.

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - TEMPO DE SERVIÇO NA UFRGS.....	96
GRÁFICO 2 - TEMPO DE SERVIÇO NA BIBLIOTECA SETORIAL.....	97
GRÁFICO 3 - CARGO.....	99
GRÁFICO 4 - SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS.....	100
GRÁFICO 5 - SERVIÇOS TÉCNICOS.....	101
GRÁFICO 6 - SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO PÚBLICO.....	101
GRÁFICO 7 - COORDENAÇÃO/SUPERVISÃO DA EQUIPE DA BIBLIOTECA E DE SEUS SERVIÇOS.....	103
GRÁFICO 8 - CONTATO COM A DIREÇÃO, DEPARTAMENTOS, OUTRAS BIBLIOTECAS E INSTITUIÇÕES.....	103
GRÁFICO 9 - ELABORAÇÃO DE RELATÓRIOS E OUTROS DOCUMENTOS ADMINISTRATIVOS.....	104
GRÁFICO 10 - ELABORAÇÃO E COORDENAÇÃO DE PROGRAMAS E PROJETOS DE AÇÃO.....	104
GRÁFICO 11 - ELABORAÇÃO DE POLÍTICAS, DECISÕES E PROCEDIMENTOS.....	105
GRÁFICO 12 - CONTROLE DA MANUTENÇÃO E/OU LIMPEZA DAS INSTALAÇÕES FÍSICAS E EQUIPAMENTOS.....	105
GRÁFICO 13 - PARTICIPAÇÃO DE REUNIÕES ADMINISTRATIVAS.....	106
GRÁFICO 14 - PROMOÇÃO DA BIBLIOTECA.....	106
GRÁFICO 15 - SELEÇÃO, DESCARTE E/OU GERENCIAMENTO DA AQUISIÇÃO DE DOCUMENTOS.....	107
GRÁFICO 16 - ORDENAÇÃO DE FICHAS.....	110
GRÁFICO 17 - CATALOGAÇÃO/INCLUSÃO DE DADOS NO SABI.....	111
GRÁFICO 18 - CLASSIFICAÇÃO/INDEXAÇÃO.....	111
GRÁFICO 19 - COOPERAÇÃO COM CATÁLOGOS COLETIVOS E BASE DE DADOS.....	112
GRÁFICO 20 - NORMALIZAÇÃO DE TRABALHOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS E/OU REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	115
GRÁFICO 21 - LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	115
GRÁFICO 22 - SERVIÇO DE COMUTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA.....	116
GRÁFICO 23 - ASSESSORAMENTO DE EQUIPE EDITORIAL.....	116
GRÁFICO 24 - TREINAMENTO DE USUÁRIOS/ORIENTAÇÃO NA	

UTILIZAÇÃO DE FONTES DE INFORMAÇÃO.....	117
GRÁFICO 25 - ORIENTAÇÃO DE ESTÁGIOS CURRICULARES.....	117
GRÁFICO 26 - TREINAMENTO DE BOLSISTAS E/OU FUNCIONÁRIOS.....	118
GRÁFICO 27 - NÍVEL DE EXIGÊNCIA DAS ATIVIDADES.....	121
GRÁFICO 28 - QUANTIDADE DE ATIVIDADES DISTINTAS REALIZADAS (GRAU DE SATISFAÇÃO).....	122
GRÁFICO 29 - QUANTIDADE DE ATIVIDADES DISTINTAS REALIZADAS.....	122
GRÁFICO 30 - FREQUÊNCIA DE REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES (GRAU DE SATISFAÇÃO).....	123
GRÁFICO 31 - FREQUÊNCIA DE REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES.....	123
GRÁFICO 32 - CARGA HORÁRIA DE TRABALHO (GRAU DE SATISFAÇÃO).....	124
GRÁFICO 33 - CARGA HORÁRIA DE TRABALHO.....	124
GRÁFICO 34 - INFILTRAÇÕES, APARECIMENTO DE MOFO E/OU UMIDADE EXCESSIVA (EXISTÊNCIA).....	126
GRÁFICO 35 - INFILTRAÇÕES, APARECIMENTO DE MOFO E/OU UMIDADE EXCESSIVA (INCÔMODO).....	126
GRÁFICO 36 - CLIMATIZAÇÃO DO AMBIENTE (GRAU DE SATISFAÇÃO).....	127
GRÁFICO 37 - CLIMATIZAÇÃO DO AMBIENTE.....	127
GRÁFICO 38 - AMBIENTE PARA ALIMENTAÇÃO PERTO DO ACERVO OU DA ÁREA DE TRABALHO (EXISTÊNCIA).....	128
GRÁFICO 39 - AMBIENTE PARA ALIMENTAÇÃO PERTO DO ACERVO OU DA ÁREA DE TRABALHO (INCÔMODO).....	128
GRÁFICO 40 - HIGIENIZAÇÃO PERIÓDICA DE TODOS OS AMBIENTES DA BIBLIOTECA (GRAU DE SATISFAÇÃO).....	129
GRÁFICO 41 - HIGIENIZAÇÃO PERIÓDICA DE TODOS OS AMBIENTES DA BIBLIOTECA.....	129
GRÁFICO 42 - ILUMINAÇÃO DO CAMPO DE TRABALHO (GRAU DE SATISFAÇÃO).....	130
GRÁFICO 43 - ILUMINAÇÃO DO CAMPO DE TRABALHO.....	130
GRÁFICO 44 - NÍVEL DE RUÍDO NO INTERIOR DA BIBLIOTECA E EM SEUS ARREDORES (GRAU DE SATISFAÇÃO).....	131
GRÁFICO 45 - NÍVEL DE RUÍDO NO INTERIOR DA BIBLIOTECA	



E EM SEUS ARREDORES.....	131
GRÁFICO 46 - ÁREA FÍSICA DISPONÍVEL (GRAU DE SATISFAÇÃO).....	132
GRÁFICO 47 - ÁREA FÍSICA DISPONÍVEL.....	132
GRÁFICO 48 - PERCEPÇÃO VISUAL EM RELAÇÃO À BIBLIOTECA (GRAU DE SATISFAÇÃO).....	133
GRÁFICO 49 - PERCEPÇÃO VISUAL EM RELAÇÃO À BIBLIOTECA.....	133
GRÁFICO 50 - ADAPTABILIDADE DO MOBILIÁRIO E EQUIPAMENTOS (GRAU DE SATISFAÇÃO).....	134
GRÁFICO 51 - ADAPTABILIDADE DO MOBILIÁRIO E EQUIPAMENTOS.....	134
GRÁFICO 52 - QUANTIDADE SUFICIENTE E QUALIDADE DOS EQUIPAMENTOS DE TRABALHO (GRAU DE SATISFAÇÃO).....	135
GRÁFICO 53 - QUANTIDADE SUFICIENTE E QUALIDADE DOS EQUIPAMENTOS DE TRABALHO.....	135
GRÁFICO 54 - ACERVO COM PORCENTAGEM SIGNIFICATIVA DE DOCUMENTOS FRAGILIZADOS (EXISTÊNCIA).....	141
GRÁFICO 55 - ACERVO COM PORCENTAGEM SIGNIFICATIVA DE DOCUMENTOS FRAGILIZADOS (INCÔMODO).....	141
GRÁFICO 56 - ACERVO COM FUNGOS, MOFO E/OU EMPOEIRADO (EXISTÊNCIA).....	142
GRÁFICO 57 - ACERVO COM FUNGOS, MOFO E/OU EMPOEIRADO (INCÔMODO).....	142
GRÁFICO 58 - RELACIONAMENTO COM OS COLEGAS DE TRABALHO (GRAU DE SATISFAÇÃO).....	144
GRÁFICO 59 - RELACIONAMENTO COM OS COLEGAS DE TRABALHO.....	145
GRÁFICO 60 - RELACIONAMENTO COM OS PROFESSORES E PESSOAS DE OUTROS DEPARTAMENTOS (GRAU DE SATISFAÇÃO).....	145
GRÁFICO 61 - RELACIONAMENTO COM OS PROFESSORES E PESSOAS DE OUTROS DEPARTAMENTOS.....	146
GRÁFICO 62 - TRISTEZA, VAZIO.....	148
GRÁFICO 63 - FADIGA OU PERDA DE APETITE.....	148
GRÁFICO 64 - DIMINUIÇÃO DA CAPACIDADE DE CONCENTRAÇÃO, INDECISÃO.....	149
GRÁFICO 65 - PROBLEMAS COM O SONO.....	149
GRÁFICO 66 - PERDA DE INTERESSE OU PRAZER EM	

QUALQUER ATIVIDADE.....	150
GRÁFICO 67 - SENTIMENTO DE INUTILIDADE, CULPA EXCESSIVA OU INADEQUADA.....	150
GRÁFICO 68 - INQUIETUDE, AGITAÇÃO, LENTIDÃO PSICOMOTORA.....	151
GRÁFICO 69 - AUMENTO OU PERDA DE APETITE.....	151
GRÁFICO 70 - PENSAMENTO DE NÃO MERECER OU PRECISAR VIVER.....	152
GRÁFICO 71 - SENTIMENTO DE ESTAR NO LIMITE.....	155
GRÁFICO 72 - NECESSIDADE DE GRANDE ESFORÇO PARA TRABALHAR COM PESSOAS.....	155
GRÁFICO 73 - FRUSTRAÇÃO COM O TRABALHO, DESPERANÇA E/OU SENTIMENTO DE IMPOTÊNCIA.....	156
GRÁFICO 74 - SENSAÇÃO DE TER-SE TORNADO MAIS INSENSÍVEL COM AS PESSOAS.....	156
GRÁFICO 75 - SENSAÇÃO DE QUE ALGUMAS PESSOAS O CULPAM POR ALGUNS PROBLEMAS SEUS.....	157
GRÁFICO 76 - SENSAÇÃO DE REALIZAÇÃO DE MUITAS COISAS IMPORTANTES NO TRABALHO.....	157
GRÁFICO 77 - ENTENDIMENTO EM RELAÇÃO AO QUE OS USUÁRIOS SENTEM SOBRE CERTAS COISAS.....	158
GRÁFICO 78 - VONTADE DE INTERAGIR COM OS USUÁRIOS NO TRABALHO.....	158
GRÁFICO 79 - INTERESSE EM AJUDAR E REALIZAR MAIS DO QUE JÁ FOI FEITO.....	159
GRÁFICO 80 - DORES NO PEITO.....	162
GRÁFICO 81 - DORES NAS COSTAS, NOS MÚSCULOS DO PESCOÇO E/OU OMBROS.....	162
GRÁFICO 82 - DORES NOS PUNHOS, MÃOS.....	163
GRÁFICO 83 - DORES DE CABEÇA, ENXAQUECA OU TONTURA.....	163
GRÁFICO 84 - PROBLEMAS DERMATOLÓGICOS, INFECÇÕES OU INFLAMAÇÕES.....	164
GRÁFICO 85 - CRISES RESPIRATÓRIAS.....	164
GRÁFICO 86 - PROBLEMAS DIGESTIVOS.....	165

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – ILUMINÂNCIA EM BIBLIOTECAS.....	57
QUADRO 2 – UMIDADE RELATIVA E TEMPERATURA PARA OS MATERIAIS DE BIBLIOTECAS.....	61
QUADRO 3 – RISCOS OCUPACIONAIS EM BIBLIOTECAS.....	77

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
1.1 JUSTIFICATIVA.....	17
1.2 CONTEXTO.....	18
1.2.1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul.....	18
1.2.2 Sistema de Bibliotecas da UFRGS.....	19
1.2.2.1 <i>Biblioteca do Instituto de Ciências Básicas da Saúde</i> .....	19
1.2.2.2 <i>Biblioteca da Escola de Enfermagem</i> .....	20
1.2.2.3 <i>Biblioteca da Faculdade Farmácia</i> .....	20
1.2.2.4 <i>Biblioteca da Faculdade de Medicina (FAMED)</i> .....	21
1.2.2.5 <i>Biblioteca da Faculdade De Odontologia</i> .....	22
1.2.2.6 <i>Biblioteca do Instituto de Psicologia</i> .....	23
1.2.2.7 <i>Biblioteca da Escola de Educação Física</i> .....	23
1.3 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	24
1.4 FORMAÇÃO DOS OBJETIVOS.....	24
<b>2 DEFINIÇÃO OPERACIONAL DOS TERMOS</b> .....	26
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	32
3.1 BIBLIOTECAS E BIBLIOTECÁRIOS: UM POUCO DA HISTÓRIA.....	32
3.2 AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS.....	35
3.2.1 Funções Gerenciais na Biblioteca Universitária.....	37
3.3 O BIBLIOTECÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE.....	40
3.3.1 A Classificação Brasileira de Ocupações e o Profissional da Informação.....	41
3.3.2 Os Recursos Humanos na Biblioteca Universitária.....	43
3.3.3 Os Papéis Gerenciais.....	44
3.4 O TRABALHO E SUA INFLUÊNCIA FÍSICA.....	46
3.4.1 A Ergonomia.....	49
3.4.2 Aspectos Ergonômicos em Bibliotecas Universitárias.....	52
3.4.2.1 <i>A Instalação Física da Biblioteca Universitária</i> .....	53
3.4.2.2 <i>Condições Ambientais</i> .....	55
3.4.2.2.1 <i>Iluminação</i> .....	56
3.4.2.2.2 <i>Acústica</i> .....	58
3.4.2.2.3 <i>Temperatura e Umidade</i> .....	61
3.4.2.2.4 <i>Riscos de Ordem Biológica</i> .....	63
3.4.2.2.5 <i>Poluição atmosférica</i> .....	66

3.4.2.3 Considerações sobre o Trabalho em Computadores.....	68
3.4.3 Sobrecarga no Sistema Osteomuscular.....	69
3.4.3.1 As Lesões por Esforço Repetitivo (LER), o Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (DORT) e a NR 17 Ergonomia.....	73
3.4.3.2 Lesões por Esforço Repetitivo (LER) e Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (DORT) em Bibliotecários.....	75
3.5 O TRABALHO E A INFLUÊNCIA PSÍQUICA.....	78
3.5.1 O Sofrimento Psíquico Severo.....	81
3.5.1.1 Ansiedade e Medo.....	82
3.5.1.2 O Estresse.....	83
<b>3.5.1.2.1 O Estresse no Trabalho e a Síndrome de Burnout.....</b>	<b>84</b>
3.5.1.3 Depressão.....	86
3.5.1.4 O Bibliotecário e o Sofrimento Psíquico.....	87
3.5.1.5 Saúde Psíquica.....	89
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>92</b>
4.1 GRUPO PESQUISADO.....	92
4.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	92
4.3 PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	93
4.4 ESTUDO-PILOTO.....	94
4.5 LIMITAÇÕES DO TRABALHO.....	94
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>95</b>
5.1 O TRABALHO DOS BIBLIOTECÁRIOS.....	96
5.2 AMBIENTE FÍSICO DA BIBLIOTECA.....	126
5.3 RELACIONAMENTOS.....	144
5.4 INDÍCIOS DE SOFRIMENTO.....	147
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>168</b>
REFERÊNCIAS.....	174
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	184
ANEXO A - ATIVIDADES DOS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO SEGUNDO A CBO .....	188
ANEXO B - RELAÇÃO EXEMPLIFICATIVA ENTRE O TRABALHO E ALGUMAS ENTIDADES NOSOLÓGICAS.....	192
ANEXO C – DSM-IV-TR – CRITÉRIOS PARA EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR.....	194
ANEXO D – DSM-IV-TR – CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS PARA	

F43.0 - 308.3 TRANSTORNO DE ESTRESSE AGUDO.....	195
ANEXO E – CID-10 – ESTRESSE.....	196

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho é fonte de subsistência para a maioria dos indivíduos, sendo fator de satisfação e, muitas vezes, de sofrimento. Pode trazer reconhecimento ou frustração. Desenvolve as habilidades físicas, mentais e emocionais. Gera a identidade e “apresenta” as pessoas à realidade inflexível ou adaptável. Dentro deste contexto, as alegrias e as tristezas são a certeza do mundo do trabalho. Porém, em dados momentos, o trabalho pode interferir mais de maneira negativa na vida dos indivíduos do que positivamente.

Há diversos estudos sobre os problemas que acometem os trabalhadores, no exercício de sua profissão, e embora pareçam, não são objetos de investigações tão recentes. Em 1700, Bernardino Ramazzini escreveu seu livro *De Morbis Artificum Diatriba*, traduzido para o português, em sua terceira edição, e publicado em 2000 como *As Doenças dos Trabalhadores*, no qual relatou suas observações quanto aos problemas que os indivíduos passam no desenvolvimento de suas atividades laborais. Logicamente, o autor fez suas investigações dentro do contexto da época. Porém, suas conclusões não deixam de ser atuais.

Já nos estudos de Christophe Dejours (seu primeiro livro foi publicado em 1980), a influência psíquica do trabalho - e sua consequência na vida dos indivíduos - é observada. O psiquiatra levanta questões importantíssimas no que diz respeito ao sofrimento psíquico, que são essenciais para se entender o trabalho “como um todo”, e não apenas como um momento isolado do indivíduo.

Desse modo, pesquisas como as desses profissionais, que têm dedicado seus estudos à saúde do trabalhador, contribui para a melhoria (e, no mínimo, para a reflexão) das condições laborais dos indivíduos.

Assim sendo, diversas profissões são consideradas insalubres ou arriscadas. Em relação ao bibliotecário, porém, as dificuldades no trabalho não são tão visíveis e até mesmo causa espanto quando os assuntos mencionados são os riscos da profissão, especialmente quando são mencionadas as questões psíquicas. Levando em consideração a própria descrição da Classificação Brasileira de Ocupações (BRASIL, 2002b) sobre a atividade bibliotecária e as notícias veiculadas na mídia, observa-se que o campo para o estudo das doenças ocupacionais em bibliotecários é instigador e vasto.

Assim, para a realização deste trabalho, foi efetuada uma revisão de

literatura, tanto nas áreas específicas de Medicina do Trabalho, Saúde Mental e Biblioteconomia quanto nas relações que estabelecem entre si. Para o embasamento teórico foram utilizados os autores mais relevantes dentro de cada área, por exemplo, Manguel (1997) e Lemos (1998) na história das bibliotecas, Chiavenato e Sapiro (2004), na área administrativa; Santos, Neves e Job (2004) no que se refere às atividades do bibliotecário; Dejours (1992) na área de sofrimento psíquico no trabalho; e Rene Mendes (1980) na área de Medicina do Trabalho.

Também foram consultadas algumas fontes especializadas em cada área, conforme as necessidades deste estudo. Foram utilizadas classificações psiquiátricas como o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fourth Edition* (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 1995) e a Classificação Internacional de Doenças (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1993), disponíveis on-line; a NR 17- Ergonomia (BRASIL, 1990); a Classificação Brasileira de Ocupações (BRASIL, 2002); o livro Medicina do Trabalho (MENDES, 1980), e outros indicativos necessários ao seu desenvolvimento.

Dentre os tipos de documentos que embasam o referencial teórico encontram-se notícias veiculadas nos meios de comunicação, artigos científicos, trabalhos de pós-graduação, normas técnicas, instruções normativas etc., que auxiliaram na compreensão do tema e na análise dos resultados obtidos com a pesquisa.

Com referência à pesquisa, propriamente dita, foram coletados os dados referentes ao trabalho dos bibliotecários da área da saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS) em relação aos cargos e atividades que exercem, às suas condições de trabalho, bem como à satisfação dos mesmos em relação ao ambiente organizacional, além de informações sobre “indícios de sofrimento físico e psíquico”.

É importante ressaltar que, em hipótese alguma, se teve a intenção de diagnosticar problemas de saúde física ou mental na amostra escolhida para estudo, mas sim, constatar a influência do ambiente físico e da organização do trabalho na saúde dos entrevistados. Foi verificado se há “indícios de sofrimento” entre os pesquisados, não existindo o interesse de expor os mesmos.

Alguns autores destacam que todo trabalho gera, em maior ou menor grau, algum tipo de sofrimento, seja ele físico ou mental. Ao longo do estudo, o termo “sofrimento psíquico” relaciona-se com o desconforto mental proveniente das atividades e acontecimentos do mundo do trabalho. Todavia, o mesmo termo



também foi utilizado quando se tratou de um sofrimento mais severo e contínuo, como a depressão e o estresse. A escolha de “sofrimento psíquico”, ao invés de “distúrbio mental”, “distúrbio psíquico” ou “doença mental” diz respeito ao fato de que a maioria das pessoas possuem uma concepção pejorativa destes últimos termos. Além disto, o próprio fato de não se pretender diagnosticar doenças na amostra escolhida, permite a flexibilidade na sua utilização.

Assim, em relação ao trabalho dos bibliotecários, os aspectos físicos e psíquicos foram abordados por se presumir que existe uma ligação estreita entre o sofrimento do corpo e o da mente.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

O interesse pelo assunto tratado neste estudo começou com a disciplina Gestão de Recursos Informativos (BIB03022), ministrada pela professora Jussara Pereira Santos e se estendeu com as experiências vividas no ambiente de uma biblioteca e nos acontecimentos observados durante o trabalho como bolsista. Além disso, acredita-se no posterior benefício do estudo para a carreira profissional da graduanda.

As unidades escolhidas para a realização das pesquisas são as bibliotecas da área da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pois se encontram menos dispersas do que as outras bibliotecas setoriais, além do fato de a autora ter trabalhado como bolsista em uma biblioteca desta área.

Finalmente, afirma-se que o assunto tratado neste estudo vem ao encontro às exigências do mundo moderno, com suas tecnologias, demandas e sobretudo, com a rapidez com que se processam os serviços. Nesse contexto, o trabalho do bibliotecário ainda é pouco discutido e sua saúde torna-se um tema especialmente interessante.

## 1.2 CONTEXTO

A contextualização expõe considerações sobre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e as bibliotecas setoriais da área da Saúde.

### 1.2.1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Com a fundação da Escola de Farmácia e Química em 1895 e, posteriormente, da Escola de Engenharia, começa a história da UFRGS, iniciando, também, a educação superior no Rio Grande do Sul. Ainda no século XIX foram fundadas a Faculdade de Medicina de Porto Alegre e a Faculdade de Direito. Em 28 de novembro de 1934, foi criada a Universidade de Porto Alegre, composta pela Escola de Engenharia, com os Institutos de Astronomia, Eletrotécnica e Química Industrial; Faculdade de Medicina, com as Escolas de Odontologia e Farmácia; Faculdade de Direito, com a Escola do Comércio; Faculdade de Agronomia e Veterinária; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e pelo Instituto de Belas Artes (UNIVERSIDADE... [200-?a]).

Em 1947, passou a ser intitulada Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), incorporando as Faculdades de Direito e de Odontologia de Pelotas e a Faculdade de Farmácia de Santa Maria, que foram posteriormente desvinculadas da URGS, com a criação da Universidade de Pelotas e da Universidade Federal de Santa Maria (UNIVERSIDADE... [200-?a]).

Em dezembro de 1950, a URGS foi federalizada. Passou, então, a ser conhecida como Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UNIVERSIDADE... [200-?a]).

A Universidade ocupa posição de destaque no cenário nacional, sendo reconhecida também no exterior. Possui cursos nas mais variadas áreas do conhecimento e em todos os níveis, desde o Ensino Fundamental até a Pós-Graduação. Diariamente, cerca de 30 mil pessoas circulam por seus prédios, em busca de um dos mais qualificados ensinamentos do País (NETTO, [2008?b]).

## 1.2.2 Sistema de Bibliotecas da UFRGS

O Sistema de Bibliotecas da UFRGS (SBU) é composto por 29 bibliotecas setoriais especializadas, duas bibliotecas de ensino fundamental e médio e ensino técnico (Colégio Aplicação e Escola Técnica), uma biblioteca depositária da Organização das Nações Unidas (ONU) e a Biblioteca Central, órgão coordenador do Sistema de Bibliotecas da UFRGS (UNIVERSIDADE... [2008?]).

As bibliotecas setoriais localizam-se junto às Unidades de Ensino a que pertencem, ou seja, estão vinculadas administrativamente às Faculdades, Escolas e Institutos dos cursos que atendem. E, tecnicamente, estão vinculadas à Biblioteca Central.

### *1.2.2.1 Biblioteca do Instituto de Ciências Básicas da Saúde*

A Biblioteca, anteriormente conhecida como "Noely Carvalho", foi fundada em 1954 pelo Departamento de Fisiologia, Farmacologia e Biofísica da UFRGS. Os recursos foram provenientes do Conselho Nacional de Pesquisa, da Fundação Rockefeller e de contribuições do comércio local. O seu acervo foi enriquecido com auxílio da CAPES e dos Programas de Pós-Graduação (UNIVERSIDADE... 2002).

Em 1997, o Instituto de Biociências foi dividido em duas Unidades: Instituto de Biociências e Instituto de Ciências Básicas da Saúde. Dessa maneira, a Biblioteca do Departamento de Fisiologia passou a ser Biblioteca Setorial, englobando o acervo da Biblioteca da área mencionada e parte do acervo da Biblioteca do Instituto de Biociências.

No ano de 1998 passou a ocupar o espaço físico atual, localizando-se na Rua Sarmiento Leite, nº 500, sala 102 do Prédio 12101, no Campus Centro, em Porto Alegre (UNIVERSIDADE... 2002).

Conta com um quadro funcional de três bibliotecários e dois auxiliares.

### 1.2.2.2 Biblioteca da Escola de Enfermagem

A Biblioteca da escola de Enfermagem foi fundada em 4 de dezembro de 1950, juntamente com a Escola de Enfermagem. Sua primeira designação foi *Biblioteca da Escola de Enfermagem de Porto Alegre*. Em 6 de junho de 1983, era conhecida como *Biblioteca da Escola de Enfermagem da UFRGS Prof<sup>a</sup>. Dirce Pessôa de Brum Aragón*. Atualmente, é conhecida como *Biblioteca da Escola de Enfermagem da UFRGS (Eenf-UFRGS)* (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?e])

No ano de 1985, a Biblioteca mudou-se, juntamente com a Escola de Enfermagem, para a Rua São Manoel, nº 963, sala 101, andar térreo, no Campus da Saúde, Porto Alegre. Seu acervo é especializado na área de Enfermagem e é composto por livros, periódicos, folhetos, fitas de vídeo, teses, dissertações, microfimes e CD-ROM (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?e]).

O objetivo da Biblioteca é “[...] apoiar o ensino de graduação, pós-graduação, cursos de especialização e de extensão e curso de auxiliares de enfermagem.” (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?e])

Entre os serviços prestados estão: consulta local; empréstimo domiciliar; empréstimo entre bibliotecas; comutação bibliográfica pela BIREME e pelo IBICT; esclarecimento quanto às dúvidas sobre normalização de trabalhos científicos (normas ABNT e Vancouver); treinamento de usuários; orientação para o uso de bases de dados (Sistema Automatizado de Bibliotecas - SABi -, MEDLINE, Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde – LILACS); exposição de novas aquisições (materiais) da biblioteca; assessoria ao periódico "Revista Gaúcha de Enfermagem"; processamento da produção intelectual de professores e funcionários da EENF/UFRGS (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?e]).

A Biblioteca conta com um quadro funcional de dois bibliotecários e um auxiliar.

### 1.2.2.3 Biblioteca da Faculdade Farmácia

A Biblioteca da Faculdade da Farmácia localiza-se na Avenida Ipiranga, nº 2752, salas 201 e 301, no Campus Saúde. Possui 182,80 m<sup>2</sup> distribuídos em duas

áreas físicas independentes: o Setor de Livros, no segundo andar, e o Setor de Periódicos, no terceiro andar (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?b]).

Entre os serviços oferecidos estão: consulta à base de dados *on-line* (SABi, USP, UNICAMP, MEDLINE etc.); consulta ao acervo; empréstimo de material bibliográfico para professores, alunos e funcionários da UFRGS; comutação bibliográfica; orientação aos usuários sobre a elaboração de trabalhos técnico-científicos e correção de referências bibliográficas; listagens das novas aquisições da Biblioteca; catalogação da publicação na fonte; assessoria ao periódico Caderno de Farmácia; coleta e processamento da Produção Intelectual de professores da Faculdade de Farmácia e alunos do Pós – Graduação em Ciências Farmacêuticas (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?b]).

A Biblioteca conta com um quadro funcional de três bibliotecários e três auxiliares.

#### *1.2.2.4 Biblioteca da Faculdade de Medicina (FAMED)*

Foi fundada provavelmente em 1900 e começou a ser organizada pelo Prof. Diogo Martins Ferraz a partir de 1898, quando houve a união da Escola de Farmácia com o Curso de Partos, dando origem à Faculdade de Medicina de Porto Alegre. A primeira referência sobre a Biblioteca consta na ata nº 31 da Faculdade de Medicina (de 14 de maio de 1901), a partir de uma comunicação do professor já mencionado (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?f]).

A Biblioteca passou por mudanças estruturais e físicas, destacando-se:

- a) a junção da Biblioteca da FAMED à Biblioteca do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, dando origem à Biblioteca FAMED/HCPA, que passou a funcionar provisoriamente no 2º andar do HCPA;
- b) a transferência para o HCPA do acervo publicado a partir de 1980; os documentos publicados até 1979 ficaram armazenados em um depósito localizado no subsolo do Instituto de Biociências, antigo prédio da Faculdade de Medicina;
- c) no ano de 1998, em 25 de julho, a FAMED inaugurou o novo prédio, sendo que o 3º andar foi destinado à Biblioteca. Em novembro, além da mudança da Biblioteca, foi realizada a união do acervo existente no HCPA com o acervo

instalado no depósito;

- d) em 15 de março de 1999 a Biblioteca FAMED/HCPA foi reaberta, sendo inaugurada formalmente em 29 de julho de 1999 (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?f]).

A Biblioteca localiza-se na Rua Ramiro Barcelos, nº 2400, 3º andar, no Campus da Saúde. Entre os serviços oferecidos estão: empréstimo domiciliar (para pessoas que possuam vínculo com a UFRGS ou com o HCPA); consulta local; empréstimo interbibliotecário; comutação bibliográfica; e catalogação na fonte (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?f]).

Conta com um quadro funcional de seis bibliotecários e quatro auxiliares.

#### *1.2.2.5 Biblioteca da Faculdade De Odontologia*

Em 1993, a Biblioteca passou a denominar-se Biblioteca Malvina Vianna Rosa, em homenagem a sua primeira bibliotecária. Foi criada em 1961, quando o Diretor Othon Santos e Silva convidou a bibliotecária Malvina Vianna Rosa para organizá-la. Em 1972, a Biblioteca passa a integrar o SBU (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?c]).

A Biblioteca tem o compromisso de “[...] suprir as necessidades informacionais de sua comunidade contribuindo para a formação de um profissional cada vez mais atualizado e capacitado.” (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?c]).

A partir de 1993, a Biblioteca passou a integrar a Rede Nacional de Informação na Área da Saúde, como Centro Cooperante, constituindo, no referido momento, a Sub-Rede Nacional de Informação na Área de Ciências da Saúde Oral, atualmente denominado Sistema de Informação Especializado em Odontologia – SIEO, coordenado pela Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo (USP). Suas obrigações neste âmbito: alimentação de base de dados (Seridados em Ciências da Saúde - SeCS -, LILACS, Bibliografia Brasileira de Odontologia - BBO) e orientação nos levantamentos bibliográficos em bases de dados como LILACS e BBO (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?c]).

Também são indexadas na BBO as teses e as dissertações da Faculdade de Odontologia. Cooperava com o Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Periódicas

e Seriadadas - CCN/IBICT e com a Revista da Faculdade de Odontologia de Porto Alegre, normatizando os seus artigos. Controla e divulga a produção intelectual da Faculdade (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?c]).

Outros serviços: empréstimo domiciliar; consulta local; referência; comutação bibliográfica (vinculada ao IBICT e a BIREME); normalização de trabalhos técnico-científicos; treinamento de usuários (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?d]).

Conta com um quadro funcional de três bibliotecários e um auxiliar.

#### *1.2.2.6 Biblioteca do Instituto de Psicologia*

A Biblioteca do Instituto de Psicologia atua no apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade, na área de Psicologia e Fonoaudiologia. Seu acervo tem origem na antiga Faculdade de Filosofia. Em 1973, com a reforma universitária, foi criado o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (Campus do Vale). Nessa ocasião, o acervo de Psicologia foi separado fisicamente, permanecendo no Campus Central (UNIVERSIDADE... 2001a).

Atualmente, a Biblioteca está localizada no Campus da Saúde, na Rua Ramiro Barcelos, nº 2600, sala 122 do Prédio 21107, no andar térreo. Seu acervo é composto por mais de 16.000 livros, teses e anais de eventos; 500 títulos de periódicos; 600 folhetos; 42 fitas de vídeo; 45 CD-ROMs; além de disquetes, relatórios de estágios, estudos de casos, microformas e fitas cassetes.

Serviços oferecidos: empréstimo domiciliar; consulta local; reserva de material bibliográfico; tutoriais; comutação bibliográfica (UNIVERSIDADE... 2001b).

Conta com um quadro funcional de três bibliotecários e dois auxiliares.

#### *1.2.2.7 Biblioteca da Escola de Educação Física*

A Biblioteca da Escola de Educação Física (ESEF) tem por objetivos:

1. Disponibilizar a informação para a comunidade acadêmica;
2. Promover o acesso ao acervo da biblioteca e aos demais recursos oferecidos;
3. Propiciar o suporte informacional à comunidade acadêmica para o

- desenvolvimento de seus projetos;
4. Contribuir para a formação e atualização dos conhecimentos dos alunos, professores e funcionários;
  5. Satisfazer as necessidades informacionais da comunidade com qualidade, respeito e ética;
  6. Estabelecer uma relação de parceria nas atividades desenvolvidas pela escola;
  7. Promover atividades junto aos usuários que visem aos cuidados de preservação da memória científica, culturais representadas pelas obras do acervo e dos materiais da biblioteca;
  8. Tratar, armazenar, preservar e disseminar a produção científica, cultural e intelectual da comunidade da ESEF;
  9. Participar e colaborar no trabalho integrado do Sistema de Bibliotecas da UFRGS, buscando a economicidade, o compartilhamento, a cooperação e a racionalização dos recursos;
  10. Favorecer aos funcionários e aos usuários a criação de um ambiente adequado e propício ao desenvolvimento de trabalhos específicos da biblioteca;
  11. Promover à comunidade acadêmica esclarecimentos sobre os recursos da biblioteca, principalmente no que tange aos novos instrumentos tecnológicos oferecidos, tal como as bases de dados, portais científicos e internet, redes acadêmicas, etc;
  12. Ser um espaço referencial de difusão e incentivo da produção bibliográfica e cultural da área de EF no Brasil;
  13. Promover campanhas de valorização do patrimônio público, cultural e científico;
  14. Orientar na normalização de trabalhos técnico-científicos desenvolvidos pelos acadêmicos da ESEF (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?a]).

A Biblioteca da ESEF conta com um quadro funcional de três bibliotecários e um auxiliar (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?a]).

### 1.3 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Com base no contexto anteriormente descrito, indaga-se: qual a influência que o ambiente físico e a organização do trabalho têm na saúde física e psíquica dos bibliotecários da área da Saúde do SBU?

### 1.4 FORMAÇÃO DOS OBJETIVOS

O objetivo geral:

- conhecer os fatores físicos e psíquicos que interferem no trabalho dos bibliotecários da área da Saúde do SBU.



Objetivos específicos:

- a) verificar se existem indícios de sofrimento psíquico ou físico entre os bibliotecários;
- b) conhecer quais são os motivos que levam aos indícios de sofrimento físico;
- c) compreender de que modo são gerados os indícios de sofrimento psíquico.

## 2 DEFINIÇÃO OPERACIONAL DOS TERMOS

Com o intuito de definir termos que possam causar dúvidas na leitura deste trabalho e conferir mais rapidez no entendimento dos mesmos, estão listadas a seguir as principais definições do presente estudo. O método escolhido foi as citações diretas, pois as áreas do conhecimento tratadas neste estudo possuem um cunho interdisciplinar, sendo que a aluna não possui a formação necessária para definir os termos de maneira adequada. Optou-se, então pelas citações dos autores, com a devida supervisão dos orientadores.

**Acervo:** “Entende-se por acervo o conjunto de recursos informacionais registrados em qualquer tipo de suporte (impresso, meio eletrônico, imagens, áudio etc.) que compõem uma biblioteca.” (OLIVEIRA, 2002, p. 212).

**Agentes biológicos de degradação:** “[...] insetos, fungos, bactérias e roedores [...]” (MÁRSICO, 2004, p. 4).

**Asma ocupacional:** “É todo processo de asma ou broncoconstrição desencadeado por um agente extrínseco proveniente do trabalho, nas formas de poeira, fungos, gases ou vapores.” (MENDES, 1980, p. 328).

**Atividade:** “Qualquer ação ou trabalho específico.” (MACHADO, 1990, p. 117).

**Auxiliar de Biblioteca:** “[...] pessoa com escolaridade fundamental ou média que desempenha sob supervisão atividades não-profissionais de natureza repetitiva com baixa complexidade, envolvendo a execução de tarefas operacionais em bibliotecas.” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p.45).

**Biblioteca:** “[...] acervo de materiais impressos [...], ou não impressos, [...], organizados e mantidos para leitura, estudo e consulta.” (LEMOS, 1998, p. 347).

**Biblioteca universitária:** “Subsistema do ensino superior. Acervo de fontes de informação para suporte do ensino, da pesquisa, da pós-graduação e da extensão universitária.” (MACHADO, 1990, p.118).

**Bibliotecário:** “[...] profissional liberal de nível superior, especializado no tratamento e disseminação da informação, na gestão de unidades de informação e no assessoramento a usuários da informação.” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p. 46).

**Cargo:** “[...] obrigação em consequência de emprego público ou privado; posição ou conjunto de deveres de natureza e exigências de trabalho semelhantes em termos de conhecimentos, habilidades, atribuições e responsabilidades.” (SANTOS;

NEVES; JOB, 2004, p. 46).

**Classificação Brasileira de Ocupações:** “[...] documento [que] reconhece, nomeia, codifica os títulos e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho brasileiro.” (FARIA et al., 2005, p. 28).

**Classificação Internacional de Doenças (CID-10):** “[...] sistema de classificação oficial usado na Europa e em muitas outras partes do mundo.” (SADOCK, B.; SADOCK, V.; KAPLAN, 2007, p. 319).

**Competência:** “[...] aptidão adquirida, por meio da escolaridade, para realizar atividades específicas.” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p. 46).

**Condições de trabalho:** “[...] pressões físicas, mecânicas, químicas e biológicas do posto de trabalho.” (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1993, p. 125).

**Demanda:** “[...] é o que um indivíduo solicita a uma biblioteca ou centro de documentação.” (SANZ CASADO, 1994, p. 25, tradução nossa).

**Depressão severa:** “Forma aguda de depressão que interfere nos processos de concentração, tomada de decisões e sociabilidade.” (FELDMAN, 2007, p. 573).

**Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-IV-TR):** “[...] sistema criado pela *American Psychiatric Association* usado pela maioria dos profissionais a fim de diagnosticar e classificar o comportamento anormal.” (FELDMAN, 2007, p. 453).

**Distúrbio da ansiedade:** “A ocorrência de ansiedade sem uma causa externa óbvia, afetando as atividades diárias.” (FELDMAN, 2007, p. 457).

**Ergonomia:** “[...] é o estudo da adaptação do trabalho ao homem”. (IIDA, 2000, p.1).

**Estresse (stress):** “[...] soma das reações biológicas a qualquer estímulo adverso, seja físico, mental ou emocional, externo ou interno, que tende a perturbar a homeostasia do organismo, podendo a levar a manifestação de doenças; reações do organismo diante de situações agudas de ameaça ou de agressão, envolvendo os sistemas neuroendócrino, cardiovascular, musculatura estriada, aparelho digestivo, entre outros, que reagem nas fases imediata e seguintes a uma agressão, a uma ameaça, a um perigo, caracterizando a chamada reação de luta ou fuga.” (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p. 569).

**Estresse ocupacional:** “[...] processo em que o indivíduo percebe demandas do trabalho como estressores, os quais, ao exceder sua habilidade de enfrentamento, provocam no sujeito reações negativas.” (TAMAYO; PASCHOAL, 2004, p. 46).

**Estrutura organizacional:** “[...] é concebida como o agrupamento das atividades necessárias para realizar os objetivos e metas da empresa, ou seja, o

estabelecimento formal das funções necessárias ao alcance dos objetivos, sua reunião em grupos de natureza similar para o estabelecimento das principais divisões administrativas e a posterior atribuição dessas divisões a um executivo, com a devida formação, e a necessária autoridade funcional para o desempenho de tais atividades.” (MACIEL; MENDONÇA, 2000, p. 48).

**Fadiga:** “[...] capacidade de rendimento reduzida e uma falta de vontade para executar qualquer atividade.” (MENDES, 1980, p. 282).

**Função:** “[...] desempenho profissional caracterizado pela especificação de tarefas e operações do ponto de vista da ocupação; pela definição de atribuições e deveres sob o ponto de vista da responsabilidade pelo trabalho.” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p. 46).

**Funções administrativas:** ver funções gerenciais.

**Funções gerenciais:** “[...] são aquelas de cunho administrativo e responsáveis pela ativação de todas as funções meio ou fim e pelo seu direcionamento e ajuste às metas e objetivos do sistema.” (MACIEL; MENDONÇA, 2000, p. 40).

**Fungos anemófilos:** “Os fungos que são dispersos através do ar atmosférico [...]” (MENEZES; ALCANFOR; CUNHA, 2006, p. 155).

**Higiene ocupacional:** “[...] é a ciência e a arte que trata da antecipação, reconhecimento e avaliação, bem como da prevenção e controle dos riscos originados nos locais de trabalho e que podem prejudicar a saúde e o bem-estar dos trabalhadores, também tendo em vista o possível impacto nas comunidades vizinhas e no meio ambiente em geral.” (MENDES, 2003, p. 1742).

**Lesões por Esforço Repetitivo (LER) / Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (DORT):** “[...] síndrome relacionada ao trabalho, caracterizada pela ocorrência de vários sintomas concomitantes ou não, tais como: dor, parestesia, sensação de peso, fadiga, de aparecimento insidioso, geralmente nos membros superiores, mas podendo acometer membros inferiores. Entidades neuro-ortopédicas definidas como tenossinovites, sinovites, compressões de nervos periféricos, síndromes miofaciais, que podem ser identificadas ou não. Frequentemente são causa de incapacidade laboral temporária ou permanente.” (BRASIL, 2003).<sup>1</sup>

**Máquina:** “[...] todas as ajudas materiais que o homem utiliza no seu trabalho, englobando os equipamentos, ferramentas, mobiliário e instalações. (IIDA, 2000,

---

<sup>1</sup>Documento eletrônico.

p.1).

**Matriz SWOT:** modelo cuja “[...] função é cruzar as oportunidades e as ameaças externas à organização com seus pontos fortes e fracos.” (CHIAVENATO; SAPIRO, 2004, p. 188).

**Missão:** “[...] elemento que traduz as responsabilidades e pretensões da organização junto ao ambiente e define o 'negócio', delimitando o seu ambiente de atuação. A missão da organização representa sua razão de ser, o seu papel na sociedade.” (CHIAVENATO; SAPIRO, 2004, p. 41-42).

**Modelo SWOT:** ver matriz SWOT.

**Monotonia:** “[...] reação do organismo a situações pobres em estímulos ou a condições com pouca mudança de estímulos. Trata-se de uma subsolicitação.” (MENDES, 1980, p. 284).

**Objetivos (organizacionais):** “[...] são unidades simbólicas e ideais que a organização pretende atingir e transformar em realidade.” (CHIAVENATO; SAPIRO, 2004, p. 72).

**Ocupação:** “[...] conjunto de tarefas específicas de um trabalho.” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p. 46).

**Organização (como instituição):** “[...] é uma unidade social conscientemente coordenada, composta de duas ou mais pessoas, que funciona de maneira relativamente contínua, com o intuito de atingir um objetivo comum.” (ROBBINS, 2004, p. 3).

**Papiro:** “[...] planta do rio Nilo que era entrelaçada para dar a textura necessária à escrita.” (LIMA, 2007, p.21).

**Planejamento estratégico:** “[...] processo de formulação de estratégias organizacionais no qual se busca a inserção da organização e de sua missão no ambiente em que ela está atuando.” (CHIAVENATO; SAPIRO, 2003, p. 39).

**Processo:** “Etapa ou operação que se verifica na mudança de estado de materiais ou peças.” (MACHADO, 1990, p. 123).

**Profissão:** “[...] atividade especializada cujo desempenho exige aprendizagem formal de nível técnico ou superior.” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p. 46).

**Profissão liberal:** “[...] profissão caracterizada pela possibilidade de atuação sem qualquer vinculação patronal.” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p. 46).

**Risco (conceito clássico):** “[...] fator cuja presença está associada a uma maior probabilidade de que determinada doença venha a se desenvolver.” (MENDES, 2003, p. 1772).

**Rotina:** “[...] ato ou seqüência de atos ou procedimentos que se repetem.” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p. 46).

**Saúde:** “[...] estado de completo bem estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doenças e enfermidades.” (ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD, 1978, p. 2, tradução nossa).

**Saúde mental:** “[...] é o fundamento para o bem-estar e funcionamento eficaz dos indivíduos. É mais do que a ausência de um transtorno mental. A saúde mental é a capacidade de pensar e aprender, bem como a capacidade de compreender e viver com as emoções e com as reações dos outros. É um estado de equilíbrio de uma pessoa consigo mesma e entre a pessoa e o ambiente. Fatores físicos, psicológicos, sociais, culturais, espirituais e outros fatores inter-relacionados participam da construção deste equilíbrio.” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005, tradução nossa)<sup>2</sup>.

**Serviço:** “Exercício de cargos ou funções obrigatórias; duração deste exercício; desempenho de qualquer trabalho, em preço ou comissão; estado de quem serve por salário.” (MACHADO, 1990, p. 125).

**Síndrome de Burnout:** “[...] resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho. Tem sido descrita como resultante da vivência profissional em um contexto de relações sociais complexas, envolvendo a representação que a pessoa tem de si e dos outros.” (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p.191).

**Síndrome do esgotamento profissional:** ver Síndrome de Burnout.

**Sistema de bibliotecas:** “Conjunto de bibliotecas que obedecem a um plano de trabalho em comum, visando objetivos comuns, mantendo interação regular e interdependente entre si para manutenção do próprio sistema, sob a coordenação de uma unidade aceita como cabeça do sistema e, no caso do SBU, a Biblioteca Central da UFRGS.” (MACHADO, 1990, p.125).

**Sofrimento psíquico:** “[...] a energia pulsional que não acha descarga no exercício do trabalho [e] se acumula no aparelho psíquico, ocasionando um sentimento de desprazer e tensão.” (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1993, p. 29).

**Tarefa:** “[...] unidade de trabalho ou de esforço ou conjunto de operações realizadas por uma pessoa para um propósito específico.” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p. 46).

---

<sup>2</sup>Documento eletrônico.

**Tarefa profissional:** [...] conjunto de operações de carácter especializado exigindo aprendizagem ou conhecimento técnico, intelectual ou cultural.” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p. 46).

**Tarefa não-profissional:** “[...] conjunto de operações que não exige para sua execução conhecimento prévio ou formação especializada.” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p. 46).

**Técnico:** “[...] pessoa que desempenha funções baseadas em competências e habilidades advindas da formação pós-média.” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p. 47).

**Técnico em Biblioteconomia:** “[...] profissional de nível pós-médio com competências e habilidades específicas para atuar em bibliotecas sob a supervisão de Bibliotecário, podendo supervisionar ou dirigir auxiliares de biblioteca.” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p. 47).

**Trabalho:** “Aplicação das tarefas e faculdades humanas para alcançar um determinado fim; atividade coordenada, de carácter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento; o exercício desta atividade como ocupação, ofício, profissão, etc.” (MACHADO, 1990, p. 126).

**Umidade:** “[...] o conteúdo de vapor d’água presente no ar atmosférico, resultante da combinação dos fenômenos de evaporação e condensação d’água, que estão intrinsecamente relacionados à temperatura ambiental.” (MÁRSICO, 2004, p. 2)

**Universidade:** “[...] instância [...] de criação/produção de saberes, formação de competências e de difusão da experiência cultural e científica da sociedade.” (LÜCK, 2000, p.2).

**Usuário:** “[...] indivíduo que necessita de informações para o desenvolvimento de suas atividades.” (SANZ CASADO, 1994, p. 19, tradução nossa).

**Valores organizacionais:** “[...] correspondem aos atributos e às virtudes da organização como prática da transparência, respeito à diversidade, cultura para a qualidade ou respeito ao meio-ambiente.” (CHIAVENATO; SAPIRO, 2004, p. 74).

**Visão:** “Refere-se àquilo que a organização deseja ser no futuro.” (CHIAVENATO; SAPIRO, 2004, p. 64).

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico traz um levantamento da literatura nas áreas de interesse para o presente estudo.

#### 3.1 BIBLIOTECAS E BIBLIOTECÁRIOS: UM POUCO DA HISTÓRIA

No princípio da história da humanidade, o saber era transmitido oralmente. Posteriormente, passou a ser registrado em paredes, em tabletes de argila, em papiros etc. Para que o saber produzido não se perdesse e o homem pudesse acessá-lo, se fazia necessária a manutenção e a organização do mesmo. Dessa maneira, pode-se dizer que desde que o homem passou a valorizar o conhecimento, as bibliotecas (com ou sem essa definição) se fizeram presentes em sua vida de alguma forma.

E assim, da Antigüidade até os tempos atuais, as características, as funções e os objetivos das bibliotecas modificaram-se de acordo com o contexto histórico e social vivido.

Há cerca de cinco mil anos, teria surgido a primeira biblioteca primitiva, na cidade babilônica de Nipur, cujo “acervo” eram tábulas de argila com escrita cuneiforme (LEMOS, 1998).

Pinto (1987), menciona a existência da Biblioteca de AKKADE, no século XVII a.C., na qual o bibliotecário Ibnissaru fez o “inventário” em tabletes de barro. Além desta, houve a Biblioteca de Edfu, do Egito, na qual a coleção era inventariada nas próprias paredes.

Lemos (1998) afirma que o rei da Assíria, Assurbanipal, que viveu de 668 a 627 a.C., possuía uma biblioteca com cerca de 25 mil tábulas contendo transcrições e textos.

Outras bibliotecas foram erguidas, especialmente na Grécia, como a que Aristóteles fundou

[...] em sua escola de filosofia, e que teria chegado, pelo menos em parte, a Roma Imperial, onde teria sido consultada por Cícero, no primeiro século a.C. Diz-se que a biblioteca de Aristóteles teria sido o modelo que inspirou



Ptolomeu I Soter a fundar no século 3 a.C a famosíssima e quase lendária biblioteca de Alexandria [...]. (LEMOS, 1998, p. 350).

Aliás, Alexandria foi, durante séculos, “[...] o centro cultural do mundo.” (MEY, 2004, p. 71).

Segundo Canfora (1996, p. 22), em Alexandria, Ptolomeu I tornou-se rei e Demétrio de Farela (refugiado no mesmo local) o convenceu de que poderia ter um reino mais duradouro e fortalecido se este conhecesse os povos por ele governados e as obras sobre o “exercício do mando”.

E assim, Alexandria tornou-se o ponto de convergência cultural durante o reinado dos três primeiros Ptolomeus. Estudiosos, sábios e artistas estiveram, trabalharam ou estudaram lá e contribuíram para o desenvolvimento do conhecimento universal. Segundo as informações que se tem hoje, a Biblioteca teria tido 400.000 rolos de papiro, o equivalente a 90.000 obras. Ptolomeu solicitava aos reis e demais soberanos do mundo, que lhe enviassem livros por “empréstimo”, para que pudessem ser copiados (MEY, 2004).

Segundo a mesma autora, os bibliotecários-chefe foram: Zenódoto de Éfeso, Apolônio de Rodes, Eratóstenes de Cirene, Aristófanos de Bizâncio, Apolônio, Kidas e Aristarco de Samotrácia.

Dentre todos os bibliotecários, Calímaco de Cirene foi o mais importante. Manguel (1997) afirma que não se sabe, com certeza, se Calímaco chegou a ser bibliotecário-chefe.

Calímaco organizou um catálogo, que não é o mesmo produto que os profissionais da informação conhecem hoje em dia, mas sim, tinha relação com a classificação, ou seja, “[...] organizou grande parte do acervo por assunto [...].” (MEY, 2004, p. 77).

Aliás, Manguel (1997, p. 219) ressalta que: “Catalogar é uma profissão antiga; há exemplos de tais ‘ordenadores do universo’ (como eram chamados pelos sumérios) entre os vestígios mais antigos de bibliotecas.” O autor também menciona a biblioteca de Edfu onde, por meio de escavações, foi encontrado um catálogo de uma “Casa dos Livros”, datado em cerca de 2000 a.C.

Manguel (1997, p. 220) afirma que Calímaco “[...] dividiu a biblioteca em estantes ou mesas (*pinakoi*) organizadas em oito classes ou assuntos: teatro, oratória, poesia lírica, legislação, medicina, história, filosofia e miscelânea.” Segundo o autor, deve-se também ao bibliotecário a tradição de arranjar os volumes em ordem alfabética. Outro fato interessante diz respeito ao fato de Calímaco mandar

dividir as obras longas em rolos menores para facilitar o manuseio. Essas obras eram chamadas de “livros”.

Assim, a influência do trabalho de Calímaco pode ser observada nos dias de hoje. Por exemplo, os *pinakoi* podem ser comparados com as tabelas de classificação bibliográfica, como a Classificação Decimal Universal e a Classificação Decimal de Dewey (MEY, 2004).

No entanto, Calímaco não terminou seu grandioso trabalho, que foi continuado por outros bibliotecários. Manguel (2004, p. 220) afirma que “[...] a biblioteca de Alexandria e seus catálogos tornaram-se os modelos, primeiro das bibliotecas da Roma imperial, depois das do Oriente bizantino e, mais tarde, da Europa cristã.”

Infelizmente, a antiga biblioteca de Alexandria foi destruída. Lemos (1998, p. 350) ressalta que a Biblioteca “[...] depois de sucessivos desastres naturais e saques cometidos pelo fanatismo de diferentes grupos religiosos ou conquistadores rapaces, acabaria [acabou] se perdendo totalmente.” Entre mitos e fatos, fica sua contribuição para o desenvolvimento do conhecimento.

Segundo Mey (2002), uma nova biblioteca Alexandrina foi inaugurada em 16 de outubro de 2002, moderna e diferente da antiga, mas com o mesmo propósito de se tornar um local de disseminação do saber e do conhecimento.

Já na Idade Média, tanto no Ocidente como no Oriente Médio, as bibliotecas tinham como principal característica a ligação com as ordens religiosas. Destacam-se as bibliotecas dos mosteiros e seu trabalho de preservação do legado da Grécia e Roma antigas (LEMOS, 1998).

A partir do século XIII, as bibliotecas universitárias européias passam a ser fundadas (LEMOS, 1998). Porém, Verger (1999) afirma que as bibliotecas universitárias não eram consideradas muito importantes e que praticamente não existiam antes do século XV. Relata que as primeiras eram constituídas por algumas dezenas de volumes, como as de Orléans (1411) e as das faculdades de Medicina e Direitos Canônicos de Paris (1395 e 1475).

A primeira grande “explosão bibliográfica” deu-se após a invenção da imprensa. Tal acontecimento causou profundas mudanças de ordem política, religiosa, econômica e social. A partir daí, o bibliotecário tornou-se ainda mais indispensável, pois seu trabalho era organizar a “imensa” quantidade de informação (material impresso) que era produzido. Assim, passaram a ser compilados catálogos para grandes bibliotecas (LEMOS, 1998).

O bibliotecário Adrien Baillet, por exemplo, compilou um catálogo em “32 volumes” para seu patrão. O profissional temia que sua época se tornasse um tempo de “barbárie” informacional (BURKE, 2002).

No século XVII, surgiu o conceito de bibliotecas públicas. Finalmente, a partir de meados do século XIX, estas bibliotecas, juntamente com as universitárias, tomaram um grande impulso em razão da valorização da educação (LEMOS, 1998).

A partir da década de 1950, passou-se a utilizar o termo “sociedade da informação”. Começou o aumento vertiginoso da produção científica, ocasionando o que se poderia chamar de segunda grande explosão informacional (LEMOS, 1998).

Com a evolução das organizações e as necessidades de educação, as bibliotecas foram diferenciando-se uma das outras, seja em razão do tipo de usuários que atendem (biblioteca escolar, universitária, pública etc.) ou do tipo de material que reúnem (hemeroteca, brinquedoteca, gibiteca etc.) (LEMOS, 1998). Porém, todas desempenham um papel importante e específico dentro do contexto sócio-cultural e econômico no qual estão inseridas.

### 3.2 AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

As bibliotecas universitárias armazenam, organizam, disponibilizam e facilitam o acesso às informações, satisfazendo as demandas informacionais do seu público. Seus usuários são os alunos, os docentes, os pesquisadores e os servidores das instituições às quais estão vinculadas. Além disso, prestam serviços de consulta local à comunidade em geral. Oferecem suporte ao ensino, pesquisa e extensão. Segundo Damasio (2004, p.1),

As bibliotecas universitárias detêm um papel essencial nos processos de pesquisa e inovação tecnológica do país. Detêm o conhecimento universitário e têm a principal função de intermediárias entre o conhecimento científico e tecnológico e seus usuários, pessoas físicas ou jurídicas.

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação, as bibliotecas universitárias passaram a armazenar as informações nos mais variados suportes, como documentos impressos e digitais (como artigos de revistas eletrônicas ou bases de dados de teses e dissertações). As formas de recuperação

da informação também se modificaram. Por exemplo, dos catálogos manuais passou-se ao uso dos catálogos eletrônicos, muitos destes, inclusive, disponibilizados *on-line*. Além disso, pode-se fazer uma pesquisa em uma base de dados bibliográfica (também disponível *on-line*) e descobrir o que foi publicado sobre determinado assunto, escrito por este ou aquele autor e, ainda, onde se encontra tal documento.

Outros serviços, como a obtenção de cópias de artigos de periódicos ou partes de outros documentos que se encontram em bibliotecas geograficamente distantes (mais conhecido como serviço de Comutação Bibliográfica) fazem também o diferencial das bibliotecas universitárias.

Convém ressaltar que o desenvolvimento de qualquer organização está vinculado à história construída pelo homem e reflete as mudanças e as tendências da sociedade. Com as bibliotecas universitárias não é diferente, pois atuam dentro de um contexto muito particular. Para Tarapanoff (1981, p. 9): "[...] a biblioteca universitária é parte e resultado da sociedade na qual opera, refletindo as características gerais do país – o seu grau de desenvolvimento, sua tradição cultural e seus problemas e prioridades sócio-econômicas."

Cunha (2000, p.75) afirma que:

Em todas as épocas, [as] bibliotecas sempre foram dependentes da tecnologia da informação. A passagem dos manuscritos para a utilização de textos impressos, o acesso à base de dados bibliográficos armazenados nos grandes bancos de dados, o uso do CDROM e o advento da biblioteca digital, no final dos anos 90, altamente dependente das diversas tecnologias de informação, demonstram que, nos últimos 150 anos, as bibliotecas sempre acompanharam e venceram os novos paradigmas tecnológicos.

Dessa maneira, observa-se a necessidade de adaptação das bibliotecas universitárias aos acontecimentos que atingem a sociedade, especialmente aos novos rumos tomados pelas universidades. Sendo assim, as bibliotecas universitárias são parte integrante de uma instituição e não se constituem em uma organização autônoma. Os planejamentos de gestão devem estar "alinhados" com a missão, a visão, as finalidades e os princípios das instituições superiores a que pertencem. Assim, as responsabilidades tornam-se, em parte, mútuas. Carvalho (1981, p. 17) ressalta que

[...] para que as bibliotecas se integrem ao ambiente universitário que as envolve é necessária uma avaliação de seus atuais serviços e uma posterior re-definição dos seus objetivos com o intuito de dimensioná-los à luz de um planejamento coerente com os objetivos e atividades da própria

instituição.

Lück (2000, p. 16) traz outra faceta das bibliotecas universitárias e comenta que:

A biblioteca universitária não deve se furtar ao seu papel de mediadora no processo de reformulação curricular, que ensejará a formação de tais profissionais, considerando-se a sua missão mais ampla de suprir de informação a estrutura organizacional e acadêmica da Universidade. No que se refere ao atendimento das diretrizes curriculares deverá dispor das fontes de informação necessárias a atualização dos educadores, concernentes as tendências do conhecimento científico e tecnológico nas diversas áreas do saber, bem como gerir os meios para possibilitar esse acesso.

Enfim, as bibliotecas universitárias têm como missão oferecer o suporte necessário às atividades da universidade a que pertencem, seja no atendimento das demandas dos usuários ou em outras atividades que a instituição superior venha a desenvolver. Cabe ressaltar que é muito importante que as bibliotecas elaborem a sua própria missão, visão, valores e objetivos e que não se limitem ao já estabelecido pela instituição superior. Como qualquer organização, a biblioteca possui características específicas que devem ser levadas em consideração na formulação dos conceitos citados acima.

Chiavenato e Sapiro (2004, p. 57) ressaltam a importância da declaração da missão da organização, mencionando que ela concentra o esforço das pessoas em uma só direção, afasta o perigo de se buscar propósitos conflitantes, fundamenta as bases para a alocação de recursos, estabelece as responsabilidades e “[...] embasa a formulação de políticas e a definição dos objetivos organizacionais.”

É imprescindível que a missão, a visão, os valores e os objetivos da biblioteca estejam formulados por escrito, ou seja, declarados formalmente, permitindo, também, os ajustes necessários conforme as necessidades organizacionais.

### 3.2.1 Funções Gerenciais na Biblioteca Universitária

As funções gerenciais, também conhecidas como funções administrativas, são as bases estruturais de qualquer organização. No caso das bibliotecas universitárias, se faz necessário que haja um pleno conhecimento dessas funções

para que todas as atividades possam ser bem desenvolvidas, a fim de que a missão, a visão, valores e objetivos das unidades sejam cumpridos da melhor forma possível.

Segundo Maciel e Mendonça (2000a), na abordagem clássica da administração, identificada por Henry Fayol em 1916, as atividades gerenciais são: planejamento, organização, coordenação, direção e controle. Atualmente, a coordenação complementa a função da direção.

O planejamento, segundo Maciel e Mendonça (2000b, p.6), é um

[...] processo que antecede à ação, exige reflexão e auxilia a tomada de decisão. Estabelece, para cada parâmetro em questão, os resultados que se pretende atingir no futuro, levando o administrador a definir, previamente, o que, por que, como, quem deve fazer, o quanto, quando e onde deve ser feito.

Ou seja, nesse momento faz-se necessária a elaboração de um plano, programa ou projeto, com objetivos a serem alcançados, lembrando-se da missão e da visão da biblioteca. É um processo reflexivo no qual o passado, o presente e o provável futuro (da biblioteca, da universidade e/ou sociedade) devem ser levados em consideração. Trata-se de um “ponto de partida” para a execução das atividades. Isto requer a elaboração de estratégias que envolvam toda a biblioteca, a fim de que ela se adapte às mudanças, pois dependendo de cada contexto, as variações nos ambientes organizacionais e na sociedade fazem com que, às vezes, surjam resultados inesperados.

Em outras palavras, é necessária a elaboração de um planejamento estratégico, que é “[...] a maneira pela qual a estratégia é articulada e preparada.” (CHIAVENATO; SAPIRO, 2004, p. 38). Segundo os mesmos autores, esse tipo de planejamento diz respeito aos objetivos de médio e longo prazo e, ainda, afirmam que ele não é um processo descontínuo e que: “Quanto maior for a mudança ambiental, mais deverá ser feito e refeito de maneira contínua o planejamento estratégico.” (CHIAVENATO; SAPIRO, 2004, p. 38).

Uma boa maneira de avaliar o ambiente, é a elaboração do modelo SWOT, que é uma ferramenta muito utilizada na gestão estratégica. (CHIAVENATO; SAPIRO, 2004). Trata-se de fazer uma análise interna da organização e uma análise externa do ambiente que a circunda.

Já a organização é, segundo Maciel e Mendonça (2000a, p. 46),

[...] a função que se propõe [a] estabelecer a necessária estrutura

organizacional para o funcionamento de uma empresa, assim como a determinação dos recursos necessários ao empreendimento, definindo hierarquia e desempenho.

No contexto das bibliotecas, os autores afirmam que é preciso determinar as funções (seleção, processamento técnico, referência etc), os componentes (pessoal, coleções, equipamentos etc) e qual a melhor configuração para que a estrutura organizacional alcance o alvo estabelecido. Além da estrutura já mencionada, também denominada estrutura formal, as organizações também são compostas por uma estrutura informal, consequência natural da interação social dos membros de uma organização (MACIEL; MENDONÇA, 2000a).

Outra função administrativa é a direção que, segundo Maciel e Mendonça (2000a, p. 51), é “[...] responsável pelo gerenciamento da organização à medida em que se executam os planos, programas e projetos, procurando convertê-los em resultados.” Envolve as grandes decisões (ou básicas) que norteiam os rumos da organização. Dessa maneira, a direção trata de cumprir com aquilo que foi estabelecido anteriormente, tomando as atitudes necessárias para a execução dos planos.

Segundo Chiavenato e Sapiro (2004, p. 372), “[...] o controle é a função administrativa que monitora e avalia as atividades e resultados alcançados para assegurar que o planejamento, a organização e a direção sejam bem-sucedidos.” Assim, o controle permite que o bibliotecário acompanhe as diversas atividades e os serviços oferecidos por sua biblioteca. Segundo Maciel e Mendonça (2000a, p. 54), o “[...] controle é a função destinada a verificar se os resultados planejados estão sendo alcançados através das operações executadas. Permite adotar ações corretivas visando corrigir os desvios detectados durante o processo de avaliação.” Chiavenato e Sapiro (2004) mencionam que o controle visa a correção de falhas (ou erros) existentes e a prevenção de novas falhas (ou erros).

A avaliação está intimamente ligada ao controle. Assim: “O propósito da avaliação do desempenho é verificar se os resultados estão sendo obtidos e quais as correções necessárias a serem feitas.” (CHIAVENATO; SAPIRO, 2004, p. 374). Percebe-se, então, que a avaliação é muito importante, pois ela identifica, também, se algo está ocorrendo de maneira errada ou se pode melhorar. Podem ser avaliadas a estrutura física da biblioteca, os fluxos de atividades, o nível de satisfação dos usuários, o desenvolvimento de coleções, a recuperação das informações, a distribuição de tarefas etc. Além disso, os planos, programas e

projetos devem ser reavaliados periodicamente, pois não existe um planejamento perfeito, mas sim, a sua constante adequação ao ambiente organizacional.

É evidente que, em muitos casos, as funções gerenciais complementam-se e se torna difícil dizer, com certeza, quando começa uma e termina a outra. A respeito disto, Pires e Gaspar<sup>3</sup> (1981, p. 31 apud MACIEL; MENDONÇA, 2000a, p. 43) dizem que essas funções constituem um “[...] processo ininterrupto, [...] constituído por atividades interligadas, justapostas e contínuas, não obedecendo a nenhuma ordem hierárquica.”

Enfim, as funções gerenciais ou administrativas detém um papel fundamental dentro do contexto das bibliotecas universitárias. É preciso que o bibliotecário as conheça para que possa adaptar-se a cada novo ambiente, constituído por usuários exigentes, novas atividades desenvolvidas pela universidade e escassez de recursos, além do já comentado desenvolvimento científico e tecnológico.

### 3.3 O BIBLIOTECÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE

Normalmente, o bibliotecário é visto como o profissional que fica preso em sua salinha, catalogando e colocando “uma extensa numeração” nas lombadas dos livros. Souto (2005, p. 35) relata que: “Outro fator que mistifica o papel do bibliotecário é o de que este opta por trabalhar em um ambiente silencioso, tradicional, pouco desafiador e não vanguardista. Porém, esse fator é muito contraditório.” O autor diz que o ambiente de uma biblioteca é desafiador e dinâmico e que além de técnicas tradicionais, os bibliotecários também se preocupam com serviços e instrumentos inovadores que venham de encontro às demandas dos usuários.

É de conhecimento geral que, dependendo do momento, a informação certa, na hora certa, tem um valor muitíssimo alto, ou seja, um valor até econômico. Desde a Antigüidade já se sabia que a informação era um instrumento de desenvolvimento para qualquer nação (observa-se o exemplo de Demétrio de Farela). Chiavenato e Sapiro (2004, p. 284) ainda comentam: “O conhecimento está assumindo agora o papel de principal fator de produção na Era da Informação.” Assim, com o

---

<sup>3</sup>PIRES, J. de G.; GASPAR FILHO, W. **Elementos de Administração**: uma abordagem brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1981. p.31. Apud MACIEL; MENDONÇA, 2000a, p. 43.



surgimento dessa “Era”, a existência de um profissional capacitado para selecionar, organizar e possibilitar o acesso às informações faz-se ainda mais necessária.

Esse profissional é o bibliotecário, porém suas funções e qualificações são desconhecidas de grande parte da sociedade. Houve épocas (na Antigüidade, por exemplo) em que ser um bibliotecário era motivo de extremo orgulho para qualquer pessoa e o seu trabalho profissional era valorizado por todos que reconheciam a importância do conhecimento. Segundo Souto (2005, p.30):

Embora não reconheça de forma definitiva o valor do bibliotecário, a sociedade evidencia a todo instante a carência de um profissional conhecedor das técnicas de organização da informação, que disponha de conhecimentos gerenciais/administrativos e domine as tecnologias da informação.

E ainda comenta que: “Os bibliotecários dispõem de conhecimento para a implantação e gerenciamento de sistemas de informação em uma organização [...]” (SOUTO, 2005, p.32).

Dessa maneira, é conveniente observar as competências, as atividades e as demais características desses profissionais, através de indicadores e estudos referentes à profissão.

### 3.3.1 A Classificação Brasileira de Ocupações e o Profissional da Informação

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) “[...] constitui-se em indicador das ocupações existentes no mercado de trabalho brasileiro.” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p.42). As autoras ainda dizem que a CBO retrata o que existe no mercado, auxiliando na elaboração de currículos, na contratação de profissionais, nos programas de qualificação dos trabalhadores etc.

De acordo com a CBO, o bibliotecário é um profissional da informação (o qual necessita possuir bacharelado em Biblioteconomia), juntamente com o documentalista e o analista de informações (pesquisador de informações em rede). No Brasil, é conhecido por diversas designações: bibliógrafo, biblioteconomista, cientista de informação, consultor de informação, especialista de informação, gerente de informação e gestor de informação (BRASIL, 2002d).

A CBO ainda traz uma descrição das condições gerais de exercício dos

bibliotecários:

Trabalham em bibliotecas e centros de documentação e informação na administração pública e nas mais variadas atividades do comércio, indústria e serviços, com predominância nas áreas de educação e pesquisa. Trabalham como assalariados, com carteira assinada ou como autônomos, de forma individual ou em equipe por projetos, com supervisão ocasional, em ambientes fechados e com rodízio de turnos. Podem executar suas funções tanto de forma presencial como a distância. **Eventualmente, trabalham em posições desconfortáveis durante longos períodos e sob pressão, levando à situação de estresse.** As condições de trabalho são heterogêneas, variando desde locais com pequeno acervo e sem recursos informacionais a locais que trabalham com tecnologia de ponta.<sup>4</sup> (BRASIL, 2002b, grifo nosso)<sup>5</sup>.

Outro aspecto importante que a CBO (BRASIL, 2002a)<sup>6</sup> traz, são as atividades do profissional bibliotecário, que são:

- a) Disponibilizar informação em qualquer suporte;
- b) Gerenciar unidades, redes e sistemas de informação;
- c) Tratar tecnicamente recursos informacionais;
- d) Desenvolver recursos informacionais;
- e) Disseminar informação;
- f) Desenvolver estudos e pesquisas;
- g) Prestar serviços de assessoria e consultoria;
- h) Realizar difusão cultural;
- i) Desenvolver ações educativas.

No ANEXO A - ATIVIDADES DOS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO SEGUNDO A CBO, estão listadas estas atividades, juntamente com seus desdobramentos, a fim de caracterizar de maneira mais específica as funções do bibliotecário.

O bibliotecário, como profissional da informação, necessita possuir certas competências para uma realização satisfatória de suas atividades. Dentre as competências pessoais que a CBO (BRASIL, 2002c) destaca para o profissional da informação estão: a capacidade de manter-se atualizado; a liderança de equipes; o trabalho em equipe e em rede; a capacidade de análise e síntese; o conhecimento de outros idiomas; a capacidade de comunicação; a capacidade de negociação; o agir com ética; o senso de organização; a capacidade empreendedora; o raciocínio lógico; a capacidade de concentração; o demonstrar pró-atividade; e a criatividade.

Dessa maneira, foram levantadas informações a respeito das condições e características gerais da profissão bibliotecário. Estas, variam de acordo com os

---

<sup>4</sup>As frases “grifadas” da descrição serão comentadas em ocasião mais oportuna, neste estudo.

<sup>5</sup> Documento eletrônico.

<sup>6</sup> Documento eletrônico.

tipos de bibliotecas e com as instituições superiores às quais os bibliotecários estão vinculados.

### 3.3.2 Os Recursos Humanos na Biblioteca Universitária

As pessoas que estão lotadas em uma biblioteca universitária, normalmente e dentro do contexto da UFRGS, são os bibliotecários (se houver mais que um), funcionários (auxiliares de biblioteca ou técnicos- administrativos) e bolsistas.

Quanto aos bibliotecários, de modo geral, podem se ocupar com três tipos de serviços: administrativos, técnicos e de atendimento ao público.

O bibliotecário-chefe é responsável pelo gerenciamento da biblioteca. Os outros bibliotecários costumam prestar auxílio ao usuário, ou trabalham no setor de processamento técnico dos documentos.

É importante salientar que existem tarefas realizadas em uma biblioteca e que não são da alçada do bibliotecário e sim, de outros funcionários, que de maneira geral, podem ser técnicos em Biblioteconomia ou auxiliares de biblioteca. Santos, Neves e Job (2004) discutem bem essas questões e realizam um estudo sobre as atividades listadas na CBO, a qual, não determina as tarefas específicas para estes últimos profissionais.

Barbosa (2005, p. 29) ressalta que:

Para o atendimento e o desenvolvimento das atividades e funções da biblioteca em sua plenitude, o quadro de pessoal e as atividades devem estar bem definidos, contemplando as tarefas profissionais, que serão exercidas pelos bibliotecários, [...]. E as tarefas não-profissionais, exercidas pelos técnicos e auxiliares de biblioteca [...].

A questão torna-se mais séria, na medida em que a Sociedade da Informação se desenvolve. Segundo Maciel e Mendonça (2000b) existem mudanças ocorridas na distribuição e criação de outros serviços bibliotecários que, para Oliveira (1994, p. 417), têm "[...] forçado a redefinição de algumas funções, influenciado relacionamentos interpessoais, repercutindo seriamente na estrutura

organizacional."

Dessa maneira, o bibliotecário é mais que um gestor de informações. Ele administra recursos, tendo em vista a satisfação dos seus usuários e a missão da biblioteca. Mais do que isso, e refletindo novamente sobre a automação, com o desenvolvimento das bibliotecas universitárias, esse profissional passou a ser "cobrado" em um nível mais alto do que antes. Maciel e Mendonça (2000b) ressaltam que é importante observar que as tecnologias informacionais vêm trazendo mudanças nos serviços meio e fim das bibliotecas universitárias e que os bibliotecários necessitam adaptar-se a elas.

Dessa maneira, o bibliotecário está no "meio" de uma hierarquia, onde precisa delegar tarefas e cumprir com as que lhe são propostas. Ou seja, é exigido que o profissional tenha flexibilidade suficiente para cumprir com seus papéis diante de todos os seus colegas de trabalho e diante das mudanças na sociedade, distribuindo bem as tarefas e realizando o que é próprio de sua profissão.

Barbosa (2005, p.29) afirma que: "Participação, cooperação e envolvimento, são palavras-chave para os membros da biblioteca universitária. A validade das estratégias definidas pela organização deve estar de comum acordo entre os membros integrantes da biblioteca." Desta maneira, para que o bibliotecário trabalhe com o apoio da equipe da biblioteca, ele necessita aprender a motivar seus colegas de trabalho. Importante, também, é que conheça seus papéis dentro da organização.

### 3.3.3 Os Papéis Gerenciais

Dias (1985, p. 43) comenta sobre as três categorias desenvolvidas por Mintzberg<sup>7</sup>, conhecida como Teoria dos papéis gerenciais (ou papéis administrativos). Estas categorias agrupam-se em papéis interpessoais, papéis informacionais e papéis decisórios.

Os papéis interpessoais, segundo Maciel e Mendonça (2000a, p. 56),

[...] decorrem do status e autoridade inerente aos cargos administrativos. São, em grande parte, de natureza social e legal, implicando no relacionamento do gerente com representantes da organização, com os subordinados e com indivíduos ou grupos externos à empresa.

---

<sup>7</sup>MINTZBERG, H. **The Nature of Managerial Work**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, 1980. P. 25. Apud DIAS, 1985, p. 43.

Segundo os autores, o bibliotecário seria o representante de sua biblioteca; o líder e o responsável pelo trabalho de seus funcionários e o realizador de contatos dentro e fora de seu ambiente de trabalho.

Cabe ressaltar que há diferenças entre “ser um chefe” e “ser um líder”. O líder motiva e consegue que sua biblioteca alcance os seus objetivos através do diálogo e não de ordens. O líder precisa ser flexível, coerente, competente e “humano” o suficiente para reconhecer que também comete falhas. Chiavenato e Sapiro (2004, p. 335) mencionam a liderança como um termo para

[...] comprometimento, empolgação, espírito missionário e visionário, foco em objetivos, senso de oportunismo e, por extensão, ênfase na participação, na dedicação, impulso, orientação, reforço, retroação, motivação e foco no aprendizado das pessoas.

Ainda relatam que o líder precisa saber localizar e utilizar adequadamente os talentos de sua equipe.

Já os papéis informacionais, segundo Maciel e Mendonça (2000a) estão relacionados às informações que o gerente obtém. Dessa maneira, ele toma conhecimento do que está ocorrendo em sua organização, a fim de transmitir essas informações aos subordinados ou para disseminá-las no momento em que se torna o porta-voz da unidade. Nesse caso, o bibliotecário assumiria os papéis de monitor; disseminador de informações e porta-voz, falando em nome da biblioteca.

Para os autores, os papéis decisórios estão relacionados às tarefas de tomadas de decisão. Por exemplo, o bibliotecário assumirá o papel de empreendedor (através das atividades de planejamento), o de conciliador de conflitos ou pressões (solucionador de problemas), o de alocador de recursos para a unidade de informação, o de negociador de recursos, dentre outros.

Maciel e Mendonça (2000a) salientam que esses papéis gerenciais são integrados e não podem ser separados. Dias (1985, p. 45) menciona que eles são básicos da estrutura administrativa e, “[...] de acordo com Mintzberg, desempenhados por todos os tipos de administradores.” O autor ainda ressalta que podem existir outros tipos de papéis, conseqüentes da área de atuação do gerente e seu nível na hierarquia da organização, e que Mintzberg define esses papéis adicionais como um desdobramento dos papéis básicos.

Enfim, para um melhor desempenho do “gerente” da biblioteca, é necessário que o mesmo conheça seus papéis e os desenvolva conforme as necessidades da

unidade em que trabalha e de acordo com suas características pessoais.

### 3.4 O TRABALHO E SUA INFLUÊNCIA FÍSICA

Para Mendes (2003, p. 1774): “O risco é parte inerente do ato humano.”

O autor (1980) relata que o homem necessita, por exemplo, de máquinas e ferramentas para realizar uma tarefa. Desse modo, além de ficar exposto aos fatores ambientais, o trabalhador interage com os meios de produção.

Pode-se dizer que o trabalho (a realização de tarefas) sempre traz certo sofrimento físico pela interação do trabalhador com os equipamentos, mobiliários e demais ferramentas de trabalho, além das condições ambientais às quais ele fica exposto. Tais fatores interferem na vida do indivíduo, em maior ou menor grau. Para Mendes (1980), o ambiente físico no qual as pessoas vivem ou trabalham pode ser, em parte, determinante para a instalação ou o aumento da probabilidade de ocorrência de um tipo de problema de saúde ou doença.

Há casos em que o sofrimento físico torna-se severo e quase inevitável. Mendes (2003, p. 1743) relata que: “Uma pessoa saudável, trabalhando em ambiente insalubre, correrá o risco de ter uma doença ocupacional. Mesmo se for tratada e curada, ficaria outra vez doente se retornasse ao ambiente.”

Para Dejours (1992, p. 125): “As pressões ligadas às condições de trabalho têm por alvo principal o corpo dos trabalhadores, onde elas podem ocasionar desgaste, envelhecimento e doenças somáticas.”

Em relação às disciplinas que tratam da saúde do trabalhador no ambiente de trabalho, pode-se citar, entre outras, a Higiene Ocupacional e a Ergonomia. Conforme as informações contidas no manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001), percebe-se que as metodologias propostas pelas áreas mencionadas, para a análise do trabalho, possuem certas peculiaridades. Enquanto a Higiene refere-se a aspectos mais relacionados à insalubridade (MENDES, 2003) e a tecnologias de controle como evitação, contenção, isolamento, diluição de um agente potencialmente perigoso ou tóxico para a saúde, ou mesmo, o bloqueio das possíveis vias de entrada do agente no organismo, a Ergonomia baseia-se, fundamentalmente no estudo do trabalho, especialmente no que diz respeito às

diferenças entre o trabalho prescrito e o trabalho real, que muitas vezes servem para explicar as causas de adoecimento entre os trabalhadores (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001).

Quanto ao trabalho prescrito (aquele formalizado) e o trabalho real (aquele que o trabalhador realiza no seu dia-a-dia), Dejours, Abdoucheli e Jayet (1993, p. 51) mencionam que há “[...] um distanciamento importante entre a organização do trabalho prescrito e a organização do trabalho real.” Merlo (2002) menciona que é nesse distanciamento que pode ou não ocorrer a sublimação e a construção da identidade do trabalho. Ou seja, também é entre esses dois extremos que as patologias somáticas ou psíquicas podem se desenvolver. Dejours, Abdoucheli e Jayet (1993, p. 51) relatam que a organização prescrita do trabalho, formaliza-se por “[...] um tipo de manual de procedimentos, em que para cada operação a efetuar há uma grade muito detalhada de tarefas elementares a realizar.”

Voltando à questão ergonômica, Oliveira<sup>8</sup>, em palestra, menciona que “A Ergonomia pretende conhecer o funcionamento psicofísico do homem; o funcionamento da empresa; as tarefas prescritas e reais; a atividade e as ações realistas.” Relata que entre a ação e a reação há um espaço de regulação e que a resposta é resultado da interação da causa e da pessoa, e que tanto o resultado do trabalho quanto o estado interno do trabalhador interfere no modo operatório.

O palestrante também menciona que cerca de 70% das doenças são causadas pela má-adequação ao trabalho. Em relação ao estado interno, são consideradas psicossomáticas. Conclui que a situação ideal de trabalho seria aquela em que as circunstâncias laborais pudessem ser alteradas e que o modo operatório não se desenvolvesse mediante às custas do estado interno do indivíduo, mas sim, sofresse as modificações necessárias para o benefício do trabalhador.

Segundo o manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p. 44):

A complexidade crescente dos novos processos de trabalho, organizados a partir da incorporação das inovações tecnológicas e de novos métodos gerenciais, tem gerado formas diferenciadas de sofrimento e adoecimento dos trabalhadores, particularmente na esfera mental.

Quanto aos riscos ocupacionais, o manual (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-

---

<sup>8</sup> OLIVEIRA, Paulo Antonio Barros, médico, auditor do Ministério do Trabalho e Emprego e professor da Faculdade de Medicina da UFRGS. **Palestra sobre Ergonomia da Regulação ministrada na Disciplina Gestão de Recursos Informativos**. Porto Alegre, 18 set. 2006.

AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p. 28) menciona que, estes, podem ser classificados em cinco grandes grupos:

FÍSICOS: ruído, vibração, radiação ionizante e não-ionizante, temperaturas extremas (frio e calor), pressão atmosférica anormal, entre outros;  
QUÍMICOS: agentes e substâncias químicas, sob a forma líquida, gasosa ou de partículas e poeiras minerais e vegetais, comuns nos processos de trabalho [...];  
BIOLÓGICOS: vírus, bactérias, parasitas, geralmente associados ao trabalho em hospitais, laboratórios e na agricultura e pecuária [...];  
ERGONÔMICOS E PSICOSSOCIAIS: decorrem da organização e gestão do trabalho, como, por exemplo: da utilização de equipamentos, máquinas e mobiliário inadequados, levando a posturas e posições incorretas; locais adaptados com más condições de iluminação, ventilação e de conforto para os trabalhadores; trabalho em turnos e noturno; monotonia ou ritmo de trabalho excessivo, exigências de produtividade, relações de trabalho autoritárias, falhas no treinamento e supervisão dos trabalhadores, entre outros;  
MECÂNICOS E DE ACIDENTES: ligados à proteção das máquinas, arranjo físico, ordem e limpeza do ambiente de trabalho, sinalização, rotulagem de produtos e outros que podem levar a acidentes do trabalho.

Mendes (1980) relaciona alguns perigos do ambiente de trabalho, por exemplo: a influência de um campo elétrico magnético, gases, poeiras, microorganismos, frio, umidade, calor, som, produtos químicos e corantes, como formaldeídos e vapores de PVC.

Para o autor, a monotonia, também considerada um risco, pode acontecer em virtude das tarefas repetitivas (com pouco grau de complexidade, mas que exigem concentração para se evitarem erros) e das atividades que exijam poucos movimentos do corpo do trabalhador. Para Mendes (1980, p. 285), as “Tarefas repetitivas podem ser consideradas não humanizadas, pois o conteúdo destas tarefas é pobre, esvaziado.”

O autor (1980, p. 285) ainda relata que: “Um trabalho é realizável pelo homem se as cargas provenientes da tarefa e do ambiente não ultrapassam os limites individuais de capacidades físicas e psíquicas do trabalhador.” E ele “[...] é suportável pelo homem se puder ser realizado por este durante toda a jornada de trabalho, e durante toda uma vida profissional, sem causar danos à saúde física e psíquica da pessoa.”

Conclui que: “Um trabalho traz satisfação ao trabalhador se ele for realizável, suportável, pertinente e se a pessoa estiver disposta a considerá-lo adequado para si mesma.” (MENDES, 1980, p. 286).

Estas considerações a respeito da satisfação do trabalhador, embora pertinentes, nem sempre são concebidas da mesma maneira por outras disciplinas,



fato que será observado mais tarde.

### 3.4.1 A Ergonomia

Segundo Lida (2000), a Ergonomia estuda diversos aspectos como: o homem (características e influências), a máquina, o ambiente físico (temperatura, ruídos, vibrações, luz, cores, gases etc.), a informação (comunicação, transmissão, processamento e tomada de decisões), a organização e as consequências do trabalho (inspeções, estudos de erros e acidentes, estudos sobre gastos energéticos, fadiga e estresse). Assim, para o autor, o objetivo da Ergonomia está na relação de conforto, bem-estar e segurança das pessoas em seu ambiente produtivo.

Carvalho (1998, p. 16) conclui que

[...] a ergonomia agrupa conceitos que através de sua aplicação na adaptação dos métodos, meios e ambientes de trabalho, servem para reduzir ou eliminar os riscos profissionais à saúde através da redução da fadiga, seja ela ocasionada pela elevada carga física ou pela carga psíquica de trabalho.

Apesar de ser considerada uma ciência ou uma tecnologia (LIMA, 2007) relativamente nova, a preocupação em adaptar os objetos e o ambiente ao homem sempre esteve presente, provavelmente, desde a Pré-História. Porém, com o surgimento das fábricas e com a contribuição do movimento de administração científica, conhecido como taylorismo, a situação dos trabalhadores tornou-se insuportável (IIDA, 2000).

Frederick W. Taylor, segundo o autor, defendia que para cada tarefa deveria haver um método correto de execução, com um tempo determinado e com as ferramentas adequadas. A produtividade também deveria ser medida e quem produzisse mais, deveria ganhar mais. Segundo Heloani e Capitão (2003), o modelo criado por Taylor foi aperfeiçoado por Henry Ford. Este, desenvolveu a concepção de linha de montagem. Os autores mencionam que, por meio dessa metodologia, o trabalhador não precisava mais se movimentar, pois os componentes e peças de que necessitava eram trazidos por uma esteira que condicionava o ritmo de trabalho.

Com o passar do tempo, houve certa resistência aos movimentos de

administração científica por parte dos trabalhadores. Suas reações chegaram ao descumprimento das regras que os oprimiam. Assim, não havendo mais o que fazer, as gerências empresariais passaram a rever as suas posições (IIDA, 2000).

O autor menciona que diversas pesquisas começaram a surgir, tentando colocar em prática as experiências de diversas disciplinas (por exemplo, Medicina, Engenharia, Psicologia), direcionando-as para o trabalho. Foram criados laboratórios e institutos com o intuito de pesquisar sobre a fadiga, a saúde no trabalho e demais temas semelhantes. Inclusive, com a II Guerra Mundial, era necessário que os instrumentos bélicos fossem adaptados ao operador evitando, assim, as falhas, a fadiga e os conseqüentes desastres delas decorridos (IIDA, 2000).

Heloani e Capitão (2003, p. 105) relatam que:

Até a crise do paradigma taylorista-fordista de produção, o modelo de Recursos Humanos e a própria concepção de administração estiveram articulados com concepções oriundas da engenharia, especialmente com a de produção, como também, com a lógica militar, expressa tão bem pela utilização de vocábulos pertencentes à caserna, tais como: logística, tática, estratégia, etc.

Também mencionam que por causa das transformações sociais e do capitalismo, a abordagem da Engenharia foi perdendo força e passou a ser questionada à medida que o modelo fordista entrou em crise e se tornou ineficaz no fim dos anos 60 e começo dos 70. Os autores (2003, p. 105) mencionam que:

Tal mudança não foi produto simples e acabado de uma visão mais humanista ou de um longo e bem-cuidado processo de conscientização, mas conseqüência de uma necessidade premente de responder a uma nova estrutura econômica e a um novo modo de regulamentação social; em suma, a uma nova realidade que se apresentava e que exigia respostas rápidas por parte do capital.

Já em tempos de “paz”, os conhecimentos ergonômicos começaram a ser utilizados em benefício da população em geral e dos trabalhadores, em particular (IIDA, 2000).

No aspecto do trabalho, o autor classifica as abordagens em Ergonomia em duas categorias:

- a) análise de sistemas: em aspectos mais gerais, analisa a distribuição de tarefas entre o homem e a máquina;
- b) análise dos postos de trabalho: estuda a parte do sistema em que atua o trabalhador, analisando a tarefa, a postura e movimentos do trabalhador, bem como suas exigências psicológicas e físicas. Em outras palavras, analisa as

interações entre o homem, a máquina e o ambiente de trabalho.

Desse modo, a contribuição ergonômica pode se dar na fase inicial do projeto de um produto, da máquina ou do ambiente, ser utilizada para resolver problemas já existentes e que refletem na qualidade de vida do trabalhador, e ainda conscientizá-lo a trabalhar de forma segura, reconhecendo os riscos que podem surgir (IIDA, 2000).

A situação ideal seria a aplicação da Ergonomia nas etapas iniciais de projetos de máquinas ou do ambiente de trabalho, levando em consideração as características do trabalhador que irá atuar. Porém, existem muitas considerações a serem feitas, motivos econômicos e outros impedimentos para uma aplicação perfeita da Ergonomia (IIDA, 2000).

Para o autor, qualquer tipo de investimento é feito quando os benefícios são maiores que os custos. Na Ergonomia, porém, os custos são quantificáveis, mas os benefícios são representados pelos bens e serviços produzidos, normalmente, em longo prazo. Os benefícios podem ser intrínsecos, como a satisfação do trabalhador, a redução das faltas devido a doenças ocupacionais ou acidentes etc.

Assim, as atitudes tomadas em relação à aplicação da Ergonomia no local de trabalho devem ser, antes de tudo, atitudes de preservação do bem-estar do trabalhador, como também de correção dos problemas do ambiente físico laboral, a fim de fazer cessar, pelo menos em sua maior parte, o sofrimento do trabalhador.

Para a aplicação da Ergonomia, foi criada a Norma Regulamentadora NR 17/ Ergonomia (BRASIL, 1990), que descreve em seu próprio conteúdo, a função de estabelecer parâmetros que possibilitem a adaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores, de maneira que seja proporcionado um máximo de conforto, segurança e desempenho eficiente da atividade laboral.

Como quase toda norma, a NR 17 (BRASIL, 1990) também é contestada em alguns aspectos:

O caso da NR-17, com afixação de limites para a entrada de dados, é paradigmático: desde que o número de toques esteja abaixo do limite legal, os novos casos de lesões por esforços repetitivos são descaracterizados e atribuídos a outras causas não relacionadas ao trabalho. (MENDES, 2003, p. 1775).

Verifica-se, então, que a fixação de oito mil toques, realmente, é questionável. Dessa maneira, o bom senso de quem aplicar a NR 17 (BRASIL, 1990) é que fará

dela um instrumento de melhoria da qualidade de vida do trabalhador. Sendo assim, o documento não deve ser “cegamente aplicado”. Além disso, fica bem claro na Norma, que as condições de trabalho devem ser adaptadas às características psicofisiológicas dos trabalhadores e ao tipo de tarefa que executam. Ou seja, esta afirmação é o ponto mais importante da NR 17 (BRASIL, 1990) onde cada aspecto secundário deve estar submetido a ela.

Para Mendes (2003, p. 1780): “A atividade do trabalho é contextualizada.” e os indivíduos reagem de maneiras diferentes às mesmas situações. O autor (2003, p. 1770) ressalta: “[...] indivíduos expostos às mesmas condições de trabalho não apresentam, necessariamente, as mesmas queixas ou as mesmas afecções de saúde.” Assim, o histórico de vida do indivíduo poderá fazer diferença no desenvolvimento ou não de enfermidades físicas.

### 3.4.2 Aspectos Ergonômicos em Bibliotecas Universitárias

A Ergonomia em bibliotecas deve ser uma questão observada pelas organizações. Souza e Silva (2007, p. 129) comentam:

Aparentemente, as instituições contratantes de bibliotecários apenas focalizam o resultado final do trabalho realizado, e não se preocupam com o processo durante sua execução. Ou seja, não se detém naquilo que é necessário, ergonomicamente, para o desenvolvimento das tarefas, que assegurem a sua realização com os menores riscos à saúde do profissional.

Os autores acreditam que o bibliotecário, conhecendo os riscos e reconhecendo os seus direitos, buscará a prevenção e o cuidado tanto quanto uma de suas “[...] obrigações profissionais, a serem co-respondidas pelas obrigações e deveres de todas as instituições em manter e proporcionar segurança a todos os seus funcionários, clientes e parceiros.” (SOUZA; SILVA, 2007, p. 134).

Para tanto, alguns esforços tem sido feitos para trazer o conhecimento e até a prática da Ergonomia para dentro das bibliotecas universitárias. Desse modo, algumas pesquisas realizadas serão apresentadas durante a elaboração deste referencial teórico.

Blattman e Borges (1998) concordam que há uma maior necessidade de divulgação e aplicação da análise ergonômica, evidenciando tanto a prática quanto a

teoria da Ergonomia. Assim, os autores realizaram uma avaliação prática dos aspectos ergonômicos em uma biblioteca setorial universitária. A avaliação ergonômica realizada foi dividida em quatro grandes categorias: fatores ambientais (ruídos, iluminação, clima); postura e movimentos; informações visuais e trabalho ergonômico; informações visuais e operacionais; e tarefas e cargos.

Para Blattman e Borges (1998), as atividades que recebem uma maior aplicação ergonômica na biblioteca avaliada são, ainda, as de tarefas e cargos. Os aspectos que recebem menor aplicabilidade são os dos fatores ambientais (ruídos, iluminação e clima). É sugerido que arquitetos, engenheiros e bibliotecários avaliem estes fatores para traçar diretrizes que provoquem melhorias na questão dos fatores ambientais.

A postura e movimento também foram analisados e verificou-se que há necessidade de orientação quanto a procedimentos mínimos para uma postura correta.

Por fim, Blattman e Borges (1998) concluem que as condições de trabalho influenciam tanto os funcionários quanto os usuários da biblioteca. Relatam que é difícil identificar quais os fatores que causam os maiores impactos, por estarem interligados. Reforçam que “[...] na medida que as condições de trabalho são mais adequadas às devidas funções, observa-se maior comprometimento das pessoas e satisfação no exercício de suas funções.” (BLATTMAN; BORGES, 1998, p. 63).

Assim, a Ergonomia em bibliotecas envolve várias questões, desde a estrutura física do local até uma avaliação de como o bibliotecário irá realizar suas atividades. Todos esses aspectos influem em sua produtividade, e mais especificamente, em seu bem-estar.

#### *3.4.2.1 A Instalação Física da Biblioteca Universitária*

Cunha (2000) relata que as bibliotecas têm convivido com problemas quanto às suas instalações e áreas físicas. Segundo o autor, há deficiência quanto ao espaço para acomodar o acervo e para prestar melhores serviços aos usuários. Aliás, Cunha (2000) reitera que o espaço para acomodar a coleção sempre foi uma preocupação, e que a automação trouxe profundas mudanças no espaço da biblioteca, levando os seus administradores a refletir no que deveria ser feito para

solucionar os problemas das instalações e das demandas decorrentes do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Assim, ressalta que

[...] muitos prédios foram concebidos para dar suporte a sistemas que não utilizam muitos equipamentos e, como consequência, não possuem os sistemas de comunicação, elétrico e de iluminação requeridos para apoiar os modernos programas informacionais. (CUNHA, 2000, p. 78).

Muitas bibliotecas universitárias foram construídas ou reformadas sem a consulta aos bibliotecários, e mais do que isso, outras tantas apenas tomaram lugares de antigas salas, departamentos, laboratórios, restaurantes, sem a preocupação de adaptação do local às necessidades da equipe de trabalho, aos equipamentos e móveis necessários para o bom andamento das atividades meio e fim da biblioteca, aos usuários e ao acervo, este último, que requer alguns cuidados especiais.

Para se evitar uma série de problemas futuros com o espaço, com a equipe e com a conservação do acervo, bem como desfrutar da sensação de bem-estar que um ambiente bem estruturado e arejado traz, o planejamento físico da biblioteca é fundamental. Para a plena execução deste, Petzhold (2006) menciona que é necessário um trabalho interdisciplinar entre a equipe da biblioteca, bibliotecário, engenheiro e arquiteto.

Logicamente, o ideal seria começar “do zero”, planejando toda a estrutura física da biblioteca. Quando esta encontra-se já estabelecida, os esforços precisam ser redobrados para mobilizar a equipe, e demais envolvidos, em torno de um mesmo objetivo.

Um fator importante no planejamento físico da biblioteca universitária é o leiaute. Para Wihelms<sup>9</sup>, ele: “É o resultado final de um estudo sistemático que procura uma combinação ótima de todas as instalações, materiais e pessoas que concorrem para a fabricação de um produto ou para execução de um serviço, dentro de um espaço disponível.” E ainda menciona que ele deve ser revisado periodicamente, pois “[...] é dinâmico, tem vida, movimentos e prazo de validade.”

A seguir, os objetivos do leiaute, citados pela palestrante:

- a) evitar que ocorram acidentes e incidentes;
- b) prevenir contra as doenças ocupacionais;

---

<sup>9</sup> WILHELMS, Tânia Marli Stasiak, arquiteta, especialista em Segurança do Trabalho em Ergonomia. **Palestra sobre Leiaute em Bibliotecas ministrada na Disciplina Gestão de Recursos Informacionais.** Porto Alegre, 06 nov. 2006.

- c) melhorar o nível das condições ambientais;
- d) motivar e gerar a satisfação dos trabalhadores;
- e) administrar de maneira mais adequada a ocupação dos espaços;
- f) estimular o aumento da produção;
- g) minimizar custos indiretos;
- h) diminuir o tempo de manufatura;
- i) adequar os equipamentos e mão-de-obra para uma melhor utilização;
- j) diminuir a movimentação de materiais no setor/unidade;
- k) auxiliar na melhora da supervisão/coordenação;
- l) reduzir os congestionamentos;
- m) aumentar a qualidade;
- n) aumentar a flexibilidade.

Dessa maneira, uma adequada organização do leiaute beneficia todos aqueles que trabalham e, no caso das bibliotecas, também tem forte influência sobre os usuários e sobre o acervo.

#### *3.4.2.2 Condições Ambientais*

Souza e Silva (2007) relatam que o enfoque dado aos trabalhos na área da Biblioteconomia, na atualidade, diz respeito às agressões físicas, humanas e de agentes biológicos a que estão submetidos os acervos. Mencionam que não são mencionadas as mínimas medidas que visam a integridade da saúde física dos bibliotecários, mas sim apenas delegam ao profissional a responsabilidade sobre a preservação e conservação dos materiais.

A pouca preocupação com o aspecto ergonômico em bibliotecas é fato verificado por diversos autores (BLATTMAN; BORGES, 1998; SOUZA; SILVA, 2007), porém, também deve ser levado em consideração que preservar o acervo significa, em parte, preservar a saúde dos bibliotecários. Vários são os agressores do acervo, e estes podem também interferir na saúde da equipe e dos usuários de bibliotecas.

### 3.4.2.2.1 Iluminação

A importância da luz se reflete na segurança, saúde, conforto e emoção que proporciona ao ser humano. Sem a luz não há visão, mesmo que os olhos estejam perfeitamente saudáveis. A visão não é executada pelos olhos (estes, são “lentes”) e sim pelo cérebro, que transforma uma imagem em impulsos nervosos que são encaminhados a todo o córtex cerebral. Cérebro e corpo estão ligados quimicamente, e os olhos são o primeiro umbral para as emoções humanas (COSTA)<sup>10</sup>.

Segundo o autor, as radiações azuis, violetas e ultravioletas prejudicam o acervo da biblioteca e cuidados devem ser tomados com respeito ao desbotamento das cores. As radiações ultravioletas devem ser combatidas com o uso de filtros, colocados à frente das lâmpadas ou revestindo janelas. A radiação infravermelha provoca o calor que fragmenta os compostos orgânicos, tornando-os frágeis e rachados. Pode ser atenuada com o controle da temperatura do ambiente.

Dentre as características das lâmpadas incandescentes e fluorescentes, Costa menciona que a primeira baseia-se no aquecimento de um filamento até a incandescência, liberam muito calor (90% de radiação infravermelha, 10% de luz) e emitem muito pouco de radiação ultravioleta. Em relação à lâmpada fluorescente, menciona que baseia-se no princípio de descarga elétrica através de gases, emite muito pouco calor e a radiação produzida é, sobretudo, ultravioleta.

Ou seja, enquanto a lâmpada fluorescente “desbota” o material, a incandescente gera calor provocando alterações no papel. Assim, Costa recomenda a utilização em bibliotecas de uso público as lâmpadas fluorescentes com excelentes índices de reprodução de cor e com um mínimo de radiação ultravioleta. Nas bibliotecas particulares podem ser empregadas as lâmpadas incandescentes, com uso de fibras ópticas para que as radiações possam ser praticamente eliminadas. Para decidir qual tipo de lâmpada utilizar, o autor recomenda também a observação dos dados relativos à lâmpada, como o índice de reprodução de cor (mínimo de 85%) e a temperatura de cor (de 3500 a 4500 K<sup>13</sup>).

Verifica-se, então, que existem certos cuidados a serem tomados para que a iluminação das bibliotecas não venha a prejudicar o acervo, todavia, há implicações

---

<sup>10</sup>COSTA, Gilberto José Corrêa. **Iluminação em Bibliotecas**. Texto não publicado.



maiores quando se trata da saúde dos profissionais que nelas trabalham.

Segundo a NR 17 (BRASIL, 1990), a iluminação (natural ou artificial, geral ou suplementar) deve ser adequada à natureza da atividade realizada. Deve ser uniformemente distribuída e difusa, sem causar ofuscamento, reflexos incômodos, sombras e contrastes excessivos. Os valores de iluminância são estabelecidos pela NBR 5413 Iluminância de Interiores (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992), norma brasileira registrada no INMETRO. Essa norma define campo de trabalho como: “Região onde, para qualquer superfície nela situada, exigem-se condições de iluminância apropriadas ao trabalho visual a ser realizado.”

Tanto a NR 17 (BRASIL, 1990) quanto a NBR 5413 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992) mencionam a medição dos níveis de iluminamento, no campo de trabalho, em um plano horizontal a 0,75m (setenta e cinco centímetros) do piso. Porém, a NR 17 (BRASIL, 1990) ainda recomenda outros ângulos de medições.

A NBR 5413 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992) traz as iluminâncias em lux, por tipo de atividades. No caso abaixo, em bibliotecas:

Tipo de atividades (valores médios em serviço)	Iluminância (lux)		
	Baixa	Média	Alta
Sala de leitura	300	500	750
Recinto das estantes	200	300	500
Fichário	200	300	500

Quadro 1 – Iluminância em Bibliotecas

Fonte: Adaptado de ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992, p. 3

No Quadro 1 (chamado pela norma de “Tabela”) da NBR 5413 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992), traz as iluminâncias por classe de tarefas visuais. Para as atividades do bibliotecário, seria interessante observar o item B (iluminação geral para a área de trabalho), onde constam as iluminâncias de 500, 750 e 1000 lux.

Nesses casos, e em outros mencionados na NBR 5413 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992), a iluminância média deve ser adotada, exceto quando os valores mais altos ou mais baixos devam ser utilizados, conforme explica a Norma.

Costa<sup>11</sup> menciona que a avaliação da iluminância deve ser também qualitativa, ou seja, nos casos das pessoas com mais de 60 anos, a iluminação deve ser mais elevada, conforme a Tabela 2 da NBR 5413 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992).

O autor ainda recomenda que a iluminação (do acervo em geral) deve ser realizada entre as estantes, de forma contínua, no sentido vertical e que esta seja realizada por lâmpadas fluorescentes para a total visibilidade na busca das obras. Ao se referir às mesas de estudo, a iluminação não deve causar sombras nítidas, pois provocaria fadiga visual.

Costa afirma que os computadores devem estar localizados de maneira que não haja reflexos da luz sob a tela.

Dessa maneira deve-se levar em consideração todo o ambiente de trabalho, os seus circulantes, as tarefas realizadas, o material exposto, como também, as reações que se quer promover nas pessoas. Enfim, iluminar é adequar as fontes luminosas de maneira que beneficiem o homem e o ambiente em geral.

#### **3.4.2.2 Acústica**

Barbosa (2005) menciona que em uma biblioteca, o tratamento acústico é muito importante, pois o som exerce uma grande influência no ser humano, podendo relaxá-lo, irritá-lo e até mesmo afetá-lo em suas funções motoras e psicológicas, comprometendo o seu desempenho.

A NR 17 (BRASIL, 1990) esclarece que os níveis de ruído devem ser estabelecidos de acordo com a NBR 10152 Níveis de Ruído para o Conforto Acústico (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1987), norma brasileira registrada no INMETRO, com algumas observações.

Segundo a NBR 10152 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1987) os limites de ruído para usuários de bibliotecas, especialmente, devem variar entre 35 decibéis (dB) e 45dB. No entanto, para a NR 17 (BRASIL, 1990), o nível de conforto para o trabalhador (neste caso, para o bibliotecário) é de até 65 dB.

---

<sup>11</sup>COSTA, Gilberto José Corrêa. **Iluminação em Bibliotecas**. Texto não publicado.

As bibliotecas parecem ser lugares absolutamente silenciosos, no entanto, existem vários fatores capazes de provocar desconforto acústico, especialmente em bibliotecas universitárias, como será demonstrado a seguir.

O relatório do projeto de pesquisa *Gestão Ambiental e Qualidade de Vida Urbana: controle da poluição sonora* relata o resultado da avaliação dos níveis de ruídos na Biblioteca Central da Universidade Católica de Brasília (UCB) – Prédio Santa Maria Mazzarello, nos anos de 2000 e 2001. Garavelli et al. (2001) revelam que, no primeiro ano, os níveis de ruído estavam demasiadamente acima daqueles recomendados pela NBR 10152 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1987): nível de pressão sonora equivalente total de 63,3dB; em espaços abertos com trabalhos em grupo ou circulação de pessoas, 64,9dB; 59,3dB na entrada principal; espaços individuais de estudo ou trabalho com 55,8 dB; e no setor de multimeios, 56,1dB. Foram realizadas várias medições em dias, turnos e horários nos meses de junho/2000, julho/2000 (férias) e junho de 2001.

Garavelli et al. (2001) mencionam que os efeitos da poluição sonora são cumulativos e vão se desenvolvendo com o tempo gerando, por exemplo, surdez, desequilíbrios psíquicos e doenças físicas degenerativas. Entre os principais efeitos estão: perda da concentração, dos reflexos, da inteligibilidade das palavras, da audição até a surdez permanente, irritação permanente, insegurança quanto à eficiência dos atos, embaraço nas conversações, impotência sexual, dores de cabeça, estresse, fadiga, loucura, distúrbios cardiovasculares (aumento da frequência cardíaca, por exemplo) e hormonais, gastrite e outras disfunções digestivas, alergias, e contração dos vasos sanguíneos. O manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001) também ressalta a influência do ruído sobre o aparelho músculo-esquelético, fato comentado na parte dedicada às Lesões por Esforço Repetitivo (LER) e/ou Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (DORT).

Dentre as principais fontes de poluição sonora encontradas na biblioteca estudada, Garavelli et al. (2001) descreve: as roletas com funcionamento mecânico para o controle da entrada e saída de usuários; o trabalho em grupo de alunos no térreo no *hall*; as mesas de estudo em grupo e individual na parte interna voltadas para o *hall* e a movimentação de veículos em certos horários na área interna da UCB e na avenida Pistão Sul.

Das sugestões para a redução dos níveis de ruído foram recomendadas: a substituição das roletas mecânicas por digitais; a retirada do trabalho em grupo dos

alunos do hall do térreo trocando esta atividade com a sala de referência; colocação das atividades de estudo, leitura e pesquisa em grupo e individual na parte externa e as estantes de livros na parte interna dos espaços e de forma não alinhada para amortecer os ruídos; divisórias com isolamento acústico para a separação dos espaços de trabalho em grupo e, se possível, também para o trabalho individual; reforço no isolamento acústico do paviflex do piso onde há maior circulação e movimentação de pessoas; cartazes e lembretes para lembrar as pessoas do silêncio; e a longo prazo, outras medidas estruturais para evitar a propagação de ruído, e a colocação de forro acústico no teto de toda biblioteca (GARAVELLI et al., 2001).

Para terminar, dadas as sugestões para amenizar o problema desconforto acústico, foi verificada uma pequena queda nos níveis de ruído, embora ainda ultrapassasse as recomendações da NBR 10152 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1987).

Barbosa (2005, p. 59), em sua monografia, menciona medidas semelhantes com as já citadas para combater o desconforto acústico, além de recomendar outras:

[...] desacoplar as fontes de ruído de impacto das paredes e dos pisos, tais como: máquinas e equipamentos: apoios elásticos (molas, sapatas de neoprene); dutos e tubulações: quando embutidos nas paredes podem ser revestidos com materiais absorventes (lã de vidro, lã de rocha); atividades de impacto sobre lajes de piso: pisos flutuantes, manta de material elástico ou absorvente entre a laje e o contra-piso atenuam o ruído de passos e arrastar de móveis. Outra forma de abrandar ruídos é o zoneamento das instalações da biblioteca, posicionando os setores que possuem atividades mais barulhentas das áreas menos barulhentas e relativamente silenciosas; utilizar pisos sintéticos para abafar o barulho dos passos e colocar cartazes solicitando silêncio.

Em relação às bibliotecas da UFRGS, Fleck (2004) verificou que há queixas dos ruídos produzidos por usuários, por aparelhos de ar-condicionado e por uma rua movimentada que passa ao lado de uma das bibliotecas. Assim, embora os níveis de ruído em uma biblioteca não possam ser tão extremos e constantes como aqueles em que os trabalhadores necessitam usar equipamentos de proteção (a partir de 85dB), deve-se ter atenção quanto ao ruído nas unidades de informação, pois atrapalham as atividades mentais dos usuários e também dos bibliotecários que necessitam, em certos momentos, de silêncio e concentração para realizar algumas de suas atividades. Assim, a equipe da biblioteca também pode sofrer com o desconforto acústico, especialmente pela exposição prolongada, que causa irritação e sensação de impotência.

### 3.4.2.2.3 Temperatura e Umidade

Mársico (2004) menciona que a fibra do papel perde e absorve água de acordo com o nível de umidade do local onde está armazenada. O papel então se dilata e se contrai com o excesso ou escassez de umidade. Isto fragiliza sua fibra e provoca rachaduras.

O autor menciona que a temperatura e umidade elevadas, juntamente com a falta de aeração, proporcionam um ambiente favorável ao desenvolvimento de fungos, insetos, roedores e bactérias.

Mársico (2004) indica a utilização de desumidificadores (para locais úmidos), umidificadores (para locais secos) e aparelhos de ar refrigerado (para o controle da temperatura).

O autor recomenda uma temperatura de 22°C a 25°C, e uma umidade relativa de 55%. Para medir a temperatura indica os termômetros e para a umidade, os higrômetros. Também pode-se utilizar o termoigrômetro (união dos dois equipamentos).

Trinkley (2001) afirma que a taxa de deterioração do papel dobra a cada aumento de 7,8°C na temperatura e que níveis de 60% de umidade relativa (UR) estão no limite para ocasionar danos no acervo. O autor menciona que não há consenso entre os níveis de temperatura e umidade ideais para uma biblioteca, e ainda relata que controlar a umidade é tarefa mais primordial do que controlar a temperatura. Apresenta um quadro com recomendações gerais, que retirou de diversas fontes, apresentadas abaixo<sup>12</sup>.

Para um ambiente de preservação recomenda:

---

<sup>12</sup>LULL, William P.; BANKS, Paul N. **Conservation Environment Guidelines for Libraries and Archives**. Ottawa: Canadian Council of Archives, 1995.  
SOUTHEASTERN LIBRARY NETWORK. **Environmental Specifications for the Storage of Library & Archival Materials**. Atlanta, [1990?].  
THOMSON, Gary. **The Museum Environment**. 2nd ed. London: Butterworths, 1986.

<b>Material</b>	<b>Umidade relativa</b>	<b>Temperatura</b>
Papel	40% - 50%	18,3° – 21,1°C
Filme	30% - 40%	12,8° – 18,3°C
Couro	50% - 55%	Material pouco pesquisado
Pergaminho	40% - 45%	Material pouco pesquisado

Quadro 2 – Umidade Relativa e Temperatura para os Materiais de Bibliotecas  
 Fonte: Adaptado de Trinkley, 2001, p. 55

Um dos pesquisadores considerou que a UR pode variar cerca de 3% diariamente e 6% conforme as estações do ano. E a temperatura pode variar cerca de 2,8% (TRINKLEY, 2001).

Para a conservação do acervo, é necessário lembrar que níveis baixos de temperatura não funcionam por si só. Isso porque, se o usuário sair com esse material “resfriado” da biblioteca, promoverá um “choque térmico” prejudicando sua estrutura, sem mencionar na sua saúde que será afetada e no bem-estar daqueles que trabalham na biblioteca.

A NR 17 (BRASIL, 1990) recomenda, para pessoas, o índice de temperatura efetiva entre 20°C e 23°C . A velocidade do ar não deve ser superior a 0,75m/s; e a umidade relativa do ar não deve ser inferior a 40%.

Trinkley (2001, p. 55) ainda afirma que os usuários não estão dispostos a freqüentar uma biblioteca com uma temperatura de 15,5°C durante todo o ano, e que níveis de umidade de 30% (bom índice para a conservação dos materiais) “[...] poderiam contribuir para o desenvolvimento de infecções respiratórias das vias superiores entre os funcionários e os usuários.”

Como as recomendações de temperatura e umidade variam, o bibliotecário que preferir ter o controle delas, deverá consultar um especialista que fará uma avaliação das oscilações de temperatura e umidade, e verificará qual o melhor índice a ser adotado.

#### **3.4.2.2.4 Riscos de Ordem Biológica**

Para Souza e Silva (2007), os riscos de ordem biológica (que afetam o homem) em bibliotecas são advindos dos produtos químicos utilizados para exterminar fungos, roedores e insetos; e para a conservação dos documentos informacionais.

Todavia, há outros riscos causados pelos próprios agentes biológicos de degradação que podem afetar diretamente a saúde do bibliotecário e sua equipe, como roedores, insetos e fungos.

Para Mársico (2004), o principal fator de ocorrência de insetos e roedores, na biblioteca, é a atratividade dos alimentos introduzidos pelo homem. Na maioria dos casos, o método utilizado para combatê-los é a desinfestação com o uso de produtos químicos.

Para o autor, os insetos mais comuns encontrados em acervos são as traças, as baratas, os anóbios e os cupins.

Mársico (2004, p. 4) destaca as estratégias de prevenção contra estes agentes:

- manter o local de guarda do acervo longe de fontes de alimentos
- evitar comer e manter alimentos no local de guarda do acervo
- evitar que a cantina ou refeitório fiquem em sala ao lado de guarda do acervo
- retirar o lixo do dia após o final do expediente, evitando o pernoite do lixo
- substituir os vidros quebrados das janelas
- arejar os armários onde os livros estejam guardados, abrindo suas portas por algumas horas.

Para o autor, a temperatura e umidade elevadas também contribuem para a proliferação destes agentes, sendo que o seu controle, além da sistematização da higienização são requisitos básicos para o controle dos mesmos.

Outro risco biológico que pode comprometer o ambiente de trabalho é o fungo, popularmente chamado de mofo ou bolor.

Os fungos são seres vivos pertencentes ao Reino Fungi. Mársico (2004) relata que eles instalam-se em matérias orgânicas para poder extrair os nutrientes de que precisam. Segundo o autor (2004, p. 4): “Os principais fatores que acarretam a proliferação dos fungos são os seguintes: a temperatura elevada, umidade do ar elevada e ar estagnado. Ao se aliarem estes três fatores, os fungos encontram o ambiente ideal para a sua proliferação.”

A seguir, serão relatados alguns casos de contaminação fúngica em bibliotecas e de ocorrência alérgica nos trabalhadores, e também em moradores da cidade de Porto Alegre.

O acervo da biblioteca de Manguinhos, da Fundação Oswaldo Cruz, sofreu um ataque fúngico, em fins de dezembro de 1996. A unidade possuía aproximadamente 620.000 volumes e ficou interditada por cerca de cinco meses (BORTOLETTO; MACHADO; COUTINHO, 2002).

Os autores relatam que, segundo o diagnóstico das causas, a contaminação (por oito espécies de fungos) ocorreu devido aos seguintes fatores: falta de correntes de ar impedindo níveis adequados de temperatura e umidade; infiltração ocorrida pela falta de dutos nas calhas e vedação insuficiente das esquadrias; falhas de vedação nas portas, que acabou por prejudicar o funcionamento do sistema de ar-condicionado central; e a principal causa foi a completa falta de operacionalidade do ar-condicionado central, devido à falta de manutenção e equalização correta do sistema.

Foram tomadas as medidas de intervenção estrutural necessárias à resolução dos problemas acima citados, e medidas de intervenção corretiva como: duas fumigações, uma antes e outra depois da higienização do acervo (limpeza mecânica com a utilização de aspirador de pó com filtro de água) e das superfícies fixas (com composto de ação antifúngica de baixa toxicidade ao ser humano). Para as medidas preventivas, foram adotados: o controle de qualidade dos ambientes interiores, a manutenção das condições de temperatura e umidade, e a realização de processos adequados de higienização (BORTOLETTO; MACHADO; COUTINHO, 2002).

Quanto aos trabalhadores, foram expostos à contaminação 122 funcionários. Dentre eles, 50% tiveram queixas dermatológicas, 38% queixas respiratórias, e 23% outras queixas. Entre uma amostra de 25 trabalhadores, quatro apresentaram sintomas dermatológicos compatíveis com processos alérgicos (possivelmente em relação à contaminação) e um caso relacionado especificamente à exposição fúngica. Quanto às alterações respiratórias, na Prova de Função Respiratória, dos 70 trabalhadores avaliados, nove sofreram algum tipo de alteração. Porém, nenhum exame detectou alteração pulmonar compatível com a lesão causada pelo fungo *Aspergillus*.

Por fim, no exame clínico (entre 97 trabalhadores), foi constatado que seis indivíduos sofreram alterações em virtude da contaminação fúngica e foi aconselhado que 27 realizassem novamente os exames. Desta maneira, as medidas



necessárias à eliminação da contaminação, conservação do acervo e cuidados com a saúde dos trabalhadores foram tomadas.

Outro caso de contaminação fúngica aconteceu na biblioteca de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Ceará, especificamente, na sala de periódicos. Em decorrência do grande número de pessoas que queixava-se de algum tipo de alergia, foi realizado um estudo sobre a vida fúngica anemófila na sala. Foram detectados treze gêneros fúngicos anemófilos, sendo os mais freqüentes: *Aspergillus* sp., *Penicillium* sp., *Curvularia* sp., *Cladosporium* sp. e *Myceila sterilia*. Conclui-se que a sala de periódicos constituía-se em um ambiente insalubre, podendo ocasionar alergias respiratórias em seus freqüentadores (MENEZES; ALCANFOR; CUNHA, 2006).

Os autores mencionam que os fungos encontrados na poeira e no ar (esporos) podem causar rinites, sinusites alérgicas, asma etc, pois são agentes alergizantes. Para o controle das manifestações alérgicas, é necessário conhecer a freqüência com que ocorre determinado fungo anemófilo, em relação ao nível de exposição do indivíduo ou do número de amostras isoladas. Algumas pessoas possuem uma predisposição genética para desenvolver doenças alérgicas, todavia, existem outros fatores, sobretudo ambientais, em relação à exposição fúngica.

Menezes, Alcanfor e Cunha (2006) explicam que os fungos também podem ser encontrados diretamente nos livros e constituem agentes poluidores, especialmente em bibliotecas universitárias, causando além dos males respiratórios, micoses. Para os autores, os mais importantes fungos desencadeadores de alergias respiratórias são: *Aspergillus* sp., *Penicillium* sp., *Alternaria* sp. e *Cladosporium* sp. Estes fungos foram encontrados na sala de periódicos da Biblioteca. E inclusive, o *Aspergillus* sp., que é um dos principais fungos anemófilos do mundo, estava constantemente presente no referido setor.

Outra pesquisa, agora realizada em 28 bibliotecas universitárias da cidade de São Paulo, constatou a presença fúngica nos livros e no ar atmosférico em concentrações elevadas. Quanto aos sintomas de asma ou rinite, 314 bibliotecários foram interrogados, e destes, 154 (49%) mencionaram sintomas de rinite ou de asma, sendo que 80% (12) estavam relacionados ao ambiente de trabalho. Foi realizada uma prova cutânea, com 20 alérgenos fúngicos daqueles encontrados nas bibliotecas. O resultado foi de 18 bibliotecários com provas positivas, onde doze mencionaram sintomas de rinite e seis eram assintomáticos. (GAMBALE et al., 1993).

Para finalizar a questão dos fungos, foi realizado um estudo na cidade de Porto Alegre com os objetivos de: “Identificar e caracterizar a frequência e a concentração de esporos de fungos anemófilos em Porto Alegre.” e “Determinar a prevalência de sensibilização a estes fungos em indivíduos atópicos.” (MEZZARI et al., 2003, p. 270).

Os autores descrevem que foi utilizado o coletor aeroscópico *Rotorod Sampler*, modelo 40, e este foi colocado no topo do edifício de cinco andares da Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre. Após as coletas (24 horas, uma vez por semana, durante um ano), foram realizados testes com os indivíduos atópicos com asma ou rinite, dos quais quinze (38%) sofreram a sensibilização pelos fungos anemófilos coletados.

Dessa maneira, pode-se verificar a importância do reconhecimento destes agentes biológicos e de suas conseqüências à saúde do homem, especialmente, quando este está submetido ao trabalho em um ambiente fechado. Destaca-se a necessidade dos processos de higienização e a qualidade do ar nos ambientes interiores.

#### **3.4.2.2.5 Poluição atmosférica**

Mársico (2004) menciona que os poluentes atmosféricos constituem-se em gases e partículas. Podem ser citados os gases que são dispersos pelos carros, pelas fábricas, pela queima de lixo etc., e ficam suspensos no ar, além da poeira do “dia-a-dia”. O autor relata que esses poluentes se depositam sobre os livros e aceleram a acidificação porque catalisam reações químicas que levam à formação de ácidos nos materiais. A deposição de poeira causa, não apenas prejuízos à estética dos documentos, mas também favorecem a proliferação de microorganismos.

Os gases (principalmente o dióxido de enxofre, os óxidos de nitrogênio, os peróxidos e o ozônio), quando em contato com os materiais, provocam uma degradação muito rápida, também relacionada aos níveis de umidade (MÁRSICO, 2004).

Um dano muito presente em livros e documentos são as chamadas manchas d'água. Possuem um tom marrom, como se um líquido tivesse sido derramado sobre

o papel. São resultantes do acúmulo de poeira na superfície do documento, aliado à umidade elevada. Além de graves problemas estéticos, as manchas causam também danos à estrutura do papel, fragilizando-o (MÁRSICO, 2004).

O autor menciona alguns métodos que podem ser adotados para melhorar a qualidade do ar e conseqüente preservação do acervo: utilização de aparelhos de ar refrigerado e sistemas de ventilação com acoplamento de filtros para ar, sem esquecer da manutenção e troca dos mesmos; existência de uma política de higienização do acervo, para evitar o acúmulo de poeira na superfície dos livros e documentos; e o conserto de janelas quebradas, bem como o seu fechamento, se estiverem localizadas perto de fontes de poluição.

Tão importante quanto a higienização do acervo (e até mais, devido à quantidade de vezes em que é realizada) é a higienização do assoalho. Mársico (2004, p. 8-9) recomenda:

A remoção da poeira depositada no assoalho deve ser feita com cuidado, a fim de evitar o seu deslocamento para a superfície das estantes e para os livros. Idealmente deve ser realizada com o auxílio de aspirador de pó, pois assim evita-se que a poeira fique em suspensão. Não se deve utilizar vassoura ou espanadores como na higienização doméstica, esse procedimento faz com que a poeira se desloque de um local para outro. Procurar utilizar, na impossibilidade de ter aspirador de pó, a vassoura revestida de pano levemente umedecido. É necessário que a poeira grude no pano, evitando o seu deslocamento para outra área do acervo. Pode-se também utilizar o pano levemente umedecido em mistura de lisoform e álcool, (uma parte de lisoform para duas partes de água) para evitar a proliferação de microorganismos. Em todo esse processo é fundamental que o pano de chão nunca esteja molhado. Para saber se está no ponto correto de utilização, deve-se torcer o pano até não pingar nenhum excesso líquido. Ao ficar saturado de sujidade, o pano deve ser lavado ou substituído por outro. A utilização do pano sujo causará apenas o deslocamento de sujidade de uma área para outra.

Para Mendes (2003, p. 1748), a limpeza “[...] evita fontes secundárias de contaminantes e riscos para a segurança, e também tem um efeito positivo ao bem-estar e na moral dos trabalhadores.” O autor recomenda a utilização de métodos úmidos ou aspirador de pó.

Souza e Silva (2007, p. 133) relatam que: “Locais com intensa concentração de poluição, fuligem asfáltica, poeira, poluição sonora e grande incidência de *stress* não são acidentais ou meras exceções na trajetória profissional do bibliotecário.”

Os autores mencionam que além dos locais de trabalho não serem adequados na maioria das vezes, não há a oferta de equipamentos e utensílios de segurança para aqueles que trabalham em bibliotecas.

Denunciam a má conservação e irregular limpeza dos aparelhos de ar condicionado que, acabam por se tornar um fator de agravo à saúde.

Mencionam que há, por vezes, uma “recomendação” para o uso de máscaras e luvas e não a utilização obrigatória, que por sua vez, é necessária para o manuseio comum de qualquer material e não somente no momento de limpeza. Relatam que os riscos mais evidentes são aqueles relacionados aos olhos, braços, colo e pernas do profissional bibliotecário e que os equipamentos de segurança, muitas vezes, não são fornecidos ou utilizados.

Cabe ressaltar que não apenas a biblioteca ou a instituição falham neste momento, muitas vezes, a não utilização de um material também é decorrente da resistência em seu uso, conseqüência do desconhecimento das reais necessidades de cuidado para com a saúde ou evitação do desconforto que os equipamentos ou utensílios de segurança podem causar.

#### *3.4.2.3 Considerações sobre o Trabalho em Computadores*

Mendes (2003) menciona as dificuldades de observação dos problemas oriundos do trabalho, pois este tornou-se automatizado, prejudicando uma visão mais natural das situações.

Brandimiller (2002) menciona que o conforto no trabalho está relacionado com a eficiência e a qualidade no trabalho e a sua busca também é um passo importante na prevenção de doenças. Para o autor (2002, p. 150): “O confortável é simplesmente quando nada se sente.” E adverte que, tanto o conforto como o desconforto são subjetivos porque as pessoas são diferentes, e os ambientes, o tipo de tarefas e o tempo de duração delas variam conforme cada situação.

Em relação ao trabalho em microcomputadores ou terminais com monitor ou teclado, Brandimiller (2002) destaca que os fatores de conforto mais comprometidos são: o conforto visual e o conforto corporal. Também menciona alguns dos obstáculos na busca do conforto neste tipo de trabalho: a falta de informações, a organização do trabalho, a intensidade do trabalho mental e as limitações de escolha do trabalhador.

O autor relata que a falta de informações diz respeito, por exemplo, a questões melhoria das condições de trabalho, dos limites do corpo do trabalhador e de como evitar a sobrecarga e fadiga.

A organização do trabalho, para Brandimiller (2002), foi modificada pela modernidade. Antigamente, havia a necessidade de que o empregado se deslocasse por diversos setores e fizesse diferentes tipos de trabalho como atender o telefone ou fazer anotações em documentos. Esse tipo de procedimento evitava o desconforto e a fadiga. Hoje em dia, a maioria das informações necessárias ao desenvolvimento do trabalho, estão disponíveis no monitor em frente ao trabalhador. Isso impede que ele circule pelo ambiente e torna o trabalho mais exaustivo, sobrecarregando a visão e o corpo em geral.

Quanto à intensidade do trabalho mental, o autor menciona que o cérebro não descansa o quanto deveria quando se trabalha em um microcomputador ou terminal informatizado, pois precisa acompanhar constantes mudanças e atualizações. Assim, o trabalho mental intenso tensiona o organismo, os músculos posturais e desativa os reflexos automáticos do corpo de mudar de posição quando sente desconforto.

Para completar, Brandmiller (2002) afirma que, para o trabalhador, há limitações na escolha dos equipamentos e mobiliário: as opções que o mercado oferece e seus preços, e o leiaute do posto de trabalho, quando já está montado e não é permitido fazer modificações.

Dessa maneira, a informatização dos processos, além de benefícios, trouxe também questões que devem ser repensadas para se evitar uma série de possíveis problemas na saúde dos trabalhadores.

### 3.4.3 Sobrecarga no Sistema Osteomuscular

A Instrução Normativa do INSS/DC Nº 98, de 05 de Dezembro de 2003 (BRASIL, 2003)<sup>13</sup>, refere-se às Lesões por Esforço Repetitivo (LER) e ao Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (DORT) como eventos similares. Segundo a Instrução (BRASIL, 2003):

São resultado da combinação da sobrecarga das estruturas anatômicas do sistema osteomuscular com a falta de tempo para sua recuperação. A sobrecarga pode ocorrer seja pela utilização excessiva de determinados grupos musculares em movimentos repetitivos com ou sem exigência de esforço localizado, seja pela permanência de segmentos do corpo em

---

<sup>13</sup>Documento eletrônico.

determinadas posições por tempo prolongado, particularmente quando essas posições exigem esforço ou resistência das estruturas músculo-esqueléticas contra a gravidade. A necessidade de concentração e atenção do trabalhador para realizar suas atividades e a tensão imposta pela organização do trabalho, são fatores que interferem de forma significativa para a ocorrência das LER/DORT.

Segundo o manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p. 426) no grupo das LER/DORT

[...] se entrelaçam inúmeros fatores causais, entre eles exigências mecânicas repetidas por períodos de tempo prolongados, utilização de ferramentas vibratórias, posições forçadas, fatores da organização do trabalho, como, por exemplo, exigências de produtividade, competitividade, programas de incentivo à produção e de qualidade.

Ramazzini, em 1700, observou as causas das doenças a que escribas e notários estavam submetidos. Na edição de 2000, página 237, elas estão descritas: “[...] primeira, contínua vida sedentária; segunda, contínuo e sempre o mesmo movimento da mão; e terceira, atenção mental para não mancharem os livros e não prejudicarem seus empregados nas somas, restos ou outras operações aritméticas.” Na mesma edição, página 238, estão os detalhes: “A necessária posição da mão para fazer correr a pena sobre o papel ocasiona não leve dano que se comunica a todo braço, devido à constante tensão tônica dos músculos e tendões, e com o andar do tempo diminui o vigor da mão.”

Suas considerações sobre a posição da mão lembram, em muito, as LER/DORT. Além disso, é interessante notar que o médico menciona a “atenção mental”, fazendo referência ao conteúdo psíquico da tarefa. O autor também fala do trabalho que se realiza somente em pé ou somente sentado, fazendo uma referência à Ergonomia, em termos de longos períodos na mesma posição e do tipo de organização do trabalho.

Entre os sintomas das LER/DORT, destacam-se, segundo o manual (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001): dor espontânea ou na movimentação, seja ativa ou passiva; sensações físicas de fraqueza, cansaço, peso, dormência, formigamento, sensação de diminuição, perda ou aumento de sensibilidade, agulhadas, choques; dificuldades para o uso dos membros, particularmente das mãos e, mais raramente, áreas de hipotrofia ou atrofia. No ANEXO B – RELAÇÃO EXEMPLIFICATIVA ENTRE O TRABALHO E ALGUMAS ENTIDADES NOSOLÓGICAS (BRASIL, 2003), encontra-se um quadro explicativo

com diversos tipos de lesões, suas causas ocupacionais, exemplos e alguns diagnósticos diferenciais.

Segundo a Instrução Normativa do INSS/DC Nº 98 (BRASIL, 2003), existe interação entre diversos fatores de risco no ambiente de trabalho. Na caracterização da exposição aos fatores de risco há de se observar elementos importantes como: a região do corpo exposta, a intensidade dos fatores e o tempo de exposição a eles, e a organização da atividade (duração do ciclo, horários, pausas).

Além disso, no desencadeamento das LER/DORT, observa-se uma correlação não somente entre fatores biomecânicos e psicossociais (relacionados à organização do trabalho), mas também a fatores ligados aos desequilíbrios psíquicos gerados em determinadas situações de trabalho (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001). Nota-se que a Instrução Normativa do INSS/DC Nº 98 (BRASIL, 2003) e Ramazzini (em 1700, como se pode verificar na edição de seu livro, em 2000), também observam circunstâncias ligadas, não somente, aos fatores biomecânicos.

Quanto à dor, a mesma não segue uma estrutura linear e o comportamento do trabalhador em relação a ela, depende da interação de vários elementos como: “[...] a percepção do sintoma, sua interpretação, expressão e comportamentos de defesa.” Tanto os fatores culturais quanto os sociais devem ser considerados. Além disso, a dor é acompanhada de reações cognitivas e emocionais (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p. 427).

Todavia, ao se observar os fatores de ordem psicossocial e sociocultural, é importante reconhecer: os casos biomecanicamente determinados; as diferenças clínicas entre os casos; as características individuais e os riscos biomecânicos evidentes (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001). Ou seja, há situações em que a dor é causada especificamente por um “meio físico”.

Como já mencionado brevemente, a dor tem uma relação, não somente com o os fatores biomecânicos, mas também com os psicológicos.

Segundo estudos e conforme descreve o manual (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p. 426), os

[...] trabalhadores submetidos a altos níveis de exigências psicológicas no trabalho e com poder de decisão têm um aumento do limiar da dor, enquanto pessoas com pequenas possibilidades de decisão no trabalho apresentam menor limiar. Assim, pode-se inferir que sob altos níveis de exigência psicológica há uma maior mobilização de energia, com supressão

da sensibilidade dolorosa, o que poderia ocasionar maior risco de desenvolver, a longo prazo, alterações nos tecidos músculo-esqueléticos, uma vez que dor, como sinal de alerta, está ausente. Por outro lado, o pouco poder de decisão contribui para o desenvolvimento da depressão, o que explicaria o baixo limiar, tornando os indivíduos mais sensíveis à dor.

Ainda conforme o manual (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p. 431), as condições psicológicas influem na saúde física do trabalhador da seguinte maneira:

Em indivíduos estressados e tensos, a atividade muscular normal de repouso é mais elevada do que a média. Como consequência, a pressão entre os discos que separam as vértebras lombares seria também maior e, mais tarde, provavelmente, resultaria em patologias específicas da coluna.

Assim, se o trabalhador conseguir estabelecer estratégias para evitar, amenizar ou lidar com certos riscos (do próprio indivíduo, do mobiliário e organizacional), as doenças terão menos chances de manifestação. São recomendadas as atividades físicas como alongamento e fortalecimento de músculos localizados, atividades aeróbicas, hidroginástica, entre outras.

Após o diagnóstico da doença e posterior recuperação, o trabalhador enfrenta (e sob a observação de seus colegas) o seu maior medo: reconhecer que o seu trabalho causa ou causou a doença. Pode ser que o trabalhador, quando afastado, tenha tido um “reencontro” consigo mesmo. Também pode acontecer que, ao voltar ao trabalho, ele teça um emaranhado de ressentimentos, se seu posto passou a ser ocupado por um colega não tão esforçado quanto ele. Além disso, quando da volta ao antigo posto (agora adaptado), o indivíduo pode passar por dificuldades em desenvolver mecanismos de defesa, ou ainda ter que enfrentar a “resistência” de parte dos colegas em reconhecer sua doença (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001).

Dentre as recomendações do manual, destacam-se os seguintes incentivos:

- o aumento do controle real das tarefas por parte daqueles que as realizam;
- o aumento da participação real e efetiva dos trabalhadores nos processos decisórios da empresa;
- o enriquecimento das tarefas, eliminando atividades monótonas, repetitivas e horas extras;
- o estímulo do sentimento de que pertencem e/ou de que fazem parte de um grupo;
- o desenvolvimento de uma relação de confiança entre trabalhadores e demais integrantes do grupo, inclusive superiores hierárquicos;
- o aumento do sentimento de responsabilidade;
- o desenvolvimento de práticas gerenciais de suporte aos trabalhadores, inclusive lesionados, de modo a facilitar a adesão dos trabalhadores a programas de retorno ao trabalho (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-



AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p. 436).

Dessa maneira, a construção de um ambiente saudável de trabalho tem um valor significativo na prevenção de LER/DORT e também facilita o retorno dos trabalhadores que foram lesionados. Há de existir respeito para lidar com as situações de LER/DORT e saber distinguir diferentes olhares, interesses e limites dessa questão (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001).

Diante das questões abordadas, percebe-se uma relação estreita entre as funções físicas e emocionais dos indivíduos, sendo assim, o conteúdo psíquico da tarefa e da organização do trabalho será objeto de discussão em capítulo posterior.

#### *3.4.3.1 As Lesões por Esforço Repetitivo (LER), o Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (DORT) e a NR 17 Ergonomia*

Para a NR17 Ergonomia (BRASIL, 1990), as condições de trabalho estão relacionadas ao levantamento, transporte e descarga de materiais, ao mobiliário, aos equipamentos e às condições ambientais, além da própria organização do trabalho.

A organização do trabalho, segundo a NR 17 (BRASIL, 1990), deve levar em consideração, no mínimo: as normas de produção; o modo operatório; a exigência de tempo; a determinação do conteúdo de tempo; o ritmo de trabalho e o conteúdo das tarefas.

Para o levantamento, transporte e descarga individual de materiais, a Norma (BRASIL, 1990) estabelece parâmetros quanto a jovens e mulheres, além da individualidade de cada sujeito em vista do comprometimento de sua saúde ou sua segurança.

Quanto ao mobiliário dos postos de trabalho, a NR 17 (BRASIL, 1990) menciona que este deve ser planejado para se adaptar ao trabalhador, quer ele esteja sentado (como em frente ao computador) ou em pé (como atendendo no balcão de empréstimo de uma biblioteca). As bancadas, mesas, escrivaninhas devem possibilitar boa postura, boa visualização, bom posicionamento e movimentação do trabalhador.

Os assentos devem ser planos, possuir uma altura ajustável tanto para o

físico do trabalhador quanto para as tarefas que realiza, e suas bordas frontais devem ser arredondadas. O encosto levemente adaptado para proteger a região lombar. A NR 17 (BRASIL, 1990) ainda menciona que pode haver um apoio para os pés do trabalhador, adaptando-se ao comprimento de sua perna. Para os trabalhos a serem realizados em pé, deve haver um assento para descanso.

Para a digitação, a Norma (BRASIL, 1990) estabelece que devem ser fornecidos suportes para o apoio de documentos, que necessitam ser de fácil legibilidade (e não brilhantes) para evitar o ofuscamento. A tela, teclado e suportes devem ser ajustáveis e móveis, possibilitando ângulos corretos de visão para o trabalhador, de maneira que ele os ajuste da maneira que lhe for favorável.

Para as atividades que exijam sobrecarga muscular estática ou dinâmica do pescoço, ombros, dorso e membros superiores e inferiores, deve-se atentar, segundo a NR 17 (BRASIL, 1990), para as conseqüências na saúde dos trabalhadores, proporcionando pausas para descanso e reduzindo o ritmo de trabalho quando da volta dos trabalhadores depois de períodos de afastamento.

As pausas, segundo Mendes (1980), ajudam na prevenção contra a fadiga (muscular ou generalizada), especialmente a crônica, permitem realizar uma refeição, possibilitam o contato social, e favorecem a reposição das energias gastas. Para o autor, a fadiga muscular ocorre com um evento localizado e dolorido, no qual o rendimento do músculo cai em conseqüência de um aumento de carga e/ou com a duração desta. A fadiga generalizada é subjetiva, há bloqueio, perturbação, peso, indolência e falta de vontade de executar as tarefas. É uma sensação que acaba por proteger o organismo, evitando uma supersolicitação.

Entre outras considerações, nas atividades de processamento eletrônico de dados, o número máximo de toques exigidos do trabalhador, segundo a NR 17 (BRASIL, 1990), não deve ser superior a oito mil por hora trabalhada. O tempo efetivo de trabalho não deve ser superior a cinco horas, sendo que, no período de tempo restante, o trabalhador poderá exercer outras atividades que não exijam movimentos repetitivos e/ou esforço visual. As pausas devem ser de, no mínimo dez minutos para cada 50 minutos trabalhados. Também deverão ser tomados cuidados em relação ao trabalhador que voltar às atividades após período de afastamento. Para Mendes (1980) deve-se evitar o trabalho estático dos dedos, o trabalho em posição sentada, as posturas fechadas *etc..*

O contexto organizacional, no qual o trabalhador está inserido, deve ser analisado para que se possa compreender “como” o mesmo “realiza” as suas

tarefas. Assim, ao adequar o posto de trabalho somente a estruturas apropriadas do ponto de vista antropométrico, o trabalhador pode ter dificuldades na troca de informações com seus colegas e clientes. Desta maneira, a postura do trabalhador é influenciada, não apenas pelo mobiliário, mas também pelos objetivos de suas ações no trabalho. A prevenção dos problemas osteomusculares engloba estes fatores de antecipação às ações do trabalhador. Devem ser abertas margens para que o trabalhador realize manobras que visem a garantia de seu equilíbrio corporal e evite posições extremas e esforços excessivos (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001).

Dessa maneira, a característica individual, a personalidade, a história de vida de cada indivíduo e seus objetivos no trabalho devem ser analisados para que o trabalhador se desenvolva de maneira que beneficie sobretudo a si mesmo, e a longo prazo, a instituição a qual está vinculado.

#### *3.4.3.2 Lesões por Esforço Repetitivo (LER) e Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (DORT) em Bibliotecários*

Souza e Silva (2007) advertem para com o cuidado que se deve ter com os esforços repetitivos, com o posicionamento corporal, o sedentarismo e outros agravantes do ambiente de trabalho.

Lima (2007) menciona que são comuns os problemas osteomusculares em bibliotecários, e doenças relativas à coluna vertebral, conseqüentes da postura no local de trabalho, peso dos livros e de estantes muito altas ou baixas. O autor indica o problema das LER/DORT.

A CBO, quando traz a descrição das condições gerais de exercício dos bibliotecários, revela um problema geral da profissão:

Eventualmente [os bibliotecários], trabalham em **posições desconfortáveis durante longos períodos e sob pressão**, levando à situação de estresse. As condições de trabalho são heterogêneas, variando desde locais com pequeno acervo e sem recursos informacionais a locais que trabalham com tecnologia de ponta. (BRASIL, 2002b, grifo nosso).

Embora não mencione o profissional, o manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p. 431) relata, ainda, uma circunstância conhecida do bibliotecário:

As tarefas que solicitam tratamento controlado de informações e ainda atenção múltipla, como tomada de decisões e amabilidade com o público, podem explicar os sintomas de fadiga, que pode ser agravada em presença de ruído. Os estudos mostram que o ruído originado de fontes variadas, como sinal sonoro das leitoras vizinhas, conversas paralelas, equipamentos e outros, é perturbador das atividades mentais. Aumenta a exigência cognitiva e essa interfere sobre os efeitos da carga física sobre o aparelho músculo-esquelético.

O tratamento de informações, a atenção múltipla, a tomada de decisões e o contato com o público, são características do trabalho bibliotecário, já discutidas em capítulos anteriores, que acabam por “somar” riscos que podem causar as LER/DORT, bem como outras doenças.

Para “ilustrar” as considerações dos autores e demais indicativos quanto aos problemas de desconforto em relação ao sistema músculoesquelético (LER/DORT), pode ser analisada a pesquisa ergonômica descritiva analítica realizada entre os bibliotecários da Universidade Paranaense UNIPAR (Campus Paranaíba/Pr), em virtude das constantes queixas junto Departamento Clínico da Fisioterapia do Campus (TAUBE et al., 2002-2003). Foi observada a sintomatologia dolorosa descrita como LER/DORT em 100% da amostra analisada. Concluiu-se que as atividades dos bibliotecários aliadas às posturas de trabalho inadequadas e a permanência da postura estática são fatores significantes na ocorrência dos problemas provocados no sistema musculoesquelético.

É importante salientar que, embora, o resumo, o título e algumas considerações finais ressaltem a pesquisa com os bibliotecários, a mesma foi realizada, pelo menos em percentuais maiores, com dez funcionários, não especificamente bibliotecários, que trabalham na Unidade. Isto se comprova, também por algumas considerações finais e pelo tipo de análise feita. Os autores (2002-2003, p. 47) mencionam:

Para isto, foram definidas as diferentes fases de trabalho que são desenvolvidas pelo bibliotecário:

- reposição dos volumes literários às prateleiras altas;
- reposição dos volumes literários às prateleiras baixas;
- conferência dos volumes das prateleiras;
- atendimento aos acadêmicos realizado no balcão;
- liberação dos volumes do carrinho de guarda-volume;
- conferência das carteirinhas e dos livros no balcão de forma sentado.

Dessa maneira, embora alguns bibliotecários possam ter de efetuar estas atividades, elas não estão de acordo com aquelas estabelecidas pela CBO (BRASIL, 2002a). Assim, o resultado da pesquisa vale, especialmente, para a equipe da

biblioteca. No entanto, foi decidido mencionar o artigo pois, o bibliotecário como gerente de recursos humanos, deve ter conhecimento a respeito dos riscos a que seus funcionários estão submetidos, e fazer o que estiver em seu alcance, para preservar a saúde de sua equipe.

Finalmente, os autores fazem algumas recomendações, úteis também para os bibliotecários: a alternância nos postos de trabalho; a contratação de um número maior de funcionários; a orientação e recomendação preventiva aos funcionários; e intervalos para descanso.

Do ANEXO B - RELAÇÃO EXEMPLIFICATIVA ENTRE O TRABALHO E ALGUMAS ENTIDADES NOSOLÓGICAS, retirado da Instrução Normativa do INSS/DC Nº 98 (BRASIL, 2003), foram extraídos alguns riscos do trabalho em bibliotecas, sejam aqueles a que estão submetidos os bibliotecários (mais precisamente, peso dos livros, apoio em mesas, digitação e uso do mouse) ou os funcionários (peso dos livros e o ato de carimbar). A seguir, o quadro demonstrativo:

<b>EXEMPLOS</b>	<b>CAUSAS OCUPACIONAIS</b>	<b>LESÕES</b>	<b>ALGUNS DIAGNÓSTICOS DIFERENCIAIS</b>
<b>Apoiar o cotovelo em mesas</b>	Compressão do cotovelo contra superfícies duras.	Bursite do cotovelo (olecraniana)	Gota, contusão e artrite reumatóide
<b>Apoiar cotovelo ou antebraço em mesa</b>	Flexão extrema do cotovelo com ombro abduzido. Vibrações.	Síndrome do Canal Cubital	Epicondilite medial, seqüela de fratura, bursite olecraniana forma T de Hanseníase
<b>Carimbar</b>	Compressão da borda ulnar do punho.	Síndrome do Canal de Guyon	Cistos sinoviais, tumores do nervo ulnar, trombozes da artéria ulnar, trauma , artrite reumatóide e etc
<b>Carregar objetos pesados apoiados no antebraço</b>	Compressão da metade distal do antebraço.	Síndrome do Interósseo Anterior	
<b>Carregar pesos</b>	Esforço manual do antebraço em pronação.	Síndrome do Pronador Redondo	Síndrome do túnel do carpo
	Manutenção do antebraço supinado e fletido sobre o braço ou do membro superior em abdução.	Tendinite da Porção Longa do Bíceps	Artropatia metabólica e endócrina, artrites, osteofitose da goteira bicipital, artrose acromioclavicular e radiculopatias C5-C6

EXEMPLOS	CAUSAS OCUPACIONAIS	LESÕES	ALGUNS DIAGNÓSTICOS DIFERENCIAIS
<b>Digitar</b>	Movimentos repetitivos de flexão, mas também extensão com o punho, principalmente se acompanhados por realização de força.	Síndrome do Túnel do Carpo	Menopausa, trauma, tendinite da gravidez (particularmente se bilateral), lipomas, artrite reumatóide, diabetes, amiloidose, obesidade neurofibromas, insuficiência renal, lupus eritematoso, condrocalcinose do punho
<b>Digitar, operar mouse</b>	Fixação antigravitacional do punho. Movimentos repetitivos de flexão e extensão dos dedos.	Tenossinovite dos extensores dos dedos	Artrite Reumatóide, Gonocócica, Osteoartrose e Distrofia Simpático-Reflexa (síndrome Ombro - Mão)

Quadro 3 – Riscos Ocupacionais em Bibliotecas  
Fonte: Adaptado de Brasil, 2003 (documento eletrônico).

Dessa maneira, observa-se que o bibliotecário está exposto as LER/DORT em seu ambiente de trabalho, seja pela postura inadequada ao manter-se sentado, seja pelo peso dos livros (mesmo que não os guarde, ele precisa manuseá-los), seja pelo mobiliário não adequado, pelas condições de estresse e tensão que acabam por afligir sua musculatura, ou pela postura incorreta em frente ao monitor do computador (bem como os reflexos em frente ao mesmo), a quantidade de dados que insere e as posições de seus membros superiores frente ao teclado e ao *mouse*.

### 3.5 O TRABALHO E A INFLUÊNCIA PSÍQUICA

O mundo do trabalho tem exigido uma maior qualificação e um aprimoramento contínuo por parte dos profissionais. Se o bibliotecário Adrien Baillet receava que sua época fosse assolada por uma “barbárie informacional” (BURKE, 2002), hoje, além do já discutido acúmulo de informações, Heloani e Capitão (2003) mencionam a “barbárie do capital” que promove, na sociedade, a desumanidade das relações humanas.

Chiavenato e Sapiro (2004, p. 284) comentam: “Sem pessoas, não existem organizações. Sem elas, não há sucesso organizacional. Elas são o principal

repositório do conhecimento e das vantagens competitivas das organizações.” Assim, ao menosprezar o bem-estar do homem em seu campo de atuação, as conseqüências tornam-se visíveis em sua saúde, bem como no bom andamento das instituições.

Isso acontece porque o homem é, ao mesmo tempo, aquele que produz e aquele que consome. Para Heloani e Capitão (2003, p. 106)

[...] a produção estimula o consumo e ao mesmo tempo inventa o sujeito para o qual ela se destina, deve, então, esse sujeito, receber os impactos diretos da organização do trabalho. Resta, então, deduzir que, em grande parte, o sofrimento mental do trabalhador é conseqüência direta dessa organização, isto é, da divisão do trabalho, do conteúdo da tarefa, do sistema hierárquico, das modalidades de comando, das relações de poder, etc.; de todo um aparato que modula a percepção, o controle dos impulsos, as possibilidades de apreensão e a reflexão do que produz e que também se consome nas tarefas que executa.

Heloani e Capitão (2003) mencionam que esse tipo de organização do trabalho fere o psiquismo humano e leva as pessoas “pouco resistentes” a degenerar-se rapidamente. Dejours, Abdoucheli e Jayet (1993, p. 30) advertem: “Uma organização do trabalho autoritária, que não oferece uma saída apropriada à energia pulsional, conduz a um aumento da carga psíquica.” Dejours (1992, p.122) ainda comenta que: “O defeito crônico de uma vida mental sem saída mantido pela organização do trabalho, tem provavelmente um efeito que favorece as descompensações psiconeuróticas.”

Para Heloani e Capitão (2003) há pessoas mais suscetíveis à degeneração do que outras mostrando, então, que existem outras condições que podem levar um sujeito ao adoecimento psíquico, e não somente a organização de seu trabalho, pois esta, segundo Dejours (1992) não tem a capacidade de “criar” doenças psíquicas específicas.

Dessa maneira, inicialmente, deve-se levar em consideração que o homem carrega uma história de vida que pode pesar a favor ou contra o seu bem-estar. Dejours, Abdoucheli e Jayet (1993) atentam para três importantes fatos: o organismo do homem não é um “motor”, pois sofre, permanentemente, excitações endógenas e exógenas; o homem não chega ao seu trabalho como se fosse uma “máquina nova”, pois tem uma história pessoal e única, permeada por desejos, frustrações, motivações etc, e por causa dessa história, cada trabalhador tende a possuir “vias de descarga” diferenciadas, que participam da estrutura da personalidade. Ou seja, uma pessoa pode resistir às pressões de seu ambiente de trabalho, enquanto outra

não lidará com os mesmos problemas com tanta destreza.

Segundo os autores acima citados (1993, p. 25), se o trabalho favorecer o acúmulo da energia e, ao mesmo tempo, não permitir a liberação da mesma, a “[...] carga psíquica cresce até que apareçam a fadiga, a astenia, e a partir daí a patologia: é o trabalho fatigante.” Já quando o trabalho é equilibrante, este se torna um meio de relaxamento, de satisfação.

Sem esse relaxamento, o sujeito tende a usar a sua musculatura: “[...] fuga, crise de raiva motora, atuação agressiva, violência, oferecendo toda uma gama de ‘descargas psicomotoras’ (ou comportamentais).” (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1993, p. 23). Os autores mencionam que o medo, a angústia, a frustração e a agressividade podem aumentar as cargas cardiovasculares, musculares, digestivas etc. Assim acontece, muitas vezes, uma sobrecarga do ponto de vista somático do sujeito. Aubert (1993) ressalta que a subutilização das habilidades psíquicas e físicas do trabalhador também ocasionam uma retenção de energia pulsional, que constitui a carga psíquica o trabalho.

Heloani e Capitão (2003, p. 106) ressaltam uma faceta do sofrimento no trabalho:

[...] o ponto de incidência proveniente das ações mecânicas, conteúdo ergonômico da tarefa, é o corpo e não o aparelho mental; esse último será afetado pela insatisfação propiciada pelo conteúdo significativo da tarefa a ser executada, transformando em sofrimento bem particular, cujo alvo, antes de tudo, é a subjetividade, ou seja, a mente.

Para os autores (2003, p. 107), o sofrimento no trabalho pode ser, tanto do ponto de vista físico quanto mental:

O trabalho, não só como uma condição externa, pode propiciar sofrimento insuperável para o ego, empobrecendo-o e restringindo sua ação a mecanismos defensivos repetitivos e ineficazes, não lhe possibilitando aferir, de acordo com suas atividades, a satisfação de determinadas pulsões, que, não satisfeitas, tensionariam o aparelho psíquico, gerando angústia, estados depressivos, ansiedade, medos inespecíficos, sintomas somáticos, como sinais marcantes de sofrimento mental, com o agravante de que um ego debilitado e frágil não consegue diferenciar, pela sua condição, a origem de seu sofrimento.

Cabe ressaltar aqui, o modo como a organização do trabalho influencia o trabalho do homem. Inicialmente, existem diferenças entre o trabalho prescrito (aquele formalizado) e o trabalho real (aquele que o trabalhador realiza no seu dia-a-dia). Dejours, Abdoucheli e Jayet (1993, p. 51) mencionam que há “[...] um



distanciamento importante entre a organização do trabalho prescrito e a organização do trabalho real.” Merlo (2002) menciona que é nesse distanciamento que pode ou não ocorrer a sublimação e a construção da identidade do trabalho. Ou seja, também é entre esses dois extremos que as patologias somáticas ou psíquicas podem se desenvolver. Dejours, Abdoucheli e Jayet (1993, p. 51) relatam que a organização prescrita do trabalho, formaliza-se por “[...] um tipo de manual de procedimentos, em que para cada operação a efetuar há uma grade muito detalhada de tarefas elementares a realizar.” Evidenciam que, de maneira prática, a organização prescrita torna-se inaplicável, e que a prática do quebra-galho, mostra-se no centro da interface trabalho-saúde mental.

Fato que chama a atenção é que, como já dito na introdução deste projeto, todo trabalho pode causar um certo sofrimento. Além disso, muitos sujeitos que estejam “sofrendo” com seu trabalho, podem estar satisfeitos com ele e preferir não realizar outro. Dejours, Abdoucheli e Jayet (1993, p. 27) fazem uma afirmação muito clara: “Por certo que a normalidade do comportamento não implica a ausência de sofrimento. E o sofrimento, além disso, não exclui o prazer.”

Para Merlo (2002), o sofrimento pode gerar mudanças no modo de organizar o trabalho, ou desencadear alienação e conservadorismo. Para Heloani e Capitão (2003, p. 107), o trabalho também possibilita ações criativas e contribui para “[...] uma estruturação positiva da identidade, aumentando a resistência da pessoa às várias formas de desequilíbrios psíquicos e corporais.” E o trabalho, segundo os autores, deveria ser uma expressão da vida, e não de sua negatividade.

### 3.5.1 O Sofrimento Psíquico Severo

O estresse e a depressão são tipos de sofrimento psíquicos mais severos e podem ser considerados os “sofrimentos da moda”, pois estão relacionadas com as atuais condições de vida da população, com suas angústias, preocupações, dificuldades, e as “evoluções” do mundo do trabalho. Além destes, existem sofrimentos correlacionados como a ansiedade, o medo e a Síndrome de Burnout, especialmente ligada ao exercício laboral.

### 3.5.1.1 Ansiedade e Medo

A ansiedade e o medo são sentimentos subjetivos comuns, com os quais os sujeitos se depararão em diversos momentos. Inicialmente, são sentimentos que, embora desagradáveis, impulsionam o homem a realizar determinadas tarefas e a se preparar melhor (como no caso da ansiedade) ou o avisam para ter cuidado, evidenciando que algo é perigoso (como no caso do medo). Ou seja, certas doses de “sofrimento” são necessárias para a preservação da vida humana (FELDMAN, 2007).

No entanto, a frequência das ocorrências desses sentimentos e o tipo de sofrimento que trazem, podem afetar a vida do homem de maneira drástica. Lima (2007) afirma, por exemplo, que a ansiedade é algo natural, se não comprometer as atividades do sujeito e não ocorrer uma sobrecarga de sintomas físicos desagradáveis. Estes sintomas podem ser: cardiovasculares (como palpitações, sudorese, opressão no peito); gastrointestinais (como náuseas, vômitos, diarreia, vazio no estômago); respiratórios e musculares (como espasmos, torcicolos, lombalgias).

A Classificação Internacional de Doenças - CID-10 - (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1993) traz uma grande lista<sup>14</sup>, referente aos Transtornos Fóbico-Ansiosos.

Em relação ao trabalho, Dejours (1992), agrupa a ansiedade em três blocos: ansiedade relativa à degradação do funcionamento mental (esclerose mental, paralisia da imaginação, regressão intelectual, e despersonalização, causados pelas exigências das tarefas do trabalho) e equilíbrio psicoafetivo (desestruturação das relações psico-afetivas com colegas e com a hierarquia); ansiedade relativa à degradação do organismo (seqüela psíquica das ameaças contra a saúde física); e ansiedade gerada pela disciplina da fome (permanência da exposição aos riscos pela necessidade de sobrevivência).

---

<sup>14</sup> Agorafobia (F40.0); Fobias Sociais (F40.1) e Específicas (F40.2); outros transtornos fóbico-ansiosos (F40.8); Transtorno fóbico-ansioso não especificado (F40.9); outros Transtornos Ansiosos (F41); Transtorno de pânico (ansiedade paroxística episódica (F41.0); Ansiedade Generalizada (F41); Transtorno misto ansioso e depressivo (F41.2); outros transtornos ansiosos mistos (F41.3); outros transtornos ansiosos especificados (F41.8); Transtorno ansioso não especificado (F41.9); Transtorno Obsessivo-compulsivo (F42); com predominância de idéias ou de rumações obsessivas (F42.0); com predominância de comportamentos compulsivos (rituais obsessivos) (F42.1); forma mista, com idéias obsessivas e comportamentos compulsivos (F42.2); outros transtornos obsessivo-compulsivos (F42.8); Transtorno obsessivo-compulsivo não especificado (F42.9).

Outro sofrimento, o medo, “[...] corresponde a um aspecto concreto da realidade e exige sistemas defensivos específicos, essencialmente mal conhecidos até hoje.” (DEJOURS, 1992, p. 63). O autor afirma que ele se faz presente em todas as ocupações profissionais, ressaltando as tarefas repetitivas e os trabalhos em escritório, onde parece ter menos influência. Apesar dessa vivência do medo, Dejours (1992) afirma que ele é, muitas vezes, suplantado pelos mecanismos de defesa, caso contrário, os trabalhadores não poderiam continuar exercendo suas tarefas por muito tempo. Ou seja, o medo é transformado em uma forma de sobrevivência às condições e à organização do trabalho.

### 3.5.1.2 O Estresse

O estresse aparece sob o código F43.2 (Transtornos de adaptação) e F43.0 (Reação aguda ao "stress") na CID-10 (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1993).

Relembrando as diferenças entre os sujeitos, o histórico de vida de cada pessoa (sua individualidade) influenciará na resposta ao estresse. Feldman (2007, p. 416) o entende como uma “[...] resposta a eventos ameaçadores ou desafiantes.”

Lima (2007, p. 28) menciona que, em doses adequadas, o estresse motiva o sujeito para enfrentar o cotidiano. Afirma, também, que o mesmo não é considerado uma doença, mas se estiver “[...] presente no organismo, em estado crônico e em excesso, ele pode causar danos psicossociais.” Feldman (2007, p. 418) concorda ao mencionar que “[...] níveis elevados de estresse impedem as pessoas de enfrentar adequadamente os problemas da vida.” Além disso, as pessoas podem ficar incapacitadas de agir diante de um nível elevado de estresse e ter dificuldades para lidar com novos estressores, sendo que as conseqüências são de ordem biológica e psicológica. Biologicamente, o risco de contrair doenças pode ser elevado, elas podem ser produzidas diretamente, ou ainda pode haver dificuldades para a recuperação da saúde do indivíduo, caso tenha ficado enfermo.

Ainda, em relação ao sofrimento físico, Feldman (2007, p. 419) relata que

[...] o estresse pode estimular excessivamente o sistema imunológico. Em vez de combater as bactérias, os vírus e os outros elementos externos que invadem o organismo, pode começar atacar o próprio corpo, atingindo tecidos saudáveis. Quando isso acontece, pode produzir a doenças como

artrite e reação alérgica.

Dessa maneira, sob o diagnóstico de uma enfermidade física, pode-se esconder um sofrimento psíquico severo.

### **3.5.1.2.1 O Estresse no Trabalho e a Síndrome de Burnout**

Para Paschoal e Tamayo (2004), os estressores físicos (barulho, iluminação etc.) e psicossociais são fatores de estresse organizacional. Em relação aos estressores psicossociais “[...] destacam-se os estressores baseados nos papéis, os fatores intrínsecos ao trabalho, os aspectos do relacionamento interpessoal no trabalho, a autonomia/controle no trabalho e os fatores relacionados ao desenvolvimento da carreira.” (PASCHOAL; TAMAYO, 2004, p. 47). França e Rodrigues (1997) mencionam que, dentre os tipos de dissonâncias de papel e estresse, os mais estudados são a ambigüidade (incerteza quanto ao papel que deve ser desempenhado), o conflito (quando a pessoa desempenha mais de um papel em uma mesma situação), a incompatibilidade (diferenças entre as características pessoais para o desempenho de um papel e as expectativas dos outros colegas de trabalho) e a sobrecarga de papéis (número demasiado de papéis). Carvalho (1998) ressalta que uma das maiores causas de estresse em trabalhadores são as exigências e dificuldades para realizar seu trabalho.

Sobre o estresse, o manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho*, (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p. 569) enfatiza:

A fase imediata está associada a uma liberação maciça de adrenalina na circulação sanguínea, seguida de fases de adaptação. Sua noção está associada a uma linha importante de estudos epidemiológicos e multidisciplinares que fundamentam a associação entre situações de trabalho penosas, desgastantes, ameaçadoras, e o desenvolvimento de queixas e alterações psicopatológicas, caracterizando síndromes ansiosas, depressivas e psicossomáticas.

Paschoal e Tamayo (2004) relatam que é o indivíduo que deve perceber e avaliar se os eventos são estressores ou não. Assim, “[...] os fatores cognitivos têm um papel central no processo que ocorre entre os estímulos potencialmente estressores e as respostas do indivíduo a eles.” (PASCHOAL; TAMAYO, 2004, p.

46). Dessa maneira, um evento que poderia ser um estressor no trabalho, pode não ser percebido do mesmo modo pelo indivíduo.

Por tudo isso, o estresse ocupacional tem chamado a atenção dos estudiosos, especialmente a Síndrome de Burnout ou “Síndrome do Esgotamento Profissional”. Para Codo e Vasques-Menezes (1999, p. 239), é a “[...] síndrome do fim de século [...]”, referindo-se ao século XX.

Ao contrário do estresse, que é tolerável em níveis baixos, o Burnout, mesmo em nível moderado torna-se “[...] preocupante do ponto de vista epidemiológico, sendo passível de intervenção, uma vez que o processo já se encontra em curso.” (CODO; VASQUES-MENEZES, 1999, p. 238)

A Síndrome de Burnout aparece sob o código Z73.0 na CID-10 (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1993) e traz como características o “esgotamento” e “estado de exaustão vital”. Trata-se de um processo cumulativo ocasionado por longos períodos de exposição ao estresse no trabalho (LIMA, 2007; TRIGO; TENG; HALLAK, 2007).

O Burnout traz conseqüências diferentes das desenvolvidas por outros tipos de estresse. Dessa maneira:

O trabalhador que antes era muito envolvido **afetivamente com os seus clientes**, com os seus pacientes ou com o trabalho em si, desgasta-se e, em um dado momento, desiste, perde a energia ou se “*queima*” completamente. O trabalhador perde o sentido de sua relação com o trabalho, desinteressa-se e qualquer esforço lhe parece inútil. [...]. Deve ser feita uma diferenciação entre o *burn-out*, que seria uma resposta ao estresse laboral crônico, de outras formas de resposta ao estresse. A síndrome de *burn-out* envolve **atitudes e condutas negativas com relação aos usuários, aos clientes, à organização e ao trabalho**, sendo uma experiência subjetiva que acarreta prejuízos práticos e emocionais para o trabalhador e a organização. O quadro tradicional de estresse não envolve tais atitudes e condutas, sendo um esgotamento pessoal que interfere na vida do indivíduo, mas não de modo direto na sua relação com o trabalho. Pode estar associada a uma suscetibilidade aumentada para doenças físicas, uso de álcool ou outras drogas (para obtenção de alívio) e para o suicídio. (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p. 191-192, grifo nosso)

Assim, os prejuízos do Burnout estão relacionados ao indivíduo, refletindo de maneira drástica no seu trabalho e também nos seus relacionamentos interpessoais.

Para Codo e Vasques-Menezes (1999), a Síndrome envolve três componentes: exaustão emocional (esgotamento da energia e de recursos emocionais originados pelo contato diário com os problemas); despersonalização (sentimentos e atitudes negativas, cinismo, endurecimento afetivo); falta de envolvimento pessoal no trabalho (evolução negativa que afeta o atendimento, a

habilidade para realizar o trabalho, o contato com as pessoas e com a organização).

Os autores acima citados (1999, p. 242) relatam que o indivíduo que sofre de Burnout adquire uma postura de frieza, sendo que suas relações interpessoais são cortadas e desprovidas de calor humano, além de tornar-se facilmente irritável. Por outro lado, sofre de “[...] ansiedade, melancolia, baixo-estima, sentimento de exaustão física e emocional.”

Ou seja, se por um lado o trabalhador torna-se irritável e frio com as pessoas, por outro lado, ele também sofre por causa de sentimentos que invadem seu ser, acabando por formar um ciclo que se auto-alimenta.

### 3.5.1.3 Depressão

De acordo com a CID-10 (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1993), (código F32.-), existem três graus de depressão: leve, moderado e grave. O que distinguirá um nível de outro são a quantidade e a gravidade de sintomas. Dessa maneira, de modo geral, o indivíduo apresenta:

[...] um rebaixamento do humor, redução da energia e diminuição da atividade. Existe alteração da capacidade de experimentar o prazer, perda de interesse, diminuição da capacidade de concentração, associadas em geral à fadiga importante, mesmo após um esforço mínimo. Observam-se em geral problemas do sono e diminuição do apetite. Existe quase sempre uma diminuição da auto-estima e da autoconfiança e freqüentemente idéias de culpabilidade e ou de indignidade, mesmo nas formas leves. O humor depressivo varia pouco de dia para dia ou segundo as circunstâncias e pode ser acompanhado de sintomas ditos "somáticos", por exemplo, perda de interesse ou prazer, despertar matinal precoce, várias horas antes da hora habitual de despertar, agravamento matinal da depressão, lentidão psicomotora importante, agitação, perda de apetite, perda de peso e perda da libido.<sup>15</sup>

Feldman (2007, p. 464) menciona o termo “depressão severa”, na qual as pessoas: “Podem sentir-se inúteis, desprovidas de valor solitárias, podendo demonstrar desespero quanto ao futuro.” Essas sensações podem acompanhá-las durante meses ou até mesmo anos, podendo provocar um choro incontável e até mesmo aumentar o risco de suicídio. Da mesma maneira, é a seriedade deste comportamento e o tempo de sua duração que farão as diferenças entre os tipos de

---

<sup>15</sup>Documento eletrônico.

depressão.

Segundo o manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p. 178), dentre as possíveis causas de episódios depressivos no trabalho estão:

As decepções sucessivas em situações de trabalho frustrantes, as perdas acumuladas ao longo dos anos de trabalho, as exigências excessivas de desempenho cada vez maior, no trabalho, geradas pelo excesso de competição, implicando ameaça permanente de perda do lugar que o trabalhador ocupa na hierarquia da empresa, perda efetiva, perda do posto de trabalho e demissão.

Dessa maneira, a depressão pode ser desenvolvida durante o exercício da função a que o trabalhador está submetido, ou ser a consequência drástica da perda de seu emprego, ou seja, de seu modo de subsistência e de parte de sua própria identidade.

#### 3.5.1.4 O Bibliotecário e o Sofrimento Psíquico

Para Dejours (1992, p. 133):

A forma de que se reveste o sofrimento varia com o tipo de organização do trabalho. O trabalho repetitivo cria a insatisfação, cujas consequências não se limitam a um desgosto particular. Ela é de certa forma uma porta de entrada para a doença, e uma encruzilhada que se abre para as descompensações mentais ou doenças somáticas, em virtude de regras que foram, em grande parte, elucidadas.

Ladeira (1996, p. 65) enfatiza: “Pode-se prever que os efeitos negativos de uma tarefa monótona e repetitiva, por exemplo, sejam potencializados, se essa mesma tarefa exigir do seu executor níveis permanentes de concentração e de atenção.”

No contexto do mundo do trabalho, o bibliotecário também se tornou alvo do estresse e da depressão, como revela a notícia, sob o título de “Doenças Ocupacionais Matam Bibliotecários”, veiculada no **Jornal do Brasil**, de 09 de janeiro de 2004:

Doenças ocupacionais matam oito trabalhadores brasileiros por dia e esta

conta pode ser muito maior, já que não inclui os 40 milhões de brasileiros da economia informal. **As doenças relacionadas ao estresse e à fadiga física e mental também são apontadas por especialistas como as que mais afetam os trabalhadores**, apesar da subnotificação dos casos. É o que aponta uma pesquisa realizada em 2002 pelo Laboratório de Saúde do Trabalhador da Universidade de Brasília (UnB) a partir de dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). O estudo mostrou que **bibliotecários e profissionais de saúde são os que mais se afastam por causa de doenças mentais.**

**Dessas, 55% são doenças depressivas.** "Na verdade, muitas outras profissões devem possuir um quadro relevante de afastamento por doenças mentais, mas as duas apontadas na pesquisa têm o diferencial de serem classes profissionais organizadas, que conseguem com mais facilidade relacionar determinadas doenças com o trabalho", afirma a pesquisadora Anadergh Barbosa. Além disso, "a doença mental gera um estigma que não é interessante para nenhum trabalhador. **Muitas doenças que são de origem mental estão caracterizadas como doenças orgânicas**", conclui. Alguns fatores de risco que predispõe à doença mental, apontados na pesquisa, são lidar com a vida e a morte situação vivida pelos profissionais de saúde, **lidar com o público, com dinheiro, pressão temporal, pressão da informatização, atividades monótonas, a sobrecarga de trabalho e a diminuição dos salários.** Nos grandes centros urbanos, a **violência e a criminalidade** também podem ser apontadas como responsáveis por doenças traumáticas e de sofrimento mental, ocorrendo principalmente em bibliotecários, policiais, vigilantes e trabalhadores rurais que lutam pela posse de terra. (DOENÇAS..., 2004, grifo nosso)<sup>16</sup>.

Além dessa notícia que chama a atenção para a saúde do bibliotecário no trabalho, observa-se novamente a descrição das condições gerais de exercício dos bibliotecários:

Eventualmente, trabalham em posições desconfortáveis durante longos períodos e sob pressão, levando à **situação de estresse**. As condições de trabalho são heterogêneas, variando desde locais com pequeno acervo e sem recursos informacionais a locais que trabalham com tecnologia de ponta. (BRASIL, 2002b, grifo nosso).

Aqui, evidenciam-se as pressões como um dos fatores do estresse em bibliotecários. Lima (2007, p. 33) menciona que: "Na atual gestão do conhecimento, com o uso de novas tecnologias da informação, a carga do estresse ocupacional torna-se maior [...]."

Relembrando o envolvimento afetivo (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001), Lima (2007, p. 34-35) afirma que através de suas conversas informais com bibliotecários, observa que a Síndrome de Burnout é aplicável a esse profissional, pois está sempre disposto a melhor servir seus usuários. Assim, menciona:

Vemos que no exercício da profissão do bibliotecário há esta relação bibliotecário/usuário (cliente), que trata-se de um relação interpessoal, onde,

---

<sup>16</sup>Documento eletrônico.



muitas vezes são relações prazerosas, mas que podem tornar-se um grave problema pois há uma tendência de abnegação e de dar-se ao máximo para que o atendimento possa satisfazer o cliente, ou mesmo de superar as suas expectativas de resposta. [...]. É na ansiedade de fazer o melhor, no menor tempo de espera possível, e de forma mais eficaz, que este tipo de profissional pode se tornar vítima desta síndrome.

Ainda em relação aos usuários, Grogan (1995, p. 60) reflete sobre os atributos pessoais do bibliotecário de referência como simpatia, criatividade, confiança etc. Menciona que os profissionais “[...] que carecem dessas virtudes padecem sob o peso de uma carga permanente, que amiúde se mostrará tão opressiva que serão incapazes de se erguerem para atender de modo satisfatório às necessidades dos usuários.”

Além disso, para Codo e Vasques-Menezes (1999), o Burnout afeta trabalhadores altamente motivados, que reagem ao estresse trabalhando além de seus limites, desencadeando um colapso em seu organismo.

### *3.5.1.5 Saúde Psíquica*

Em relação ao trabalho, diante dos problemas dos papéis, França e Rodrigues (1997) mencionam que o papel desempenhado pelo indivíduo deve ser totalmente esclarecido, averiguando as expectativas do trabalhador, do grupo e da chefia em relação ao que deve ser cumprido. Além disso, deve-se escolher e preparar bem os gerentes, tendo em vista as suas características para desempenhar ou não esse cargo específico. Quando há conflito e sobrecarga de papéis é necessária a redução da importância de um deles, ou seja, daquele que está sendo executado no local errado, ou de determinar que papel terá maior importância no local de trabalho.

Em momentos de estresse, França e Rodrigues (1997, p.113) recomendam, no quesito alimentação:

1. coma alimentos ricos em vitaminas do complexo B e C, magnésio, selênio, cálcio e ferro;
2. reforce a dieta com frutas, legumes frescos, crus ou cozidos no vapor;
3. aumente a ingestão de fibras;
4. diminua a quantidade de sal e açúcar;
5. privilegie os alimentos naturais, evite refrigerantes, beba suco de frutas;
6. procure ter uma dieta pobre em gorduras e, se usá-las, dê preferência às gorduras polissaturadas.

Os autores também chamam a atenção para a importância da atividade física regular, desenvolvida de maneira correta, sem exageros. O tempo de repouso adequado e de relaxamento é uma boa forma de combater o estresse excessivo, sendo que uma boa noite de sono é fundamental. O indivíduo também deve permitir a si mesmo, um espaço para o lazer e a diversão. O trabalho deve, além de suprir as necessidades do sujeito, trazer satisfação e realização. A inserção em um grupo social é muito importante pois, receber afeto, ter apoio e poder dialogar com alguém auxiliam o indivíduo a suportar o estresse.

França e Rodrigues (1997) mencionam outros recursos para lidar com o estresse: físicos, psíquicos e sociais. Estes últimos, devendo ser implantados pelas empresas, através de programas específicos.

Os autores (1997, p. 118) relatam, também, algumas formas de prevenção à Síndrome de Burnout:

15. Aumentar a variedade de rotinas, para evitar a monotonia.
16. Prevenir o excesso de horas extras.
17. Dar melhor suporte social às pessoas.
18. Melhorar as condições sociais e físicas de trabalho.
19. Investir no aperfeiçoamento profissional e pessoal dos trabalhadores.

Para o tratamento da depressão, o manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001) menciona o envolvimento dos seguintes elementos: psicoterapia (mesmo quando prescritos medicamentos, a fim de dar suporte emocional ao paciente), tratamento farmacológico (dependendo da gravidade da depressão) e intervenções psicossociais (atuação direta nas atividades cotidianas do sujeito).

E a prevenção da depressão “[...] consiste, basicamente, na vigilância dos ambientes, das condições de trabalho e dos efeitos ou danos à saúde [...]” (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p. 180).

Como exemplos de medidas podem ser citados:

- a) limpeza geral dos ambientes de trabalho, e condições para a higiene pessoal;
- b) fornecimento de equipamentos de proteção individual adequados;
- c) reconhecimento e avaliação do conteúdo das tarefas, dos modos operatórios e dos postos de trabalho;
- d) avaliação do ritmo e intensidade do trabalho;

- e) avaliação dos fatores mecânicos e condições físicas dos postos de trabalho;
- f) reconhecimento dos fatores psicossociais e individuais;
- g) observação das relações de trabalho entre colegas e chefias.

Importante ressaltar que o manual (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001, p. 180) menciona que a prevenção da depressão é, também, de ordem ética e depende da “[...] ordem econômica e da justiça nas relações de trabalho, tanto em nível macro quanto microsocial.”

Heloani e Capitão (2003, p. 108) mencionam que “[...] a separação entre mente e corpo é apenas uma questão semântica, didática, e que o conceito de saúde vai muito além do que a mera ausência sintomática de doenças.”

Os autores (2003, p. 102) comentam que:

Um dos objetivos mais recentes da saúde mental não se restringe apenas à cura das doenças ou a sua prevenção, mas envidar esforços para a implementação de recursos que tenham como resultado melhores condições de saúde para a população.

Assim, mais do que diagnosticar e curar doenças, deve haver uma preocupação com o equilíbrio psíquico do homem, também incluindo o equilíbrio do modo de viver (trabalho e lazer). Os autores (2003), relatam que pela história de vida, há pessoas que trabalham em excesso e se divertem menos; outras se divertem demais; e ainda, há aquelas que não conseguem fazer nem uma coisa nem outra. Ainda mencionam que tanto o trabalho, quanto a diversão em proporções equilibradas são importantes para um funcionamento psíquico saudável.

Finalmente, Lima (2007, p. 30) menciona a esperança, definindo-a “[...] como a convicção de que se tem força e a capacidade para atingir seus próprios objetivos no trabalho.” e afirma que é um fator importante para a saúde psíquica.

De fato, o homem e as organizações criadas por ele não estão livres de enfrentar problemas. A possibilidade de mudança das estruturas organizacionais e o enfrentamento das adversidades são fatores importantes para o bem-estar psíquico do homem e também para a saúde física.

## 4 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória. Assim, o estudo foi realizado de modo descritivo com abordagens quantitativas e qualitativas, pois em um projeto deste caráter, a simples quantificação de resultados não cumpriria os objetivos do mesmo.

### 4.1 GRUPO PESQUISADO

Para a realização da pesquisa, foram escolhidos os bibliotecários das unidades de informação da área da Saúde da UFRGS, perfazendo um total de quinze profissionais.

### 4.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram o questionário (com perguntas fechadas, abertas e de múltipla escolha) e a entrevista.

O questionário foi escolhido devido ao número de informações a serem colhidas, com o objetivo de facilitar a análise dos dados. A entrevista foi realizada de maneira informal, quando houve necessidade de esclarecimentos por parte da “entrevistadora” (denominação escolhida para designar a graduanda), e quando os bibliotecários se manifestavam por vontade própria, tecendo comentários sobre as questões apresentadas.

Marconi e Lakatos (1990, p. 84) mencionam que a entrevista

[. . .] é um importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividades, como da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia Social, da Política, do Serviço Social, do Jornalismo, das Relações Públicas, da Pesquisa de Mercado e outras (MARCONI, LAKATOS, 1990, p. 84).

Para a elaboração das atividades dos bibliotecários, constantes no questionário, foi utilizado o formulário de Fleck (2004), com algumas alterações para

o cumprimento dos objetivos deste estudo e tendo como base a CBO.

Para avaliar a satisfação dos bibliotecários com as suas condições de trabalho e seus relacionamentos com colegas, foi utilizada a escala de Likert, onde a resposta do entrevistado será “[...] localizada diretamente em termos de atitude [...].” (FONSECA, [2005?])<sup>17</sup>. Respostas superiores ou iguais a sete foram consideradas como de satisfação. Inferiores à sete foram consideradas de insatisfação.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais –DSM-IV-TR- (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 1995) também foi utilizado como parâmetro para a elaboração do questionário, nas questões referentes ao sofrimento psíquico. Além de seu uso, no que se refere especificamente à Síndrome de Burnout, foi utilizado como base o instrumento (composto de uma escala do Burnout e um quadro de sintomas) construído por Maslach, desenvolvido em 1986, traduzido e validado para uso no Brasil por Codo e Vasques-Menezes (1999), com a colaboração de Maurício R. Tamayo e do Laboratório de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília, LPT/UnB.

Sendo assim, os “entrevistados” (designação escolhida para os bibliotecários) preencheram as questões propostas e, a entrevistadora anotou impressões pessoais para enriquecer a coleta, além de fornecer ao bibliotecário a oportunidade de se aprofundar em suas respostas. Para essas anotações, foram deixados campos de observação no questionário.

#### 4.3 PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS

Após as tabulações e descrições dos dados colhidos, foram realizadas observações pertinentes a cada tipo de informação adquirida, como já evidenciadas na introdução deste projeto: em relação aos cargos e atividades exercidas pelos bibliotecários; às suas condições de trabalho, à satisfação em relação ao ambiente organizacional; e informações sobre indícios de sofrimento físico e psíquico.

Posteriormente, foram realizadas as análises das informações de acordo com os objetivos deste projeto, a fim de que respondam ao problema do mesmo.

---

<sup>17</sup>Documento eletrônico.

#### 4.4 ESTUDO-PILOTO

Foi realizada uma validação do instrumento utilizado. Para isso, a colaboração de outros profissionais, não envolvidos no projeto, foi fundamental. Dessa maneira, uma professora do curso de Biblioteconomia e uma bibliotecária verificaram se as perguntas contribuiriam para o avanço deste projeto. As falhas foram detectadas, o que contribuiu para o bom andamento da pesquisa.

#### 4.5 LIMITAÇÕES DO TRABALHO

As limitações do trabalho referem-se a não utilização das escalas (como a de Maslach) e das classificações psiquiátricas em seu todo, pois determinariam uma extensão e complexidade acima do esperado para este trabalho, trazendo desconforto aos bibliotecários no momento da aplicação dos instrumentos, pelo excesso de informações colhidas e por sua profundidade. Além disso, o limite de tempo não permite a realização de um questionário (seguido de uma entrevista) com inúmeras questões na qual haverá uma posterior análise de dados.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

A aplicação do questionário e da entrevista com os bibliotecários da área da Saúde foi realizada nos meses de janeiro, fevereiro e março do ano de 2009. A graduanda efetuou um contato inicial, em novembro do ano de 2008, para tomar conhecimento da amostra a ser pesquisada. Convém ressaltar que houve novas contratações decorrentes do concurso público da UFRGS, realizado em 2008. Todavia, as informações referentes aos bibliotecários recém-contratados não foram incorporadas à pesquisa. O critério para a escolha dos profissionais foi a de que estivessem trabalhando na UFRGS, no mínimo, por um ano, o que restringiu a pesquisa em 18 entrevistados.

Em janeiro, os bibliotecários foram contactados por e-mail, e posteriormente por telefone, a fim de marcar o dia da aplicação dos instrumentos. Os meses de janeiro e fevereiro foram os escolhidos porque os bibliotecários estariam voltando de seu descanso ou saindo de férias. Além disso, há um menor número de usuários nas bibliotecas e um pouco menos de urgência nos afazeres (fato muito comum no período letivo).

Dessa maneira, ficaram pendentes apenas seis encontros para o mês de março, das quais apenas três se concretizaram, pois os bibliotecários de uma das unidades da área da Saúde não demonstraram interesse em fazer parte da pesquisa. Assim, foram entrevistados 15 profissionais.

Para permitir maior liberdade e conforto para os entrevistados, os questionários foram preenchidos pelos próprios bibliotecários. Quando necessário, a entrevistadora esclareceu algumas dúvidas quanto ao preenchimento do formulário e referentes a algumas questões.

Finalmente, para análise objetiva das informações colhidas, os dados foram divididos em quatro aspectos: o trabalho dos bibliotecários, o ambiente físico da biblioteca, os relacionamentos e os indícios de sofrimento. Além da descrição dos dados do questionário e do auxílio de gráficos, há outras informações colhidas dos bibliotecários, oriundas da interação entre entrevistados e entrevistadora.

Os dados são apresentados em forma de gráficos e com a utilização da porcentagem seguida da quantidade numérica expressa em algarismos já que o grupo pesquisado é de um número reduzido de indivíduos.

## 5.1 O TRABALHO DOS BIBLIOTECÁRIOS

O trabalho dos bibliotecários foi analisado levando em consideração: o tempo de serviço na UFRGS e nas bibliotecas setoriais; o cargo exercido; os tipos de serviços executados; as atividades realizadas e o seu nível de exigência; e a satisfação dos bibliotecários com a quantidade e freqüência das atividades e com a carga horária de trabalho.

Inicialmente, foi analisado o tempo de serviço na UFRGS e nas bibliotecas setoriais, através dos Gráficos 1 e 2.

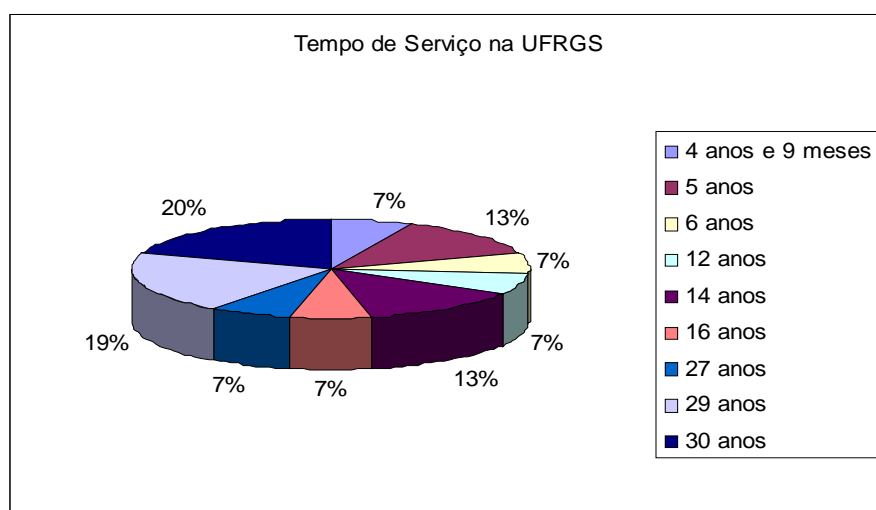


Gráfico 1 – Tempo de Serviço na UFRGS  
Fonte: dados da coleta



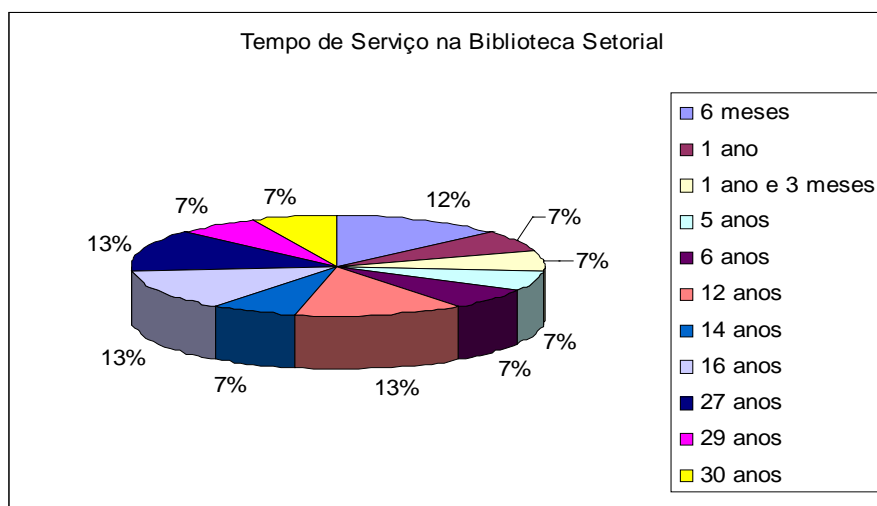


Gráfico 2 – Tempo de Serviço na Biblioteca Setorial  
Fonte: dados da coleta

Quanto ao tempo de serviço na UFRGS, observa-se que 47% (7) dos bibliotecários estão lotados na Universidade durante um período considerável (de 27 a 30 anos). Nesse sentido, é correto afirmar que quanto mais tempo de exercício laboral, mais os bibliotecários ficam expostos às condições de trabalho (quer sejam boas ou não). O tempo de exposição a um risco ocupacional, que possa existir no ambiente de trabalho, é um dos fatores que afetam a saúde dos trabalhadores, segundo a Instrução Normativa do INSS/DC Nº 98 (BRASIL, 2003). Por exemplo, se houver estresse no trabalho, a longa exposição a ele pode culminar na Síndrome de Burnout (LIMA, 2007; TRIGO; TENG; HALLAK, 2007). E o acúmulo de energia (intensidade e exposição), sem a sua correta liberação, conforme mencionam Dejourns, Abdoucheli e Jayet (1993), pode gerar sofrimento físico e psíquico.

Todavia, o tempo também pode fazer o trabalhador se acostumar com seu ambiente de trabalho e as situações advindas dele. Ele pode não sofrer (em níveis médios ou altos), ou pode sofrer e negar a circunstância (para si e para os outros) e suplantar seus medos pelos mecanismos de defesa, como menciona Dejourns (1992), para que possa continuar exercendo sua atividade laboral. Nesse caso, entram aspectos não apenas de sobrevivência, como explica o mesmo autor (1992) ao falar da ansiedade, como também o prazer em trabalhar, como relatam Dejourns, Abdoucheli e Jayet (1993). Além disso, alguns bibliotecários encontram-se perto da aposentadoria e, de certa forma, este fato pode trazer mais tranquilidade, e até mais vontade de trabalhar.

Vale a pena mencionar que o Sistema de Bibliotecas da UFRGS passou por diversas mudanças e atualizações. E esses bibliotecários passaram “pela etapa” do catálogo manual e envio de correspondências diárias, até chegarem a um sistema automatizado e a outras “novidades” tecnológicas. E o uso dessas tecnologias da informação pode ter causado, ou ainda provocar, o estresse ocupacional (LIMA, 2007; DOENÇAS..., 2004<sup>18</sup>). O manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001) menciona que as tecnologias e novos métodos gerenciais geram sofrimento, especialmente, o mental.

Quanto ao serviço na biblioteca setorial, boa porcentagem dos pesquisados trabalham em um período de tempo que varia de seis meses a seis anos, formando o maior grupo dentre os bibliotecários. E destes, mais da metade trocaram recentemente de lotação. Acredita-se que esse seja um fator, a princípio, positivo, especialmente se a troca é feita a pedido dos próprios bibliotecários. Por exemplo, a mudança de unidade pode propiciar aos profissionais outras experiências e até a melhoria nas condições de trabalho, fator importante na prevenção do sofrimento físico e mental (FRANÇA; RODRIGUES, 1997; BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001).

Mais um lado positivo destas trocas ocorre quando as idéias do bibliotecário recém-chegado são acolhidas e discutidas pelo grupo já lotado na biblioteca. Ele pode detectar possíveis melhoras no ambiente de trabalho, ajudar nas atividades, e fazer bons relacionamentos no trabalho. Logicamente, elas nem sempre são tão agradáveis, ou por causa dos relacionamentos ou atividades exercidas, mas também pelo simples fato de que, mudar de ambiente de trabalho sempre causa certa expectativa e ansiedade (por mínima que seja), porém é algo natural.

Outro aspecto analisado na pesquisa corresponde ao cargo exercido pelos entrevistados, que corresponde ao Gráfico 3.

---

<sup>18</sup>Documento eletrônico.

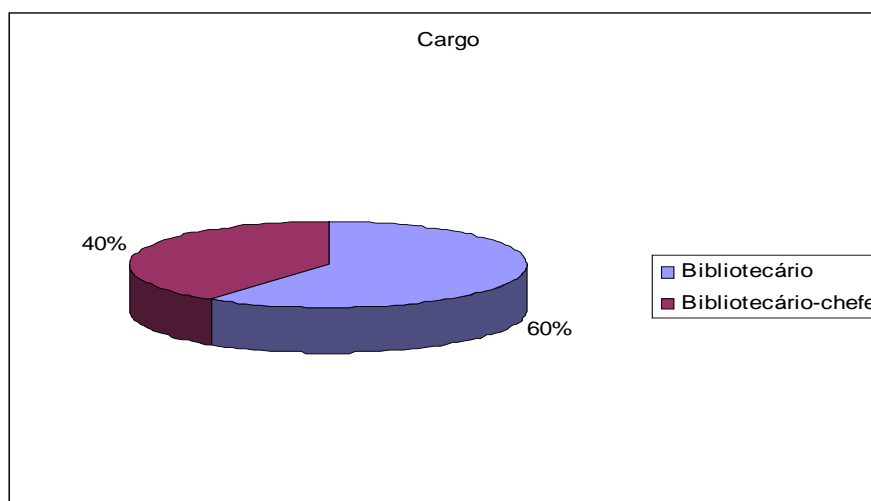


Gráfico 3 - Cargo  
Fonte: dados da coleta

Observa-se, então, que 40% (6) dos bibliotecários ocupam o cargo de bibliotecário-chefe, e os outros 60% (9) o de técnico-científico.

Como se esperava (após o preenchimento de todos os questionários), a menor porcentagem de entrevistados ocupa o cargo de bibliotecário-chefe, através do qual, gerenciam a sua unidade e respondem pela biblioteca, ou seja, pelos seus produtos, serviços e equipe. Esta questão foi trazida (embora se soubesse que existe apenas um bibliotecário-chefe em cada unidade de informação) porque algum profissional que ocupe esse cargo poderia se recusar a preencher o questionário, o que seria respeitado.

Normalmente, esses profissionais são os solucionadores de problemas, sendo que, sobre eles pode haver uma sobrecarga maior do que nos outros bibliotecários, em consequência do poder de decisão e alto nível de exigência psicológica (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001). Isto poderia “distrair” os bibliotecários-chefe, fazendo com que as dores (leves ou moderadas, mas que servem de alerta ao trabalhador, mostrando algo que está errado) tornem-se quase que imperceptíveis ou irrelevantes. Assim, poderia se dizer que seriam os que menos apresentariam queixas e, por isso, poderiam ter mais dificuldade em detectar um problema e combatê-lo. Dessa maneira, a longo prazo poderiam desenvolver algum problema músculo-esquelético decorrentes da mobilização ou acúmulo de energia (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA

DA SAÚDE NO BRASIL, 2001; DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1993). Já os bibliotecários que não têm tanto poder de decisão e com um nível de exigência psicológica menor “podem” ser mais susceptíveis à depressão, o que os tornaria mais sensíveis às dores (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001).

Dessa maneira, existem implicações na saúde dos bibliotecários que podem decorrer de seu cargo na biblioteca, logicamente, somado a outros fatores que serão verificados posteriormente.

Para a análise das atividades do bibliotecário, optou-se por utilizar o tipo de conceituação da CBO (BRASIL, 2002a), sem contestar se as atividades listadas são tarefas ou realmente são atividades. Para formar os blocos de análise dos dados foi necessário que essas atividades fossem divididas em características mais específicas (atividades de gestão, atividades de processamento técnico e atividades de atendimento ao público). Por isso, para a próxima análise, optou-se por utilizar as denominações de serviços administrativos, técnicos e de atendimento ao público para que fosse utilizado um termo mais abrangente (serviço), e não limitador e confuso como o de “tarefa”. O termo “tarefas” é mencionado inúmeras vezes pelos autores citados no referencial teórico, referindo-se tanto às “partes de compõem uma atividade”, ou as atividades em si, ou seja, caracteriza-se como um termo utilizado indiscriminadamente. Assim, o termo tarefa é conceituado por especialistas da área, na definição operacional dos termos, e utilizado muitas vezes, na análise dos dados, para manter o mesmo diálogo com os autores citados no referencial teórico. A proposta deste estudo não diz respeito à correta terminologia utilizada pela CBO (BRASIL, 2002a) e pelos especialistas.

Dessa maneira, as análises dos serviços correspondem aos Gráficos 4, 5 e 6.

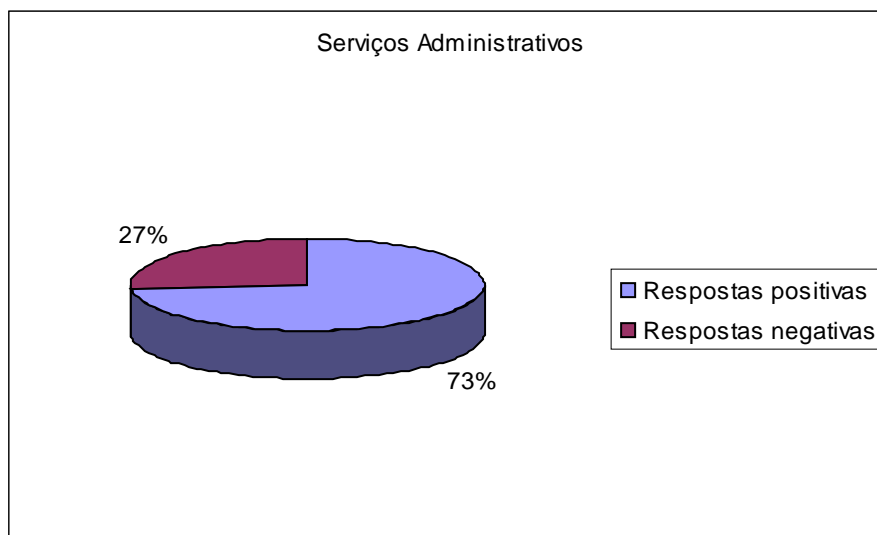


Gráfico 4 – Serviços Administrativos  
Fonte: dados da coleta

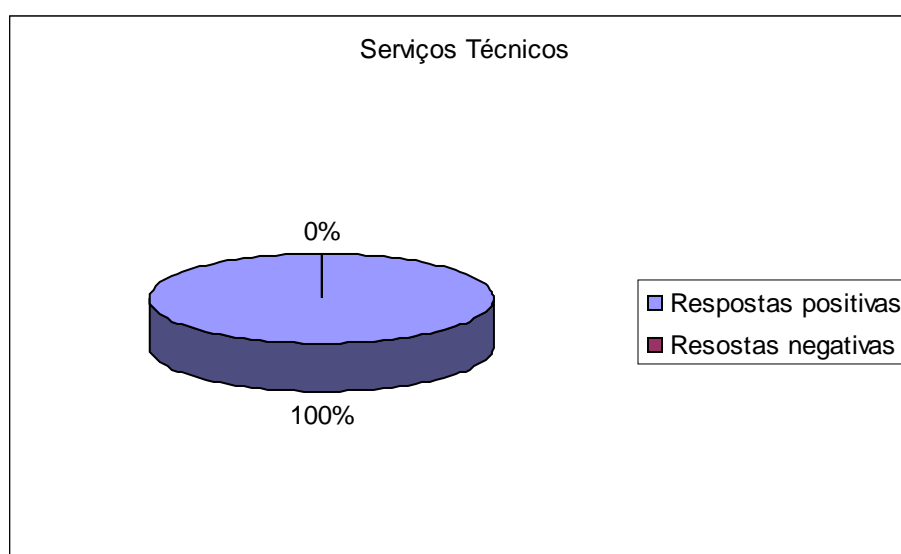


Gráfico 5 – Serviços Técnicos  
Fonte: dados da coleta

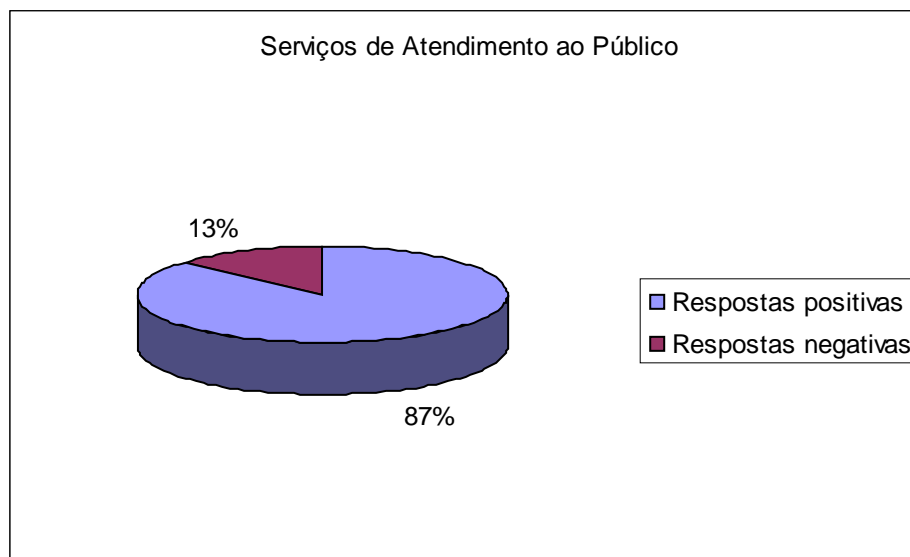


Gráfico 6 - Serviços de Atendimento ao Público  
Fonte: dados da coleta

Verifica-se que a maioria dos entrevistados, 73% (11), executa serviços administrativos (de gerenciamento), sendo que um dos entrevistados afirmou que os executa quando substitui a chefia.

Isso significa que não apenas os bibliotecários-chefe realizam esse tipo de serviço, que lembram os papéis gerenciais desenvolvidos por Mintzberg<sup>19</sup> (DIAS, 1985). Percebe-se, então, que a administração das bibliotecas pesquisadas é uma tarefa que exige a cooperação de todos os bibliotecários; por exemplo, quando o bibliotecário-chefe cumpre sua carga horária diária de trabalho, outro bibliotecário necessita assumir a gerência da equipe. Um dos entrevistados que mencionou não realizar serviços administrativos trabalha em uma unidade onde há outros bibliotecários para assumir esse tipo de serviço quando há necessidade. Por outro lado, os outros três bibliotecários não possuem colegas de trabalho para assumir essa posição quando o bibliotecário-chefe não está. Assim, fica uma incógnita sobre essa questão, na qual, praticamente não há como “fugir” dos serviços administrativos. Também, observa-se que o partilhamento de tarefas é uma das características típicas da época atual (OLIVEIRA, 1994; MACIEL; MENDONÇA, 2000b). E essa questão das tarefas compartilhadas, e também das eventuais mudanças de cargo, deve ser plenamente esclarecida, para que não haja problemas dos papéis desempenhados, como mencionam França e Rodrigues (1997).

Quanto à realização de serviços técnicos, verificou-se que todos os

<sup>19</sup>MINTZBERG, H. **The Nature of Managerial Work**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, 1980. P. 25. Apud DIAS, 1985, p. 43.

entrevistados os executam. Com isso, fica demonstrado que os bibliotecários-chefe também precisam realizar esse tipo de serviço. Alguns profissionais, que gerenciam a sua unidade, mencionaram que se agradariam em realizar apenas os serviços administrativos.

Quanto ao serviço de atendimento ao público, a maioria dos bibliotecários, 87% (13), o executa, sendo a segunda maior porcentagem, depois dos serviços técnicos. Isso significa que existe uma interação entre os bibliotecários e usuários (alunos, professores, outros servidores e comunidade em geral), porém, 13% (2) dos entrevistados não realizam esse tipo de serviço. Conforme o aprendizado acadêmico e a opinião de muitos profissionais, o contato com o usuário é imprescindível.

Dessa maneira, percebe-se que a maioria os bibliotecários das unidades pesquisadas desenvolve os três tipos de serviços, não estando limitados às funções do cargo que exercem.

A partir deste momento, são analisados os dados extraídos da pesquisa em relação a algumas atividades desenvolvidas pelos entrevistados, extraídas e adaptadas do formulário de Fleck (2004), tendo como base a CBO (BRASIL, 2002a).

Utilizou-se quatro níveis de frequência: freqüentemente, ocasionalmente, raramente e nunca no processo de coleta dos dados. Alguns resultados são descritos, por se acreditar que sejam importantes de serem mencionados. Não foram feitas perguntas, por parte dos bibliotecários, sobre o que significaria cada um destes níveis, sendo que cada um respondeu conforme seu entendimento.

É importante salientar que algumas atividades foram comentadas pelos entrevistados e devidamente indicadas, outras são analisadas conforme o que a experiência da entrevistadora e o contato com os profissionais durante a graduação, revelam. Assim, deve ser levada em consideração as limitações da graduanda ao analisar algumas atividades, tanto pelo fato de ser apenas uma bolsista em uma das unidades estudadas, quanto pelas características específicas de cada biblioteca setorial e modos diferentes de desenvolver uma mesma atividade.

Inicialmente, as atividades foram divididas em três grandes grupos: atividades de gestão, atividades de processamento técnico, e atividades de atendimento ao público (relembrando os serviços administrativos, técnicos e de atendimento ao público).

As atividades de gestão compreendem o intervalo que vai do Gráfico 7 ao Gráfico 15.

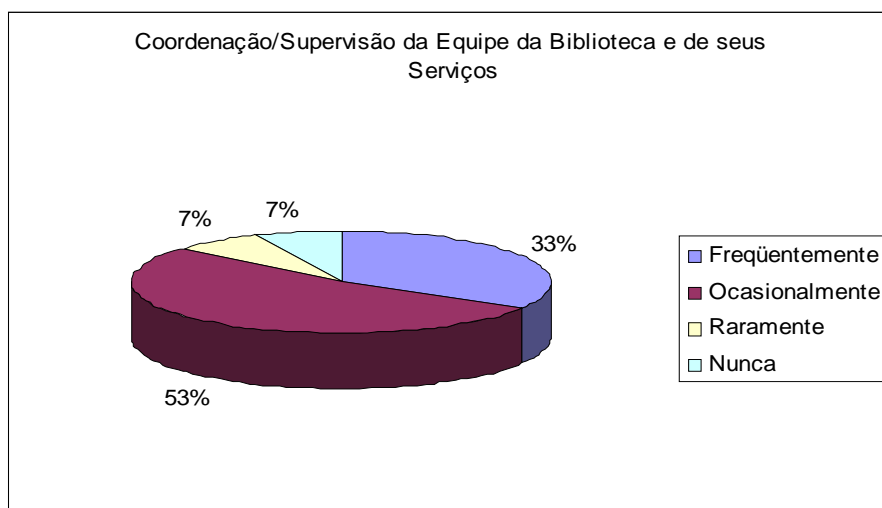


Gráfico 7 - Coordenação/Supervisão da Equipe da Biblioteca e de seus Serviços

Fonte: dados da coleta

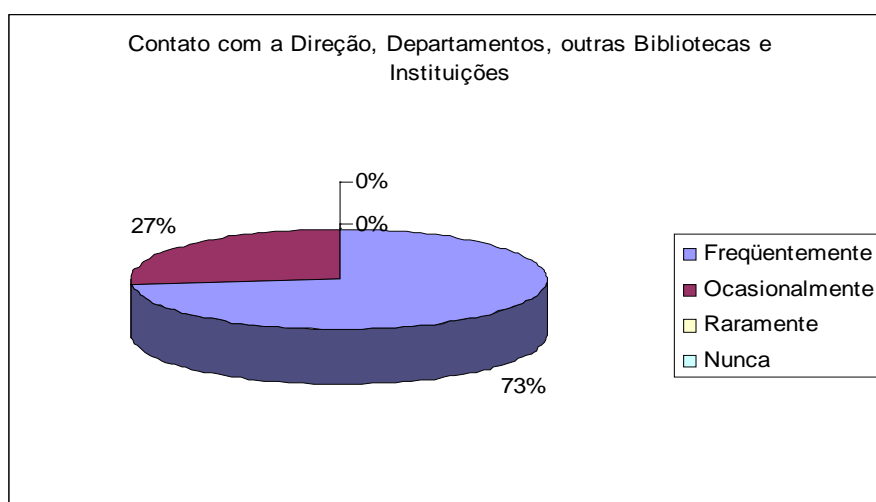


Gráfico 8 - Contato com a Direção, Departamentos, outras Bibliotecas e Instituições

Fonte: dados da coleta



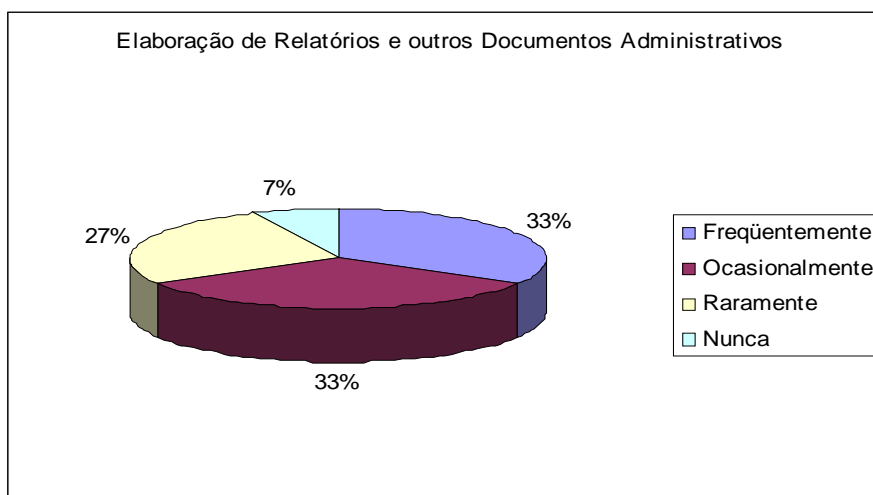


Gráfico 9 – Elaboração de Relatórios e outros Documentos Administrativos

Fonte: dados da coleta

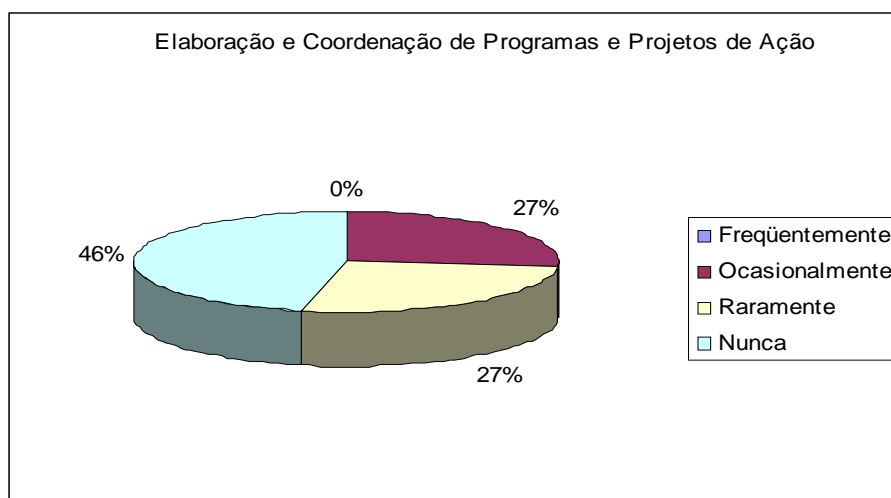


Gráfico 10 – Elaboração e Coordenação de Programas e Projetos de Ação

Fonte: dados da coleta

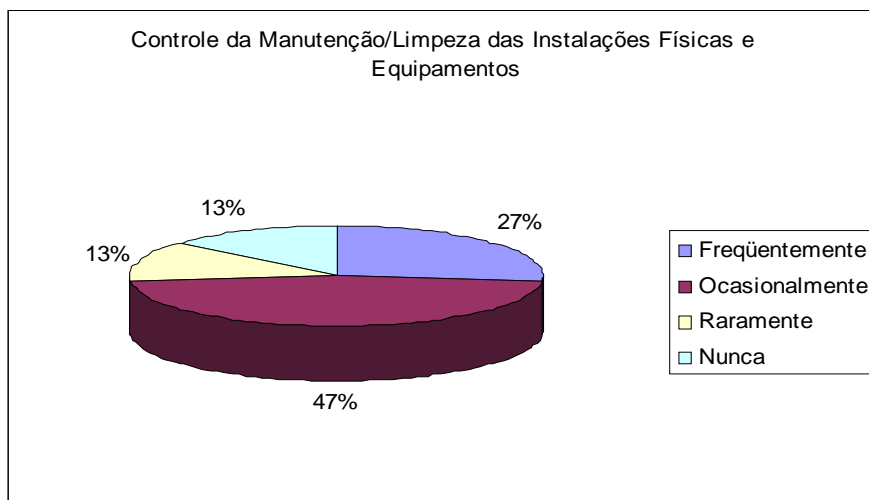


Gráfico 11 – Controle da Manutenção e/ou Limpeza das Instalações Físicas e Equipamentos  
Fonte: dados da coleta

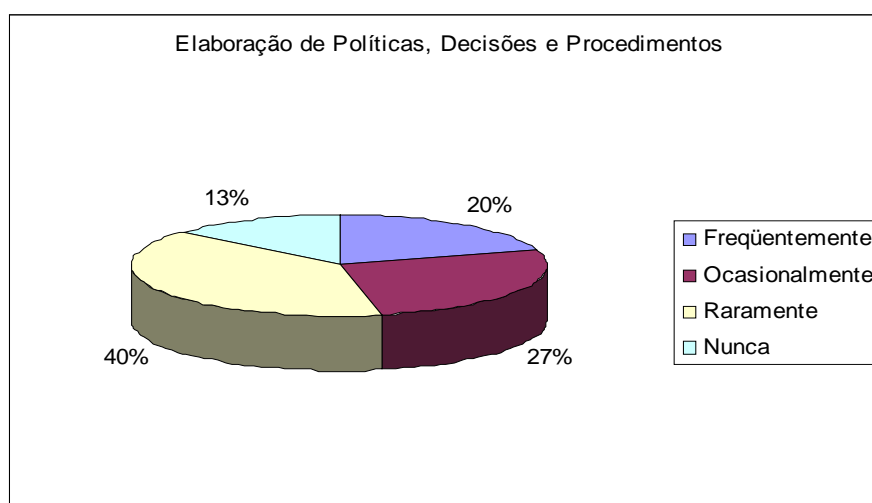


Gráfico 12 – Elaboração de Políticas, Decisões e Procedimentos  
Fonte: dados da coleta

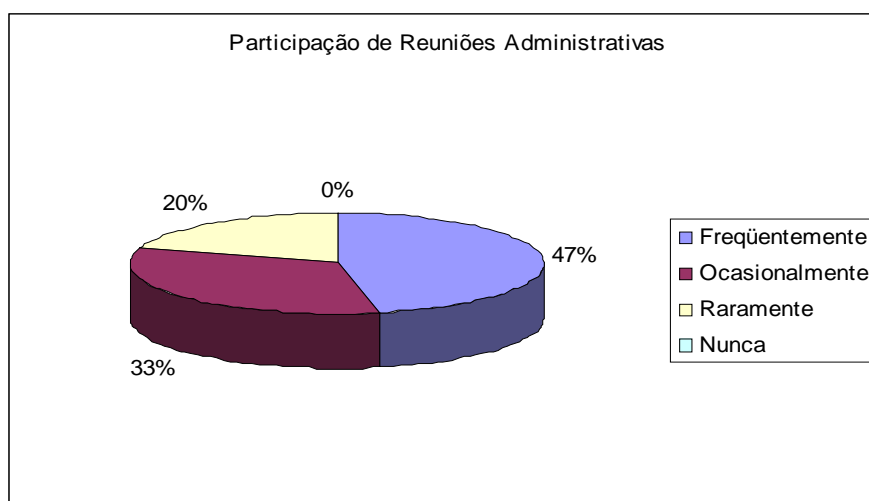


Gráfico 13 – Participação de Reuniões Administrativas  
Fonte: dados da coleta

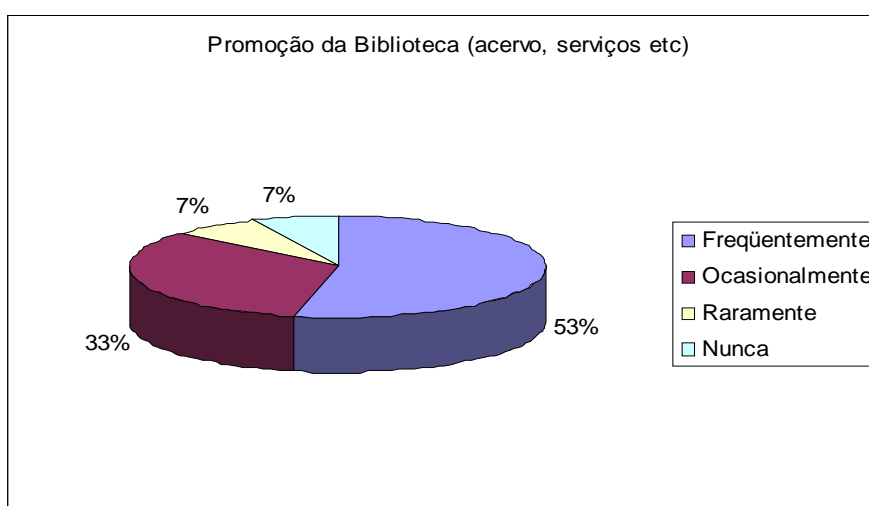


Gráfico 14 – Promoção da Biblioteca  
Fonte: dados da coleta

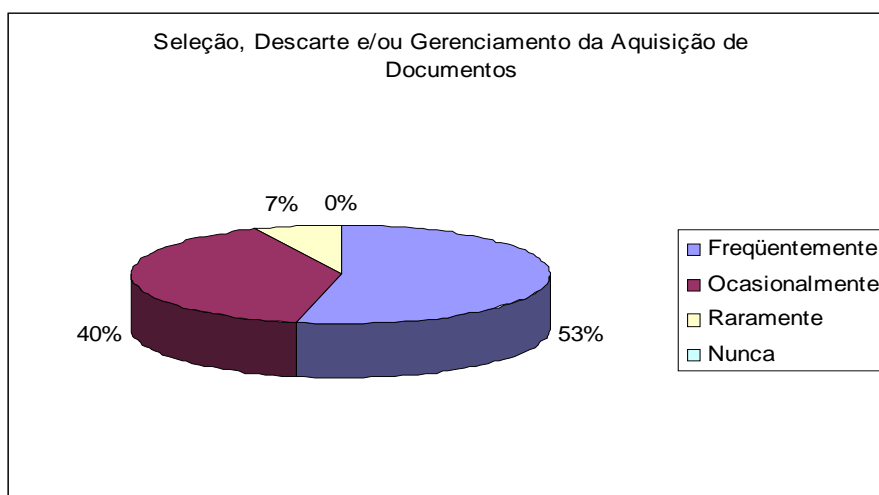


Gráfico 15 – Seleção, Descarte e/ou Gerenciamento da Aquisição de Documentos  
Fonte: dados da coleta

A atividade de coordenação/supervisão da equipe da biblioteca e de seus serviços é realizada pela maioria dos bibliotecários, 33% (5) freqüentemente e 53% (8) ocasionalmente. Verifica-se que um dos bibliotecários-chefe não marcou a opção freqüentemente, sendo que esta atividade é (especialmente, mas não somente) da alçada de quem ocupa o referido cargo. Já o contato com a direção, departamentos e/ou outras bibliotecas e instituições, é executado pela maioria dos entrevistados, ou seja, 73% (11) freqüentemente e 27% (4) a realiza ocasionalmente.

Constitui-se em uma atividade de gestão, lembrando muito bem, as funções administrativas mencionadas por Chiavenato e Sapiro (2004) e Maciel e Mendonça (2000a). São imprescindíveis para o bom funcionamento da unidade, fazendo com que a equipe realize o seu trabalho da melhor maneira possível, evitando a repetição de uma tarefa que já foi realizada por alguém e facilitando os meios de execução das atividades, além de possibilitar a resolução de problemas, elaboração e prestação de serviços. Exigem dos bibliotecários um bom relacionamento interpessoal com seus colegas de trabalho e contatos, para um andamento satisfatório das atividades em geral, reuendo, muitas vezes, discrição e “diplomacia”.

Quanto à atividade de elaboração de relatórios e outros documentos administrativos, 33% (5) dos entrevistados a realiza freqüentemente e outros 33% (5), ocasionalmente; o que significa que estão envolvidos na função de controle administrativo. O outro grupo, que a executa raramente ou nunca perfaz 34% dos bibliotecários, possivelmente mais dedicados aos serviços técnicos e de atendimento ao público.

Trata-se de uma atividade corriqueira, realizada por todas as bibliotecas para se ter controle sobre o que acontece na unidade e/ou para a prestação de contas. No SABI, há uma área especial na qual os bibliotecários podem extrair diversos relatórios como os de multas e os de vínculos com a UFRGS. Outros tipos de documentos são elaborados somente na biblioteca setorial, pelos entrevistados. Requer o uso de computadores e, conseqüente, adaptação dos equipamentos e mobiliários, conforme menciona Brandimiller (2002).

Quanto à atividade de elaboração e coordenação de programas e projetos de ação, a porcentagem de realização é baixa, devido ao fator “tempo”, conforme o relato de alguns bibliotecários. E, em comparação às outras atividades analisadas até agora, verifica-se a carência deste tipo de trabalho. No momento da coleta de dados, alguns entrevistados mencionaram ter esperança que, com a vinda de outros colegas contratados mediante o concurso público da UFRGS de 2008, houvesse maior disponibilidade para que pudessem desenvolver outras coisas importantes como projetos e serviços para os usuários. E ter esperança, é fator importante para o bem-estar psíquico (LIMA, 2007).

Os bibliotecários que elaboram políticas, decisões e procedimentos para a sua biblioteca setorial freqüentemente perfazem 20% (3) da população pesquisada, ou seja, porcentagem menor que a dos bibliotecários-chefe. Aqueles que realizam tais atividades ocasionalmente correspondem à 27% (4). O maior grupo, 53% (8), as executam raramente ou nunca. Assim como as duas atividades anteriores, requer planejamento e como tal exige reflexão e definição prévia do que se quer realizar, como menciona Maciel e Mendonça (2000b).

Talvez, em algumas bibliotecas, esta atividade já esteja bem definida, havendo apenas a necessidade de atualizações. Em outras, pode ser preciso, novamente, do fator tempo para que se elaborem esses documentos, pois através do contato com os profissionais, percebe-se que se torna difícil para a maioria dos bibliotecários parar os seus afazeres rotineiros e desenvolver esse tipo de atividade.

Em relação ao controle da manutenção e/ou limpeza das instalações físicas e equipamentos, 27% (4) dos entrevistados tem o hábito de freqüentemente executar essa atividade e outra porcentagem de 47% (7), verificam ocasionalmente tal aspecto.

Esse controle, muitas vezes, requer o contato com o pessoal externo à biblioteca, como os funcionários de secretarias, de outros departamentos e da limpeza, sendo que esses últimos, são terceirizados. É uma atividade exercida pelos

bibliotecários, em menor número que o esperado, uma vez que 40% (6) dos entrevistados são bibliotecários-chefe.

Em uma biblioteca, pode haver diversos incômodos a serem resolvidos ou contornados, por exemplo: o sistema lento, um computador infectado por vírus, uma cadeira quebrada, o balcão de atendimento com o revestimento soltando, alguma parte da biblioteca “inundada” com o excesso de chuva, ou uma estante prestes a cair. Enfim, não basta verificar os problemas, mas tomar atitudes que possam reverter a situação e isto pode demorar por falta de verbas ou até mesmo da burocracia, onde esperar pelo conserto de um mobiliário torna-se um longa tarefa. Também, o sugerir que determinado conserto ou limpeza seja feita desta ou daquela maneira pode gerar desconforto, especialmente para com aqueles profissionais que realizam o seu trabalho e não gostam de sugestões. E ver algo desagradável, para o qual não existe muita esperança de mudança, pode causar um sentimento de frustração ou impotência.

Em relação às reuniões administrativas, elas são freqüentadas pela maioria dos entrevistados, 47% (7), freqüentemente e 33% (5), ocasionalmente. Essas, podem ser internas (com a equipe da biblioteca) ou externas (como por exemplo, com o pessoal dos outros departamentos da instituição a qual a unidade está vinculada, e com os bibliotecários do SBU).

Nas reuniões (mas não somente nelas), os bibliotecários exercem alguns dos papéis gerenciais, conforme mencionam Dias (1985) e Maciel e Mendonça (2000a). Elas são de grande importância para a representatividade da biblioteca, para a conscientização de fatos, para o aplacar de ânimos exaltados, para o levante da moral da equipe, para a correção de falhas e demais instruções indispensáveis ao bom funcionamento da unidade e aos assuntos de interesse dos profissionais. Porém, quando constantes e monótonas, as reuniões podem causar incômodo e insatisfação nos bibliotecários.

A atividade de promoção da biblioteca (*Marketing*) é realizada pela maioria dos entrevistados, seja através de *sites*, *folders*, murais, estantes de exposição, ou até mesmo através de conversas com os usuários. Este tipo de atividade faz com que os usuários conheçam os serviços e produtos que lhes são oferecidos. Dependendo do que for realizado, requer a elaboração de projetos, recursos humanos especializados e até mesmo, recursos financeiros, como o caso da construção de *sites* e elaboração de *folders*, por exemplo.

Quanto à seleção, descarte e/ou gerenciamento da aquisição de documentos,

a maioria dos entrevistados realiza essas atividades, que são essenciais para um bom desenvolvimento de coleções, permitindo que não haja um acúmulo de material ocioso, e que sejam adquiridos os documentos que vão de encontro às necessidades informacionais dos usuários.

No gerenciamento da aquisição de bibliografia básica e complementar, são verificados quais documentos a biblioteca já possui e o que deverá ser adquirido (com os seus detalhes físicos e financeiros), além de serem observadas as possíveis mudanças na descrição dos itens no sistema. Pode trazer cansaço físico e psíquico, pela intensidade da tarefa (às vezes, o prazo para os pedidos de aquisição é curto e são necessárias muitas revisões devido ao grande número de bibliografias das disciplinas).

A partir desse momento, foram analisadas as atividades referentes ao processamento técnico dos documentos, do Gráfico 16 até o Gráfico 19.

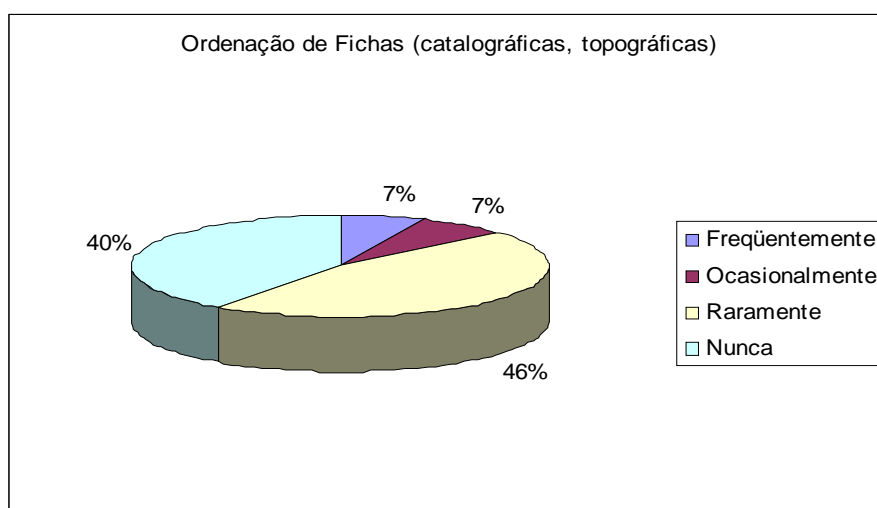


Gráfico 16 – Ordenação de fichas  
Fonte: dados da coleta

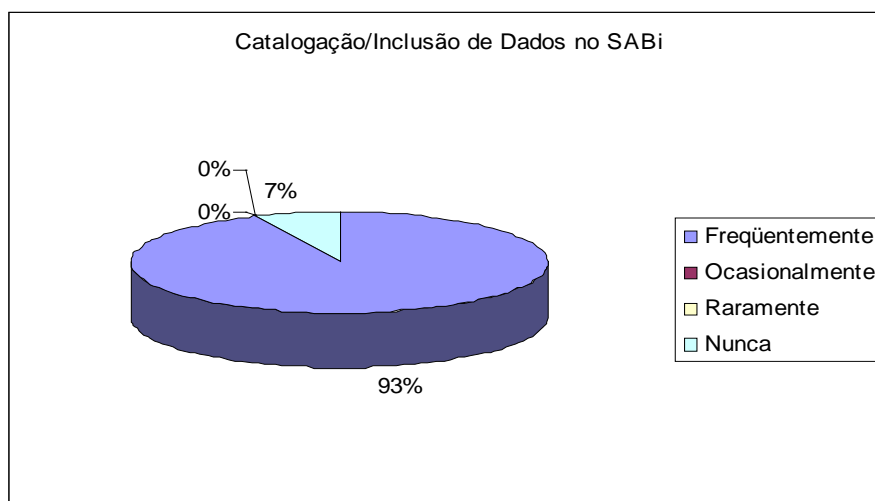


Gráfico 17 - Catálogoção/Inclusão de Dados no SABI  
Fonte: dados da coleta

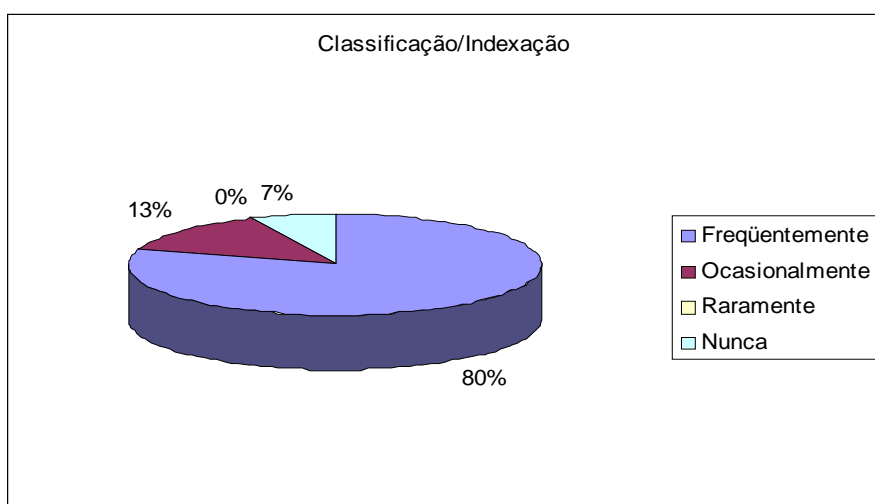


Gráfico 18 - Classificação/Indexação  
Fonte: dados da coleta



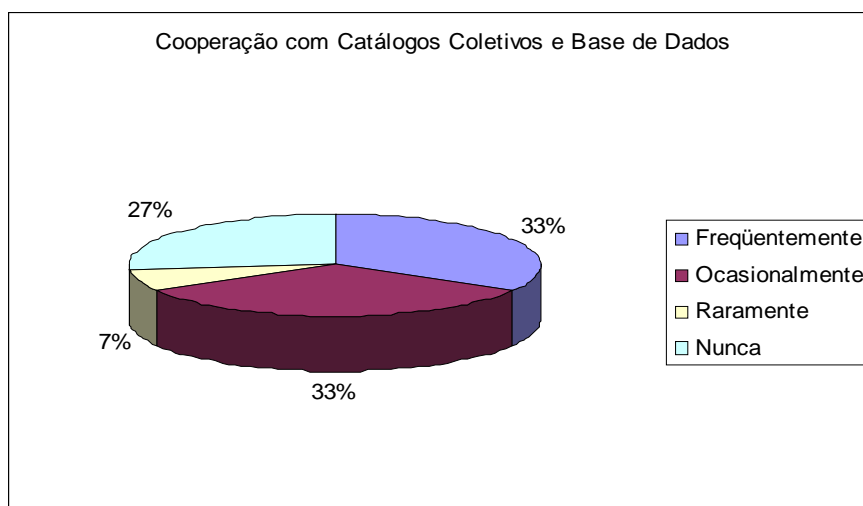


Gráfico 19 – Cooperação com Catálogos Coletivos e Base de Dados  
Fonte: dados da coleta

Em relação à ordenação de fichas catalográficas ou topográficas, não há um costume freqüente de execução dessa tarefa entre os entrevistados, pois apenas 14% executam essa atividade freqüentemente ou ocasionalmente. A grande maioria, 86%, raramente ou nunca realiza a ordenação de fichas, por causa da existência de um sistema automatizado.

Com a automatização do catálogo, as fichas catalográficas perderam o sentido, pois os usuários realizam suas buscas no catálogo *on-line*. Alguns bibliotecários ressaltaram que não realizam mais nenhum tipo de controle manual por causa desse sistema.

No entanto, algumas bibliotecas ainda alimentam o catálogo topográfico. Um dos entrevistados mencionou que o trabalho de ordenar as fichas topográficas é de responsabilidade dos bolsistas, sendo que raramente, ele o faz.

Em relação à organização de fichas topográficas, a entrevistadora ouviu de um dos bibliotecários que é uma atividade cansativa e que depois de uns quinze minutos não se consegue continuar com a tarefa. Esse fato é uma afirmação correta, pois as fichas são pequenas e com caracteres miúdos. A ordenação é a mesma das estantes, ou seja, de acordo com a classificação bibliográfica adotada pela biblioteca. A posição do fichário topográfico nem sempre é a ideal e causa dores nas costas e, especialmente, na região dos ombros e do pescoço, que necessitam ser projetados “para frente” para que se consiga colocar a ficha no lugar certo.

Quanto à catalogação/inclusão de dados no SABi, a maioria dos entrevistados, ou seja, 93% (14) a realiza freqüentemente. Essa, é uma das

atividades que preparam os documentos para que os usuários possam recuperá-los e é a mais executada entre os bibliotecários pesquisados. Fato curioso para a entrevistadora (que não imaginava que um bibliotecário poderia “não catalogar”) é que um dos entrevistados não realiza esta atividade, sendo que pode realizar com mais frequência as atividades de atendimento ao público e atividades de gestão.

A catalogação refere-se à descrição dos documentos, que no SBU obedece a regras do Código de Catalogação Anglo-Americano (CCAA), 2ª edição, 2002, juntamente com o que é exposto nos Manuais do SAbi (que obedecem ao formato MARC21) e a certas normas das próprias bibliotecas. Porém, muitas vezes, o bibliotecário tem que tomar decisões que não estão apoiadas em nenhum manual. É uma atividade que pode exigir intenso trabalho mental por parte dos bibliotecários.

Quanto à inserção de dados (a catalogação já é um tipo de inserção), conhecida também como “criar itens” para o documento, é uma atividade com pouco grau de complexidade, mas é repetitiva, sendo que é preciso muita atenção e paciência para fazê-la e isto pode se constituir em um risco ocupacional, gerando a monotonia (MENDES, 1980; LADEIRA, 1996; SOUZA; SILVA, 2007).

Na questão física, é uma atividade realizada em frente ao computador. Exige um certo esforço nos ombros, braços, mãos, punhos e dedos devido à digitação e ao uso do *mouse* (BRASIL, 2003). Além disto, o catalogador fica muito tempo sentado, muitas vezes em uma cadeira não apropriada e em uma mesa não condizente com suas necessidades físicas e de execução de tarefas. Logicamente, as pausas são permitidas, mas nem sempre “lembradas”, quando há prazos de entrega e esforço mental. Também há de se verificar os reflexos internos e externos do monitor do computador, sua altura e distância adequada. Todas essas circunstâncias são mencionadas por Brandimiller (2002), além da parte ergonômica referente à NR 17 (BRASIL, 1990), e Costa<sup>20</sup>, referindo-se aos reflexos do monitor.

A classificação/indexação dos documentos é realizada pela maioria dos entrevistados, ou seja, por 80% (12), freqüentemente, constituindo-se na segunda atividade mais executada. Permite ao usuário localizar o documento por assunto no Catálogo *on-line* e, também, localizá-lo nas estantes. Novamente, um dos entrevistados não efetua tais atividades.

A indexação é uma atividade subjetiva que, dependendo da área tratada no documento, pode exigir muita atividade mental por parte do bibliotecário,

---

<sup>20</sup>COSTA, Gilberto José Corrêa. Iluminação em Bibliotecas. Texto não publicado.

especialmente se o assunto é desconhecido pelo profissional. Outro problema é o da terminologia utilizada, às vezes, um assunto não possui um descritor ideal. Até mesmo a classificação pode apresentar problemas, quando um documento contempla igualmente dois assuntos e existem várias localizações no código utilizado em que se pode colocá-lo, mas nenhuma delas atende ao assunto do documento como um todo.

Fisicamente, também é uma atividade que exige a permanência na frente do computador, especialmente se as terminologias e as ferramentas de classificação não forem impressas. Se forem impressas, há a questão do peso, comentada por Lima (2007) e pela Instrução Normativa do INSS/DC Nº 98 (BRASIL, 2003) e da adequação do documento na mesa do bibliotecário (BRASIL, 1990).

Em relação à cooperação com catálogos coletivos e base de dados, a maioria dos entrevistados realiza esta atividade (66%, freqüentemente ou ocasionalmente). Como exemplo, pode-se citar a cooperação com o Catálogo Coletivo Nacional (CCN), onde a mesma é realizada preenchendo-se o campo IBI, no módulo de catalogação, e, também, a indexação de artigos de periódicos que a instituição, a qual a biblioteca está vinculada, publica. Observa-se, então, que a carga dessa atividade é similar ao da catalogação e indexação, com a diferença de que os bibliotecários tem que, às vezes, correr contra o tempo para indexar os periódicos, a partir do momento em que tal atividade é apresentada a eles.

As atividades de atendimento ao público correspondem ao intervalo do Gráfico 20 ao Gráfico 26.

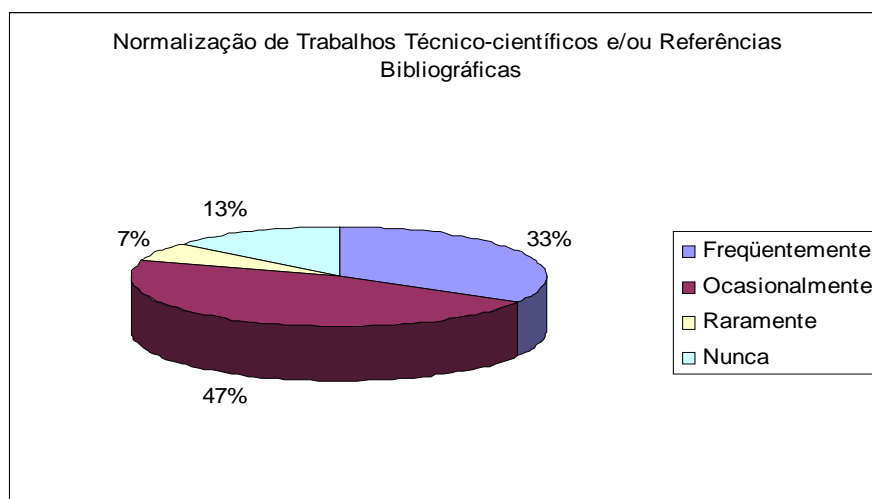


Gráfico 20 - Normalização de Trabalhos Técnico-científicos e/ou Referências Bibliográficas  
Fonte: dados da coleta

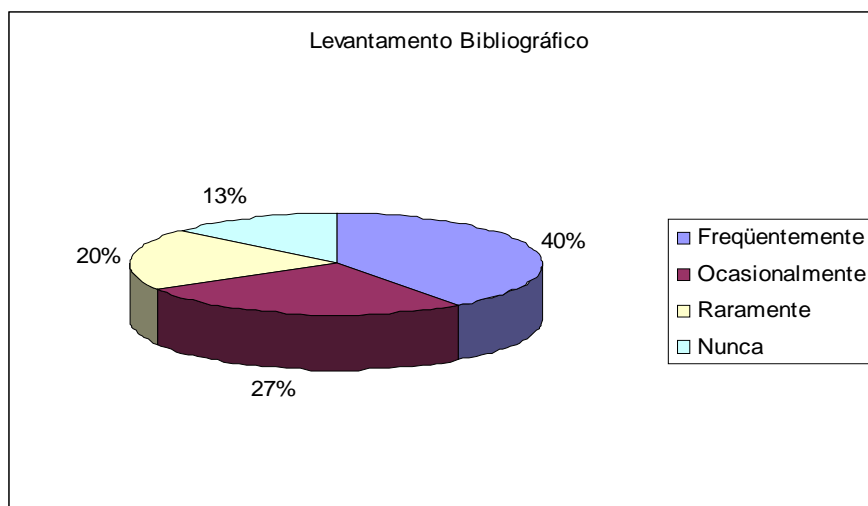


Gráfico 21 – Levantamento Bibliográfico  
Fonte: dados da coleta

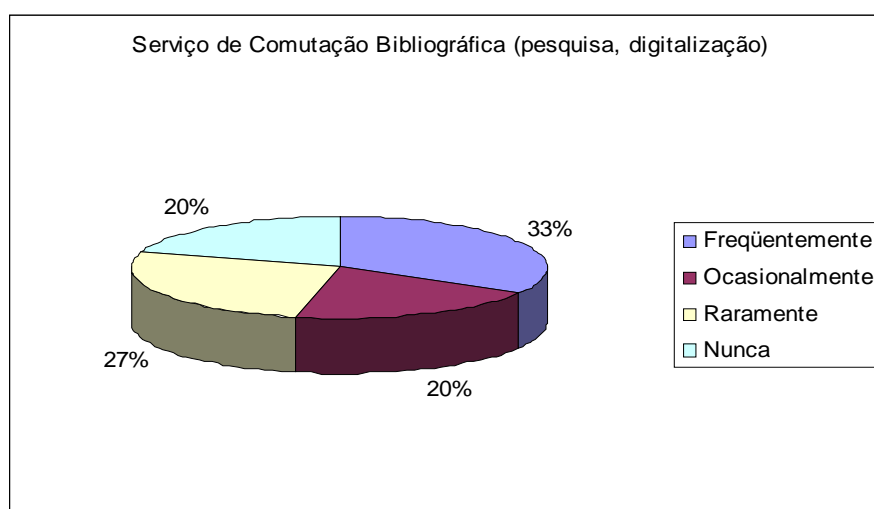


Gráfico 22 – Serviço de Comutação Bibliográfica  
Fonte: dados da coleta

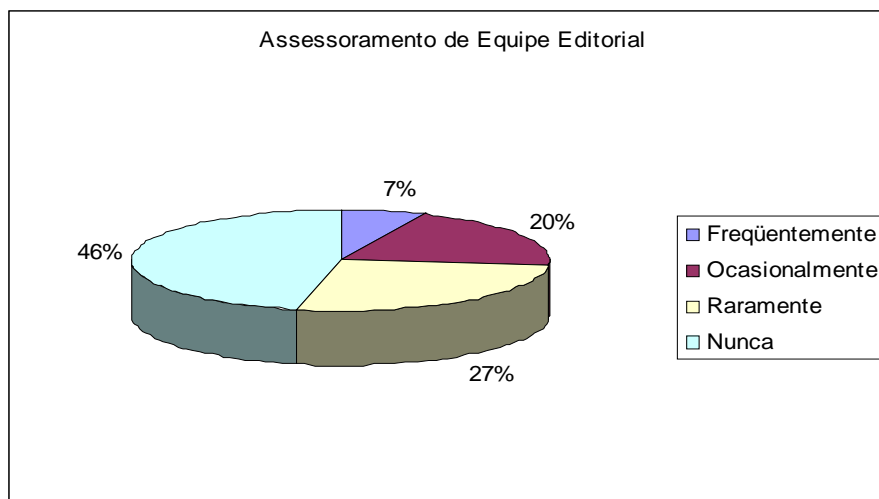


Gráfico 23 – Assessoramento de Equipe Editorial

Fonte: dados da coleta

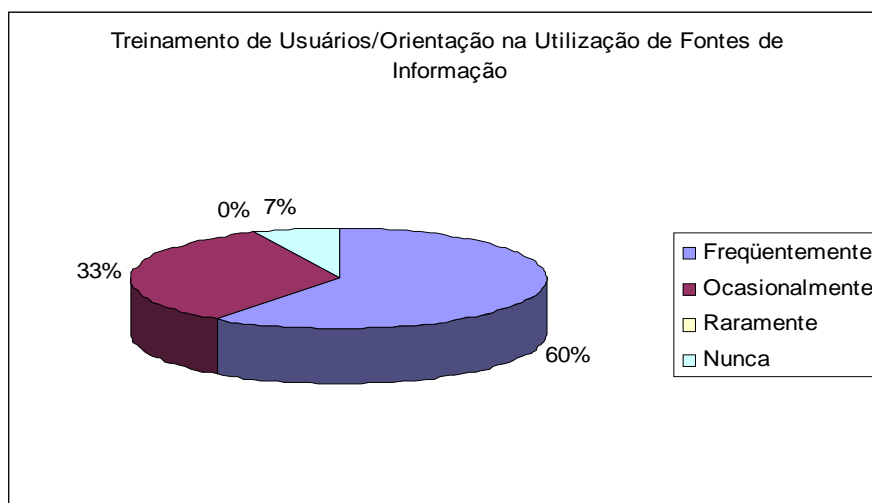


Gráfico 24 – Treinamento de Usuários/Orientação na Utilização de Fontes de Informação

Fonte: dados da coleta

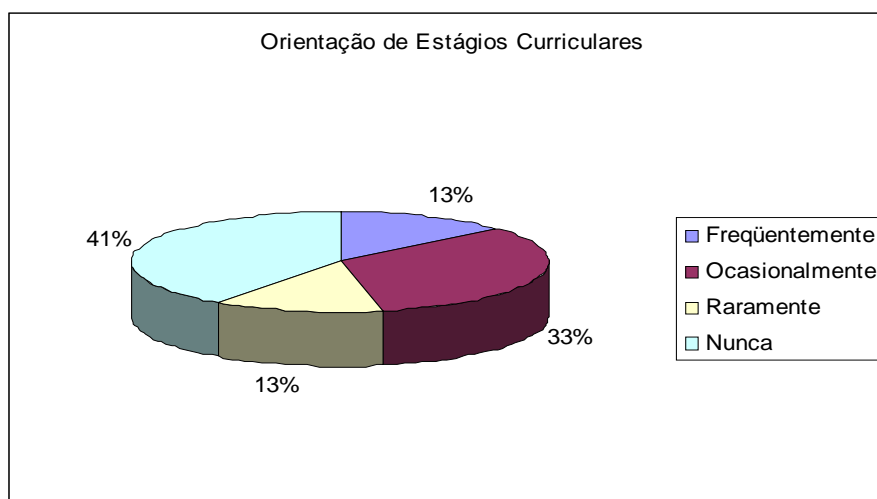


Gráfico 25 – Orientação de Estágios Curriculares  
Fonte: dados da coleta

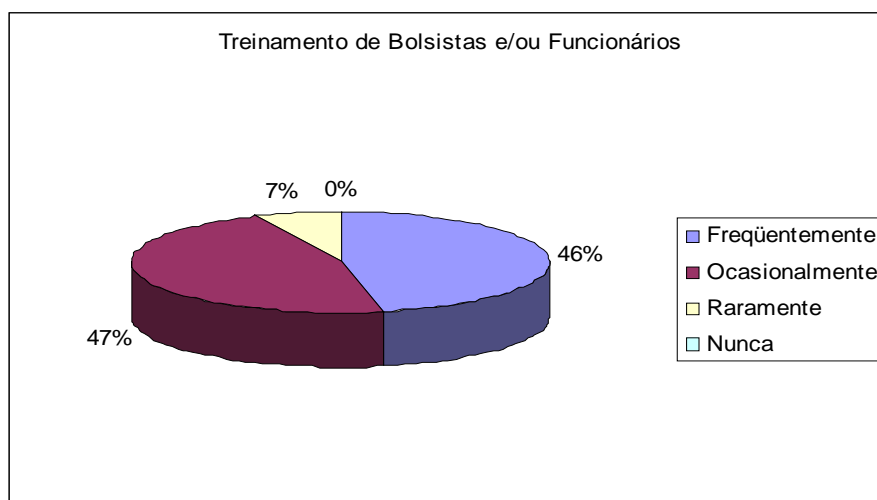


Gráfico 26 – Treinamento de Bolsistas e/ou Funcionários  
Fonte: dados da coleta

Quanto à normalização de trabalhos técnico-científicos e/ou referências bibliográficas, 33% (5) dos entrevistados a realizam freqüentemente e 47% (7), ocasionalmente. Para a sua execução, utilizam-se as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), podendo também ser utilizadas outras como as de Vancouver (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?e]).

Exige muita atenção ao corrigir. Pode ser cansativo psíquica e fisicamente. Traz os inconvenientes do uso do computador (BRASIL, 2003; BRANDIMILLER,

2002; COSTA<sup>21</sup>). E exige uma postura corporal correta e mobiliário adequado, mesmo que a normalização seja feita em documento impresso.

Em relação à atividade de levantamento bibliográfico, 40% (6) dos bibliotecários a efetuam freqüentemente e outra menor, a executam ocasionalmente. Essa atividade é realizada utilizando catálogos *online* e especialmente, bases de dados. Necessita do contato com os usuários, da elaboração de estratégias de buscas e utilização do computador.

Um dos entrevistados relatou que os usuários de sua biblioteca, normalmente, não necessitam de um acompanhamento especial por saberem como encontrar o que precisam. Outro, mencionou que o usuário, ao vir com um assunto muito específico que ele desconhece, prefere realizar o levantamento sozinho, pois precisa estabelecer estratégias de buscas (onde e como encontrar o assunto). Assim, não existiria a “pressão” que alguns usuários poderiam exercer sobre bibliotecário durante a busca, ou mesmo pela alta exigência do profissional consigo mesmo.

Em relação ao serviço de comutação bibliográfica, pode-se dizer que é realizado com bastante freqüência entre os entrevistados, dadas as proporções de que apenas um bibliotecário fica encarregado dele em cada unidade. Inclusive, um dos entrevistados mencionou que realiza esta atividade apenas quando o bibliotecário encarregado está de férias.

A pesquisa em base de dados, apesar do uso do computador, talvez não configure grandes problemas aos bibliotecários, já que é vista como um processo de “investigação” por alguns profissionais. Já a digitalização pode ser cansativa por causa do *software* utilizado (se for lento), da posição em que o *scanner* fica na mesa (se não há espaço para acomodá-lo adequadamente), do documento a ser digitalizado (às vezes, há encadernações muito grossas e com pouca margem), da posição do braço do bibliotecário (se ele precisa estendê-lo e forçá-lo para pressionar o documento) e do processo repetitivo de digitalizar cada página, que se torna monótono e, por isso, passível de erros. As exigências mecânicas por longos períodos de tempo e posições forçadas podem acarretar, juntamente com outros fatores, nas LER/DORT, segundo o manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001). Souza e Silva (2007) também alertam sobre os esforços repetitivos e o posicionamento corporal.

---

<sup>21</sup>COSTA, Gilberto José Corrêa. Iluminação em Bibliotecas. Texto não publicado.

Quanto ao assessoramento de equipe editorial, 73% (11) dos entrevistados realiza-o raramente ou nunca. Normalmente, tal atividade está vinculada ao assessoramento de publicações das instituições a que estão vinculadas as bibliotecas setoriais, por exemplo, a catalogação na fonte (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?b]; UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?f]). E também, a normatização de artigos (UNIVERSIDADE... [entre 199-? e 200-?c]). Assim, é compreensível a pouca execução dessa tarefa. A carga de trabalho pode ser igual à das atividades de catalogação (se forem elaboradas as fichas catalográficas, inclui mais aspectos) e normalização de trabalhos, porém com uma freqüência menor e talvez, alguma pressão temporal devido a prazos de entrega.

O treinamento de usuários/orientação na utilização de fontes de informação é uma atividade freqüente para a maioria dos entrevistados, ou seja 60% (9). As fontes podem ser, por exemplo, o Catálogo on-line e as bases de dados.

Essa atividade pode ser uma atividade orientada, com data e local marcado para que o bibliotecário apresente a fonte, podendo ou não, gerar uma carga emocional que se refletirá em seu corpo. Já orientação pode ocorrer a qualquer momento, basta que o usuário peça auxílio ao bibliotecário.

Quanto à orientação de estágios curriculares, verificou-se que essa atividade não é muito executada pelos bibliotecários (dois entrevistados freqüentemente realizam essa atividade, e ocasionalmente cinco a executam), o que é, em parte, compreensível, pois normalmente há apenas um bibliotecário orientador na biblioteca, sendo que os outros colegas podem ou não ajudar (se houvesse um bibliotecário em cada unidade que realizasse a atividade freqüentemente, a porcentagem seria de 40%, ou seja, seis profissionais). O maior grupo, de 54% dos pesquisados, orientam raramente ou nunca.

Orientar estágios curriculares não é tarefa fácil, pois exige que o bibliotecário deixe suas atividades para estar acompanhando o aluno do curso de Biblioteconomia. Pode significar tanto um “incômodo” a mais, quanto a possibilidade de ter alguém que realize coisas importantes e necessárias para a unidade. Um bom aspecto é que os bibliotecários podem optar por aceitar ou não realizar tal orientação, de acordo a disponibilidade que possuem e até mesmo em relação à estrutura física da biblioteca (se existe área física disponível e equipamentos, por exemplo).

Em relação ao treinamento de bolsistas e/ou funcionários para a realização dos serviços na biblioteca pode-se dizer que é executado com boa assiduidade



pelos entrevistados, conforme o Gráfico, 46% (7) freqüentemente e 47% (7) ocasionalmente. Isso pode acontecer devido à alta rotatividade da equipe da biblioteca, especialmente, dos bolsistas, bem como o surgimento de novos serviços. Além disso, algumas atividades que antes eram feitas por determinada pessoa podem ser transferidas para outra que possua condições de efetuá-las.

A alta rotatividade atrapalha o desenvolvimento das atividades e sempre há uma expectativa sobre quem virá ocupar determinado posto. Isso pode gerar uma certa ansiedade natural.

Essas últimas três atividades são mencionadas pela CBO (BRASIL, 2002a), como atividades de desenvolvimento de ações educativas, na qual usuários, alunos de Biblioteconomia e recursos humanos da biblioteca são capacitados. A orientação de estágios curriculares e o treinamento de bolsistas e/ou funcionários foi colocada na parte referente aos serviços de atendimento ao público por essa “aproximação”, e não por pertencerem a esse aspecto, já que não é o “público em si” que é atendido.

Com a análise realizada até o momento, verificou-se que há atividades que exigem muito fisicamente e pouco mentalmente, o que pode gerar a monotonia conforme mencionam Mendes (1980), Ladeira (1996), Souza e Silva (2007) e Dejours (1992), por exemplo, a comutação bibliográfica, a ordenação de fichários e a inserção de itens no sistema (um serviço e duas atividades técnicas). Outras atividades exigem mais intelectualmente, porém podem afligir também o lado físico (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001; DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1993; BRANDIMILLER, 2002). Como exemplo, pode-se citar a catalogação e a indexação (atividades técnicas), as atividades administrativas (e tomadas de decisões) e até mesmo o levantamento bibliográfico (um serviço, caracterizado pelas estratégias de busca e preferência de realização da atividade em momento separado do usuário, conforme opinião de alguns entrevistados).

Finalmente, as atividades dos bibliotecários foram analisadas mediante a interação dos profissionais com os equipamentos, mobiliários, seus próprios instrumentos de trabalho, e isto em relação à freqüência de utilização dos mesmos, e considerações sobre pressões de tempo, exigência mental e relações interpessoais.

Após essa etapa da análise, faz-se necessário ouvir o que os profissionais pensam a respeito de seu trabalho, pois são eles que apontarão as dificuldades que enfrentam (PASCHOAL; TAMAYO, 2004).

Assim, do Gráfico 27 ao Gráfico 33, os bibliotecários demonstraram o seu grau de satisfação com as atividades que realizam e com a carga horária de trabalho.



Gráfico 27 – Nível de Exigência das Atividades  
Fonte: dados da coleta

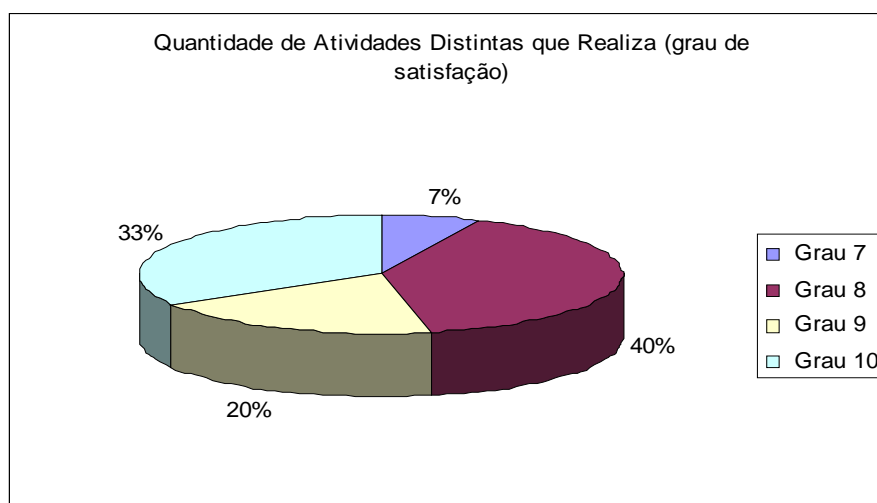


Gráfico 28 – Quantidade de Atividades Distintas Realizadas (grau de satisfação)  
Fonte: dados da coleta

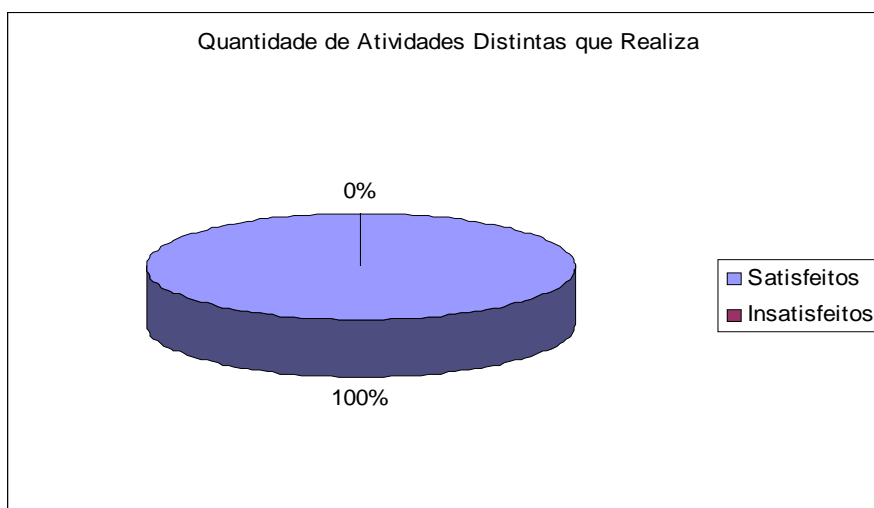


Gráfico 29 - Quantidade de Atividades Distintas Realizadas  
Fonte: dados da coleta

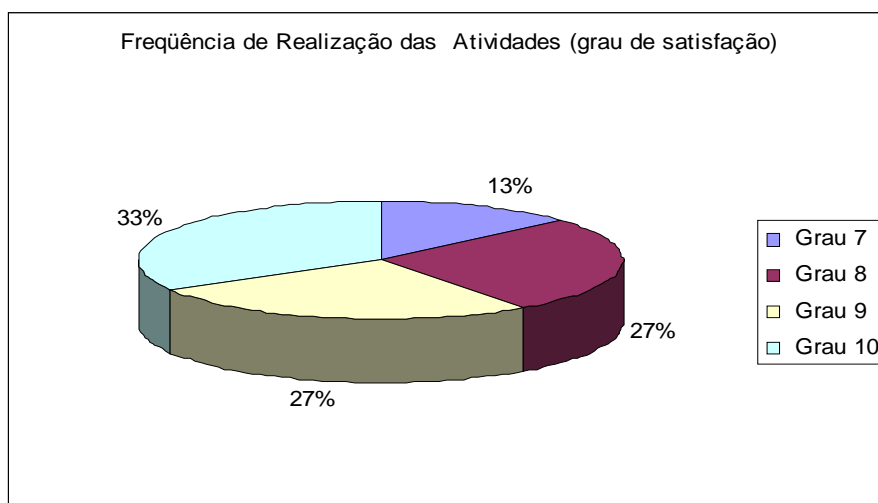


Gráfico 30 – Freqüência de Realização das Atividades (grau de satisfação)  
Fonte: dados da coleta



Gráfico 31 - Freqüência de Realização das Atividades  
Fonte: dados da coleta

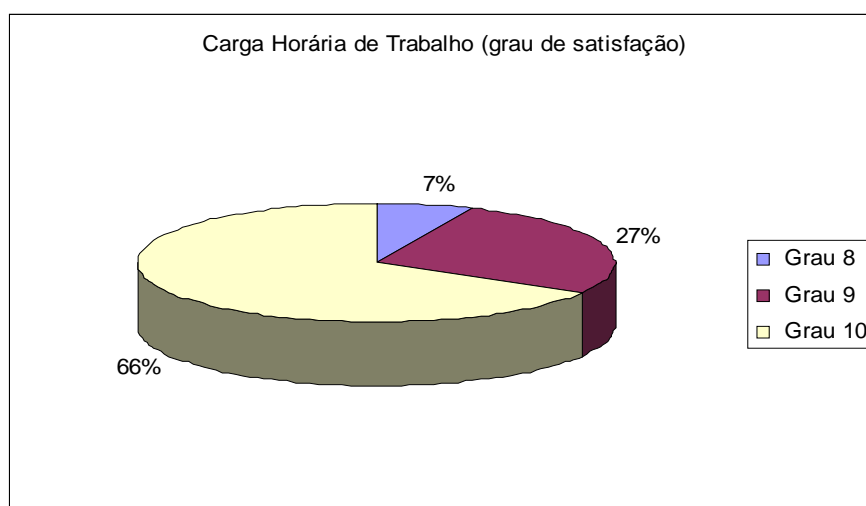


Gráfico 32 – Carga Horária de Trabalho (grau de satisfação)  
Fonte: dados da coleta

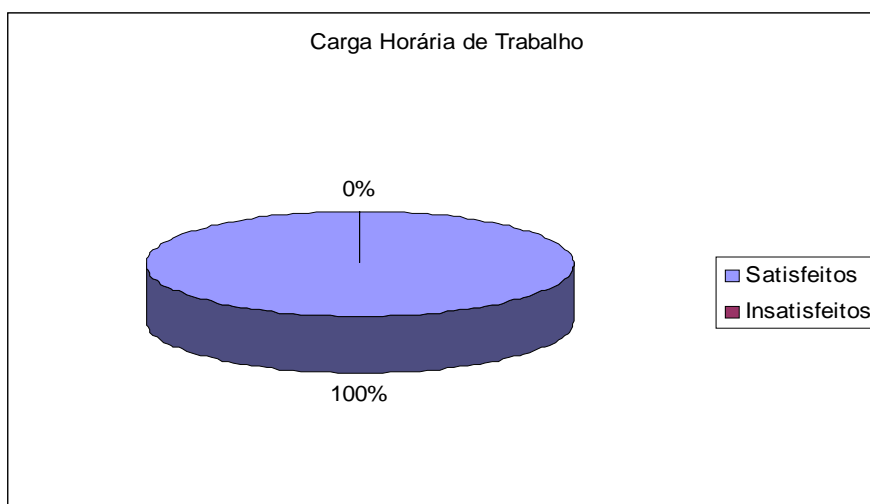


Gráfico 33 - Carga Horária de Trabalho  
Fonte: dados da coleta

Verifica-se que, para 40% (6) dos bibliotecários, o nível de exigência das atividades é menor do que podem fazer ou gostariam de oferecer. E 60% (9) realizam atividades cujo nível de exigência é similar ao que podem ou gostariam de oferecer. Assim, nenhum dos entrevistados acredita que suas atividades exijam além de sua capacidade ou disposição para realizá-las, constituindo-se em um bom fator para a saúde.

Todavia, quando um trabalho exige menos, ele pode trazer insatisfação, monotonia e até frustração por querer contribuir mais e não haver tal possibilidade (MENDES, 1980; LADEIRA, 1996; SOUZA; SILVA, 2007; DEJOURS, 1992). Embora exista este “nível baixo” de exigência das atividades, 100% (15) dos entrevistados encontram-se satisfeitos quanto à quantidade e freqüência das mesmas, além da satisfação com a carga horária de trabalho.

Ou seja, mesmo que alguns bibliotecários prefiram realizar somente certos tipos de atividades (como as administrativas) e que algumas atividades estejam abaixo do potencial que possuem, isto não é um fator que causa descontentamento nos entrevistados. Pelo contrário, os entrevistados efetuam diversas atividades, o que na opinião da entrevistadora, é muito bom para ajudar no combate à fadiga e à monotonia (conseqüências do nível de exigência baixo das atividades e repetitividade), conforme afirmam França e Rodrigues (1997) e Brandimiller (2002).

Enfim, além das atividades desses profissionais (e sua satisfação), existem outros fatores que devem ser analisados em relação ao trabalho dos bibliotecários,

como o ambiente físico da biblioteca.

## 5.2 AMBIENTE FÍSICO DA BIBLIOTECA

O ambiente físico da biblioteca foi analisado levando em consideração as instalações físicas (equipamentos, mobiliário e condições ambientais, por exemplo) e o acervo, tendo como base o incômodo ou o grau de satisfação causada nos entrevistados.

Primeiramente, foram analisados os dados referentes às instalações físicas das bibliotecas pesquisadas, do Gráfico 34 ao Gráfico 53.

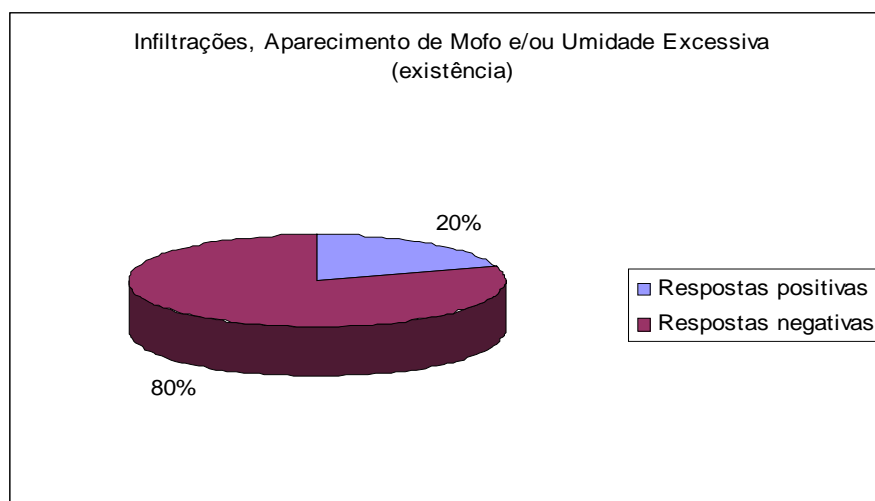


Gráfico 34 – Infiltrações, Aparecimento de Mofo e/ou Umidade Excessiva (existência)  
Fonte: dados da coleta

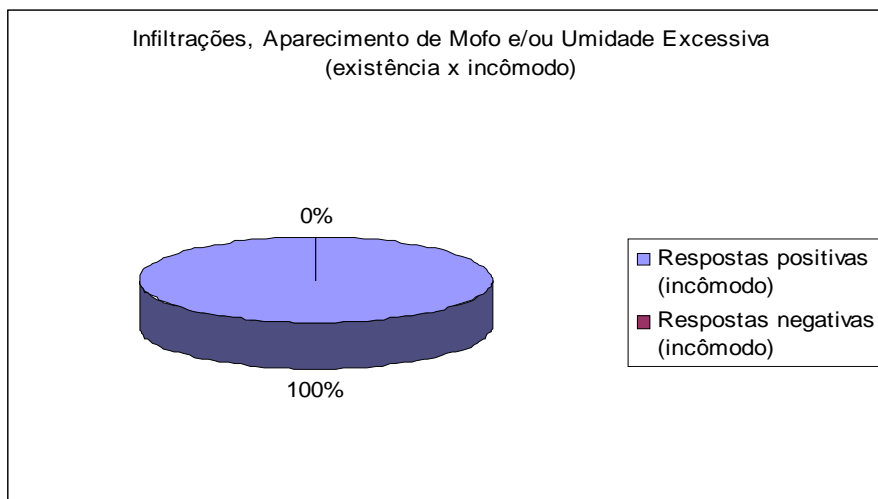


Gráfico 35 - Infiltrações, Aparecimento de Mofo e/ou Umidade Excessiva (incômodo)  
Fonte: dados da coleta

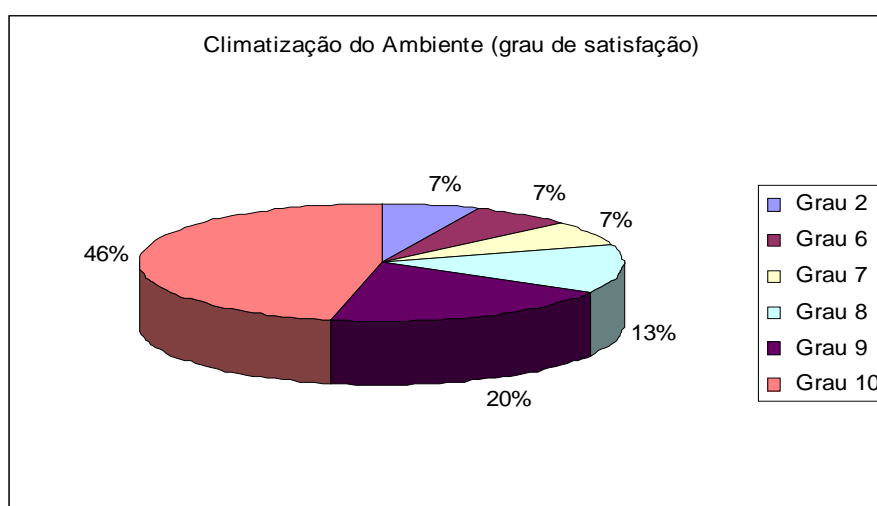


Gráfico 36 – Climatização do Ambiente (grau de satisfação)  
Fonte: dados da coleta

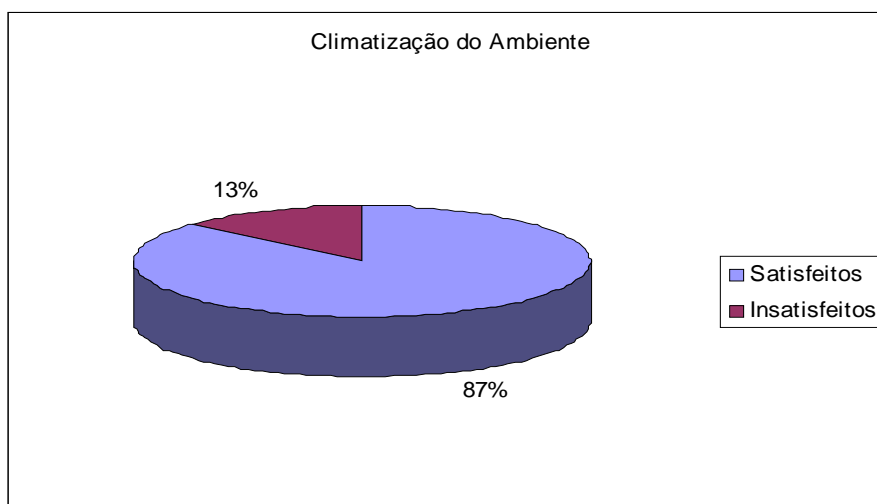


Gráfico 37 - Climatização do Ambiente  
Fonte: dados da coleta

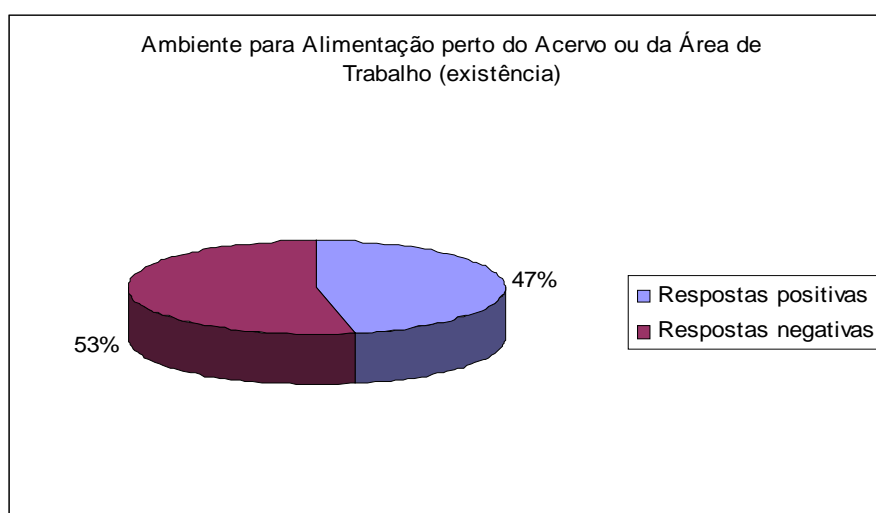


Gráfico 38 – Ambiente para Alimentação perto do Acervo ou da Área de Trabalho (existência)  
Fonte: dados da coleta



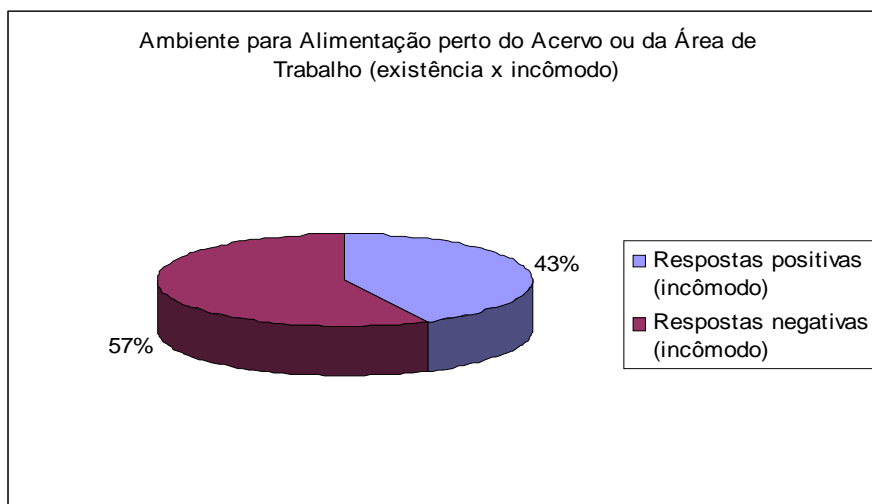


Gráfico 39 - Ambiente para Alimentação perto do Acervo ou da Área de Trabalho (incômodo)  
Fonte: dados da coleta

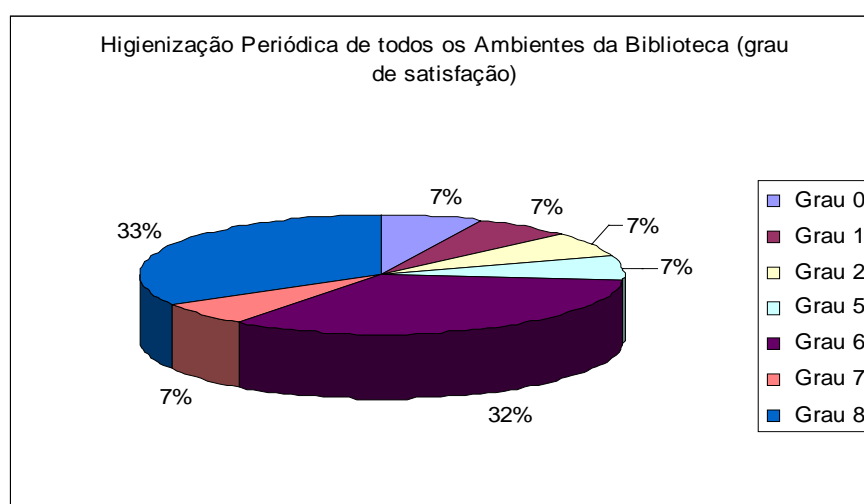


Gráfico 40 - Higienização Periódica de todos os Ambientes da Biblioteca (grau de satisfação)  
Fonte: dados da coleta

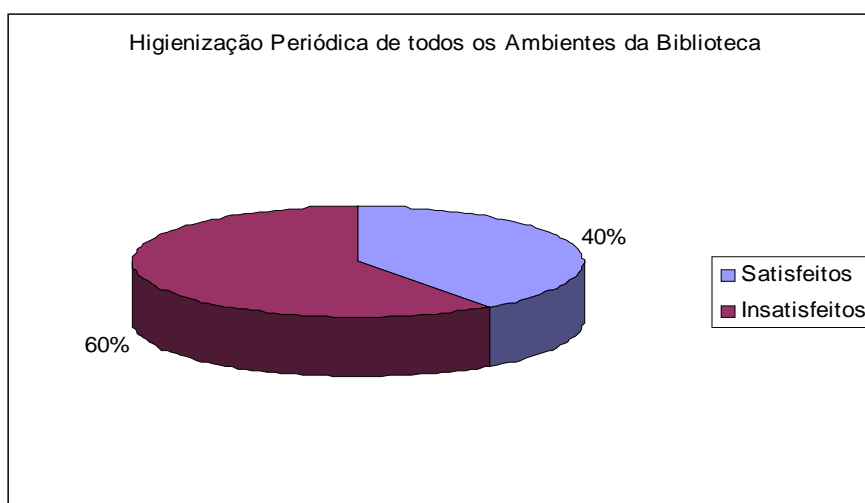


Gráfico 41 - Higienização Periódica de todos os Ambientes da Biblioteca  
Fonte: dados da coleta

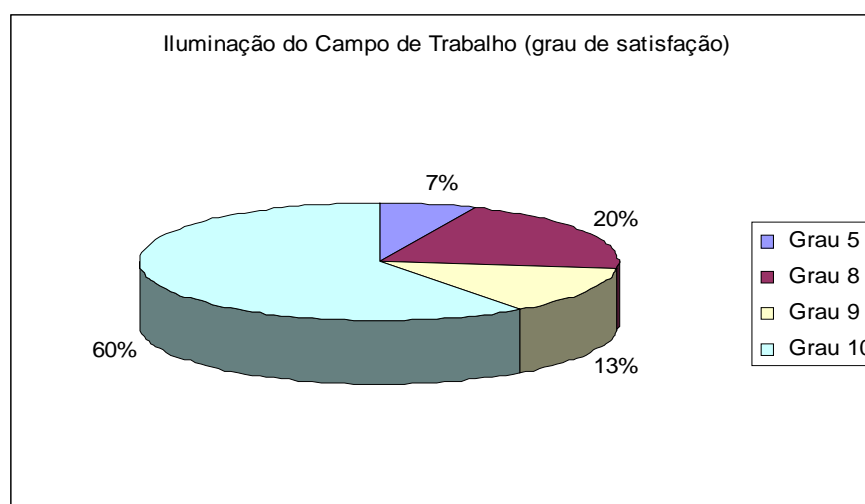


Gráfico 42 – Iluminação do Campo de Trabalho (grau de satisfação)  
Fonte: dados da coleta

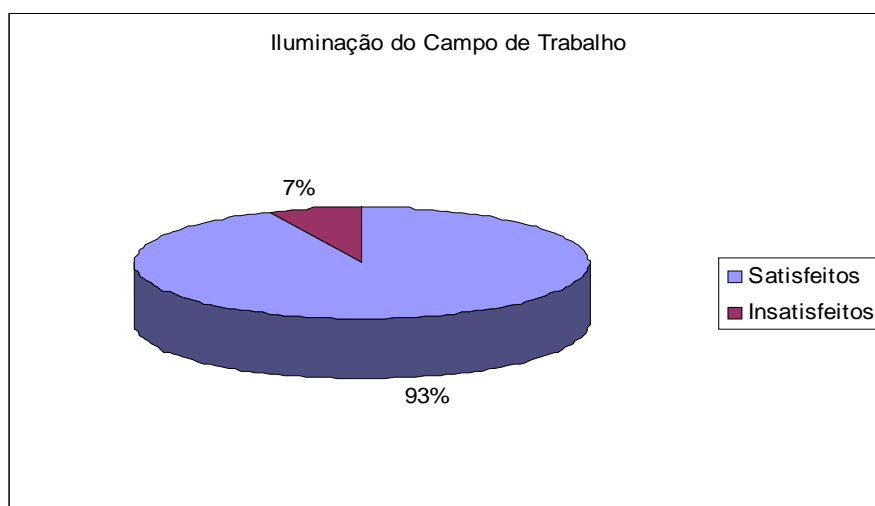


Gráfico 43 - Iluminação do Campo de Trabalho  
Fonte: dados da coleta

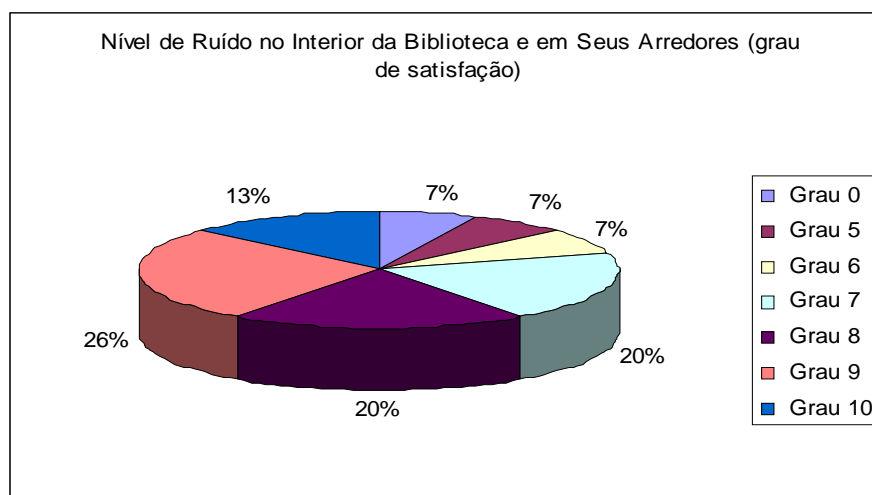


Gráfico 44 – Nível de Ruído no Interior da Biblioteca e em seus Arredores (grau de satisfação)  
Fonte: dados da coleta

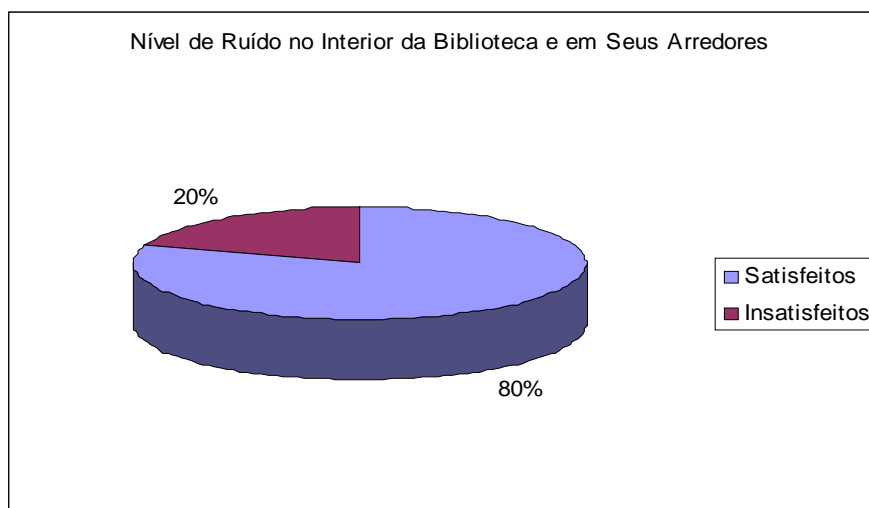


Gráfico 45 - Nível de Ruído no Interior da Biblioteca e em seus Arredores  
Fonte: dados da coleta

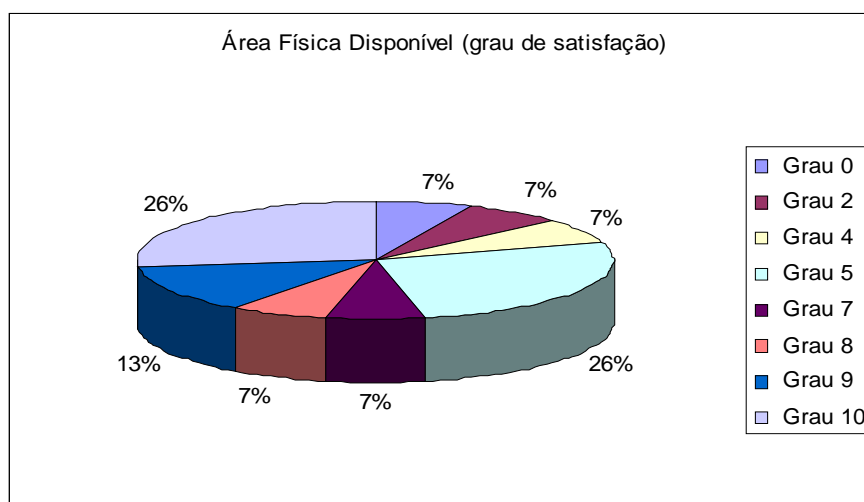


Gráfico 46 – Área Física Disponível (grau de satisfação)  
Fonte: dados da coleta

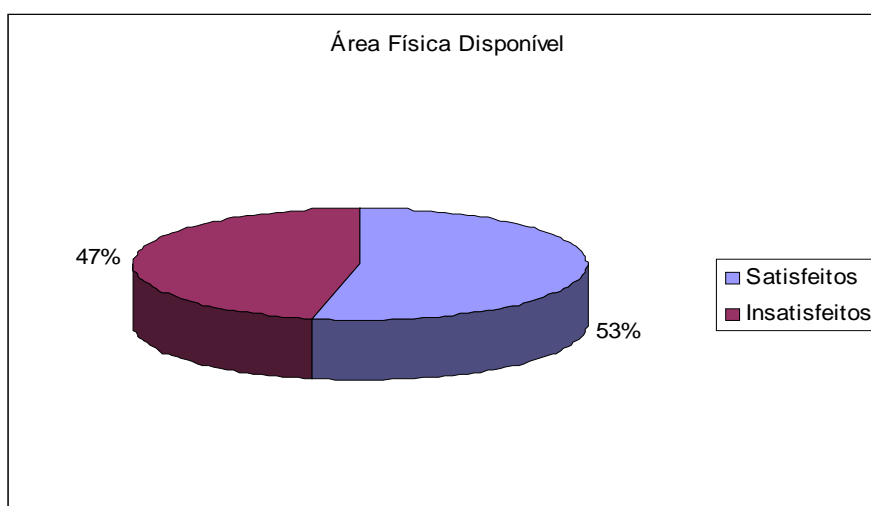


Gráfico 47 - Área Física Disponível  
Fonte: dados da coleta

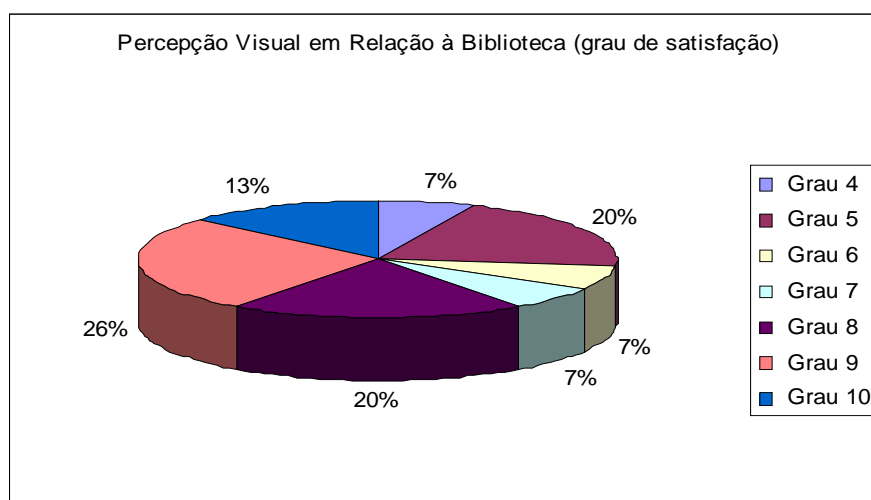


Gráfico 48 – Percepção Visual em relação à Biblioteca (grau de satisfação)  
Fonte: dados da coleta

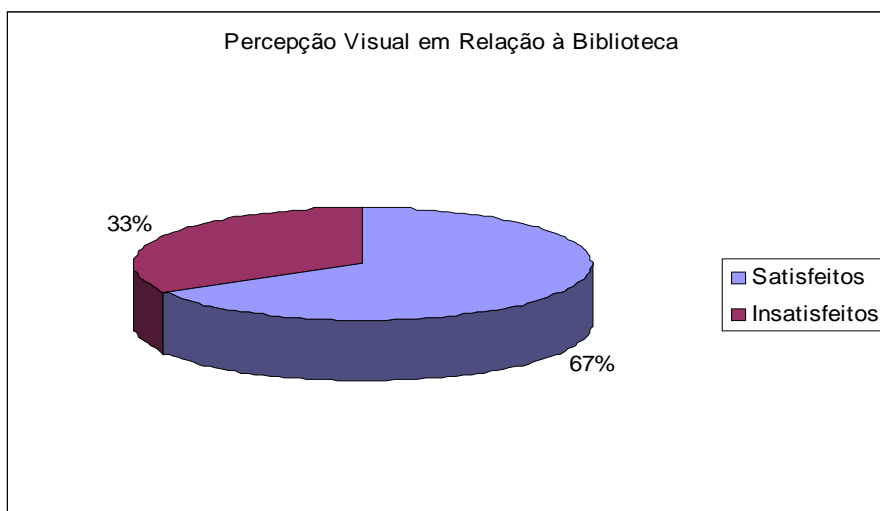


Gráfico 49 - Percepção Visual em relação à Biblioteca  
Fonte: dados da coleta

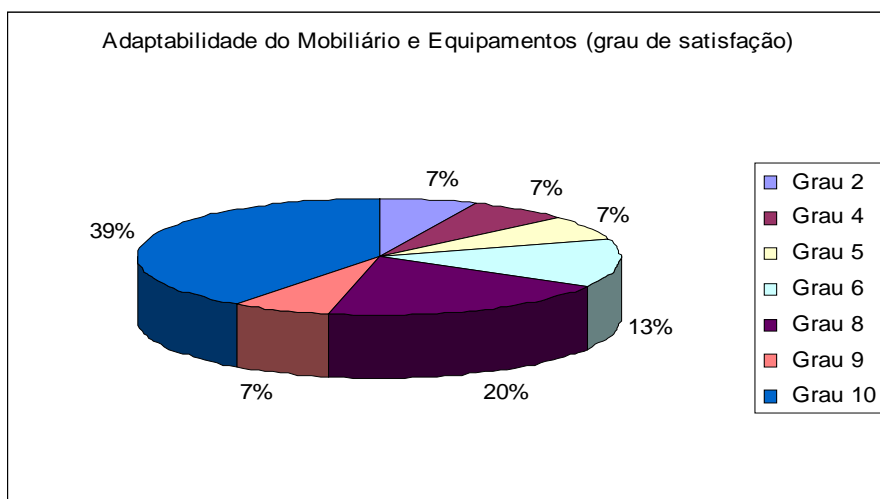


Gráfico 50 – Adaptabilidade do Mobiliário e Equipamentos (grau de satisfação)  
Fonte: dados da coleta

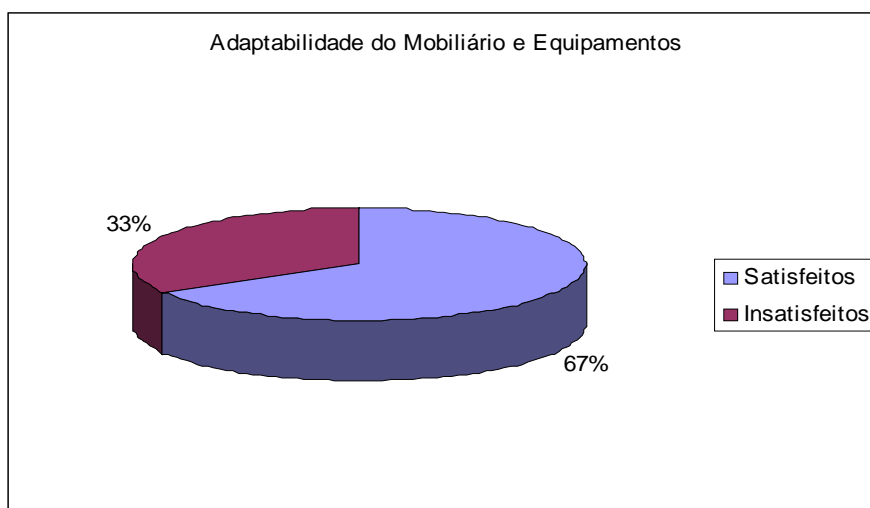


Gráfico 51 - Adaptabilidade do Mobiliário e Equipamentos  
Fonte: dados da coleta

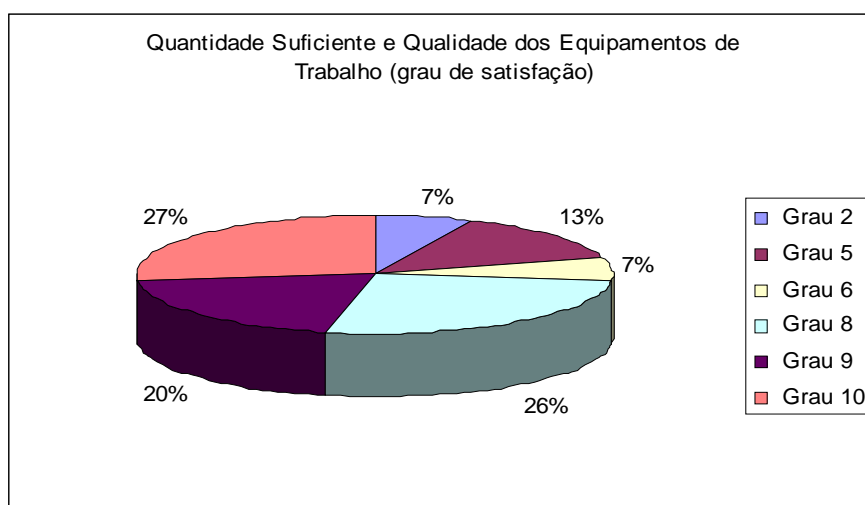


Gráfico 52 - Quantidade Suficiente e Qualidade dos Equipamentos de Trabalho (grau de satisfação)  
Fonte: dados da coleta

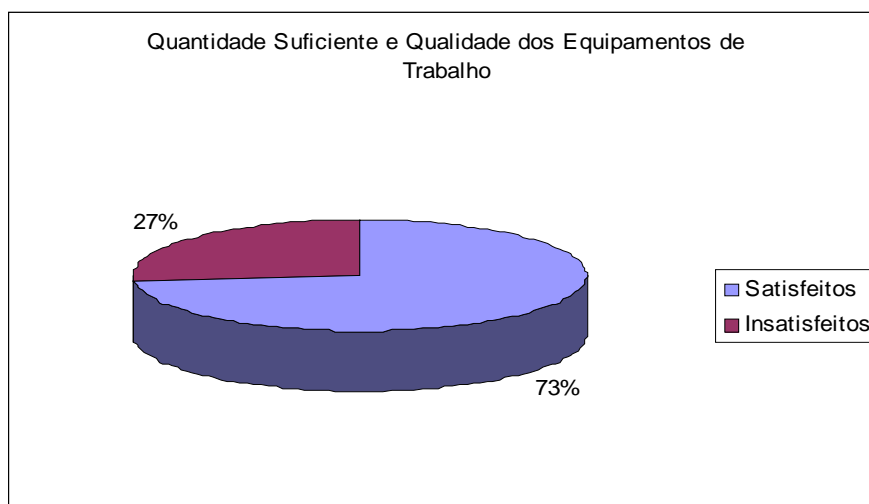


Gráfico 53 - Quantidade Suficiente e Qualidade dos Equipamentos de Trabalho  
Fonte: dados da coleta

O primeiro aspecto a ser analisado, e que se constitui em um fato lamentável, mas que, pelo menos, se configura em uma pequena porcentagem de 20% (3), é o da existência de infiltrações, aparecimento de mofo e/ou umidade excessiva nas bibliotecas. Alguns problemas neste aspecto já ocorreram e foram resolvidos, enquanto outros permanecem. As infiltrações, normalmente, acontecem devido ao fato de muitas bibliotecas não terem sido projetadas para esse fim, conforme relata Cunha (2000), ou também, pela falta de um bom projeto arquitetônico para a mesma.

Logicamente, a grande questão não é o número de bibliotecas com esses problemas (o mínimo de entrevistados em cada unidade foi de dois bibliotecários), mas o de quantos profissionais verificam essa existência, pois por mais estranho que possa parecer, um mesmo profissional não verá seu ambiente de trabalho da mesma maneira. E já que o foco é o incômodo dos bibliotecários com a situação, não seria correto perguntar diretamente quantos se incomodam com o fato, sendo que o mesmo poderia não existir.

Desta maneira, constatou-se que todos os entrevistados se incomodam com tal circunstância. E isso, pode ser um fator de estresse (pelo problema não resolvido e pelos “jeitinhos” para contorná-lo) e de sofrimento físico para os bibliotecários e a equipe. O mofo e a umidade agridem tanto à saúde da equipe da biblioteca quanto



ao acervo (MENDES, 1980; MÁRSICO, 2004; MENEZES; ALCANFOR; CUNHA, 2006).

Logicamente, as infiltrações podem causar o mofo e favorecer a umidade. Como esses fatores estão interligados, uma climatização adequada é um muito importante. Quanto a esse aspecto, 13% (2) dos entrevistados estão insatisfeitos, embora 20% (3) dos bibliotecários declararam existir os fatores mencionados no início do parágrafo. Novamente, alguns problemas existentes nas bibliotecas pesquisadas já haviam sido resolvidos no momento da aplicação do instrumento. A climatização, conforme a entrevistadora percebeu, é realizada por meio de aparelhos de ar-condicionado, ventiladores e algumas janelas abertas. Um dos entrevistados comentou que não há climatização em sua biblioteca. Há somente ventiladores, que se ligados em potência alta, tendem a atrapalhar a leitura de documentos pelos usuários. Outro bibliotecário comentou, que no momento, a climatização estava boa, pois havia sido comprado um ar-condicionado para seu ambiente de trabalho.

A questão do uso de ventiladores é incômoda, tanto pelo vento que atrapalha, quanto pelo ruído do aparelho. Já o ar-condicionado, e é do conhecimento da sociedade em geral, precisa de manutenção, sendo que se não higienizado corretamente (com a troca de filtros) pode ser uma fonte de contaminação.

A climatização é uma questão difícil de resolver em uma biblioteca (TRINKLEY, 2001). Ela é feita para o bem-estar das pessoas, do acervo ou de ambos?

Muitas vezes, o controle da temperatura é feito conforme agrada àquele que tem acesso ao controle do ar-condicionado ou ao botão do ventilador. Quando o primeiro está ligado, as portas e janelas ficam fechadas, o que não permite a aeração do ambiente. Além disto, a falta de controle na estabilidade da temperatura faz com que, em dado momento, a biblioteca esteja “congelada” afugentando os usuários, desagradando a quem não está adaptado ao frio, e juntamente com a umidade baixa, contribuindo para o desenvolvimento de infecções respiratórias das vias superiores, como relata Trinkley (2001). Por outro lado, há pessoas que só se sentem bem se a temperatura estiver baixa. E isso, também pode causar danos no acervo, já que alguns livros podem sair “gelados” da biblioteca e levar um choque térmico ao chegar na rua. E se a temperatura e a umidade forem elevadas e o ar estiver estagnado, pode ocorrer a proliferação de insetos, roedores e fungos, conforme afirma Mársico (2004), sendo prejudicial ao acervo e às pessoas também.

Outro aspecto importante nas bibliotecas, é que o ideal seria que o acervo e a

área de trabalho estivesse sempre longe da área de alimentação, para evitar o surgimento de insetos e roedores, conforme menciona Mársico (2004), que agridem a saúde da equipe da biblioteca e prejudicam os documentos.

Entre os entrevistados, 47% (7) declararam que o ambiente para a alimentação fica perto do acervo ou da área de trabalho. Destes, quase todos se sentem incomodados com o fato. Uma das explicações para não haver incômodo entre todos os bibliotecários é a de que um dos ambientes de alimentação fica perto do acervo, porém, este é histórico e eventualmente consultado, não se caracterizando em um problema na opinião dos entrevistados. Ao ser conduzida por um deles, a entrevistadora pode constatar o local de alimentação e este possui uma porta (como se fosse uma sala separada). Em outra biblioteca, as áreas de trabalho e alimentação eram contíguas, mas havia uma divisória, sendo que a opção marcada foi a de que os ambientes não eram próximos.

Nesses casos de proximidade com o acervo ou a área de trabalho, a higienização torna-se um fator ainda mais importante, sendo que a sua falta, é a grande vilã dos entrevistados, pois 60% (9) dos bibliotecários encontram-se insatisfeitos. O maior grau de satisfação alcançado foi o grau 8 e o grau 0 aparece pela primeira vez. A situação das unidades da área da Saúde da UFRGS não é uma exceção e, infelizmente, a falta de limpeza no ambiente de trabalho é uma rotina na vida dos bibliotecários, como comentam Souza e Silva (2007).

Primeiramente, é importante ressaltar que a percepção dos entrevistados quanto à sua biblioteca depende dos seus interesses, do tipo de atividade que realizam e também do tempo em que estão na biblioteca (um dos entrevistados comentou que o tempo faz com que os problemas sejam percebidos, pois no começo é difícil verificá-los). Por exemplo, em uma mesma biblioteca setorial (e só para “ilustrar”, pois não é o foco deste estudo), os entrevistados deram respostas divergentes quanto à higienização. Enquanto um deles encontra-se insatisfeito (grau 1), os outros se encontram satisfeitos. E assim, percebe-se que, em um aspecto “visível”, há divergências de opinião.

Notou-se a preocupação de um dos entrevistados com a situação das estantes empoeiradas (e do acervo) e com o impacto que isso teria nos usuários, além da questão das persianas estragadas. O bibliotecário mostrou-se uma pessoa muito ativa, comprometida com sua biblioteca, mas que no momento não podia fazer nada para modificar esse problema.

Assim, a higienização é muito importante, pois traz uma sensação de bem-

estar aos trabalhadores, conforme afirma Mendes (2003), e é uma das muitas medidas de prevenção à depressão (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001). Sua falta pode afetar a saúde dos bibliotecários, constituindo-se em um dos perigos do ambiente de trabalho (MENDES, 1980). Além disto, a fragilização dos documentos e a presença de fungos e/ou mofo e outros microorganismos no acervo são decorrentes, também, da falta de limpeza do acervo e de toda a biblioteca, especialmente da incorreta limpeza do assoalho (MÁRSICO, 2004).

Quanto à iluminação do seu campo de trabalho, um dos bibliotecários está insatisfeito (grau 5 de satisfação). E a maioria, 60% (9), escolheu o grau máximo 10. Em uma das entrevistas, a graduanda percebeu a ótima iluminação do ambiente de trabalho de um dos bibliotecários, com muita luz natural, sendo que o sol não incidia diretamente.

Uma iluminação adequada é fator de saúde para qualquer trabalhador, pois do contrário, torna-se um estressor físico, conforme mencionam Paschoal e Tamayo (2004), pois pode ocorrer ofuscamento, reflexos incômodos, sombras e contrastes excessivos, segundo a NR 17 (BRASIL, 1990), gerando fadiga visual. Costa<sup>22</sup>, ainda menciona os reflexos externos sobre a tela do monitor. Assim, a iluminação deve estar adaptada tanto em relação às características pessoais de cada bibliotecário quanto ao tipo de atividade que realiza.

Em relação ao nível de ruído no interior da biblioteca e em seus arredores, 20% (3) dos entrevistados estão insatisfeitos e o grau 0 de satisfação aparece mais uma vez.

Um dos problemas encontrados refere-se à situação de uma das bibliotecas, cuja poluição sonora é trazida pelo grande tráfego de veículos na rua. E assim, se as janelas tiverem de ser fechadas, não haverá aeração suficiente, sendo que a “climatização” é realizada por meio de ventiladores.

Conforme o referencial teórico, o ruído é um fator de estresse organizacional (PASCHOAL; TAMAYO, 2004). A longa exposição pode interferir nos processos cognitivos, dificultando a atividade mental e podendo causar sofrimento físico e psíquico, conforme mencionam o manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001) e Barbosa (2005). Garavelli et al. (2001), especialmente, mencionam uma extensa lista

---

<sup>22</sup>COSTA, Gilberto José Corrêa. Iluminação em Bibliotecas. Texto não publicado.

de problemas, inclusive irritação contínua, perda da audição e até a surdez permanente (outras conseqüências são mencionadas no decorrer da exposição dos resultados).

Quanto à área física disponível em sua biblioteca, 47% (7) dos entrevistados estão insatisfeitos. Novamente, aparece o grau 0 de satisfação, escolhido por um dos bibliotecários.

O espaço físico constitui-se em um problema difícil de ser resolvido, não restrito apenas às bibliotecas estudadas (CUNHA, 2000). Por exemplo, pode faltar espaço para os bibliotecários ou a equipe trabalhar, para os livros que são adquiridos, para colocar mais estantes no acervo e até para os usuários circularem. O leiaute das bibliotecas é importante, conforme menciona Wihelms<sup>23</sup>, ainda mais, quando a área física é pequena.

Nesse aspecto, novamente houve controvérsias entre os entrevistados de uma mesma biblioteca. Apenas os bibliotecários de duas unidades foram unânimes quanto a esta questão, um grupo insatisfeito e outro plenamente satisfeito.

Todos esses fatores já mencionados (com exceção do nível de ruído) também influenciam na percepção visual que os entrevistados possuem em relação a sua biblioteca. Em relação a este fator, 33% (5) dos entrevistados encontram-se insatisfeitos (intervalo do grau 4 ao 6). Esse aspecto é muito importante, pois influencia nas sensações de toda a equipe da biblioteca (e também dos usuários, como mencionou o entrevistado, referindo-se às estantes empoeiradas).

Quanto à adaptabilidade do mobiliário e dos equipamentos, 33% (5) dos bibliotecários declararam estar insatisfeitos. Nesse aspecto, aparecem graus de satisfação muito baixos (intervalo de grau 2 ao 6). Um dos entrevistados mencionou que a situação do mobiliário fora precária, e que há cerca de dois anos havia conseguido trocá-lo.

A falta de adaptabilidade dos equipamentos (ao bibliotecário e suas atividades) e mobiliário inadequado (cadeiras sem regulagem, com braços que atrapalham a aproximação com a mesa, por exemplo) podem levar a posturas e movimentos prejudiciais. São riscos ocupacionais que, conforme afirma o manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001), podem causar desconforto, irritação, tensão e

---

<sup>23</sup> WILHELMS, Tânia Marli Stasiak, arquiteta, especialista em Segurança do Trabalho em Ergonomia. **Palestra sobre Leiaute em Bibliotecas ministrada na Disciplina Gestão de Recursos Informativos.** Porto Alegre, 06 nov. 2006.

problemas como as LER/DORT.

Quanto à quantidade suficiente e qualidade dos equipamentos de trabalho, 27% (4)% dos entrevistados estão insatisfeitos.

A falta de equipamentos e a baixa qualidade prejudicam o trabalho, tornando-o mais lento, cansativo e até impossibilitando-o. Por vezes, pode ser necessário o “rodízio” da equipe da biblioteca, no sentido de priorizar que alguém utilize tal equipamento por necessitar realizar determinada atividade. Já a falta de qualidade é um risco ocupacional (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001). Essa interfere diretamente na saúde do bibliotecário, pois o que seria de fácil realização pode tornar-se um incômodo, quando é necessário refazer a tarefa, pressionar um pouquinho mais o botão, abrir e fechar um programa, reiniciar um computador cada vez que ele interrompe os programas em execução, enfim, tornando em atividade repetitiva aquilo que, de início, não possuía tal característica.

Outro aspecto que foi analisado na entrevista diz respeito às condições em que se encontra o acervo de cada uma das bibliotecas pesquisadas, que correspondem ao intervalo do Gráfico 54 ao Gráfico 57.

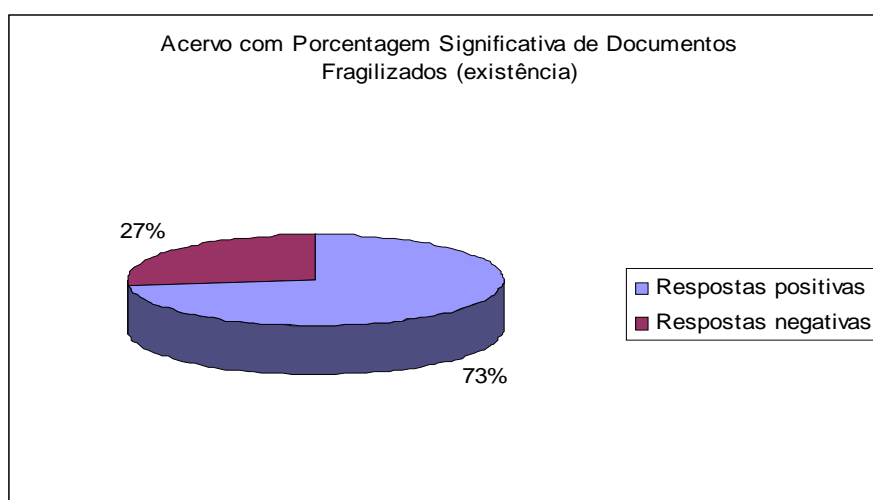


Gráfico 54 – Acervo com Porcentagem Significativa de Documentos Fragilizados (existência)  
Fonte: dados da coleta

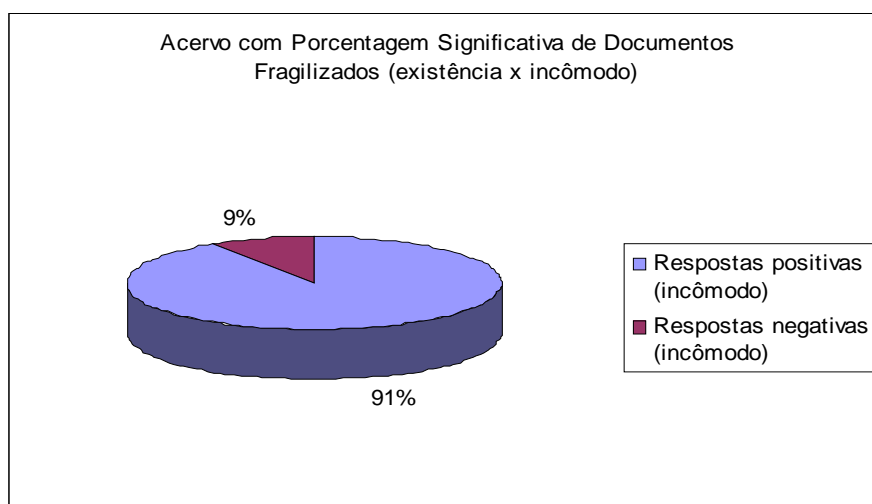


Gráfico 55 - Acervo com Porcentagem Significativa de Documentos Fragilizados (incômodo)  
Fonte: dados da coleta

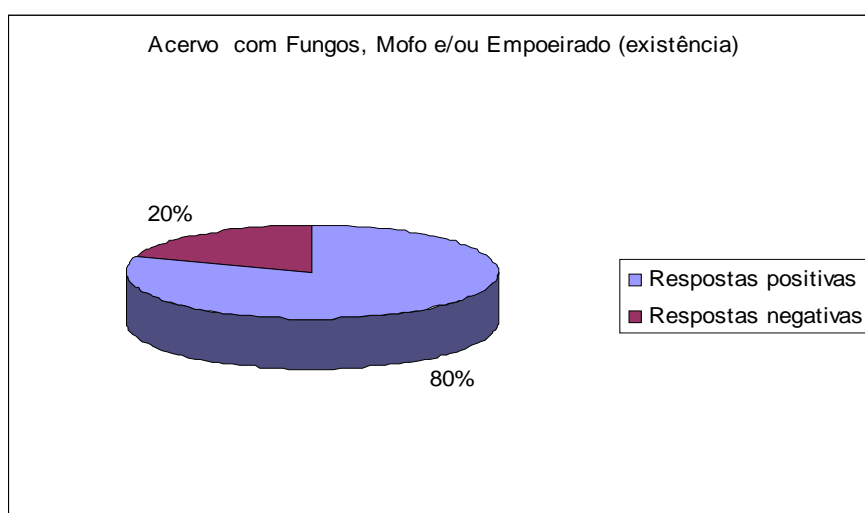


Gráfico 56 – Acervo com Fungos, Mofo e/ou Empoeirado (existência)  
Fonte: dados da coleta

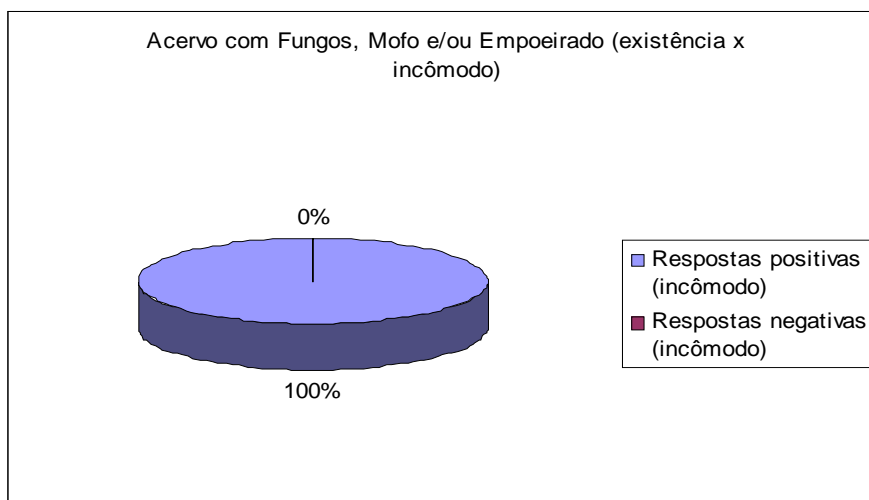


Gráfico 57 - Acervo com Fungos, Mofo e/ou Empoeirado (incômodo)  
Fonte: dados da coleta

A maioria dos entrevistados (onze bibliotecários) relatou que o acervo possui uma porcentagem significativa de documentos fragilizados e destes, dez declararam estar incomodados com a tal situação. Além da questão da própria acidez do papel, presente em publicações mais antigas, a incidência direta da luz solar ou iluminação artificial, a climatização inadequada, com 13% (2) de insatisfeitos e a falta de higienização, com 60% (9) de insatisfeitos, contribuem para a fragilização dos documentos, através, por exemplo, das manchas d'água, mencionadas por Mársico (2004).

As respostas para esta questão podem depender do que o bibliotecário faz e do tipo de material com o qual trabalha, pois novamente, em mais de uma biblioteca, houve discordância entre os entrevistados se há ou não uma quantidade significativa de documentos fragilizados na unidade. Todavia, supõe-se que a palavra “significativa” possa ter mais de uma interpretação para os entrevistados.

A graduanda esteve presente durante um processo de descarte de documentos e percebeu que alguns livros seriam substituídos por exemplares mais novos, enquanto que em outras bibliotecas, eles seriam recuperados, pois aparentavam estar apenas com a capa solta. Isso demonstra os diferentes tipos de realidade vividos pelas bibliotecas setoriais. Então, pode-se concluir que quando há substituição para o material fragilizado, não há incômodo para alguns bibliotecários.

Em relação à existência de fungos, mofo e/ou poeira no acervo, a grande

maioria dos entrevistados, 80% (12), confirmou tal situação e todos se encontram incomodados. Colaboram para esse fato, os mesmos fatores que tem relação com a fragilização dos documentos, com o agravante de que, a poeira encontrada nos livros, prejudica o acervo e serve como “morada” para os microorganismos (MÁRSICO, 2004). Com o acervo contaminado por esses agentes (MENDES, 1980), além dos males respiratórios, há também a questão dermatológica, sendo que poderiam ser ocasionadas alergias e outras afecções de pele (como micoses), tanto na equipe da biblioteca quanto nos usuários (MENEZES; ALCANFOR; CUNHA, 2006).

Um dos bibliotecários comentou que, especialmente as doações (no caso, a graduanda observou os periódicos), estão em condições precárias e que normalmente trabalha de máscara e luvas. Quando fica muito exposto tem pequenas crises respiratórias.

Em sua experiência como bolsista, a entrevistadora percebeu que esse é um problema grave, especialmente no que se refere à poeira do acervo (não há uma sistematização da higienização do acervo nas bibliotecas estudadas). E também, já viu doações com fungos e/ou mofo e algumas dessas pareciam ter sido encharcadas, pois as folhas estavam onduladas (e com manchas d’água).

Assim, seria interessante que os usuários fossem conscientizados que só deveriam doar à biblioteca materiais em boas condições. Também sobre isso, um dos entrevistados possui vontade de desenvolver projetos de conservação, mas não ainda não conseguiu ter tempo para tal.

Dessa maneira, o trabalho dos bibliotecários foi estudado em relação ao tempo de serviço na UFRGS e nas bibliotecas setoriais, aos cargos, tarefas e atividades que exercem, às suas condições de trabalho, bem como à satisfação dos mesmos em relação ao ambiente organizacional e físico da unidade.

### 5.3 RELACIONAMENTOS

Outro aspecto constante na pesquisa, diz respeito à questão dos relacionamentos no ambiente de trabalho, sejam eles internos ou externos à biblioteca. Não foi contemplado nenhum tipo de divisão específica entre relações hierárquicas ou pessoais, sendo que as mesmas se entrelaçam no ambiente



organizacional. Assim, os dados foram coletados com base na satisfação geral dos relacionamentos entre os colegas de trabalho e com os professores e pessoas de outros departamentos.

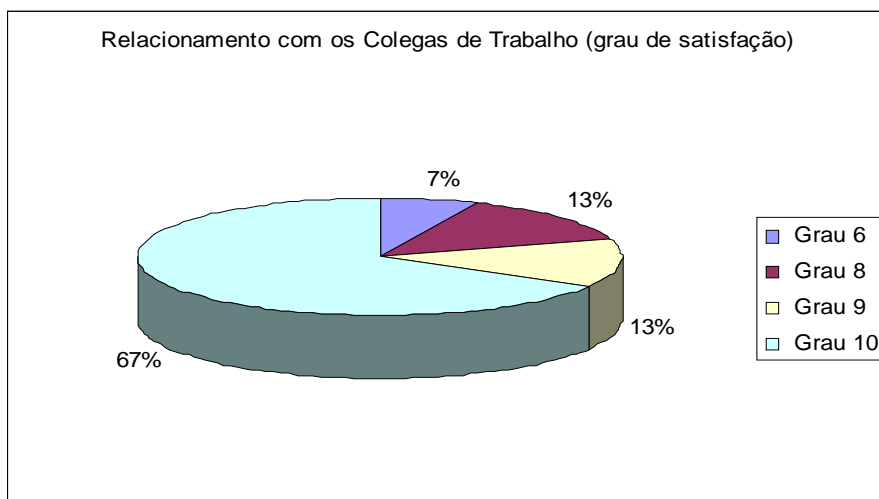


Gráfico 58 – Relacionamento com os Colegas de Trabalho (grau de satisfação)  
Fonte: dados da coleta

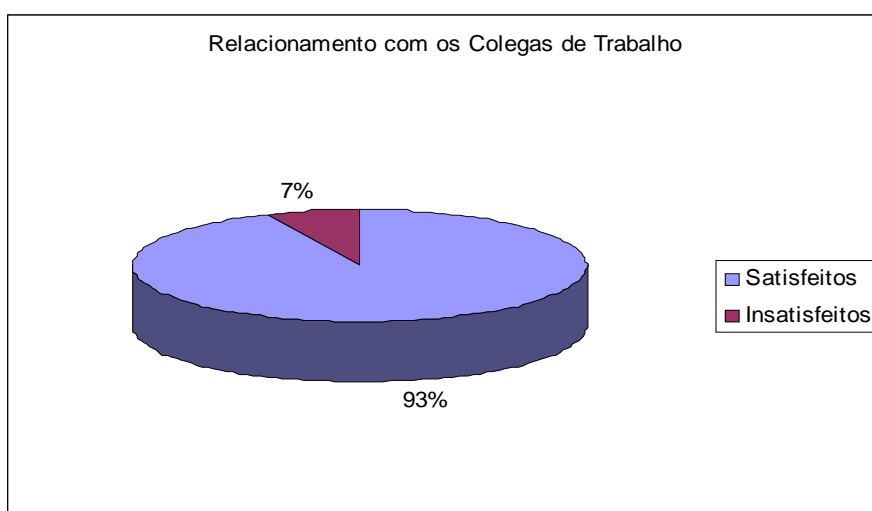


Gráfico 59 - Relacionamento com os Colegas de Trabalho  
Fonte: dados da coleta

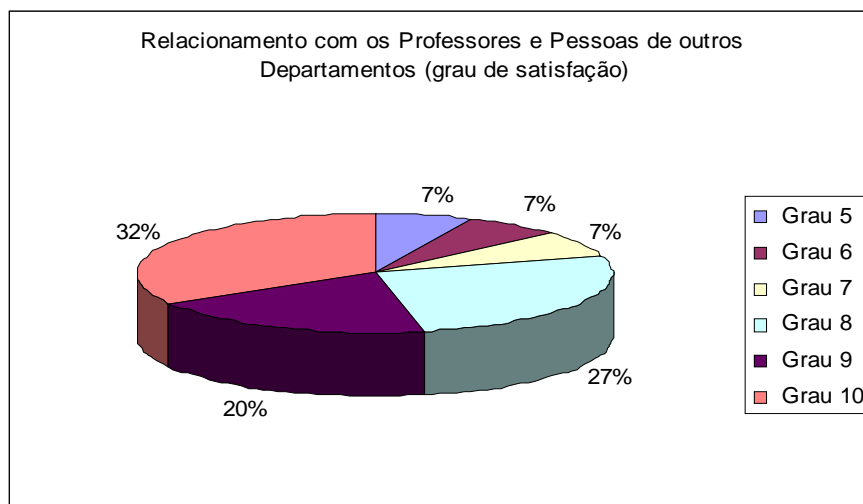


Gráfico 60 - Relacionamento com os Professores e Pessoas de Outros Departamentos (grau de satisfação)  
Fonte: dados da coleta

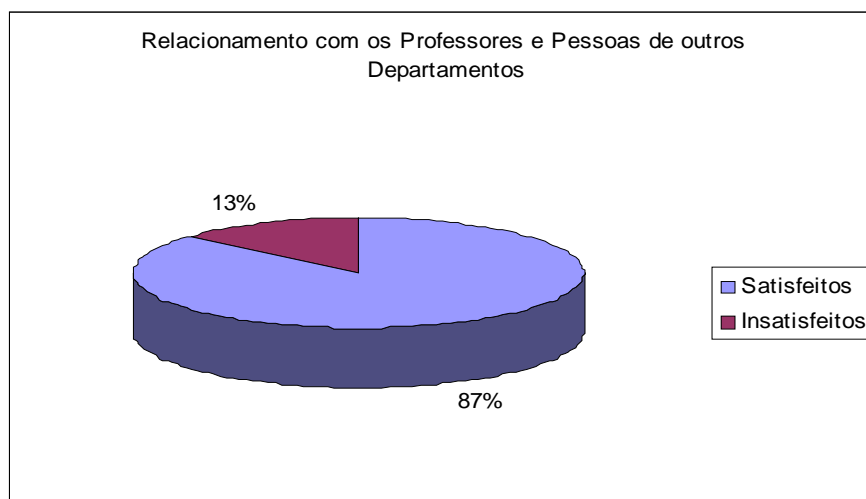


Gráfico 61 - Relacionamento com os Professores e Pessoas de Outros Departamentos  
Fonte: dados da coleta

Quanto ao relacionamento com os colegas de trabalho, a maioria dos entrevistados encontra-se satisfeita e, 67% (10) escolheram o grau máximo 10 de satisfação. Apenas um dos entrevistados está insatisfeito. De fato, de acordo com o que a entrevistadora ouviu durante sua formação acadêmica, o ambiente de trabalho em bibliotecas da UFRGS, de modo geral, é bom. As pessoas criam vínculos e amizades.

Quanto ao relacionamento com os professores e pessoas de outros

departamentos, verifica-se que a maioria dos entrevistados encontra-se satisfeita (cinco escolheram o grau máximo 10 de satisfação) e apenas 13% (2) estão insatisfeitos.

A satisfação no relacionamento com os colegas de trabalho é um grande trunfo que os bibliotecários tem a seu favor, pois esse ambiente de confiança, de trocas (tanto de informações de trabalho quanto de vivências) aumenta o estímulo para trabalhar e a força para continuar, pois existe o sentimento de que pertencem a um grupo e assim, podem ser estabelecidas relações de confiança entre eles (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001). É quase como um “fortalecimento do sistema imunológico”, pois qualquer ameaça “de fora”, pode ser melhor enfrentada com o apoio do colega, auxiliando até no combate ao estresse, conforme afirmam França e Rodrigues (1997).

Já a insatisfação no relacionamento com o pessoal da biblioteca pode criar um ambiente não muito agradável. Pode ser algo pessoal ou diferenças em relação ao trabalho desenvolvido (como ser sempre podado em suas idéias), o que pode levar à frustração com o trabalho. Dessa maneira, as relações de trabalho podem se constituir em risco ocupacional quando são autoritárias; e quando não há o apoio dos colegas, o trabalhador pode ter que enfrentar o julgamento deles, quando da volta ao trabalho, após ter ficado doente (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001). Dejours (1992), ao falar da ansiedade, menciona as desestruturas das relações psico-afetivas com colegas e com a hierarquia.

Os relacionamentos são tão importantes que se constituem em uma das medidas de combate à depressão (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001). E problemas com os relacionamentos interpessoais são uma das características do Burnout, conforme mencionam Codo e Vasques-Menezes (1999).

#### 5.4 INDÍCIOS DE SOFRIMENTO

Conforme percebido, muitas hipóteses de possíveis indícios de sofrimento físico e psíquico foram levantadas e relacionadas com os aspectos mencionados anteriormente, tendo como base o referencial teórico já apresentado.

A partir desse momento, verificou-se se existem tais indícios de sofrimento, tendo como base, o relato dos entrevistados.

Os indícios de sofrimento foram divididos em sofrimento psíquico (Depressão e Síndrome de Burnout) e sofrimento físico, tendo como parâmetro a frequência em que ocorre determinado sentimento ou sintoma.

Informa-se, antes de tudo, que uma das bibliotecárias comentou que estava grávida, por isto tinha problemas digestivos e com o sono ocasionalmente, além de raramente ter outros sintomas que são típicos de uma gravidez.

Primeiramente, algumas questões foram levantadas em relação ao sofrimento psíquico Depressão, adaptadas do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais –DSM-IV-TR- (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 1995), que abrangem o intervalo do Gráfico 62 ao Gráfico 70.

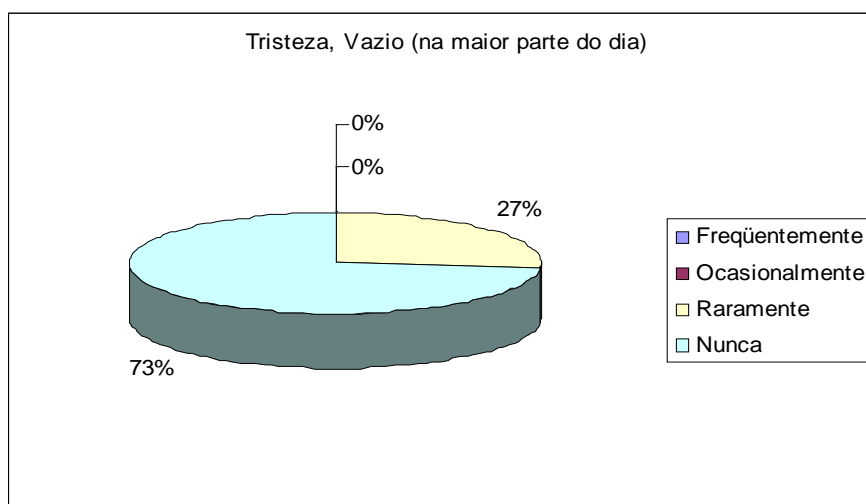
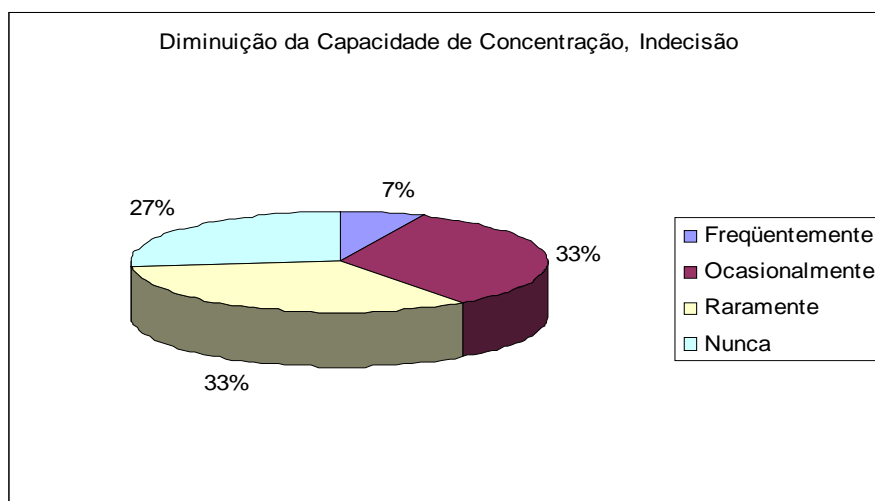
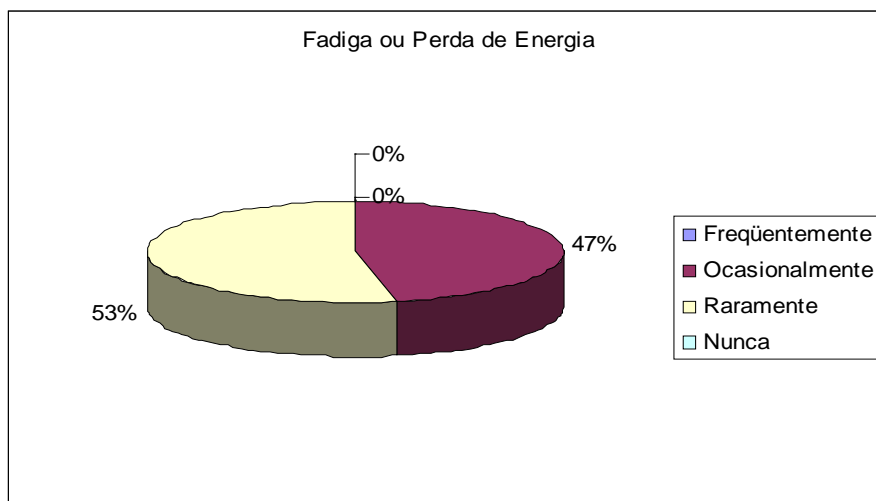


Gráfico 62 – Tristeza, vazio  
Fonte: dados da coleta



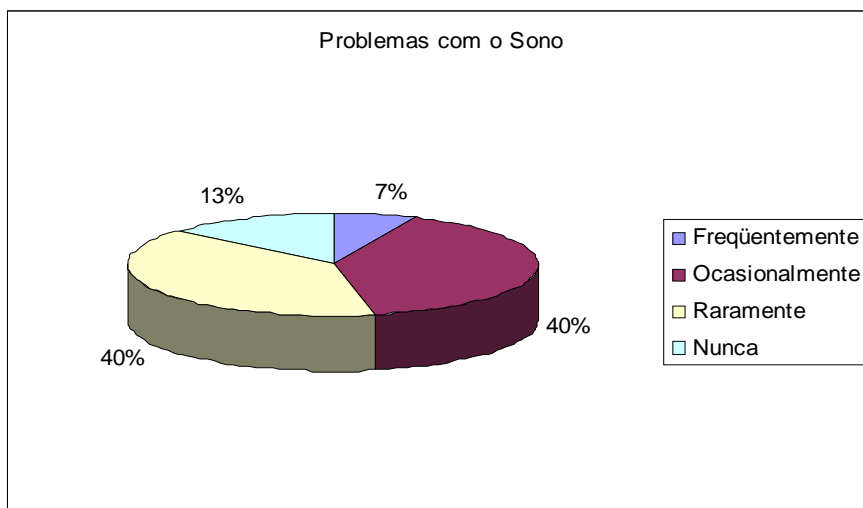


Gráfico 65 – Problemas com o Sono  
Fonte: dados da coleta

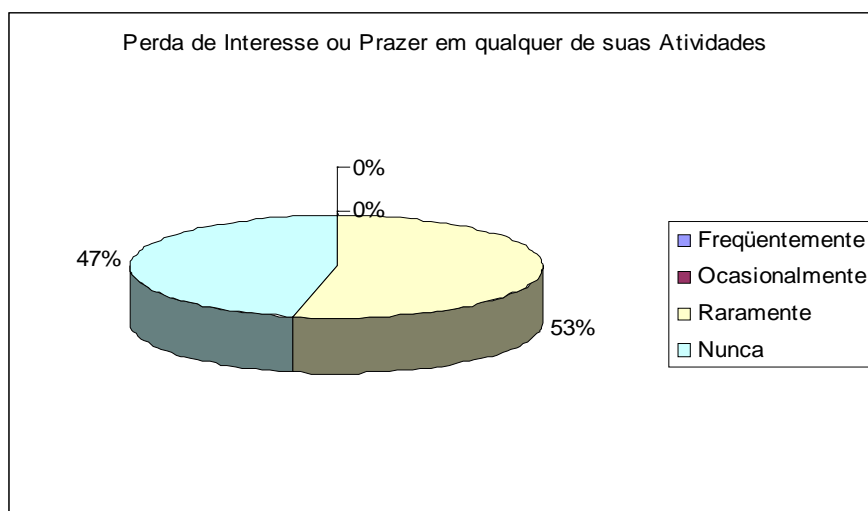


Gráfico 66 – Perda de Interesse ou Prazer em qualquer Atividade  
Fonte: dados da coleta

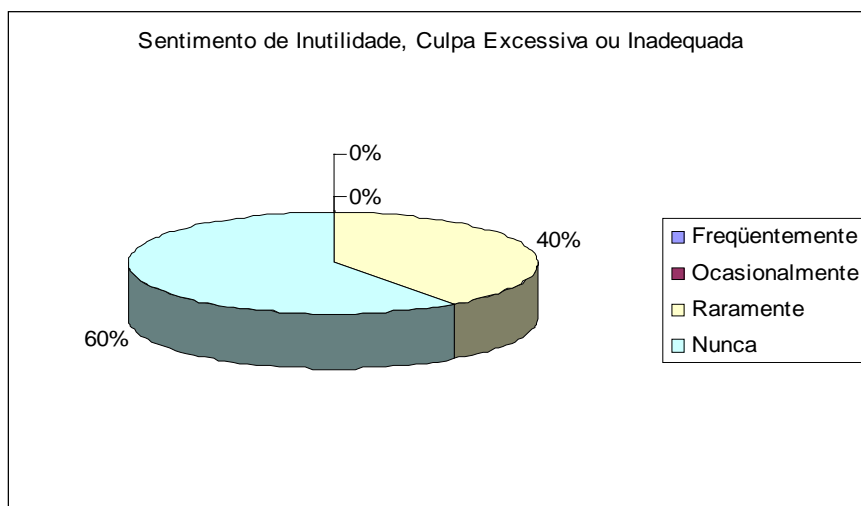


Gráfico 67 – Sentimento de Inutilidade, Culpa Excessiva ou Inadequada  
Fonte: dados da coleta

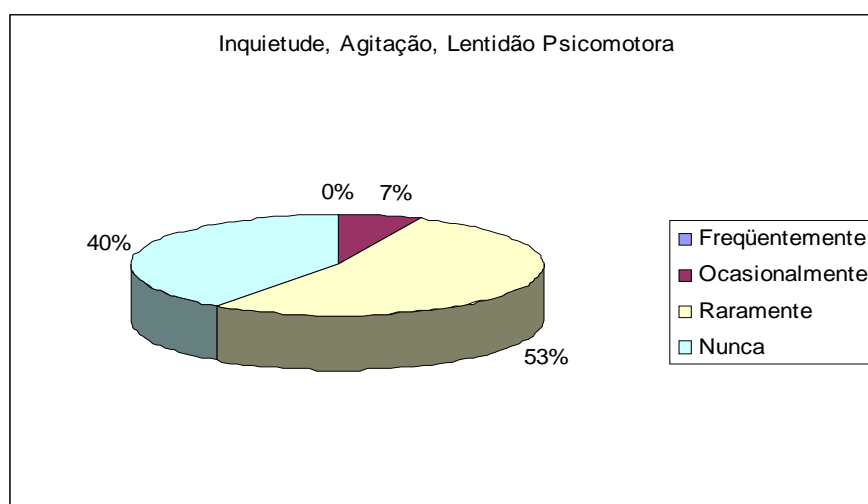


Gráfico 68 - Inquietude, Agitação, Lentidão Psicomotora  
Fonte: dados da coleta

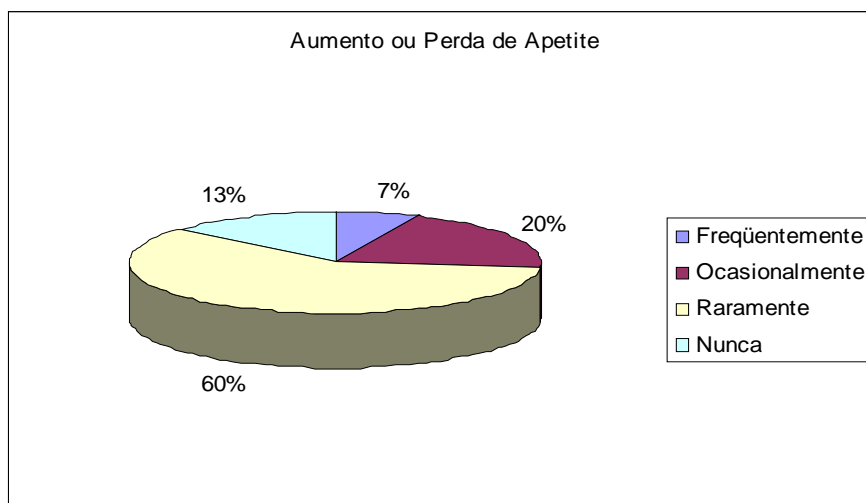


Gráfico 69 – Aumento ou Perda de Appetite  
Fonte: dados da coleta

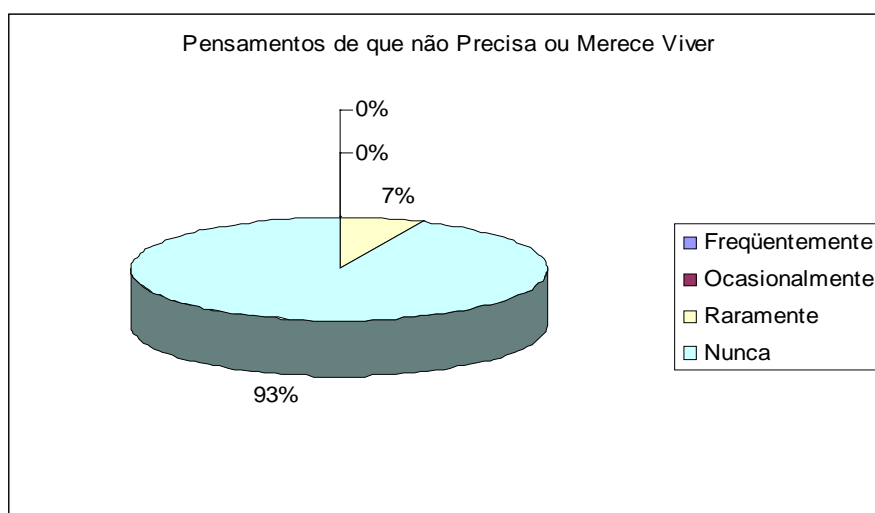


Gráfico 70 - Pensamento de não merecer ou precisar viver  
Fonte: dados da coleta

Quanto à tristeza e/ou vazio, 27% (4) dos entrevistados declarou ter estes sentimentos raramente. Já em relação à fadiga (muscular) ou perda de energia (generalizada), conforme menciona Mendes (1980), a maioria dos entrevistados relatou senti-las raramente, 53% (8), ou ocasionalmente, 47% (7). A fadiga muscular afeta o rendimento do músculo e a generalizada bloqueia as atividades por uma



série de sintomas, sendo que as pausas ajudam a preveni-las (MENDES, 1980). Especialistas (DOENÇAS..., 2004)<sup>24</sup> apontam as doenças relacionadas ao estresse e à fadiga física e mental como as que mais afetam os trabalhadores.

E no caso dos bibliotecários, existem as exigências da profissão como o controle de informações, amabilidade com os usuários e tomada de decisões (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001). Também, pode se levar em consideração o baixo nível de exigência das atividades (segundo 6 entrevistados), conforme mencionam Mendes (1980), Ladeira (1996), Souza e Silva (2007) e Dejours (1992). Além disso, a falta de qualidade dos equipamentos de trabalho – 27% (4) de insatisfeitos - (por causa da repetição de tarefas) e o ruído (3 insatisfeitos) constituem-se em agravantes da fadiga, conforme afirmam Garavelli et al. (2001) e o manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001).

Quanto à diminuição da capacidade de concentração e/ou indecisão, um dos bibliotecários possui tais sintomas freqüentemente, e em porcentagem um pouco maior, de 33% (5), ocasionalmente. Neste caso, o excesso de informações com que o bibliotecário tem que lidar, a repetição de tarefas (e a monotonia de algumas – 40% (6) dos entrevistados com atividades de exigência menor do que sua capacidade) conforme relatam Mendes (1980), Ladeira (1996), Souza e Silva (2007), e Dejours (1992); o nível de ruído (3 insatisfeitos), segundo o manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001) e Garavelli et al. (2001); e as pressões de tempo podem contribuir para tal sintoma (DOENÇAS..., 2004)<sup>25</sup>. Deve ser deixado claro que os entrevistados não mencionaram o fator tempo como um agravante pois, sobre esse aspecto, não lhes foi feita nenhuma pergunta, apenas deduz-se (pelo referencial teórico) que em determinadas atividades e circunstâncias, os bibliotecários são mais exigidos, além do fato de alguns bibliotecários mencionarem que não havia tempo para realizar determinada atividade.

Quanto ao sono, um dos bibliotecários freqüentemente possui problemas nesse aspecto e 40% (6), ocasionalmente. A maioria dos entrevistados raramente ou nunca tem problemas nesse sentido e isto é fundamental para o bem-estar físico e psíquico, pois alivia as tensões do dia, combatendo o estresse excessivo (FRANÇA; RODRIGUES, 1997).

---

<sup>24</sup>Documento eletrônico.

<sup>25</sup>Documento eletrônico.

Em relação à perda de interesse ou prazer nas atividades, 53% (8) dos entrevistados, possui tal sentimento raramente. Esse resultado já era esperado, pois todos os bibliotecários demonstraram estar satisfeitos em relação às suas atividades (quantidade, freqüência e carga horária) e 40% (6) relatam que suas atividades exigem menos do que podem ou gostariam de oferecer.

Quanto ao sentimento de inutilidade, culpa excessiva ou inadequada, 40% (6) dos entrevistados deram respostas positivas para a opção raramente e a maioria não percebe tal aspecto. Com tantas atividades a serem desenvolvidas pelos bibliotecários já era esperado que fosse baixa a porcentagem de respostas freqüentes ou ocasionais neste aspecto, no qual o sentimento de inutilidade pode não ter tanta influência. Já a culpa excessiva ou inadequada pode vir das críticas mais elaboradas que os bibliotecários recebem ou do próprio perfeccionismo dos profissionais, levando em consideração tudo o que se exige de um profissional da informação nos dias de hoje, como mencionam Grogan (1995) e Maciel e Mendonça (2000b), e também, levando em consideração as relações interpessoais (OLIVEIRA, 1994).

Quanto à inquietude, agitação, e/ou lentidão psicomotora, um dos entrevistados declarou possuir estes sintomas ocasionalmente e a maioria raramente ou nunca os tem. Conforme o DSM-IV-TR (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 1995), considera-se um problema maior quando as outras pessoas percebem tais sintomas, o que não foi uma característica contemplada na pesquisa.

Para a questão do aumento ou perda de apetite, um dos entrevistados revelou possuir tal sintoma freqüentemente e outra pequena porcentagem de 20% (3), ocasionalmente. A maioria, raramente ou nunca tem problemas nesse aspecto.

Existem razões que levam a tal sintoma, sendo que ele não caracteriza problema quando advindo de uma indisposição do organismo. Algumas decepções e ansiedades são “aliviadas” com o comer ou com o deixar de comer, dependendo da pessoa.

Quanto aos pensamentos de não merecer ou precisar viver, um dos entrevistados declarou que raramente possui tais pensamentos. A grande maioria não verifica a existência de tal situação, o que é um fator positivo.

Outro aspecto verificado na entrevista foi em relação ao sofrimento psíquico Síndrome de Burnout. Algumas questões foram levantadas através de uma adaptação do instrumento (composto de uma escala do Burnout e um quadro de sintomas) construído por Maslach, desenvolvido em 1986, traduzido e validado para

uso no Brasil por Codo e Vasques-Menezes (1999). Vale lembrar que a Síndrome é um estresse laboral (LIMA, 2007; TRIGO; TENG; HALLAK, 2007), que possui relação estreita com os relacionamentos desenvolvidos no ambiente de trabalho.

Assim, quanto ao Burnout, os indícios encontram-se entre no intervalo do Gráfico 71 ao Gráfico 79.

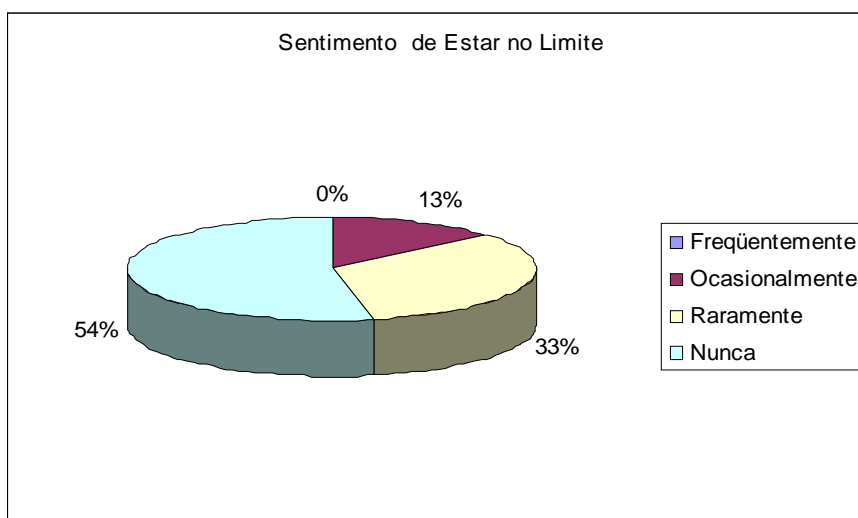


Gráfico 71 – Sentimento de Estar no Limite  
Fonte: dados da coleta

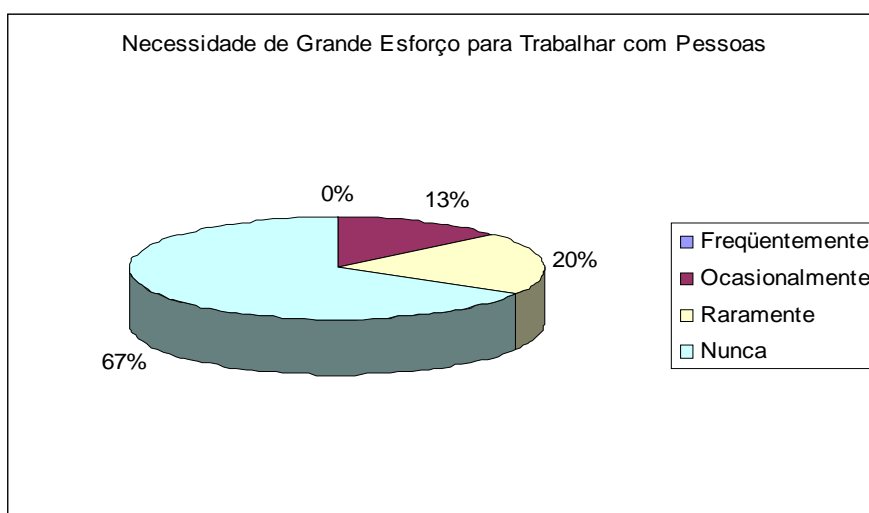


Gráfico 72 - Necessidade de Grande Esforço para Trabalhar com Pessoas  
Fonte: dados da coleta

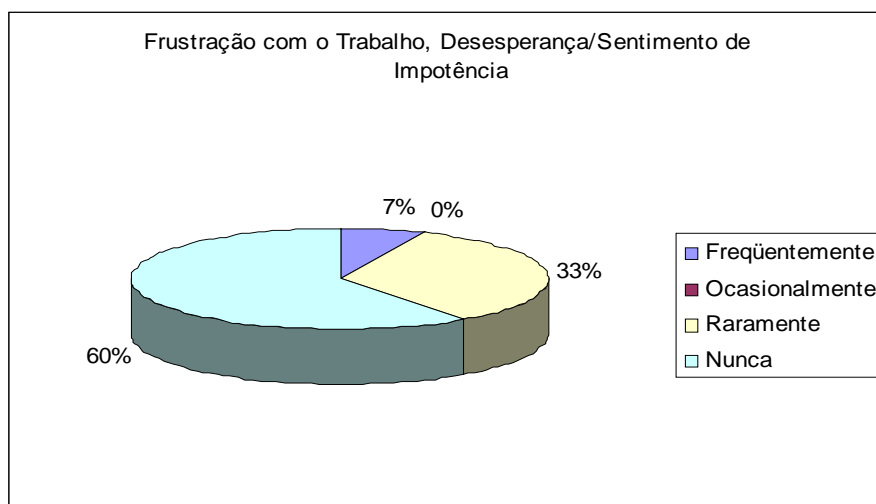


Gráfico 73 - Frustração com o Trabalho, Desesperança e/ou Sentimento de Impotência  
Fonte: dados da coleta

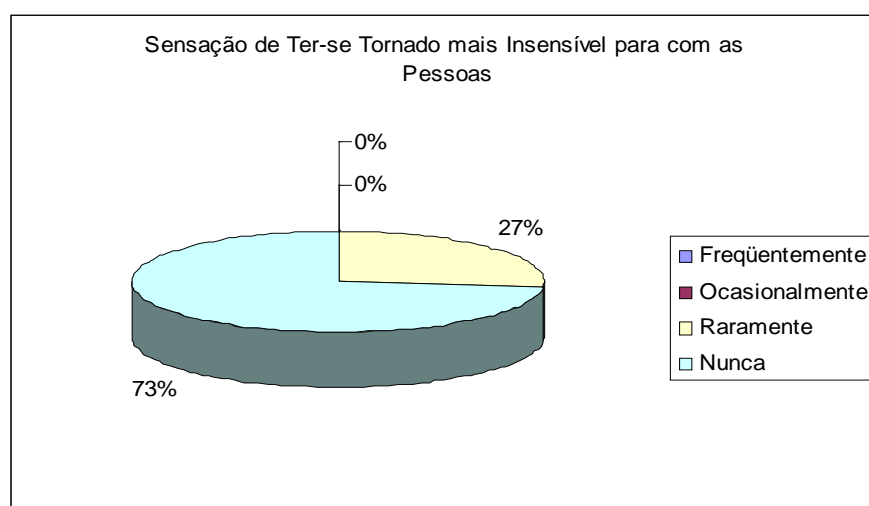


Gráfico 74 - Sensação de Ter-se Tornado mais Insensível com as Pessoas  
Fonte: dados da coleta

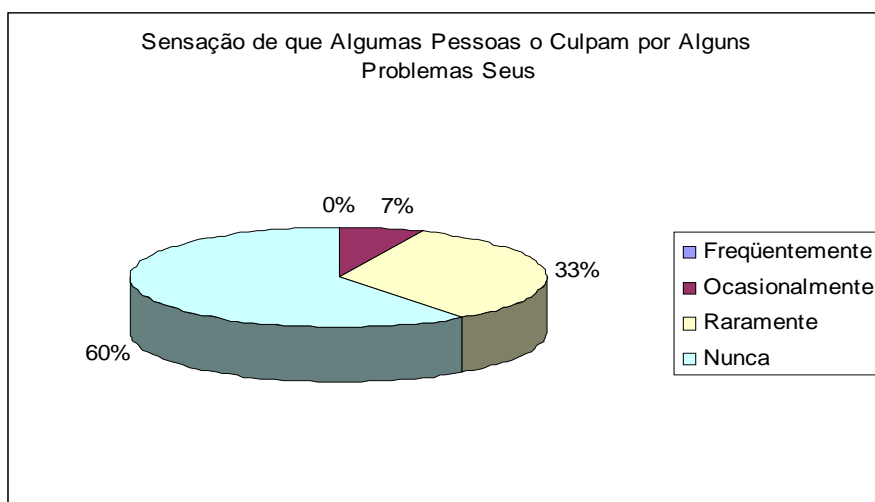


Gráfico 75 - Sensação de que Algumas Pessoas o Culpam por alguns Problemas seus  
Fonte: dados da coleta

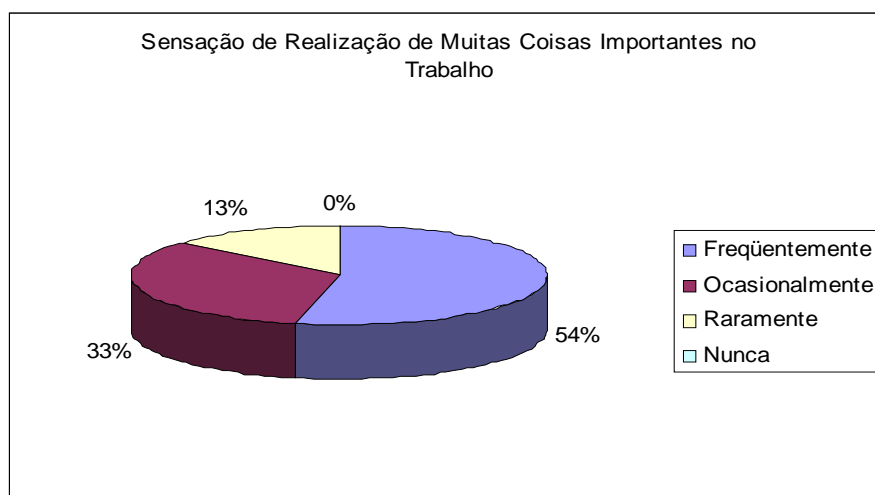


Gráfico 76 - Sensação de Realização de muitas Coisas Importantes no Trabalho  
Fonte: dados da coleta

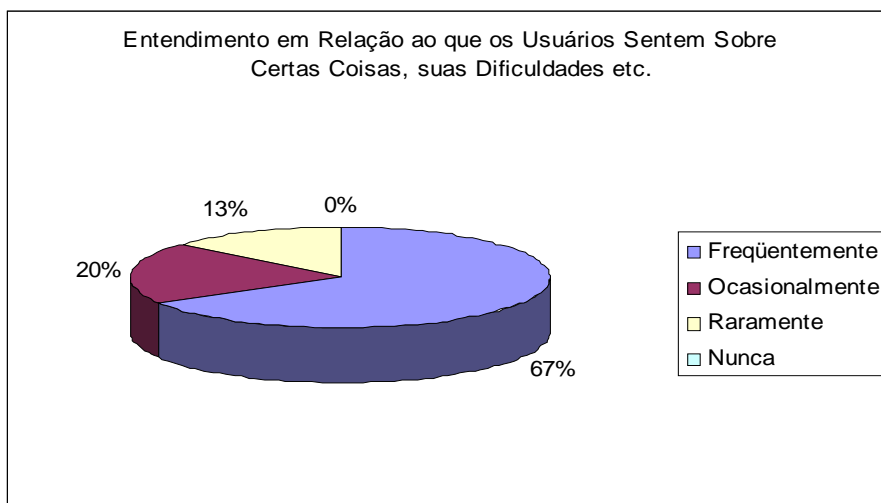


Gráfico 77 - Entendimento em Relação ao que os Usuários Sentem sobre Certas Coisas, suas Dificuldades  
Fonte: dados da coleta

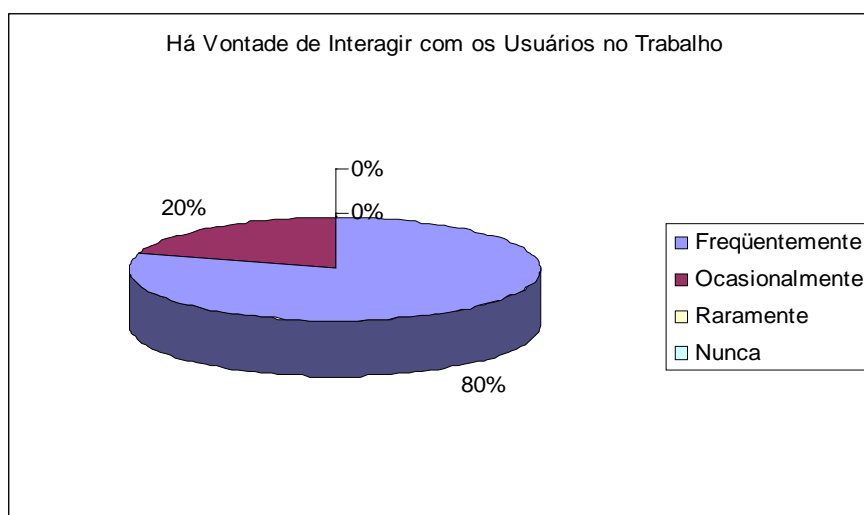


Gráfico 78 – Vontade de Interagir com os Usuários no Trabalho  
Fonte: dados da coleta

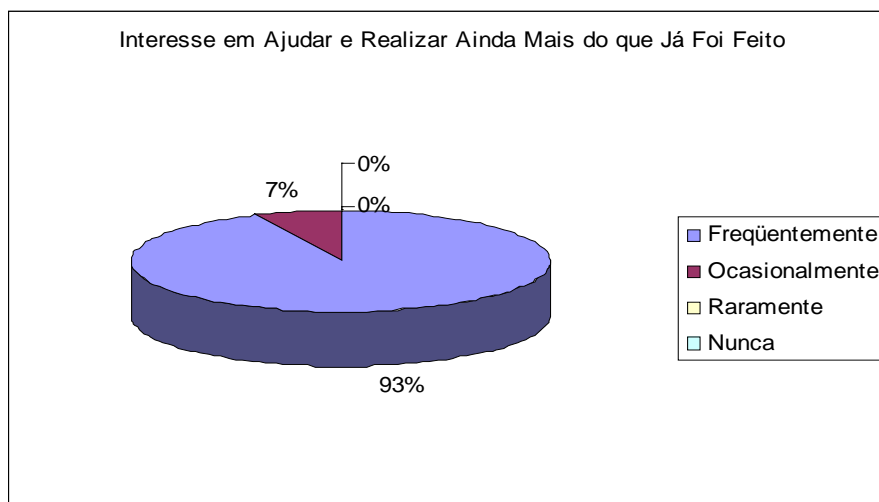


Gráfico 79 – Interesse em Ajudar e Realizar Mais do que Já Foi Feito  
Fonte: dados da coleta

Assim, quanto à necessidade de grande esforço para trabalhar com pessoas, 13% (2) dos entrevistados ocasionalmente possui tal percepção e 20% (3) raramente possui tal sentimento.

Trabalhar com pessoas nem sempre é tarefa fácil, pois algumas serão agradáveis no convívio do trabalho, outras, poderão ocasionar problemas, seja em relação as suas atividades, cargo hierárquico ou até mesmo questões de nível pessoal. Por exemplo, como cada pessoa tem livre arbítrio para fazer ou não determinadas coisas, alguém pode relutar em utilizar o computador, preferindo tornar o trabalho mais difícil e demorado aos olhos dos colegas, porém mais cômodo para si mesmo, podendo até refletir um método de defesa contra algo que causa sofrimento na pessoa. Enfim, haverá pessoas que irão efetuar bem o seu trabalho, aceitarão críticas e sugestões e outras que não concordarão com mudanças. E isso tudo parece não influenciar tanto no trabalho dos bibliotecários pois, em relação à sensação de ter-se tornado mais insensível com as pessoas, 27% (4) dos entrevistados possui tal percepção raramente.

Quanto à sensação de que algumas pessoas culpam os entrevistados por alguns problemas seus, um dos bibliotecários ocasionalmente constata essa situação, e uma porcentagem de 33% (5) raramente verifica a existência de tal aspecto. Algumas atitudes tomadas por colegas (internos e externos à biblioteca) e usuários podem trazer sentimentos de injustiça, porém os entrevistados demonstram uma boa consciência de que cumprem o seu papel.

Quanto à vontade de interagir com os usuários no trabalho, a maioria dos

entrevistados, 80% (12), revela tal disposição. E também, quanto ao entendimento em relação ao que os usuários sentem sobre certas coisas, suas dificuldades etc., a maioria dos bibliotecários, 67% (10), freqüentemente percebe tal interesse. E 13% (2) raramente tem tal percepção.

O contato com público pode causar o sofrimento psíquico (DOENÇAS..., 2004)<sup>26</sup>. Em especial, a Síndrome de Burnout traz sentimentos negativos com relação aos usuários (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001). Assim, ao mesmo tempo em que a relação bibliotecário-usuário é gratificante, ela é também perigosa. Quando muito acentuada, pode-se ultrapassar os limites e os profissionais podem acabar por trazer para si os problemas dos usuários, havendo um envolvimento afetivo (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001).

Grogan (1995) menciona os atributos do bibliotecário de referência, sem os quais, ele pode padecer com um peso de uma carga, sendo incapaz de atender aos usuários. A ansiedade em fazer o melhor, e em menor tempo, para os usuários e de se doar ao máximo são complementos para a Síndrome de Burnout (LIMA, 2007).

Quanto à frustração com o trabalho, desesperança e/ou sentimento de impotência, um dos entrevistados freqüentemente tem essa percepção e outra porcentagem de 33% (5), raramente. Em relação à sensação de realização de muitas coisas importantes no trabalho, a maioria dos entrevistados (54%) a percebe freqüentemente e outra porcentagem menor de 33% (5), ocasionalmente verifica tal aspecto. E 13% (2) dos bibliotecários raramente percebem que realizam muitas coisas importantes no trabalho.

Com as situações que não mudam (para melhor) e notícias desagradáveis, as pessoas tendem a desanimar. Pode ser que as coisas estejam difíceis por causa do que é decidido pelas instituições; pela falta de recursos (materiais, financeiros e humanos); pela falta de “voz e vez” do bibliotecário, não tendo suas opiniões ouvidas; não podendo também realizar algo que lhe agrada, seja pela imposição dos colegas de trabalho ou de superiores. Ou seja, constituem-se em decepções sucessivas com o trabalho, como menciona o manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001), em relação ao pouco poder de decisão. Dejours (1992) afirma que o trabalho repetitivo (ou o baixo nível de exigência, citado pelos entrevistados) cria a

---

<sup>26</sup>Documento eletrônico.



insatisfação. Enfim, a frustração (aliada a outros sintomas) pode aumentar as cargas cardiovasculares, musculares e digestivas (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1993).

Em relação ao interesse em ajudar e realizar ainda mais do que já foi feito, 93% (14) dos entrevistados demonstram essa disposição. Percebe-se que os profissionais sempre querem melhorar seu ambiente de trabalho, a biblioteca em si, os serviços para os usuários, enfim, poder superar as expectativas de todos, especialmente, as suas. Os bibliotecários altamente motivados podem ser afetados pela Síndrome de Burnout, conforme afirmam Codo e Vasques-Menezes (1999) em relação a outros profissionais, pois acabam trabalhando além de seus limites.

Porém, 13% (2) dos entrevistados ocasionalmente possuem o sentimento de estar em seu limite e uma porcentagem de 33% (5) verifica a existência de tal percepção raramente. Como já constatado, os bibliotecários estão satisfeitos com suas atividades em termos de frequência, quantidade e carga horária. Algum sentimento de limite pode decorrer daquelas atividades com prazo, e de situações que não mudam ou demoram a mudar, como mobiliário adequado, espaço físico maior, higienização, substituição de material deteriorado do acervo, além de relacionamentos interpessoais.

Depois da análise dos indícios de sofrimento psíquico (Depressão e Burnout), começa a verificação dos indícios de sofrimento físico, através das questões elaboradas com o uso do referencial teórico desenvolvido nesse estudo. É importante salientar que um dos entrevistados mencionou que a atividade de ginástica laboral é oferecida a todos que trabalham em sua biblioteca, caso queiram participar.

Assim, os indícios de sofrimento físico correspondem ao intervalo do Gráfico 80 ao Gráfico 86.

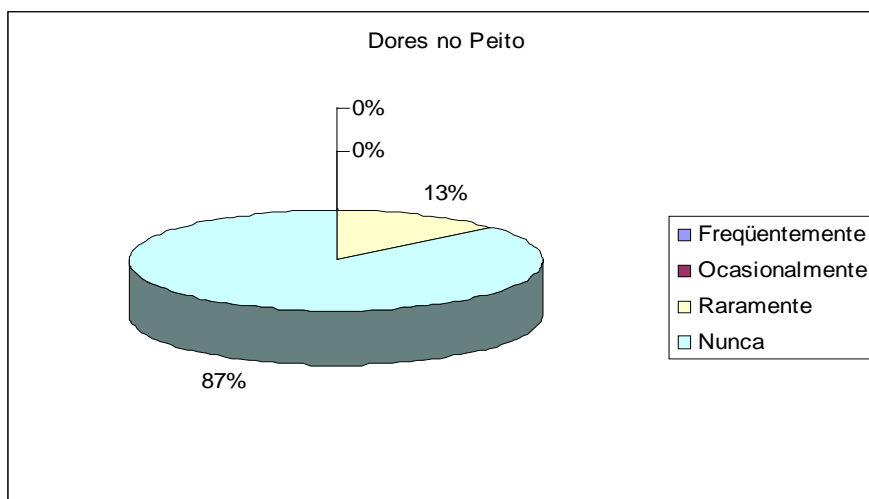


Gráfico 80 – Dores no Peito  
Fonte: dados da coleta

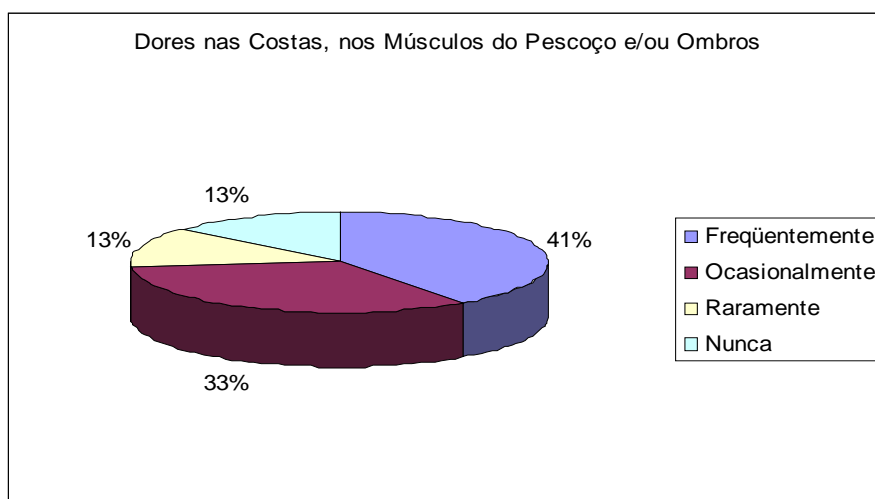


Gráfico 81 - Dores nas Costas, nos Músculos do Pescoço e/ou Ombros  
Fonte: dados da coleta

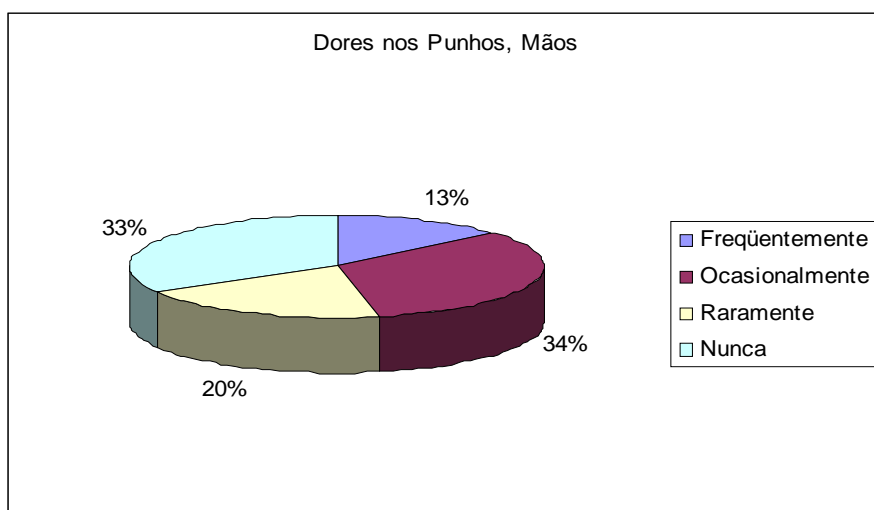


Gráfico 82 – Dores nos Punhos, Mãos  
Fonte: dados da coleta

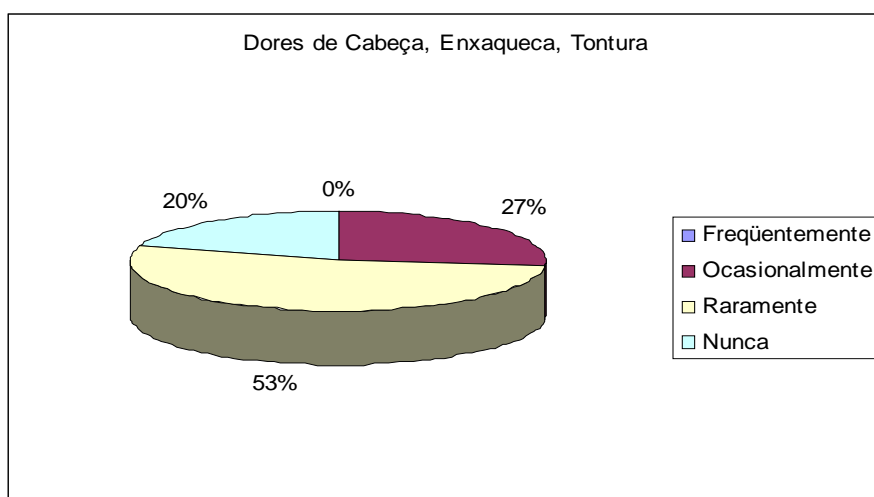


Gráfico 83 - Dores de Cabeça, Enxaqueca ou Tontura  
Fonte: dados da coleta

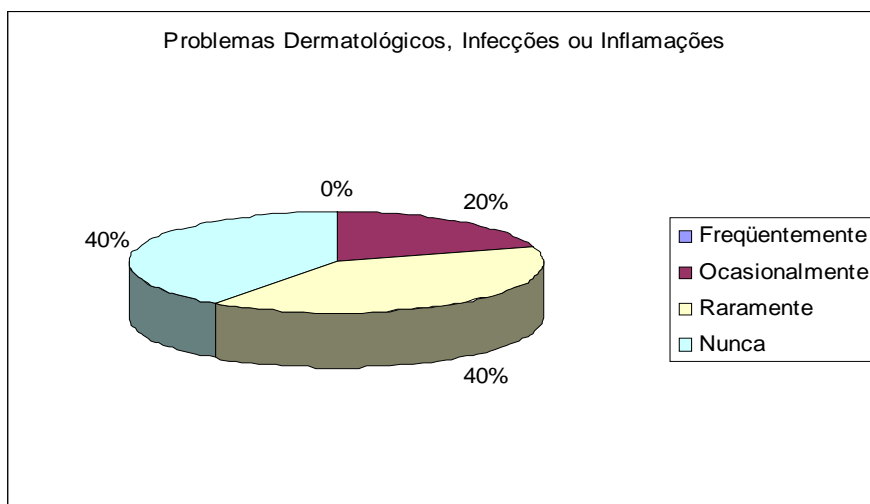


Gráfico 84 - Problemas Dermatológicos, Infecções ou Inflamações  
Fonte: dados da coleta

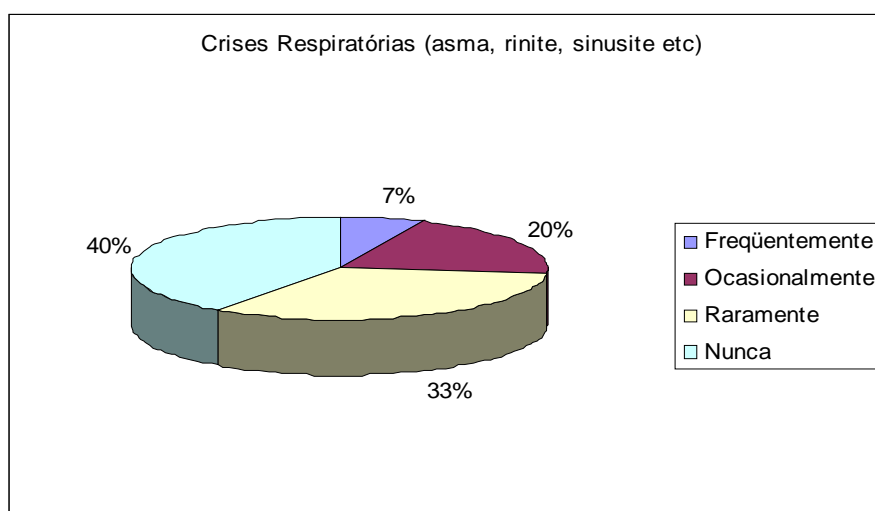


Gráfico 85 – Crises Respiratórias  
Fonte: dados da coleta

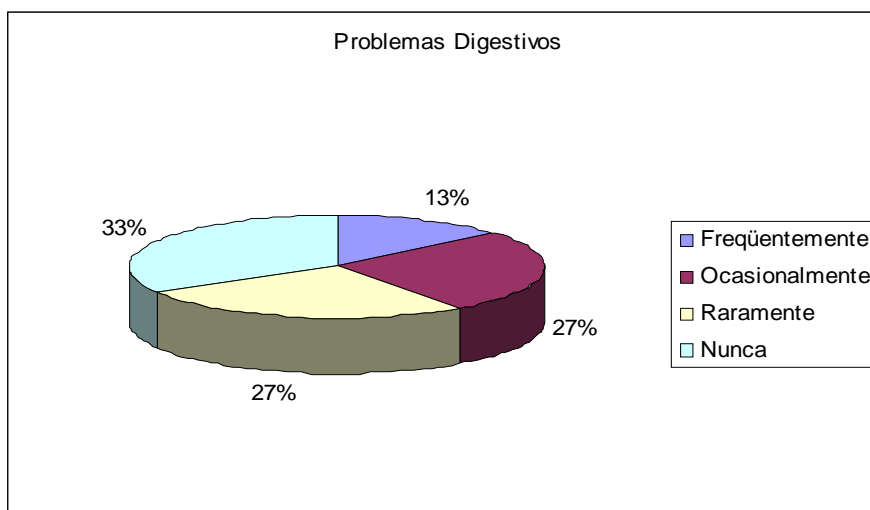


Gráfico 86 – Problemas Digestivos  
Fonte: dados da coleta

Primeiramente, em relação às dores no peito, 13% (2) dos entrevistados raramente sente tal sintoma. Lima (2007) menciona que pode ser uma consequência da ansiedade. Garavelli et al. (2001) mencionam o ruído. O medo, a angústia, a frustração e a agressividade podem aumentar as cargas cardiovasculares (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1993).

Essa pequena porcentagem de sintomas, já não acontece com outros tipos de dores, como as dores nas costas, nos músculos do pescoço e/ou ombros, onde a maioria dos entrevistados, 41% (6), possui este sintoma frequentemente e outra porcentagem de 33% (5), ocasionalmente, revelando um problema enfrentado pelos bibliotecários pesquisados, mas também vivido por outros profissionais, conforme ressalta Lima (2007). Segundo a CBO (BRASIL, 2002b), os bibliotecários, eventualmente trabalham em posições desconfortáveis.

Essas dores podem acontecer pela falta de adaptabilidade do mobiliário, das atividades realizadas com o uso intensivo do computador (catalogação/inserção de dados no sistema, indexação e classificação *-on-line-*, cooperação com catálogos coletivos e bases de dados, por exemplo), como menciona Brandimiller (2002); e atividades como ordenação de fichários (realizada por pequena porcentagem de entrevistados). Também podem ser decorrentes de atividades com trabalho mental intenso, como a catalogação, indexação e classificação, seleção, descarte e gerenciamento da aquisição de documentos e demais atividades que incluam a tomada de decisões (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO

BRASIL, 2001; DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1993; BRANDIMILLER, 2002). A tensão e o estresse, somados a essas atividades ou à situação física da biblioteca (como o nível de ruído inadequado) podem ser fatores de patologias da coluna conforme o manual *Doenças Relacionadas ao Trabalho* (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001). Para Lima (2007), a ansiedade severa pode causar esses sintomas também. O medo, a angústia, a frustração e a agressividade podem aumentar as cargas musculares (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1993).

É interessante notar que apenas 33% (5) dos bibliotecários estão insatisfeitos com a adaptabilidade do mobiliário, 41% (6) possuem queixas freqüentes de dores e a maioria dos entrevistados realiza atividades em frente do computador, mas estão satisfeitos com sua freqüência de realização e quantidade. Também é curioso mencionar que 67% (10) dos entrevistados que sentem esses sintomas são bibliotecários-chefe.

Quanto às dores nos punhos e/ou mãos, 13% (2) dos entrevistados possuem tal sintoma freqüentemente e outra porcentagem, 34% (5), sofre ocasionalmente com o problema. Essas dores podem decorrer especialmente das atividades que exijam o uso do computador (BRASIL, 2003). Indicam-se os movimentos repetitivos e a atenção mental, conforme observou Ramazzini em 1700, e consta na terceira edição de seu livro, publicado em 2000; e Brandimiller (2002). Para Mendes (1980) deve-se evitar o trabalho estático dos dedos. O estresse pode provocar artrite (FELDMAN, 2007). E, mais uma vez, o ruído é mencionado como um fator que atrapalha as atividades mentais e sobrecarrega o físico do trabalhador (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001).

Em relação às dores de cabeça, enxaqueca ou tontura, 53% (8) dos entrevistados as tem raramente e outra porcentagem menor de 27% (4)%, ocasionalmente. Neste caso, especialmente os ruídos intensos no ambiente de trabalho (3 insatisfeitos), segundo Garavelli et al. (2001), podem ocasionar tais sintomas.

Quanto aos problemas dermatológicos, infecções ou inflamações, 40% (6) dos entrevistados revela possuir tais sintomas raramente, e outra porcentagem de 20% (3), ocasionalmente.

Esse tipo de problema pode ocorrer devido à presença de fungos/mofo e/ou poeira no acervo, 80% (12), mais presentes nas coleções pouco manuseadas (acervo histórico), periódicos antigos e especialmente, doações (MENEZES;

ALCANFOR; CUNHA, 2006). Isso, pode estar relacionado também a uma incorreta climatização (dois insatisfeitos) do ambiente (MÁRSICO, 2004). Também há questão da falta de higienização do ambiente da biblioteca (nove insatisfeitos), do mobiliário e equipamentos, já que a poeira pode conter microorganismos e ajudar na proliferação de insetos e roedores (MÁRSICO, 2004). Garavelli et al. (2001) mencionam o ruído como agente que provoca alergias.

Quanto às crises respiratórias, um dos entrevistados verifica tal problema freqüentemente e outra pequena porcentagem de 20% (3), as tem ocasionalmente.

Um dos bibliotecários mencionou que quando trabalhava em outra biblioteca setorial (fora do Campus Saúde) tinha crises respiratórias constantes, e bastava chegar perto do ambiente em que fica o acervo para se sentir mal. Atualmente, tem crises respiratórias ocasionalmente, o que significa, em parte, uma melhoria nas condições de trabalho, como já mencionado, um fator importante na prevenção do sofrimento físico e mental (FRANÇA; RODRIGUES, 1997; BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001).

Como já confirmado pelas entrevistas, a poeira, fungos e/ou bolor causam incômodo aos bibliotecários e podem provocar problemas nas vias respiratórias (MENEZES; ALCANFOR; CUNHA, 2006). Ainda, a falta de higienização da biblioteca em geral contribui para tal sintoma. Feldman (2007) menciona que as reações alérgicas podem ser estimuladas pelo estresse e Lima (2007) indica a ansiedade.

Em relação aos problemas digestivos, 13% (2) dos entrevistados percebem tal sintoma freqüentemente e outra porcentagem de 27% (4), os tem ocasionalmente.

Este problema pode acontecer (ou ser maximizado) pela ansiedade e sentimentos que perturbam o andamento do trabalho (LIMA, 2007). O ruído também pode ser um fator que promove a ocorrência de tal sintoma, conforme relatam Garavelli et al. (2001). O medo, a angústia, a frustração e a agressividade podem aumentar as cargas digestivas (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1993).

Dessa maneira, conclui-se que existe sofrimento físico nos bibliotecários que fizeram parte da pesquisa, em alguns casos, severo, especialmente em relação às dores nas costas, nos músculos do pescoço e/ou ombros e dores nos punhos e/ou mãos. Também se enquadram na severidade (embora, em número menor de entrevistados) os problemas digestivos e crises respiratórias.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do referencial teórico desenvolvido nesse estudo, percebe-se que a influência do trabalho na vida dos bibliotecários, seus benefícios e condições que geram o sofrimento físico e psíquico, ainda é um assunto pouco discutido. Com a intenção de refletir sobre essa influência e fornecer indícios de problemas que possam afetar esses profissionais, foi realizada uma pesquisa com quinze bibliotecários da área da Saúde do SBU da UFRGS.

Primeiramente, faz-se necessário comentar que são muitas as variáveis que influenciam no momento da aplicação dos instrumentos, como o incômodo em se expor, a pressa, a dificuldade em se auto-avaliar e, até mesmo, a negação para que se possa tentar deixar o sofrimento mais longe de si mesmo. Um dos aspectos importantes de ser mencionado são as controvérsias que foram detectadas nas respostas a algumas questões referentes às instalações físicas e acervo. De maneira nenhuma, se pretende dizer que as respostas dos bibliotecários deveriam coincidir (por exemplo, na questão referente à higienização periódica de todos os ambientes da biblioteca), mas sim, se já é difícil verificar um fato “visível”, com o qual se lida diariamente, mais complicado ainda é entender os próprios sentimentos e até perceber suas reais dores. Assim, contando com a sinceridade dos entrevistados, os resultados da pesquisa começam a ser comentados.

Os bibliotecários contemplados na pesquisa, possuem um tempo de serviço bem diversificado, sendo que estão sujeitos às implicações negativas decorrentes desse tempo e também aos aspectos positivos que as mudanças de biblioteca setorial, ou decorridas no próprio ambiente organizacional em que atuam, proporcionam. Sobre o cargo que exercem, também existe a possibilidade que determinada função possa exigir mais ou menos dos bibliotecários, tanto fisicamente quanto psicologicamente.

Também foi verificado que a maioria dos bibliotecários realiza tanto os serviços administrativos, técnicos e de atendimento ao público, não estando limitados ao cargo que exercem, e isso se confirma com a análise das atividades, divididas em grupos de gestão, processamento técnico, e atendimento ao público. Algumas atividades, como a coordenação/supervisão da equipe da biblioteca e de seus serviços, que deveria (na teoria) ser realizada pela chefia é freqüentemente realizada por 33% (5) dos entrevistados (número menor que o de bibliotecários-



chefe), e ocasionalmente, por 53% (8) (a maioria dos profissionais). Esse é um dos exemplos que demonstram a existência do partilhamento de atividades, o que em parte é bom, pois previne a monotonia.

Foi mencionado, na análise dos dados, alguns dos diversos problemas que podem ocorrer devido a algumas atividades realizadas pelos bibliotecários e contempladas na pesquisa. Todavia, não se pode dizer que qualquer uma delas (ou somente elas) possam causar sofrimento físico ou psíquico, conforme mencionam Heloani e Capitão (2003) e Dejours (1992). Assim, as atividades se constituem em apenas um dos elementos que compõem o ambiente organizacional e influenciam no trabalho dos entrevistados.

Outro aspecto analisado, diz respeito às instalações físicas. Verificou-se que há incômodo em relação às infiltrações, aparecimento de mofo e/ou umidade excessiva, e referente à localização do ambiente de alimentação próximo à área de trabalho ou acervo. Aliás, com relação a esse último elemento, a sua fragilização e a presença de fungos/mofo e poeira também é fator de incômodo. Nos demais aspectos apresentados, há insatisfação para com todos os elementos.

O item que alcançou maior porcentagem de insatisfeitos foi a higienização periódica de todos os ambientes da biblioteca, seguido da área física disponível, da adaptabilidade do mobiliário e percepção visual da biblioteca, da quantidade suficiente de equipamentos de trabalho e qualidade dos mesmos, do nível de ruído, e da climatização do ambiente, sendo que o item que menos insatisfaz os bibliotecários é a iluminação do campo de trabalho.

Mesmo com a pequena porcentagem de insatisfação quanto à climatização, verificou-se que faltam aparelhos para realizá-la em algumas bibliotecas, assim como medidas de aeração. E, logicamente, os aparelhos de ar-condicionado devem ser utilizados de maneira sensata e devidamente higienizados.

O fato que mais chama a atenção é que, de maneira geral, os bibliotecários das unidades da área da Saúde (e também usuários e acervo) sofrem com a falta de higienização, sendo esta um problema que merece mais atenção dos responsáveis pelo serviço de limpeza e dos contratantes, enfim, de quem esteja envolvido com esse trabalho tão fundamental para o bem-estar de todos.

Assim, o incômodo ou a insatisfação com um elemento físico significa que algo está errado e necessita ser avaliado e mudado.

Outros aspectos analisados foram os indícios de sofrimento psíquico. Para a Depressão fica evidente que eles existem, porém só puderam ser superficialmente e

parcialmente avaliados pela entrevistadora, a mesma afirma que, nesse sentido, os indícios existem em pouca quantidade e intensidade, embora a diminuição da capacidade de concentração e/ou indecisão, problemas quanto ao sono e o aumento ou perda de apetite sejam freqüentes em apenas um dos entrevistados. Para um sofrimento severo, alguns dos sintomas deveriam ser concomitantes e freqüentes, durante certo período de tempo e não apenas acontecimentos isolados e com baixa freqüência, como explica o DSM-IV-TR (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 1995). Além disso, o histórico de vida do indivíduo, como mencionam Dejours, Abdoucheli e Jayet (1993) e questões clínicas deveriam ser avaliadas (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 1995).

Para a Síndrome de Burnout existem indícios de sofrimento psíquico, porém novamente, só puderam ser superficialmente e parcialmente avaliados, a entrevistadora afirma que os indícios existem, também, em pouca quantidade e intensidade, excetuando-se a frustração com o trabalho, desesperança e/ou sentimento de impotência, que é freqüente (porém em porcentagem mínima entre os entrevistados), e a questão de alguns bibliotecários raramente perceberem que realizam muitas coisas importantes no trabalho, também em pequena porcentagem. Com relação a este último aspecto (e entre a maioria dos entrevistados), pode significar que há uma supervalorização das atividades, com uma alta motivação para o trabalho que, juntamente com o envolvimento afetivo com os usuários é um dos fatores que podem contribuir para o desenvolvimento do estresse laboral.

Quanto ao sofrimento físico nos bibliotecários que fizeram parte da pesquisa, verificou-se que o mesmo existe, em alguns casos, de maneira severa, especialmente em relação às dores nas costas, nos músculos do pescoço e/ou ombros e dores nos punhos e/ou mãos. Também se enquadram na severidade (embora, em número menor de entrevistados) os problemas digestivos e crises respiratórias.

Assim, com o término da análise dos resultados verificou-se que existem indícios de sofrimento psíquico e físico nos bibliotecários da área da Saúde da UFRGS. Os poucos indícios freqüentes de sofrimento psíquico atingem um pequeno segmento de bibliotecários. Quanto aos indícios de sofrimento físico, pode-se dizer que estão mais acentuados, podendo atingir uma grande parcela de entrevistados e se constituir em um problema enfrentado freqüentemente.

Diante de todo o referencial teórico exposto e da pesquisa realizada, observa-se que se torna difícil conhecer quais são os motivos que levam aos indícios de

sofrimento físico e compreender de que modo são gerados os indícios de sofrimento psíquico, pois muitos fatores estão interligados, assim como, o corpo e a mente das pessoas.

Dessa maneira, e ciente de que as respostas não são absolutas dentro do contexto desse trabalho, e muito menos satisfatórias do ponto de vista clínico, entende-se que existem diversos fatores que podem ocasionar os indícios de sofrimento físico entre os entrevistados, podendo-se citar, entre eles: as atividades que exigem trabalho mental intenso, tomada de decisões, movimentos repetitivos ou que tenham um conteúdo pobre (baixo nível de exigência) e uso intensivo do computador; somadas aos níveis de ruído inadequados, à falta de adaptabilidade do mobiliário e equipamentos, à presença de fungos/mofo e/ou poeira no acervo, à incorreta climatização do ambiente, infiltrações ou aparecimento de mofo na biblioteca, quantidade insuficiente e falta de qualidade dos equipamentos de trabalho, e a situação precária em relação à higienização de todos os ambientes das unidades pesquisadas. Essas situações podem provocar ansiedade, frustração e outros descontentamentos psíquicos que “alertam” o sistema imunológico e acabam por se refletir (novamente) de maneira negativa no físico dos entrevistados. Outro aspecto percebido é que, por exemplo, a porcentagem dos insatisfeitos quanto à adaptabilidade do mobiliário e equipamentos poderia ser maior que a porcentagem daqueles que sentem dores freqüentes nas costas, nos músculos do pescoço e/ou ombros, mas o que causa estranhamento é que um número maior de entrevistados sentem essas dores e os entrevistados insatisfeitos perfazem um grupo menor. Sobre isto, a entrevistadora ficou curiosa e voltou aos formulários de entrevista e constatou que, dos entrevistados que possuem esse tipo de queixa, 50% estão satisfeitos com a questão do mobiliário e equipamentos e, 67% marcaram o grau de satisfação 10. Assim, verificou-se que podem existir outros aspectos que têm influência no físico dos indivíduos (já mencionados no referencial teórico e na análise), agora, destacados pelos entrevistados, como incômodo pela situação física da biblioteca em certos aspectos como ruído, área física, iluminação e higienização dos ambientes da biblioteca. Sendo que, em duas das unidades há “somente” a insatisfação quanto à higienização da biblioteca e em outra, com a poeira do acervo. Dois dos entrevistados ocupam o cargo de bibliotecário-chefe (tomada de decisões) e outros dois realizam atividades que exigem menos do que podem ou gostariam de oferecer.

As queixas “freqüentes” de dores foram detectadas em maior número entre os

bibliotecários-chefe (quatro dos seis bibliotecários que mencionaram o fato), o que, em parte, não confere com o referencial teórico, no qual está explicado que um trabalhador que não tem tanto poder de decisão e com um nível de exigência psicológica menor “pode” ser mais sensível à dor (BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001). Todavia, também pode ter acontecido que as dores foram se acumulando ao longo do tempo nos bibliotecários-chefe (dois bibliotecários trabalham na UFRGS há 29 anos, um trabalha há cerca de 30 anos e outro trabalha há 14 anos), pois o tempo de exposição a algum risco ocupacional afeta a saúde do trabalhador, conforme salienta a Instrução Normativa do INSS/DC Nº 98 (BRASIL, 2003). Assim, pode haver a possibilidade de ter se desenvolvido algum problema músculo-esquelético nesses bibliotecários e, com isso, a dor. Dessa maneira, conclui-se que existem muitos fatores que podem estar relacionados às dores físicas, podendo-se apontar também, o histórico de vida do indivíduo, conforme mencionam Dejours, Abdoucheli e Jayet (1993).

Em relação aos indícios de sofrimento psíquico compreende-se que são gerados, no caso dos entrevistados, devido a alguns aspectos físicos da biblioteca que causam insatisfação ou incômodo nos bibliotecários e ao nível baixo de exigência das atividades (ao mesmo tempo em que se quer ajudar e realizar mais do que já foi feito) que podem gerar a frustração com o trabalho, a desesperança e/ou sentimento de impotência e o sentimento de perceber que raramente realiza coisas importantes no trabalho, além de outros sentimentos menos frequentes. Existe, também, a questão da insatisfação com o relacionamento com os colegas da biblioteca (e também com professores e pessoas de outros departamentos) em uma mínima porcentagem de entrevistados, mas que prejudica o bom andamento do trabalho, e dependendo da situação, pode trazer desmotivação para o mesmo.

Assim, os objetivos do presente estudo foram alcançados. Porém, ainda indaga-se qual a influência que o ambiente físico e a organização do trabalho têm na saúde física e psíquica dos bibliotecários da área da Saúde do SBU.

Pode-se dizer que o ambiente físico da biblioteca e a organização do trabalho têm influência direta na saúde física e psíquica dos bibliotecários. A organização do trabalho (frequências, níveis de exigências, modo operatório, relações interpessoais, tempo, por exemplo) interfere nas atividades desenvolvidas pelos bibliotecários, e sobre essas, existe a influência do ambiente físico. Esses dois aspectos possuem pontos positivos e negativos e é essa união que provoca ou não o sofrimento severo no ambiente de trabalho, com ressalvas às características individuais de cada

pessoa, podendo esta adoecer ou não.

Contudo, verificam-se os aspectos positivos do trabalho nas bibliotecas da área da Saúde do SBU, no qual todos os profissionais estão satisfeitos com a frequência e quantidade de atividades distintas que realizam e a maioria, com os relacionamentos interpessoais.

Dessa maneira, e independente do resultado desse estudo, recomenda-se que mais pesquisas sejam realizadas e que essas sejam elaboradas por profissionais especializados (ou em colaboração direta com eles) nas áreas que tratam da saúde dos trabalhadores, pois o que foi colhido no encontro com os entrevistados e analisado, foi executado por uma graduanda do curso de Biblioteconomia, o que não confere a essa monografia de conclusão a garantia de uma correta avaliação da influência do trabalho na saúde dos bibliotecários, mas sim o de um alerta sobre os fatores físicos e psíquicos que podem interferir na atividade laboral desses profissionais.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais**: DSM-IV. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. Disponível em: <<http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm.php>>. Acesso em: 22 set. 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 5413**: iluminância de interiores. Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. **NBR 10152**: níveis de ruído para conforto acústico. Rio de Janeiro, 1987.

AUBERT, Nicole. A Neurose Profissional. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 84-105, jan./fev. 1993.

BARBOSA, Gesmar Kingeski. **Proposta de um Programa de Necessidades para a Ampliação da Biblioteca Setorial Gládis W. do Amaral da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. 2005. 132 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BLATTMAN, Ursula; BORGES, Ilma. Ergonomia em Biblioteca: avaliação prática. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 47-64, 1998.

BORTOLETTO, Maria Élide; MACHADO, Rejane Ramos; COUTINHO, Eliana. Contaminação Fúngica do Acervo da Biblioteca de Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz: ações desenvolvidas para sua solução. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 7, n. 14, out. 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/issue/view/34>>. Acesso em: 18 out. 2008.

BRANDIMILLER, Primo A. Em Busca do Conforto no Trabalho. In: \_\_\_\_\_. **O Corpo no Trabalho**: guia de conforto e saúde para quem trabalha em microcomputadores. 2 ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2002. Cap. 16, p. 149-157.

BRASIL. Instrução Normativa INSS/DC Nº 98, de 05 de dezembro de 2003. Dispõe sobre atualização clínica das Lesões por Esforços Repetitivos (LER)/ Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 05 dez. 2003. Disponível em: <<http://www81.dataprev.gov.br/sislex/imagens/paginas/38/inss-dc/2003/anexos/IN-DC-98-ANEXO.htm>>. Acesso em: 25 out. 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL. **Doenças Relacionadas ao Trabalho**: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília, DF: Editora MS, 2001. 580 p. (Serie A: Normas e Manuais Técnicos, n. 114).

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Profissionais da Informação: áreas de atividades. 2002a. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/gac.asp?codigo=2612>>. Acesso em: 29 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Profissionais da Informação: características do trabalho. 2002b. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/condicoes.asp?codigo=2612>>. Acesso em: 29 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Profissionais da Informação: competências pessoais. 2002c. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/competencias.asp?codigo=2612>>. Acesso em: 29 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Profissionais da Informação: descrição. 2002d. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=2612>>. Acesso em: 29 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego. **Norma Regulamentadora de Segurança e Saúde do Trabalhador**: NR17/Ergonomia (117.000-7). Portaria n. 3751, de 23 de nov. de 1990. [on line]. Disponível em: <[http://www.mte.gov.br/legislacao/normas\\_regulamentadoras/nr\\_17.asp](http://www.mte.gov.br/legislacao/normas_regulamentadoras/nr_17.asp)>. Acesso em: 14 out. 2008.

BURKE, Peter. Problemas Causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 44, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.escriitoriodolivro.org.br/historias/burke.html>>. Acesso em: 24 jul. 2008.

CANFORA, Luciano. **A Biblioteca Desaparecida**: histórias da Biblioteca de Alexandria. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CARVALHO, Maria Carmen Romcy de. **Estabelecimento de Padrões para Bibliotecas Universitárias**. Fortaleza: UFC; Brasília, DF: ABDF, 1981.

CARVALHO, Wanja Santos Marques de. Reflexões Ergonômicas sobre o trabalho do Bibliotecário em Bibliotecas/Unidades de Informação. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 7-21, 1998. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/printarticle.php?id=22&layout=html>>. Acesso em: 20 set. 2008.

CHIAVENATO, Idalberto; SAPIRO, Arão. **Planejamento Estratégico**: fundamentos e aplicações. Rio de Janeiro: Elsevier, c2004.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. O que é Burnout? In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação, Carinho e Trabalho**. Petrópolis: Vozes; Brasília, DF: CNTE; UnB, 1999. Cap.13, p. 237-54.

CUNHA, Murilo Bastos. Construindo o Futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2000. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000200/01/Ci%5B1%5D.Inf-2004-307.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2008.

DAMASIO, Edilson. O Papel das Bibliotecas Universitárias e da Informação para Indústria e Negócios Conforme a "Lei de Inovação" no Contexto Científico e Tecnológico. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 13., 2004, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: UFRN, 2004. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000409/>>. Acesso em: 17 jul. 2008.

DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho**: estudo de Psicopatologia do Trabalho. 5 ed. São Paulo: Cortez, Oboré, 1992. 168 p.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do Trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1993. 145 p.

DIAS, E. J. W. A Abordagem dos Papéis Gerenciais de Mintzberg e sua Aplicação a Bibliotecas e Centros de Informações. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 37-54, 1985.

DOENÇAS Ocupacionais Matam Bibliotecários. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 09 jan. 2004. Disponível em: <[http://www.ofaj.com.br/noticias\\_conteudo.php?cod=43](http://www.ofaj.com.br/noticias_conteudo.php?cod=43)>. Acesso em: 20 set. 2008.

FARIA, Sueli et al. Competências do Profissional da Informação: uma reflexão a partir da Classificação Brasileira de Ocupações. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 34, n. 2, p. 26-33, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28552.pdf>>. Acesso em 8 mar. 2008.



FELDMAN, Robert S. **Introdução à Psicologia**. 6. ed. São Paulo: McGraw-Hill, c2007. 665 p. : il.

FLECK, Luiza Kessler. **Estudo das Condições de Trabalho em Bibliotecas Acadêmicas de uma Universidade Pública Federal**. 2004. 154f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) - Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

FONSECA, Ana. **Era da Medição de Atitudes (1920-1930)**. [2005?]. Disponível em: <<http://www.hoops.pt/psicologia/psico2.htm>>. Acesso em: 7 ago. 2008.

FRANÇA, A. C. L.; RODRIGUES, A. L. Entendendo os “Estressores” Psicossociais e os Tipos de Adaptação ao Trabalho. In: \_\_\_\_\_. **Stress e Trabalho: guia básico com abordagem psicossomática**. São Paulo: Atlas, 1997. Cap. 7, p. 105-127.

GAMBALE et al. Library fungi at the University of São Paulo and their Relationship with Respiratory Allergy. **Journal of Investigational Allergology & Clinical Immunology**, Barcelona, v. 3, n. 1, p. 45-50, 1993.

GARAVELLI, Sérgio Luiz et al. **Gestão Ambiental e Qualidade de Vida Urbana: controle da poluição sonora. Relatório de Avaliação dos Níveis de Ruídos da Biblioteca Cental da UCB**. Brasília, DF: Universidade Católica de Brasília, 2001.

GONZÁLEZ, Saray Córdoba. Terminología Relacionada con los Estudios de Usuarios y la Formación de Usuarios de la Información. In: SALAZAR, Patrícia Hernández (Coord.). **Seminario Latinoamericano sobre Formación de Usuarios de la Información y los Estudios de Usuarios**. México: UNAM, 1997. P. 1-7.

GROGAN, Denis Joseph. O Processo de Referência. In: \_\_\_\_\_. **A Prática do Serviço de Referência**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2001. Cap. 3, p. 50-61.

HELOANI, José Roberto; CAPITÃO, Cláudio Garcia. Saúde Mental e Psicologia do Trabalho. **São Paulo em Perspectiva**, v. 17, n. 12, p. 102-108, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v17n2/a11v17n2.pdf>>. Acesso em: 19 ago 2008.

IIDA, Itiro. O que é Ergonomia. In: \_\_\_\_\_. **Ergonomia: projeto e produção**. São Paulo: Edgar Blücher, 2000. Cap.1, p. 1-15.

LADEIRA, Marcelo Bronzo. O Processo do Stress Ocupacional e a Psicopatologia do Trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 64-74, jan./mar. 1996.

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. Bibliotecas. In: CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da T.; MACEDO, Vera A. A. (Org.). **Formas e Expressões do Conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. P. 347-366.

LIMA, Nahara Carla Silva de. **Qualidade de Vida no Trabalho para Profissionais da Ciência da Informação**. 2007. 56 f. Monografia (Especialização em Gestão de Recursos Humanos) – Pós- Graduação “Lato Sensu”, Universidade Candido Mendes, Niterói, 2007.

LÜCK, Esther Hermes et al. A Biblioteca Universitária e as Diretrizes Curriculares do Ensino de Graduação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11., 2000b, Florianópolis. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis: UFF, 2000. Disponível em: <<http://snbu.bvs.br/snbu2000/parallel.html>>. Acesso em: 17 jul. 2008.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como Organizações**. Rio de Janeiro: Interciência, 2000a.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. A Função Gerencial na Biblioteca Universitária. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11., 2000b, Florianópolis. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis: UFF, 2000. Disponível em: <<http://www.ndc.uff.br/textos/t033.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2008.

MACHADO, Iara Conceição Neves. **Desempenho do Pessoal em Bibliotecas Universitárias em Relação à Execução de Tarefas Profissionais e Não-Profissionais e à Elaboração e Aplicação de Política de Pessoal**: o caso da UFRGS. 1990. P. 116-126. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1990.

MANGUEL, A. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MÁRSICO, Maria Aparecida de Vries. Noções Básicas de Conservação de Livros e Documentos. **Acesso Online:** boletim informativo da Rede Sirius, Rio de Janeiro, v. 6, n. 41, jan./fev. 2004. P. 1-12. Disponível em: <<http://www2.uerj.br/~rsirius/boletim/artigos.htm>>. Acesso em: 18 out. 2008.

MENDES, Rene. **Medicina do Trabalho:** doenças profissionais. São Paulo: Sarvier, 1980.

MENDES, Rene (Org.). **Patologia do Trabalho.** 2.ed. São Paulo: Atheneu, 2003. V.2.

MENEZES, Everardo Albuquerque; ALCANFOR, Adriano Coutinho; CUNHA, Francisco Afrânio. Fungos anemófilos na sala de periódicos da biblioteca de ciências da saúde da Universidade Federal do Ceará. **Revista Brasileira de Análises Clínicas**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, p. 155-158, 2006.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Psicodinâmica do Trabalho. In: JACQUES, Maria da Graça; CODO, Wanderley (Org.). **Saúde Mental e Trabalho:** leituras. Petrópolis: Vozes. 2002. P. 130-142.

MEY, Eliane Serrão A. Bibliotheca Alexandrina. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 71-91, jan./jun. 2004.

MEZZARI, Adelina et al. Os Fungos Anemófilos e Sensibilização em Indivíduos Atópicos em Porto Alegre, RS. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 270-273, jul./set. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ramb/v49n3/a30v49n3.pdf>> . Acesso: 18 out. 2008.

NETTO, Carlos Alexandre. **A UFRGS.** [2008?b]. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/ufrgs/index\\_a\\_ufrgs.htm](http://www.ufrgs.br/ufrgs/index_a_ufrgs.htm)>. Acesso em: 27 out. 2008.

OLIVEIRA, Nirlei Maria. A Biblioteca das Instituições de Ensino Superior e os Padrões de Qualidade do MEC: uma análise preliminar. **Perspectivas em Ciências da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 207-221, jul./dez. 2002. Disponível em: < <http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/issue/view/16>. >. Acesso em: 15 jul. 2008.

OLIVEIRA, Silas Marques. Impacto da Tecnologia no Estilo Gerencial de Gerentes de Unidades de Informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 17.; CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2., 1994, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 1994. p. 415-425.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Atención primaria de salud**: informe de la Conferencia Internacional sobre Atención primária de Salud Alma-Ata, URSS, 6-12 septiembre de 1978. Ginebra: OMS, 1978. Disponível em:<<http://whqlibdoc.who.int/publications/9243541358.pdf>>. Acesso em: 17 set 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID – 10**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PASCHOAL, Tatiane; TAMAYO, Álvaro. Validação da Escala de Estresse no Trabalho. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n.1, p. 45-52, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000100006&script=sci_arttext)>. Acesso: 03 set. 2008.

PETZOLD, Eleonora Liberato. **Programa de Necessidades para a Reforma da Biblioteca Paulo Lacerda de Azevedo da Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre**. 2006. 99 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PINTO, Maria Cristina Bello Ferreira. Catálogos & Bibliografias: evolução histórica do trabalho de controle bibliográfico. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 143-158, set. 1987.

RAMAZZINI, Bernardino (1700). **As Doenças dos Trabalhadores**. 3. ed. São Paulo: Fundacentro, 2000. 324 p. Edição comemorativa do tricentenário da primeira edição. Inclui contribuições especiais de: René Mendes, Diogo Pupo Nogueira, Jorge da Rocha Gomes e Carlos Luiz Campana.

ROBBINS, Stephen Paul. Introdução ao Comportamento Organizacional. In:\_\_\_\_\_. **Fundamentos do Comportamento Organizacional**. São Paulo: Prentice Hall, 2004. Cap. 1, p. 1-13.

SADOCK, Benjamin J.; SADOCK, Virginia Alcott; KAPLAN, Harold I. **Compêndio de Psiquiatria**: ciências do comportamento e psiquiatria clínica. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 1584 p.

SANTOS, Jussara Pereira; NEVES, Iara Conceição Bitencourt; JOB, Ivone. A Estrutura da Carreira em Biblioteconomia: contribuição à Classificação Brasileira de Ocupações. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 41-61, jan./jun. 2004. Disponível em: <[http://www6.ufrgs.br/emquestao/pdf\\_2004\\_v10\\_n1/EmQuestaoV10\\_N1\\_2004\\_art03.pdf](http://www6.ufrgs.br/emquestao/pdf_2004_v10_n1/EmQuestaoV10_N1_2004_art03.pdf)>. Acesso em: 8 mar. 2008.

SANTOS, Luiz Carlos dos. **Técnicas de Coletas de Dados/ Instrumentos de Coleta de Dados**. 2008. Material Didático. Disponível em: <[http://www.lcsantos.pro.br/arquivos/Tecnica\\_Coleta\\_Dados09062008-152228.pdf](http://www.lcsantos.pro.br/arquivos/Tecnica_Coleta_Dados09062008-152228.pdf)>. Acesso em: 31 out. 2008.

SANZ CASADO, Elias. Estudios de usuarios: conceptos básicos. In:\_\_\_\_\_. **Manual de Estudios de Usuários**. Madrid: Fundación Germán Sanchez Ruipérez, 1994. Cap. 2, p. 19-37.

SILVA, Patrícia Costa da; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Prazer e Sofrimento de Psicólogos no Trabalho em Empresas Privadas. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 27, n. 1, p. 132-147, 2007.

SOUTO, Leonardo Fernandes. Biblioteconomia em Reflexão: cenários, práticas e perspectivas. In:\_\_\_\_\_SOUTO, Leonardo Fernandes (Org.). **O Profissional da Informação em Tempo de Mudanças**. Campinas: Alínea, 2005. P. 14-27.

SOUZA, Francisco das Chagas; SILVA, Paula Senhudo. O Trabalho do Bibliotecário e os Riscos Potenciais a sua Saúde Integral: considerações em torno do campo da Ergonomia. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p.127-146, jan./jun. 2007.

TARAPANOFF, Kira. Planejamento de e para Bibliotecas Universitárias no Brasil: sua posição sócio-econômica e estrutural. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2., 1981, Brasília. **Anais...** Brasília, DF: Capes, 1981.

TAUBE, Oswaldo Luiz Stamato et al. Levantamento de Distúrbios Ocupacionais em Profissionais Bibliotecários: considerações ergonômicas com enfoque preventivo. **Revista Hispeci & Lema**: publicação das Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, v. 7, p. 46-50, 2002-2003. Disponível em: <[http://www.fafibe.br/down/revista/revista\\_hl\\_03.pdf](http://www.fafibe.br/down/revista/revista_hl_03.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2008.

TRIGO, Telma Ramos; TENG, Chei Tung; HALLAK, Jaime Eduardo Cecílio. Síndrome de Burnout ou Estafa Profissional e os Transtornos Psiquiátricos. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, n. 5, p. 223-233, 2007. Disponível em: <<http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol34/n5/223.html>>. Acesso em: 20 set. 2008.

TRINKLEY, Michael. **Considerações Sobre Preservação na Construção e Reformas de Bibliotecas**: planejamento para preservação. 2. ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 2001. 118 p. Disponível em: <[http://143.106.151.46/cpba/pdf\\_cadtec/38.pdf](http://143.106.151.46/cpba/pdf_cadtec/38.pdf)>. Acesso em: 31 mar. 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Biblioteca Central**. FAQ – BC/SBU. [2008]. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ufrgs.br/FAQ-bc.htm>>. Acesso em: 27 out. 2008.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca da Escola de Educação Física**. [entre 199-? e 200-?a]. Disponível em: <<http://www.esef.ufrgs.br/biblioteca.php>>. Acesso em: 27 out. 2008.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca da Faculdade de Farmácia**. [entre 199-? e 200-?b]. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/farmacia/index\\_h.htm](http://www.ufrgs.br/farmacia/index_h.htm)>. Acesso em: 27 out. 2008.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca da Odonto**: biblioteca Malvina Vianna Rosa. Histórico. [entre 199-? e 200-?c]. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/odonto/biblioteca/index.html>>. Acesso em: 27 out. 2008.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca da Odonto**: biblioteca Malvina Vianna Rosa. Serviços Oferecidos. [entre 199-? e 200-?d]. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/odonto/biblioteca/ser.htm>>. Acesso em: 27 out. 2008.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca da Psicologia**. Apresentação. 2001a. Disponível em: <<http://www.psicologia.ufrgs.br/biblioteca/ap.htm>>. Acesso em: 27 out. 2008.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca da Psicologia**. Serviços. 2001b. Disponível em: <<http://www.psicologia.ufrgs.br/biblioteca/ser2.htm>>. Acesso em: 27 out. 2008.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca Dirce Pessoa de Brum Aragón**. [entre 199-? e 200-?e]. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/eenf/biblioteca/index.htm>>. Acesso em: 27 out. 2008.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca do Instituto de Ciências Básicas da Saúde**. 2002. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/icbs/biblioteca/>>. Acesso em: 27 out. 2008.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca FAMED**. [entre 199-? e 200-?f]. Disponível em: <<http://www.famed.ufrgs.br/>>. Acesso em: 27 out. 2008.

\_\_\_\_\_. **Histórico da UFRGS**. [200-?a]. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/ufrgs/index\\_a\\_ufrgs.htm](http://www.ufrgs.br/ufrgs/index_a_ufrgs.htm)>. Acesso em: 27 out. 2008.

VERGER, Jacques. Os Livros na Idade Média. In:\_\_\_\_\_. **Homens e Saber na Idade Média**. Bauru: Edusc, 1999. Cap. 3. Disponível em: <<http://www.escriitoriodolivro.org.br/historias/idademedia.html>>. Acesso em: 24 jul. 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Regional Office for the Western Pacific. **Mental Health.** 2005. Disponível em: <[http://www.wpro.who.int/health\\_topics/mental\\_health/](http://www.wpro.who.int/health_topics/mental_health/)> Acesso em: 29 out. 2008.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

## ROTEIRO

Prezado(a) bibliotecário(a),

O presente questionário tem como objetivo colher sua opinião sobre as atividades que realiza, as condições de trabalho existentes em sua biblioteca e sua satisfação em relação ao mesmo, além de colher informações relativas à percepção que você tem sobre seus sentimentos. Os dados obtidos serão utilizados unicamente para a pesquisa, a fim de atingir os objetivos do trabalho de conclusão do curso de Biblioteconomia “Influência do Trabalho na Saúde Física e Psíquica dos Bibliotecários da Área da Saúde da UFRGS”. Desse modo, seu nome não será mencionado no decorrer do trabalho.

Agradeço sua disponibilidade e colaboração.  
Liliane P. Santa Helena

## Roteiro de Perguntas

1 Há quanto tempo você trabalha como bibliotecário efetivo da UFRGS? \_\_\_\_\_.

2 Há quanto tempo você trabalha nesta biblioteca setorial ? \_\_\_\_\_.

3 Seu cargo na biblioteca:

- ( ) Bibliotecário-chefe  
( ) Bibliotecário

4 Que tipos de serviços costuma realizar? Pode-se escolher mais de uma opção.

- ( ) Administrativos  
( ) Técnicos  
( ) Atendimento ao público

5 Das atividades listadas abaixo, quais as que você costuma realizar:

Freqüentemente - F  
Ocasionalmente - O  
Raramente – R  
Nunca - N

	Atividades	F	O	R	N
01	Assessoramento de equipe editorial				
02	Coordenação/supervisão da equipe da biblioteca e de seus serviços				
03	Contato com a direção, departamentos, outras bibliotecas e instituições				
04	Elaboração de relatórios e outros documentos administrativos				
05	Elaboração e coordenação de programas e projetos de ação				
06	Elaboração de políticas, decisões e procedimentos				



	Atividades	F	O	R	N
07	Controle da manutenção/limpeza das instalações físicas e equipamentos				
08	Orientação de estágios curriculares				
09	Treinamento de bolsistas e/ou funcionários				
10	Participação de reuniões administrativas				
11	Promoção da biblioteca (acervo, serviços etc)				
12	Seleção, descarte e/ou gerenciamento da aquisição de documentos.				
13	Ordenação de fichas (catalográficas, topográficas)				
14	Catálogo/inclusão de dados no SABI				
15	Classificação/indexação				
16	Cooperação com catálogos coletivos e base de dados				
17	Normalização de trabalhos técnico-científicos e/ou referências bibliográficas				
18	Levantamento bibliográfico				
19	Treinamento de usuários/orientação na utilização de fontes de informação				
20	Serviço de comutação bibliográfica (pesquisa, digitalização)				

8 Das situações abaixo, quais você concorda que ocorrem na sua biblioteca:

		Sim	Não
01	Infiltrações, aparecimento de mofo e/ou umidade excessiva		
	Caso a resposta seja positiva, isto lhe incomoda?		
02	O acervo possui uma porcentagem significativa de documentos fragilizados (quebradiços, amarelados etc)		
	Caso a resposta seja positiva, isto lhe incomoda?		
03	O acervo apresenta-se com fungos, mofo e/ou empoeirado		
	Caso a resposta seja positiva, isto lhe incomoda?		
04	O ambiente para alimentação fica perto do acervo ou da área de trabalho		
	Caso a resposta seja positiva, isto lhe incomoda?		

OBS.:

---



---



---

9 De 0 a 10, qual o seu grau de satisfação com:

A quantidade de atividades distintas que realiza

0      1      2      3      4      5      6      7      8      9      10

A freqüência com que realiza estas atividades

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Carga horária de trabalho

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

A iluminação de seu campo de trabalho

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Adaptabilidade do mobiliário (mesas, cadeiras) e dos equipamentos ao seu biotipo e à realização de suas atividades

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Percepção visual em relação à biblioteca (leiaute, cores etc)

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Nível de ruído no interior da biblioteca e em seus arredores

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Climatização do ambiente (temperatura, circulação de ar)

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Higienização periódica de todos os ambientes da biblioteca

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Área física disponível (para a realização das atividades, circulação de pessoas, descanso, alimentação, acervo etc)

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Quantidade suficiente de equipamentos de trabalho e qualidade dos mesmos

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Relacionamento com os colegas de trabalho

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Relacionamento com os professores e pessoas de outros departamentos

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

OBS.:

---



---

10 Você considera que suas atividades exigem:

- ( ) mais do que você pode ou gostaria de oferecer  
 ( ) menos do que você pode ou gostaria de oferecer  
 ( ) tanto quanto você pode ou gostaria de oferecer

11 Dos sintomas e sentimentos abaixo, quais você tem sentido ultimamente:

Freqüentemente - F

Ocasionalmente - O

Raramente - R

	Sintomas/sentimentos	F	O	R	N
01	Tristeza, vazio, na maior parte do dia				
02	Fadiga ou perda de energia				
03	Diminuição da capacidade de concentração, indecisão				
04	Problemas com o sono				
05	Perda de interesse ou prazer em qualquer de suas atividades				
06	Sentimento de inutilidade, culpa excessiva ou inadequada				
07	Inquietude, agitação, lentidão psicomotora				
08	Pensamentos de que não precisa ou merece viver				
09	Aumento ou perda de apetite				
10	Dores no peito				
11	Dores nas costas, nos músculos do pescoço e/ou ombros				
12	Dores de cabeça, enxaqueca, tontura				
13	Problemas dermatológicos, infecções ou inflamações				
14	Problemas digestivos				
15	Crises respiratórias (asma, rinite, sinusite etc)				
16	Dores nos punhos, mãos				
17	Sentimento de estar no seu limite				
18	Necessidade de grande esforço para trabalhar com pessoas				
19	Frustração com o trabalho, desesperança/sentimento de impotência				
20	Sensação de ter-se tornado mais insensível para com as pessoas				
21	Sensação de que algumas pessoas o culpam por alguns problemas seus				
22	Sensação de realização de muitas coisas importantes no trabalho				
23	Entendimento em relação ao que os usuários sentem sobre certas coisas, suas dificuldades etc.				
24	Há vontade de interagir com os usuários no trabalho				
25	Interesse em ajudar e realizar ainda mais do que já foi feito				

OBS.:

---

## ANEXO A - ATIVIDADES DOS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO SEGUNDO A CBO

### a) Disponibilizar informação em qualquer suporte

1. Localizar informações
2. Recuperar informações
3. Prestar atendimento personalizado
4. Elaborar estratégias de buscas avançadas
5. Intercambiar informações e documentos
6. Controlar circulação de recursos informacionais
7. Prestar serviços de informação on-line
8. Normalizar trabalhos técnico-científicos

### b) Gerenciar unidades, redes e sistemas de informação

1. Elaborar programas e projetos de ação
2. Projetar custos de serviços e produtos
3. Implementar atividades cooperativas entre instituições
4. Administrar o compartilhamento de recursos informacionais
5. Desenvolver planos de divulgação e marketing
6. Desenvolver políticas de informação
7. Projetar unidades, redes e sistemas de informação
8. Automatizar unidades de informação
9. Desenvolver padrões de qualidade gerencial
10. Controlar a execução dos planos de atividades
11. Elaborar políticas de funcionamento de unidades, redes e sistemas de informação
12. Controlar segurança patrimonial da unidade, rede e sistema de informação
13. Controlar conservação do patrimônio físico da unidade, rede e sistema de informação
14. Avaliar serviços e produtos de unidades, redes e sistema de informação
15. Avaliar o desempenho de pessoas em unidades, redes e sistemas de informação
16. Desenvolver planos de segurança ambiental
17. Controlar a aplicação do plano de segurança ambiental
18. Elaborar relatórios

19. Buscar patrocínios e parcerias
20. Contratar assessorias
21. Elaborar manuais de serviços e procedimentos
22. Participar da elaboração de planos e carreiras
23. Analisar tecnologias de informação e comunicação
24. Administrar consórcios de unidades, redes e sistemas de informação
25. Administrar recursos orçamentários
26. Implantar unidades, redes e sistemas de informação

c) Tratar tecnicamente recurso informacionais

1. Registrar recursos informacionais
2. Classificar recursos informacionais
3. Catalogar recursos informacionais
4. Elaborar linguagens documentárias
5. Elaborar resenhas e resumos
6. Desenvolver bases de dados
7. Efetuar manutenção de bases de dados
8. Gerenciar qualidade e conteúdo de fontes de informação
9. Gerar fontes de informação
10. Reformatar suportes
11. Migrar dados
12. Desenvolver metodologias para geração de documentos digitais ou eletrônicos

d) Desenvolver recursos informacionais

1. Elaborar políticas de desenvolvimento de recursos informacionais
2. Selecionar recursos informacionais
3. Adquirir recursos informacionais
4. Armazenar recursos informacionais
5. Avaliar acervos
6. Promover inventários de acervos
7. Desenvolver interfaces de serviços informatizados
8. Descartar recursos informacionais
9. Conservar acervos
10. Preservar acervos

11. Desenvolver bibliotecas virtuais e digitais
12. Desenvolver planos de conservação preventiva

e) Disseminar informação

13. Disseminar seletivamente a informação
14. Compilar sumários correntes
15. Compilar bibliografia
16. Elaborar clipping de informações
17. Elaborar alerta bibliográfico
18. Elaborar boletim bibliográfico

f) Desenvolver estudos e pesquisas

1. Fazer sondagens sob demanda informacional
2. Coletar de informações para memória institucional
3. Elaborar de dossiê de informações
4. Elaborar pesquisas temáticas
5. Elaborar levantamento bibliográfico
6. Acessar bases de dados e outras fontes em meios eletrônicos
7. Realizar estudos cientométricos, bibliométricos e infométricos
8. Elaborar trabalhos técnico-científicos
9. Analisar dados estatísticos
10. Coletar dados estatísticos
11. Elaborar estudos de perfil de usuário e comunidade
12. Desenvolver critérios de controle de qualidade e conteúdo de fontes de informação
13. Analisar fluxos de informações
14. Elaborar diagnóstico de unidades de serviço

g) Prestar serviços de assessoria e consultoria

1. Prestar assessoria técnica a publicações
2. Subsidiar informações para tomada de decisões
3. Assessorar no planejamento de espaço físico da unidade de informação
4. Participar de comissões de normatização
5. Realizar perícias
6. Elaborar laudos técnicos

7. Realizar visitas técnicas
8. Assessorar a validação de cursos
9. Participar de atividades de biblioterapia
10. Preparar provas para concursos
11. Participar de bancas de concursos

h) Realizar difusão cultural

1. Promover ação cultural
2. Promover atividades de fomento à leitura
3. Promover eventos culturais
4. Promover atividades para usuários especiais
5. Organizar atividades para a terceira idade
6. Divulgar informações através de meios de comunicação formais e informais
7. Organizar bibliotecas itinerantes
8. Promover atividades infanto-juvenis

i) Desenvolver ações educativas

1. Capacitar o usuário
2. Capacitar recursos humanos
3. Orientar estágios
4. Elaborar serviços de apoio para educação presencial e à distância
5. Ministras palestras
6. Realizar atividades de ensino
7. Participar de bancas acadêmicas

**ANEXO B - RELAÇÃO EXEMPLIFICATIVA ENTRE O TRABALHO E ALGUMAS ENTIDADES NOSOLÓGICAS**

<b>LESÕES</b>	<b>CAUSAS OCUPACIONAIS</b>	<b>EXEMPLOS</b>	<b>ALGUNS DIAGNÓSTICOS DIFERENCIAIS</b>
Bursite do cotovelo (olecraniana)	Compressão do cotovelo contra superfícies duras	Apoiar o cotovelo em mesas	Gota, contusão e artrite reumatóide
Contratura de fásia palmar	Compressão palmar associada à vibração	Operar compressores pneumáticos	Heredo – familiar (Contratura de Dupuytren)
Dedo em Gatilho	Compressão palmar associada à realização de força	Apertar alicates e tesouras	Diabetes, artrite reumatóide, mixedema, amiloidose.
Epicondilites do Cotovelo	Movimentos com esforços estáticos e preensão prolongada de objetos, principalmente com o punho estabilizado em flexão dorsal e nas prono-supinações com utilização de força.	Apertar parafusos, desencapar fios, tricotar, operar motosserra	Doenças reumáticas e metabólicas, hanseníase, neuropatias periféricas, contusão traumas.
Síndrome do Canal Cubital	Flexão extrema do cotovelo com ombro abduzido. Vibrações.	Apoiar cotovelo ou antebraço em mesa	Epicondilite medial, seqüela de fratura, bursite olecraniana forma T de Hanseníase
Síndrome do Canal de Guyon	Compressão da borda ulnar do punho.	Carimbar	Cistos sinoviais, tumores do nervo ulnar, trombozes da artéria ulnar, trauma, artrite reumatóide e etc
Síndrome do Desfiladeiro Torácico	Compressão sobre o ombro, flexão lateral do pescoço, elevação do braço.	Fazer trabalho manual sobre veículos, trocar lâmpadas, pintar paredes, lavar vidraças, apoiar telefones entre o ombro e a cabeça	Cervicobraquialgia, síndrome da costela cervical, síndrome da primeira costela, metabólicas, Artrite Reumatóide e Rotura do Supra-espinhoso
Síndrome do Interósseo Anterior	Compressão da metade distal do antebraço.	Carregar objetos pesados apoiados no antebraço	
Síndrome do Pronador Redondo	Esforço manual do antebraço em pronação.	Carregar pesos, praticar musculação, apertar parafusos.	Síndrome do túnel do carpo
Síndrome do Túnel do Carpo	Movimentos repetitivos de flexão, mas também extensão com o punho, principalmente se acompanhados por realização de força.	Digitar, fazer montagens industriais, empacotar	Menopausa, trauma, tendinite da gravidez (particularmente se bilateral), lipomas, artrite reumatóide, diabetes, amiloidose, obesidade neurofibromas, insuficiência renal, lupus eritematoso,



			condrocalcinose do punho
Tendinite da Porção Longa do Bíceps	Manutenção do antebraço supinado e fletido sobre o braço ou do membro superior em abdução.	Carregar pesos	Artropatia metabólica e endócrina, artrites, osteofitose da goteira bicipital, artrose acromioclavicular e radiculopatias C5-C6
Tendinite do Supra – Espinhoso	Elevação com abdução dos ombros associada a elevação de força.	Carregar pesos sobre o ombro,	Bursite, traumatismo, artropatias diversas, doenças metabólicas
Tenossinovite de De Quervain	Estabilização do polegar em pinça seguida de rotação ou desvio ulnar do carpo, principalmente se acompanhado de força.	Apertar botão com o polegar	Doenças reumáticas, tendinite da gravidez (particularmente bilateral), estiloidite do rádio
Tenossinovite dos extensores dos dedos	Fixação antigravitacional do punho.  Movimentos repetitivos de flexão e extensão dos dedos.	Digitar, operar mouse	Artrite Reumatóide , Gonocócica, Osteoartrose e Distrofia  Simpático–Reflexa (síndrome Ombro - Mão)
Obs.1 : considerar a relevância quantitativa das causas na avaliação de cada caso.			
A presença de um ou mais dos fatores listados na coluna “Outras Causas e Diagnóstico Diferencial” não impede, <i>a priori</i> , o estabelecimento do nexos.			
Obs. 2 : vide Decreto nº 3048/99, Anexo II, Grupo XIII da CID –10 – “ Doenças do Sistema Osteomuscular e do Tecido Conjuntivo, Relacionadas com o Trabalho”			

## ANEXO C – DSM-IV-TR – CRITÉRIOS PARA EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR

A. Cinco (ou mais) dos seguintes sintomas estiveram presentes durante o mesmo período de 2 semanas e representam uma alteração a partir do funcionamento anterior; pelo menos um dos sintomas é (1) humor deprimido ou (2) perda do interesse ou prazer.

Nota: Não incluir sintomas nitidamente devidos a uma condição médica geral ou alucinações ou delírios incongruentes com o humor.

(1) humor deprimido na maior parte do dia, quase todos os dias, indicado por relato subjetivo (por ex., sente-se triste ou vazio) ou observação feita por outros (por ex., chora muito).

Nota: Em crianças e adolescentes, pode ser humor irritável

(2) interesse ou prazer acentuadamente diminuídos por todas ou quase todas as atividades na maior parte do dia, quase todos os dias (indicado por relato subjetivo ou observação feita por outros)

(3) perda ou ganho significativo de peso sem estar em dieta (por ex., mais de 5% do peso corporal em 1 mês), ou diminuição ou aumento do apetite quase todos os dias.

Nota: Em crianças, considerar falha em apresentar os ganhos de peso esperados

(4) insônia ou hipersonia quase todos os dias

(5) agitação ou retardo psicomotor quase todos os dias (observáveis por outros, não meramente sensações subjetivas de inquietação ou de estar mais lento)

(6) fadiga ou perda de energia quase todos os dias

(7) sentimento de inutilidade ou culpa excessiva ou inadequada (que pode ser delirante), quase todos os dias (não meramente auto-recriminação ou culpa por estar doente)

(8) capacidade diminuída de pensar ou concentrar-se, ou indecisão, quase todos os dias (por relato subjetivo ou observação feita por outros)

(9) pensamentos de morte recorrentes (não apenas medo de morrer), ideação suicida recorrente sem um plano específico, tentativa de suicídio ou plano específico para cometer suicídio

B. Os sintomas não satisfazem os critérios para um Episódio Misto

C. Os sintomas causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

D. Os sintomas não se devem aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância (por ex., droga de abuso ou medicamento) ou de uma condição médica geral (por ex., hipotireoidismo).

E. Os sintomas não são melhor explicados por Luto, ou seja, após a perda de um ente querido, os sintomas persistem por mais de 2 meses ou são caracterizados por acentuado prejuízo funcional, preocupação mórbida com desvalia, ideação suicida, sintomas psicóticos ou retardo psicomotor.

ANEXO D – DSM-IV-TR – CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS PARA F43.0 - 308.3  
TRANSTORNO DE ESTRESSE AGUDO

A. Exposição a um evento traumático no qual ambos os seguintes quesitos estiveram presentes:

(1) a pessoa vivenciou, testemunhou ou foi confrontada com um ou mais eventos que envolveram morte ou sérios ferimentos, reais ou ameaçados, ou uma ameaça à integridade física, própria ou de outros;

(2) a resposta da pessoa envolveu intenso medo, impotência ou horror;

B. Enquanto vivenciava ou após vivenciar o evento aflitivo, o indivíduo tem três (ou mais) dos seguintes sintomas dissociativos:

(1) um sentimento subjetivo de anestesia, distanciamento ou ausência de resposta emocional;

(2) uma redução da consciência quanto às coisas que o rodeiam (por ex., "estar como num sonho");

(3) desrealização;

(4) despersonalização;

(5) amnésia dissociativa (isto é, incapacidade de recordar um aspecto importante do trauma).

C. O evento traumático é persistentemente revivido no mínimo de uma das seguintes maneiras: imagens, pensamentos, sonhos, ilusões e episódios de flashback recorrentes, uma sensação de reviver a experiência, ou sofrimento quando da exposição a lembretes do evento traumático.

D. Acentuada esquiva de estímulos que provocam recordações do trauma (por ex., pensamentos, sentimentos, conversas, atividades, locais e pessoas).

E. Sintomas acentuados de ansiedade ou maior excitabilidade (por ex., dificuldade para dormir, irritabilidade, fraca concentração, hipervigilância, resposta de sobressalto exagerada, inquietação motora).

F. A perturbação causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo e prejudica sua capacidade de realizar alguma tarefa necessária, tal como obter o auxílio necessário ou mobilizar recursos pessoais, contando aos membros da família acerca da experiência traumática.

G. A perturbação tem duração mínima de 2 dias e máxima de 4 semanas, e ocorre dentro de 4 semanas após o evento traumático.

H. A perturbação não se deve aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância (por ex., droga de abuso, medicamento) ou de uma condição médica geral, não é melhor explicada por um Transtorno Psicótico Breve, nem representa uma mera exacerbação de um transtorno preexistente do Eixo I ou Eixo II.

## ANEXO E – CID-10 - ESTRESSE

## F43.0 Reação aguda ao "stress"

Transtorno transitório que ocorre em indivíduo que não apresenta nenhum outro transtorno mental manifesto, em seguida a um "stress" físico e/ou psíquico excepcional, e que desaparece habitualmente em algumas horas ou em alguns dias. A ocorrência e a gravidade de uma reação aguda ao "stress" são influenciadas por fatores de vulnerabilidade individuais e pela capacidade do sujeito de fazer face ao traumatismo. A sintomatologia é tipicamente mista e variável e comporta de início um estado de aturdimento caracterizado por um certo estreitamento do campo da consciência e dificuldades de manter a atenção ou de integrar estímulos, e uma desorientação. Este estado pode ser seguido quer por um distanciamento do ambiente (podendo tomar a forma de um estupor dissociativo - ver [F44.2](#)) ou de uma agitação com hiperatividade (reação de fuga). O transtorno se acompanha freqüentemente de sintomas neurovegetativos de uma ansiedade de pânico (taquicardia, transpiração, ondas de calor). Os sintomas se manifestam habitualmente nos minutos que seguem a ocorrência do estímulo ou do acontecimento estressante e desaparecem no espaço de dois a três dias (freqüentemente em algumas horas). Pode haver uma amnésia parcial ou completa ([F44.0](#)) do episódio. Quando os sintomas persistem, convém considerar uma alteração do diagnóstico.

## F43.2 Transtorno de adaptação

Esta categoria difere das outras na medida que sua definição não repousa exclusivamente sobre a sintomatologia e a evolução, mas igualmente sobre a existência de um ou outro dos dois fatores causais seguintes: um acontecimento particularmente estressante desencadeia uma reação de "stress" aguda, ou uma alteração particularmente marcante na vida do sujeito, que comporta conseqüências desagradáveis e duradouras e levam a um transtorno de adaptação. Embora fatores de "stress" psicossociais ("life events") relativamente pouco graves possam precipitar a ocorrência de um grande número de transtornos classificados em outra parte neste capítulo ou influenciar-lhes o quadro clínico, nem sempre é possível atribuir-lhes um papel etiológico, quanto mais que é necessário levar em consideração fatores de vulnerabilidade, freqüentemente idiossincráticos, próprios de cada indivíduo; em outros termos, estes fatores não são nem necessários nem suficientes para explicar a ocorrência e a natureza do transtorno observado. Em contraste, para os transtornos reunidos aqui sob [F43](#), admite-se que sua ocorrência é sempre a conseqüência direta de um "stress" agudo importante ou de um traumatismo persistente. O acontecimento estressante ou as circunstâncias penosas persistentes constituem o fator causal primário e essencial, na ausência do qual o transtorno não teria ocorrido. Os transtornos reunidos neste capítulo podem assim ser considerados como respostas inadaptadas a um "stress" grave ou persistente, na medida em que eles interferem com mecanismos adaptativos eficazes e entram assim o funcionamento social.